Eleitos, mas livres

UMA PERSPECTIVA EQUILIBRADA ENTRE A ELEIÇÃO DIVINA E O LIVRE-ARBÍTRIO



NORMAN GEISLER

Vida

Deus escolheu uns para a salvação e outros para a condenação eterna? O homem tem a liberdade de aceitar ou recusar a graça divina?

O debate teológico acirrado em torno da salvação do ser humano não é novo. Para alguns, Deus em sua sabedoria escolhe salvar ou condenar a espécie humana, sem que ela possa interferir nessa decisão. Para outros, o homem é quem decide aceitar ou rejeitar a oferta da graça divina. Além disso, discute-se ainda a crença comum de que a soberania de Deus e a liberdade humana são mutuamente excludentes.

Nesta obra fundamental, Norman Geisler adverte contra o perigo de render-se a visões extremadas sobre aspectos da salvação. O escritor defende uma posição teológica equilibrada: aceitar a soberania e a presciência de Deus ao lado da responsabilidade humana de escolher ou rejeitar a oferta de salvação.

NORMAN GEISLER é doutor em Teologia pelo Seminário Teológico de Dallas e PhD em Filosofia pela Loyola University. Reconhecido como um dos maiores apologistas da fé cristã nos dias atuais, Geisler é autor e co-autor de cerca de 50 livros, dentre os quais estão *A inerrância da Bíblia, Enciclopédia de apologética, Fundamentos inabaláveis, Introdução bíblica*, todos publicados em português pela Editora Vida. Hoje é deão do Southern Evangelical Seminary em Charlotte, na Carolina do Norte (EUA).

Categoria:
FORMAÇÃO TEOLÓG
Teologia sistemática / Soteric

Vida
ACADEMICA

9 788573 675450

"Em pleno século 21, a discussão sobre predestinação *versus* livre-arbítrio ainda não é um tema superado. Portanto, todos devem estar preparados para o embate. Geisler coloca no palco da discussão um equilíbrio relativo entre as duas partes, aparando as arestas bilaterais dos extremos. Recomendo a leitura a calvinistas e arminianos."

***José Serafim da Silva**, mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP. Diretor e professor da Faculdade Teolatina em São Paulo (SP).*

"Esta obra é um estudo sério de um dos grandes temas da teologia cristã por ser algo que encontramos no centro do dilema humano. O ser humano é livre ou não? Deus decidiu todas as coisas sem a participação do homem? Como combinar ação divina e decisão humana? São temas que fazem parte do conjunto de perguntas centrais da nossa fé."

***Antonio Carlos de M. Magalhães**, doutor em Teologia pela Universidade Hamburgo, Alemanha. Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo.*

"Norman Geisler é um autor fascinante. Em *Eleitos, mas livres*, procura equilibrar a liberdade humana e a soberania divina para oferecer uma visão bíblica sobre eleição e livre-arbítrio que mantém vivas as duas verdades sem que uma exclua a outra. Um livro profundo, envolvente e muito útil para quem quer avançar na compreensão da salvação do homem."
***Isac de Souza**, bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo (SP). Fundador e presidente da Cruzada Nova Vida-Associação Evangelística.*

"Este texto permite que arminianos e calvinistas encontrem condições de construir suas sínteses sem desconstruir seus caminhos alicerçados na fé, longamente ensinada pelos antigos. Aqui é possível encontrar uma exposição da antiga demanda teológica – Deus e os homens, uma caminhada em mão dupla sem sair da Palavra de Deus."
***Lindberg C. de Morais**, pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil (SP). Professor na Faculdade de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP).*

NORMAN GEISLER

Eleitos, mas livres

uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre-arbítrio

Tradução
HEBER DE CAMPOS

Edição revista e atualizada
novembro 2005

Vida
ACADÊMICA

EDITORA VIDA
Rua Júlio de Castilhos, 280 Belenzinho
CEP 03059-000 São Paulo, SP
Tel.: 0 xx 11 2618 7000
Fax: 0 xx 11 2618 7044
www.editoravida.com.br

©1999, de Norman Geisler

Título do original
Chosen but Free
edição publicada pela
BETHANY HOUSE PUBLISHERS
(Minneapolis, Minnesota, EUA)

■

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Vida.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

■

Coordenação editorial: Sônia Freire Lula Almeida
Edição: Hans Udo Fuchs
Revisão: Aldo Menezes e Judson Canto
Projeto gráfico e diagramação: Set-Up Time
Capa: Vagner Simonetti

Scripture quotations taken from *Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI* ®
Copyright © 1993, 2000 by International Bible Society ®.
Used by permission IBS-STL U.S. All rights reserved worldwide.
Edição publicada por Editora Vida, salvo indicação em contrário

2. edição: 2005

1ª reimpr.: abr. 2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Geisler, Norman
Eleitos, mas livres: uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre-arbítrio / Norman Geisler; tradução Heber Carlos de Campos. — 2. ed. — São Paulo: Editora Vida, 2005.

Título original: *Chosen but Free.*
Bibliografia.
ISBN 85-7367-545-4
ISBN 978-85-7367-545-9

1. Arminianismo 2. Calvinismo 3. Deus - Onisciente 4. Livre-arbítrio e determinismo 5. Predestinação 6. Providência divina I. Título. II. Título: Uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre-arbítrio.

05-6652 CDD-233.7

Índice para catálogo sistemático:
1. Livre-arbítrio : Ensino bíblico : Doutrina cristã 233.7



A todos os meus alunos, que nos últimos 35 anos
têm-me feito mais perguntas a respeito deste
assunto do que sobre outro qualquer.

Agradecimentos

Agradeço muito a minha mulher, Bárbara, pela paciente verificação do manuscrito, e à minha secretária, Laurel, pela eficiência na digitação do texto.

O manuscrito foi consideravelmente melhorado por muitas sugestões úteis, fruto da percepção perspicaz dos professores Robert Culver, Fred Howe e Thomas Howe, bem como de Bob e Gretchen Passantino.

Sumário

1. Quem está no comando? 11
2. Por que me culpar? 21
3. As alternativas 42
4. Evitando o calvinismo extremado (Parte I) 63
5. Evitando o calvinismo extremado (Parte II) 86
6. Evitando o arminianismo extremado 117
7. Um apelo à moderação 133
8. Que diferença isso faz? 153

APÊNDICES

1. Importantes pais da Igreja falam sobre o livre-arbítrio 170
2. Será que Calvino era calvinista? 182
3. As origens do calvinismo extremado 189
4. Respondendo às objeções ao livre-arbítrio 206
5. Seria a fé um dom exclusivo do eleito? 214

6. Base bíblica para a expiação ilimitada 227
7. Dupla predestinação 244
8. Uma avaliação dos *Cânones de Dort* (1619) 249
9. Jonathan Edwards e o livre-arbítrio 261
10. A regeneração vem antes da fé? 267
11. Monergismo *versus* sinergismo 274
12. Calvinismo extremado e voluntarismo 277

Notas 287

Bibliografia 312

1

Quem está no comando?

Em seu aclamado livro *The Knowledge of the Holy* [*O Conhecimento do Santo*], A. W. Tozer escreve: "O que nos vem à mente quando pensamos a respeito de Deus é a coisa mais importante a respeito de nós mesmos".[1] Dessa forma, antes de examinar a soberania de Deus em relação à vontade humana, neste capítulo permitiremos que a própria Palavra de Deus nos eduque a respeito de sua natureza e de seus atributos.

AS CARACTERÍSTICAS DE DEUS

Quando alguém que está completamente familiarizado com a Bíblia reflete a respeito de Deus, uma das primeiras coisas que lhe deve vir à mente é a *soberania* divina. Tal soberania está profundamente enraizada em seus atributos, diversos dos quais são cruciais para a capacidade que ele tem de reinar sobre todas as coisas.

Deus é antes de todas as coisas

Deus "é antes de todas as coisas" (Cl 1.17). Ou, como o primeiro versículo da Bíblia registra, "no princípio, Deus...". Antes não havia

nada, senão Deus, o Incriado. O salmista disse: "De eternidade a eternidade, tu és Deus" (Sl 90.2). Nunca houve um tempo em que Deus não tenha existido.

De fato, ele existiu desde sempre, antes de todas as coisas. Ele é chamado de "o Primeiro" e "o Alfa" (Ap 1.8; 1.17; 21.6). Freqüentemente, a Bíblia refere-se a Deus existindo "antes que o mundo existisse" (Jo 17.5; v. tb. Mt 13.35; 25.34; Jo 17.24; Ap 13.8; 17.8).

Deus não existia somente antes de todas as coisas, mas existia antes do próprio tempo. Isso quer dizer que ele é eterno. Deus existia "antes dos tempos eternos" (2Tm 1.9, ARA). Por sinal, Deus trouxe o tempo à existência quando "fez o universo" (lit., "as eras": Hb 1.2). Somente Deus "possui imortalidade" (1Tm 6.16, ARA). Nós recebemos a imortalidade como um dom (Rm 2.7; 1Co 15.53; 2Tm 1.10). Nossa imortalidade tem um começo; a de Deus, não.

Deus criou todas as coisas

Deus não somente existe antes de todas as coisas, mas criou todas as coisas. "No princípio Deus criou os céus e a terra" (Gn 1.1). "Todas as coisas foram feitas *por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito*" (Jo 1.3). "Nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele" (Cl 1.16).

Deus sustenta todas as coisas

Deus não somente criou todas as coisas, mas a todas sustenta. O escritor de Hebreus apresenta Deus "*sustentando todas as coisas* por sua palavra poderosa" (1.3). Paulo acrescenta que "ele é antes de todas as coisas, e *nele tudo subsiste*" (Cl 1.17). João nos informa que Deus não somente trouxe todas as coisas à existência, mas também as mantém existindo. Ambas as coisas são verdadeiras porque "por tua vontade *elas existem e foram criadas*" (Ap 4.11). Há um só Senhor, Jesus Cristo, "por meio de quem vieram todas as coisas e, *por meio de quem vivemos*" (1Co 8.6; v. tb. Rm 11.36). O escritor de Hebreus assevera que "con-

vinha que Deus, por causa de quem *e por meio de quem tudo existe*, tornasse perfeito, mediante o sofrimento, o autor da salvação deles" (Hb 2.10).

Deus está acima de todas as coisas

O Deus que existe antes de todas as coisas por ele criadas e as sustenta está também além delas e sobre elas. Ele é transcendente. O apóstolo Paulo afirma que há "um só Deus e Pai de todos, que *é sobre todos*, por meio de todos e em todos" (Ef 4.6). O salmista declara: "Ó SENHOR, SENHOR nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome! Pois expuseste *nos* [BJ: sobre os] *céus* a tua majestade" (Sl 8.1, ARA). "Sê exaltado, ó Deus, *acima dos céus!* Sobre toda a terra esteja a tua glória" (Sl 57.5). "Pois tu, SENHOR, és o Altíssimo *sobre toda a terra*! És exaltado muito *acima de todos os deuses!*" (Sl 97.9; v. tb. 108.5).

Deus conhece todas as coisas

Além de tudo isso, o Deus da Bíblia conhece todas as coisas. Ele possui onisciência (*omni* = tudo; *scientia* = conhecimento). Que Deus é conhecedor de todas as coisas fica claro em inúmeras passagens da Escritura. O salmista declara: "Grande é o nosso Soberano e tremendo é o seu poder; *é impossível medir o seu entendimento*" (Sl 147.5). Deus conhece tudo porque "desde o início faço conhecido o fim" (Is 46.10). Ele conhece os verdadeiros segredos do coração. O salmista confessa a Deus: "Antes mesmo que a palavra me chegue à língua, tu *já a conheces inteiramente,* SENHOR. [...] *Tal conhecimento é maravilhoso demais e está além do meu alcance*; é tão elevado que não o posso atingir" (Sl 139.4,6). De fato, "nada, em toda a criação, está oculto aos olhos de Deus. *Tudo está descoberto e exposto diante dos olhos daquele* a quem havemos de prestar contas" (Hb 4.13). O apóstolo Paulo exclama: "Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! *Quão insondáveis são os seus juízos* e inescrutáveis os seus caminhos!" (Rm 11.33). Mesmo os que no fim deverão ser salvos foram conhecidos por Deus (1Pe 1.2) antes da fundação do mundo (Ef 1.4).

Por meio desse conhecimento ilimitado, Deus é capaz de predizer o curso exato da história humana (Dn 2.7), até mesmo nome de pessoas, gerações antes de elas terem nascido (Is 45.1). Cerca de duzentas predições foram feitas por Deus a respeito do Messias, e nenhuma delas ficou sem cumprimento. Deus conhece todas as coisas passadas, presentes e futuras.

Deus pode fazer todas as coisas

Além disso, Deus é todo-poderoso. Não somente conhece todas as coisas de modo eterno e imutável, mas também é onipotente (*omni* = tudo; *potente* = poderoso). Antes de realizar um grande milagre, Deus prometeu a Abraão: "*Existe alguma coisa impossível para o* SENHOR*?* Na primavera voltarei a você, e Sara terá um filho" (Gn 18.14). Realmente, "nada é impossível para Deus" (Lc 1.37).

Ele não é somente infinito (não-limitado) em conhecimento, mas também é infinito em poder. Deus declara: "Eu sou o SENHOR, o Deus de toda a humanidade. *Há alguma coisa difícil demais para mim?*" (Jr 32.27). Seu poder é sobrenatural, evidenciado pelos milagres que realiza subjugando as forças da natureza. Jesus, o Filho de Deus, andou sobre as águas (Jo 6), acalmou a tempestade (Jo 6) e até ressuscitou mortos (Jo 11).

Além disso, o poder absoluto de Deus é manifesto na criação do mundo *ex nihilo* (do nada). Ele simplesmente falou, e as coisas vieram a existir (Gn 1.3,6,9,11). Paulo o apresenta como o "Deus, que disse: 'Das trevas resplandeça a luz'" (2Co 4.6). O escritor de Hebreus declara que Deus está "sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa" (Hb 1.3).

Naturalmente, Deus não pode fazer aquilo que é realmente impossível. Assim como é impossível para Deus fazer coisas contrárias à sua natureza imutável, é compreensível que não possa fazer coisas contraditórias. A Bíblia diz que Deus "não pode mentir" (Tt 1.2, ARA), porque "é impossível que Deus minta" (Hb 6.18). "Aquele que é a Glória de Israel não mente nem se arrepende, pois não é homem para se arrepender" (1Sm 15.29).

Outros exemplos: ele não pode fazer um círculo quadrado nem pode fazer um triângulo com dois lados somente. Da mesma forma, não pode criar outro Deus igual a si próprio. É simplesmente impossível *criar* outro ser que *não seja criado.* Há somente um Criador incriado (Dt 6.4; Is 45.18). Todos os demais seres são criaturas.

Não obstante, Deus pode fazer qualquer coisa que seja possível de ser feita, desde que não implique contradição. Não há limites para seu poder. A Bíblia chama-o "todo-poderoso" em inúmeras passagens (Gn 17.1; Êx 6.3; Nm 24.4; Jó 5.17).

Deus realiza todas as coisas

A soberania de Deus sobre todas as coisas implica também que ele faz tudo que quer. Isaías declara: "O SENHOR dos Exércitos jurou: "Certamente, *como planejei, assim acontecerá,* e, como pensei, assim será; [...] Pois esse é o propósito do SENHOR dos Exércitos; *quem pode impedi-lo?* Sua mão está estendida; quem pode fazê-la recuar?" (Is 14.24,27). Novamente, "Eu sou Deus, e não há nenhum outro; eu sou Deus, e não há nenhum como eu. [...] *Meu propósito permanecerá em pé, e farei tudo o que me agrada.* [...] *O que eu disse, isso eu farei acontecer; o que planejei, isso farei"* (Is 46.9-11). Paulo acrescenta: "Nele fomos também escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele *que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade*" (Ef 1.11). Pedro confirma isso, dizendo dos que crucificaram a Cristo que eles "fizeram o que o teu poder e a tua vontade haviam decidido de antemão que acontecesse" (At 4.28; v. tb. 2.23).

A SOBERANIA DE DEUS

Um Deus que existe antes de todas as coisas, está além de todas as coisas, sustenta todas as coisas, conhece todas as coisas e pode todas as coisas está também no controle de todas as coisas. Esse controle absoluto de todas as coisas é chamado soberania de Deus. A *Confissão*

de fé de Westminster declara: "Desde toda a eternidade, Deus, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece..." (cap. III, 1). Nada toma a Deus de surpresa. Todas as coisas acontecem porque ele as ordenou desde toda a eternidade.

Deus governa sobre todas as coisas

A Bíblia confirma a soberania de Deus de muitos modos. Assim como os soberanos terrenos controlam seus domínios, também o Rei celestial está no controle de sua criação. A visão que Isaías teve de Deus foi a de um Rei celestial cujas abas das vestes enchiam o templo (Is 6). Iavé é chamado o "grande Rei" (Sl 48.2). Seu reino é eterno porque "reina soberano para sempre" (Sl 29.10). E ele é Rei sobre toda a terra, porque "*o SENHOR é rei para todo o sempre*; da sua terra desapareceram os outros povos" (Sl 10.16). Ele é também o Rei todo-poderoso: "Quem é o Rei da glória? O SENHOR forte e valente, *o SENHOR valente nas guerras*" (Sl 24.8). Dessa forma, Deus governa sobre tudo: "Teus, ó SENHOR, são a grandeza, o poder, a glória, a majestade e o esplendor, *pois tudo o que há nos céus e na terra é teu.* Teu, ó SENHOR, é o reino; *tu estás acima de tudo.* A riqueza e a honra vêm de ti; *tu dominas sobre todas as coisas.*" (1Cr 29.11,12).

Deus está no controle de todas as coisas

Não somente Deus governa sobre todas as coisas, mas também está no controle delas. Jó confessa a Deus: "*Sei que podes fazer todas as coisas*; nenhum dos teus planos pode ser frustrado" (Jó 42.2). O salmista acrescenta que "o nosso Deus está nos céus, e *pode fazer tudo o que lhe agrada*" (Sl 115.3) e ainda: "*O SENHOR faz tudo o que lhe agrada*, nos céus e na terra, nos mares e em todas as suas profundezas" (Sl 135.6). Daniel afirma que "*ele age como lhe agrada* com os exércitos dos céus e com os habitantes da terra. Ninguém é capaz de resistir à sua mão ou dizer-lhe: 'O que fizeste?'" (Dn 4.35).

Os reis da terra estão sob o controle de Deus

Salomão declarou que "*o coração do rei é como um rio controlado pelo* SENHOR; ele o dirige para onde quer" (Pv 21.1). Deus é soberano sobre todos os outros soberanos. Ele é "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Ap 19.16). Não há nenhum ser humano que não esteja debaixo do poder de Deus.

Os acontecimentos humanos estão sob o controle de Deus

Deus não somente controla o coração dos reis, mas também está no controle de todos os acontecimentos da vida humana. Ele ordena o curso da história antes que ela ocorra, como predisse por meio de Daniel a respeito dos grandes reinos mundiais de Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma (Dn 2 e 7). Aliás, o grande rei Nabucodonosor aprendeu de modo severo que "*o Altíssimo domina sobre os reinos dos homens*; e os dá a quem quer, e põe no poder o mais simples dos homens" (Dn 4.17). O Senhor diz: "Assim também ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não voltará para mim vazia, *mas fará o que desejo e atingirá o propósito para o qual a enviei*" (Is 55.11).

Os anjos bons estão sob o controle de Deus

Deus não somente governa o reino das coisas visíveis, mas também o domínio das coisas invisíveis. Ele está sobre "toda a criação", até mesmo sobre as coisas "visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades" (Cl 1.16). Os anjos comparecem diante de seu trono para obter ordens, a fim de que possam obedecer a elas (1Rs 22; Jó 1.6; 2.1). Eles constantemente adoram a Deus (Ne 9.6). Na verdade, ficam diante do trono de Deus e "dia e noite repetem sem cessar: 'Santo, santo, santo é o Senhor, o Deus todo-poderoso, que era, que é e que há de vir'" (Ap 4.8).

Os anjos maus estão sob o controle de Deus

O domínio soberano de Deus inclui não somente os anjos bons, mas também os maus (Ef 1.21). Eles também, um dia, se curvarão

diante do trono de Deus, em total sujeição a ele, para que "ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra" (Fp 2.10; v. tb. Is 45.22,23). De fato, os espíritos maus que enganaram o rei Acabe foram enviados do trono de Deus. As Escrituras nos informam:

> Vi o SENHOR assentado em seu trono, com todo o exército dos céus ao seu redor, à sua direita e à sua esquerda. E o SENHOR disse: 'Quem enganará Acabe para que ataque Ramote-Gileade e morra lá?'
>
> E um sugeria uma coisa, outro sugeria outra, até que, finalmente, um espírito colocou-se diante do SENHOR e disse: 'Eu o enganarei'.
>
> 'De que maneira?', perguntou o SENHOR.
>
> Ele respondeu: 'Irei e serei um espírito mentiroso na boca de todos os profetas do rei'.
>
> Disse o SENHOR: 'Você conseguirá enganá-lo; vá e engane-o' (1Rs 22.19-22).

O próprio Satanás está sob o controle de Deus

O próprio Satanás comparece junto com os anjos bons perante o trono de Deus (Jó 1.6; 2.1). Embora desejasse destruir Jó, Deus não o permitiu. Satanás reclamou, dizendo a Deus: "Acaso não puseste uma cerca em volta dele, da família dele e de tudo o que ele possui? Tu mesmo tens abençoado tudo o que ele faz, de modo que os seus rebanhos estão espalhados por toda a terra" (Jó 1.10). Deus tem o poder de amarrar Satanás no tempo em que desejar, e o faz por mil anos, no livro de Apocalipse (20.2).

Também os demônios que caíram com o Diabo (Ap 12.9; Jd 6) sabem que estão definitivamente perdidos. Dois deles gritaram diante de Jesus: "Que queres conosco, Filho de Deus? Vieste aqui para nos atormentar antes do devido tempo?" (Mt 8.29). No fim, Satanás e todo o seu exército serão destruídos. O próprio Diabo "sabe que lhe resta pouco tempo" (Ap 12.12). Ele está no presente

vagueando sobre a terra (1Pe 5.8), mas só o faz com uma corda firmemente segura pela mão soberana de Deus.

Cristo veio para destruir as obras do Diabo (Hb 2.14), o que fez oficialmente na cruz (1Jo 3.8). E Cristo retornará para derrotar o Diabo definitivamente. João predisse como "o Diabo, que as enganava [as nações], foi lançado no lago de fogo que arde com enxofre, onde já haviam sido lançados a besta e o falso profeta. Eles serão atormentados dia e noite, para todo o sempre" (Ap 20.10).

Até as decisões humanas estão sob o controle de Deus

Talvez a coisa mais difícil de entender é que Deus está no controle soberano de cada coisa que escolhemos, até mesmo a salvação. Porque "nele fomos também escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele *que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade*"(Ef 1.11). "Aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou" (Rm 8.29,30). Segundo Paulo, Deus "nos escolheu nele [em Cristo] antes da criação do mundo" (Ef 1.4). Pedro disse aos judeus que Jesus "foi entregue por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus; e vocês, com a ajuda de homens perversos, o mataram, pregando-o na cruz" (At 2.23). Aliás, somente os eleitos haverão de crer, porque Lucas escreveu que "creram todos os que haviam sido designados para a vida eterna" (At 13.48).

Outros versículos afirmam as ações de Deus sobre a vontade humana, até mesmo no assunto da salvação. João declara que os filhos de Deus "não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne *nem pela vontade de algum homem*, mas nasceram de Deus" (Jo 1.13). Igualmente, Paulo afirma: "Portanto, isso *não depende do desejo ou do esforço humano*, mas da misericórdia de Deus" (Rm 9.16). Ele acrescenta ainda palavras mais difíceis: "Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer" (Rm 9.18; v. tb. ap. 1).

A soberania de Deus sobre as decisões humanas inclui tanto aquelas que estão a favor de Deus quanto as que estão contra ele. Pedro, fazendo citação de Isaías (8.14), fala de Cristo: Ele é "'pedra de tropeço e rocha que faz cair'. Os que não crêem tropeçam, porque *desobedecem* à mensagem; *para o que também foram destinados*" (1Pe 2.8). Da mesma forma, Deus tem suportado "com grande paciência os *vasos de sua ira*", que foram "preparados para a destruição" (Rm 9.22), "para tornar conhecidas as riquezas de sua glória aos *vasos de sua misericórdia*" (Rm 9.23) — cada um de acordo com a vontade dele.

Não importa o que mais possa ser dito: a soberania de Deus sobre a vontade humana inclui sua graça, que toma a iniciativa, busca, persuade e salva, sem a qual ninguém seria ou será salvo. Porque "não há ninguém que entenda, *ninguém que busque a Deus*" (Rm 3.11). "Nós amamos porque *ele nos amou primeiro*" (1Jo 4.19). Na verdade, ninguém vem ao Pai a menos que seja trazido por Deus (Jo 6.44).

COMO, ENTÃO, SOMOS LIVRES?

Se Deus é soberano, como podemos então ser livres? A soberania divina não torna a liberdade humana um simulacro? Não é o Deus soberano um grande dono de marionetes, puxando as cordinhas das pequenas marionetes humanas para fazer a vontade dele? Se Deus está no controle absoluto de todas as coisas, dentre as quais a escolha humana, como podemos ser verdadeiramente livres? A soberania divina e o livre-arbítrio humano não são mutuamente excludentes? Essas perguntas são o assunto do restante deste livro. Começaremos no próximo capítulo com o que a Bíblia diz a respeito da livre-escolha.

2

Por que me culpar?

Nunca me esqueci de um quadro de avisos que vi no vestíbulo de entrada de uma igreja presbiteriana, mais de quarenta anos atrás: "Nós cremos na predestinação, mas dirija com cuidado porque você pode bater num presbiteriano!". No outro lado da moeda da soberania divina (que vimos no cap. 1), está a responsabilidade humana.

QUEM FOI?

Se Deus está no controle de tudo, então por que seríamos culpados de alguma coisa? Se o Deus que conhece tudo sabe o que estamos para fazer antes mesmo de o fazermos — e se ele não pode errar —, então essas coisas irão acontecer de qualquer modo, não importa o que venhamos a fazer?

Perguntando de outra forma: se Deus está no controle de todos os acontecimentos, como posso ser responsável por qualquer coisa que acontece, até mesmo pelas minhas ações más? Parece que sua soberania elimina minha responsabilidade.

FOI O DIABO

Alguns crentes têm sido flagrados desculpando-se pelos seus pecados, dizendo: "O Diabo me fez praticá-los". O problema aqui é ainda muito maior porque logicamente a pessoa não pode parar neste ponto. Se Deus está no controle soberano de todas as coisas, então poderia parecer que, em última análise, "*Deus* me fez praticá-los".

Uma das respostas para o problema da soberania divina e da responsabilidade humana é a do calvinismo extremado.[1]

Essa resposta afirma que a livre-escolha simplesmente significa fazer o que desejamos, mas que ninguém jamais deseja fazer qualquer coisa a menos que Deus lhe dê o desejo de fazê-la.[2] Se tudo isso é assim, segue-se que Deus deve ser responsável por todas as ações humanas.

Se isso fosse verdade, a Bíblia deveria dizer que Deus deu a Judas o desejo de trair a Cristo. Mas ela não diz isso. Ao contrário, diz que "o Diabo já havia induzido[3] Judas Iscariotes, filho de Simão, a trair Jesus" (Jo 13.2).

Também não adianta afirmar que Deus só dá bons desejos e não maus e que todas as outras escolhas resultam de nossa natureza má. Para começar, nem Lúcifer nem Adão tinham natureza má e, todavia, pecaram.

QUEM FEZ O DIABO PECAR?

Para os calvinistas extremados, a pergunta suprema é: quem fez o Diabo pecar? Quem causou o pecado de Lúcifer? Se a livre-escolha é fazer o que se deseja e se todos os desejos vêm de Deus, segue-se logicamente que Deus fez Lúcifer pecar contra Deus![4] Mas é contraditório dizer que Deus age contra si próprio. Deus é essencialmente bom. Ele não pode pecar (Hb 6.18). Aliás, ele não pode nem mesmo olhar com aprovação para o pecado. Habacuque diz a Deus: "Teus olhos são tão puros que não suportam ver o mal; não podes tolerar a maldade" (Hc 1.13). Tiago relembra-nos: "Quando alguém for tentado,

jamais deverá dizer: 'Estou sendo tentado por Deus'. Pois Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta" (Tg 1.13).

Assim, se não for por outra razão, a posição do calvinismo radical deve ser rejeitada porque é contraditória. E a Bíblia exorta-nos a evitar "as idéias contraditórias" (1Tm 6.20). Os opostos não podem ser verdadeiros ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Deus não pode ser bom e não-bom. Ele não pode ser essencialmente bom e, ao mesmo tempo, ser contra essa bondade, dando a Lúcifer o desejo de pecar contra ele. Em resumo, Deus não pode ao mesmo tempo e no mesmo sentido estar a favor e contra si mesmo.

Conseqüentemente, alguns calvinistas menos radicais afirmam que Deus não dá quaisquer desejos maus, apenas os bons. Contudo, essa posição traz dois problemas. Primeiro, por que Deus daria o desejo de fazer o bem somente a uns, e não a todos? Se ele é todo-amoroso, certamente deveria amar a todos, como a Bíblia diz que ele faz (Jo 3.16; 1Tm 2.4; 2Pe 3.9). Em segundo lugar, isso não explica a origem do desejo de pecar de Lúcifer. Se esse desejo não veio de Deus, então deve ter vindo dele mesmo. Nesse caso, seu ato original maligno foi autocausado, isto é, gerado pelo próprio Satanás — exatamente a idéia de livre-arbítrio do ser humano que o calvinista radical rejeita.[5]

QUEM FEZ O DIABO?

Se Deus não fez o Diabo pecar, então quem fez? De maneira mais simples: quem fez o Diabo? As respostas bíblicas a essas perguntas são: Deus não fez o Diabo nem fez o Diabo pecar. Antes, Deus fez um anjo bom chamado Lúcifer, e este pecou livremente.

Deus fez somente boas criaturas

A Bíblia afirma que Deus fez somente criaturas boas. Ao final de quase todos os dias da Criação, ela diz: "Deus viu que ficou bom" (Gn 1.4,10,12,18,21, 25). E, quanto ao último dia, declara: "Deus viu

tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom" (v. 31). Salomão acrescenta: "Assim, cheguei a esta conclusão: Deus fez os homens justos" (Ec 7.29). As Escrituras nos dizem explicitamente que "tudo o que Deus criou é bom" (1Tm 4.4). E um Deus absolutamente bom não pode fazer uma coisa má. Somente uma criatura perfeita pode vir das mãos de um Criador perfeito.

Deus deu livre-escolha às criaturas boas

Uma das coisas que Deus deu às suas criaturas boas foi um bom poder chamado livre-arbítrio. A raça humana intrinsecamente reconhece a liberdade como um bem; somente aqueles que usurpam e abusam desse poder a negam e, todavia, a valorizam e buscam para si mesmos. As pessoas nunca marcham contra a liberdade. Ninguém vê uma multidão nas ruas carregando cartazes dizendo "Abaixo a liberdade!" ou "Queremos a escravidão de novo!". Mesmo que alguém fale contra a liberdade, ainda assim está falando a favor dela, visto que valoriza a liberdade de expressar idéias. Em resumo, a livre-escolha é um bem inegável, visto que afirma o próprio bem, mesmo quando existe a tentativa de negá-la.

A livre-escolha é a origem do mal

Contudo, o poder da livre-escolha moral acarreta a capacidade tanto de escolher o bem que Deus designou para nós quanto de rejeitá-lo. A última é chamada mal. É bom ser livre, mas a liberdade torna o mal possível. A liberdade da vontade é um bem em si, mas embutida nesse bem está a capacidade de escolher o oposto do bem que, então, torna o mal possível.

Se Deus fez criaturas livres e se é bom ser livre, então a origem do mal está no uso indevido da liberdade. Isso não é difícil de entender. Todos nós desfrutamos a liberdade de dirigir, mas muitos abusam dessa liberdade e dirigem imprudentemente. Todavia, não devemos culpar o governo de conceder carteira de motorista só porque alguns fazem mau uso do carro. Os que matam outros por dirigir *irresponsavelmente*

são *responsáveis* pelo que aconteceu. Lembre-se: o governo que deu a permissão para dirigir também nos estabeleceu leis sobre como dirigir de maneira segura.[6]

Da mesma forma, Deus é moralmente responsável por dar a boa coisa chamada livre-arbítrio, mas não é moralmente responsável por todos os males que fazemos com nossa liberdade. Salomão esclarece isso muito bem: "Assim, cheguei a esta conclusão: Deus fez os homens justos, *mas eles foram em busca de muitas intrigas*" (Ec 7.29). Em resumo, Deus fez o *fato* da liberdade; nós somos responsáveis pelos *atos* da liberdade. O fato da liberdade é bom, embora alguns atos da liberdade sejam maus. Deus é a causa do primeiro, e nós, a causa dos últimos.

SERÁ QUE FOI DEUS?

O calvinista convicto[7] Jonathan Edwards "resolveu" o problema da predestinação e do livre-arbítrio afirmando que: 1) Livre-arbítrio é fazer o que desejamos; 2) mas Deus nos dá o desejo de fazer o bem. E que dizer do desejo para o mal? Isso vem de nossa natureza caída, que deseja somente o mal. À parte de Deus dando-nos o desejo de fazer o bem, naturalmente desejamos fazer o mal.[8]

Contudo, os fiéis seguidores de Edwards admitem que essa solução não resolve o problema sobre onde Lúcifer e Adão obtiveram o desejo para seu primeiro pecado. R. C. Sproul chama isso "problema torturante", acrescentando: "Uma coisa é absolutamente impensável, que Deus possa ser o autor ou executor do pecado".[9] Todavia, esse problema é "torturante" somente porque Sproul crê na lei da não-contradição,[10] e parece ser uma contradição sustentar todas estas premissas, da maneira em que ele o faz:

1) Deus não pode dar a ninguém o desejo de pecar.
2) Originariamente, nem Lúcifer nem Adão tinham natureza pecaminosa.
3) A vontade não se move a menos que seja dado um desejo por Deus ou por sua natureza.

Aqui está uma conclusão inequívoca: tanto Lúcifer quanto Adão pecaram. Mas Sproul não quer desistir das premissas 1 e 2 em hipótese alguma. Entretanto, a premissa 3 deve ser falsa, visto que é contraditória às outras premissas que ele crê serem absolutamente verdadeiras, porque é certo que Lúcifer não tinha natureza má, nem Deus lhe deu o desejo de pecar.

Inversamente, se os seguidores de Jonathan Edwards insistem em agarrar-se à sua idéia defeituosa da liberdade humana, então seu Deus deve ser punido por dar a Lúcifer e a Adão o desejo de pecar. Pois se a vontade original da criatura perfeita fica em posição neutra (não possuindo nenhuma natureza pecaminosa para movê-la em direção ao pecado) até que Deus a mova, resta então somente uma pessoa no universo a quem responsabilizar — Deus! Não importa quão "torturante" possa ser, eles devem tanto culpar Deus pela origem do mal quanto desistir da idéia do livre-arbítrio como sendo a capacidade que alguém tem de desejar de acordo com a natureza humana, ou ainda, desistir da idéia de que Deus deu esses desejos.

QUEM ME FEZ PECAR?

Se nem o Diabo nem Deus me fizeram pecar, quem fez? A resposta bíblica é que fui *eu*. Isto é, "eu mesmo" sou a causa do mal. Como? Por meio desse bem, a livre-escolha, que Deus me deu.

Não é verdade que cada evento tem uma causa?

Os calvinistas radicais objetam ao raciocínio acima afirmando que cada evento tem uma causa — até mesmo as nossas ações. Afirmar que Deus não causou nossas ações significaria que há efeito sem causa — o que é absurdo. Em resposta a esse raciocínio, diversas coisas devem ser observadas.

Primeiramente, cada *evento* tem realmente uma causa. Mas nem toda *causa* tem uma causa, afirmativa com a qual os próprios calvinistas radicais concordam. Cada pintura tem um pintor, mas o pintor não é pintado. Além disso, se cada causa tivesse uma causa, então Deus não

seria a primeira Causa não-causada. Portanto, é ainda mais absurdo perguntar "Quem fez Deus?". Deus é o *Criador incriado*. É também absurdo perguntar "Quem *criou* o *Incriado*?". Ninguém criou o Incriado. Ele simplesmente é o *Incriado*.

Levar a pergunta um pouco mais longe é como insistir em que deve haver uma resposta à pergunta "Quem é a mulher do solteirão?". Solteirões não têm mulher, e o Ser não-causado não possui uma causa.[11] De modo análogo, se a criatura, por meio do bom poder da livre-escolha, é a primeira causa do mal, então nenhuma causa dessa ação má deve ser procurada em outro lugar que não na própria pessoa que a causou.

Em segundo lugar, a objeção do calvinista extremado erroneamente presume que uma ação má deve ser causada por outra pessoa ou coisa, ou ela não é causada de forma alguma. O pensamento vai mais adiante por dizer que cada evento é tanto causado quanto não-causado, e sabidamente não há outras opções lógicas. Nem o calvinista extremado nem o moderado (ou mesmo o arminiano) crêem que as ações más não possuam causa ao menos por duas razões: para um, é uma violação desta regra fundamental da razão: todo efeito tem uma causa. Até o famoso cético David Hume negou que tenha afirmado tal coisa "absurda", de que as coisas surgem sem uma causa.[12]

Além disso, se as ações más não possuem causa, então ninguém pode ser considerado responsável por elas. Mas ambas, a razão moral boa e a Escritura, informam-nos que as criaturas livres são consideradas moralmente responsáveis por suas escolhas. Lúcifer foi condenado à separação eterna de Deus por sua rebelião contra ele (Ap 20.10; 1Tm 3.6), como foram os anjos que caíram com ele (Ap 12.4,12; Jd 6 e 7). De igual modo, Adão e Eva foram condenados por suas ações (Gn 3.1-19; Rm 5.12).

Contudo, se nossas ações são causadas, não está correta a idéia dos calvinistas extremados de que elas devem ser causadas por outra pessoa? De forma alguma. Essa perspectiva faz vista grossa a uma alternativa muito importante, a saber, a de que elas foram causadas por nós

mesmos. Cada ação verdadeira é tanto causada quanto não-causada. Isso exaure as possibilidades lógicas. Mas não se segue que cada ação seja *não-causada por ninguém ou causada por outra pessoa.* Ela pode ter sido *causada por mim mesmo.* Há três possibilidades: minhas ações são 1) não-causadas; 2) causadas por outra pessoa (ou coisa); 3) causadas por mim mesmo. E muitas razões dão suporte a última idéia.

QUEM ME LEVOU A FAZÊ-LO?

Novamente, os calvinistas extremados objetam que uma ação autocausada é contradição de termos. Segundo essa linha de pensamento, nada pode causar a si mesmo. Não podemos, por exemplo, levantar a nós mesmos por esforço próprio. Uma causa é sempre anterior ao seu efeito (na existência ou mesmo no tempo). Mas não podemos ser anteriores a nós mesmos. Assim, parece seguir-se que uma ação autocausada é impossível, sendo racionalmente absurda.

Aqui, também, os calvinistas extremados apresentam um entendimento indevido fundamental. Um *ser* autocausado é impossível pela razão que eles dão, mas isso não é verdade quanto à *ação* autocausada. É verdade que não podemos existir antes de vir a existir ou de ser antes de vir a ser. Mas podemos e devemos *ser* antes de poder *fazer.* Isso quer dizer que devemos *existir* antes de poder *agir.*

Portanto, as ações autocausadas não são impossíveis. Se fossem, então Deus, que não pode fazer o que é impossível (v. tb. Hb 6.18), não teria sido capaz de criar o mundo, porque não havia ninguém ou nada mais para causar a existência do mundo antes de o mundo existir, exceto o próprio Deus. Se o ato da criação não foi autocausado por Deus, não poderia ter acontecido, visto que Deus, a Causa não-causada, é o único que poderia ter realizado aquela ação.

De igual modo, se as ações autocausadas não são possíveis, então não há nenhuma explicação para o pecado de Lúcifer. Porque, novamente, um Deus impecável não poderia ter causado o pecado em Lúcifer (Tg 1.13). Visto que Lúcifer foi o primeiro a pecar, a sua ação deve ter sido autocausada, ou ele nunca teria sido capaz de pecar.

Segue-se que as ações autocausadas são possíveis. Mesmo calvinistas moderados como W. G. T. Shedd admitem isso. Disse ele: "Um ato positivo da autodeterminação angélica é necessário. [...] Nada além da espontaneidade da vontade pode produzir o pecado; e Deus não opera na vontade para causar espontaneidade ao pecado" (*Dogmatic Theology*, v. 1, p. 420).

Talvez a razão para que as ações autocausadas não sejam possíveis para alguns esteja no próprio termo "autocausado". Isso pode ser mais bem entendido se falarmos de nossas ações como "causadas por mim mesmo" (em oposição a "causadas por outro"). Ações não causam a si mesmas, mas alguém pode causar uma ação. Falar dessa maneira eliminaria a ambigüidade que dá surgimento à idéia falsa de que uma ação autocausada é impossível.

POR QUE O FIZ?

Por que faço o que faço? Minha formação, meu treinamento e meu ambiente não *afetam* o que faço? Sim, afetam, mas não me *forçam* a pecar. *Afetam* minhas ações, mas não a *efetuam* (i.e., causam). *Influenciam*, mas não *controlam* minhas ações. Que ainda tenho o poder de fazer escolhas morais livres é verdadeiro por diversas razões.

Em primeiro lugar, há uma diferença entre *características físicas herdadas* (como olhos castanhos), sobre as quais não tenho controle, e *tendências espirituais herdadas* (como a luxúria), sobre as quais devo ter controle. Não podemos evitar o tamanho básico, a cor, os talentos ou o grupo étnico do qual viemos. Mas temos escolha com respeito a seguir impulsos espirituais que podemos ter herdado, como impaciência, ira, orgulho ou impureza sexual. Nenhuma dessas tendências desculpa nossas ações más que procedem delas, como a violência física, assassínio ou perversão sexual.

Podemos sentir o impulso de dar um tapa em alguém que nos diz alguma coisa repugnante a nosso respeito, mas podemos escolher não agir sob esse impulso. Moralmente falando, "impulsos irresistíveis"

são impulsos que não foram resistidos. Pessoas têm morrido por falta de água e de comida, mas ninguém é lembrado como tendo morrido por falta de sexo, álcool ou outras drogas para satisfazer desejos ardentes! Temos a livre-escolha em todas essas áreas.

Em segundo lugar, há uma diferença entre escolhas morais e escolhas amorais (não-morais). Nossas preferências por cores não se relacionam com moral e são, em grande parte, determinadas. Mas escolher ser racista com base na cor da pele de uma pessoa é um problema moral, não um ato que não podemos evitar.

Finalmente, aqueles que afirmam que todas as ações possuem uma razão e que essa razão determina o que fazemos, freqüentemente falham em distinguir devidamente um propósito de uma causa. O propósito é *por que* eu ajo. A causa é *o que* produz o ato. O propósito é *causa final* (aquela *para a qual* agimos), mas a causa é *causa eficiente* (aquela *pela qual* agimos). Nem um alvo ou meta de um ato *produz* um ato humano livre. Ele é simplesmente o propósito para o qual *escolhemos* agir. Se *escolhermos* trapacear ou roubar, fazemos isso livremente, embora a ganância possa ter sido o *propósito* para fazer isso. As ações morais surgem de nossas escolhas, não importam quais tenham sido os propósitos para elas.

COMO PODE UMA NATUREZA MÁ ESCOLHER O BEM?

Os calvinistas extremados, seguindo Jonathan Edwards, objetam dizendo que a vontade necessariamente segue a natureza.[13] Esse argumento básico afirma que o que é bom por natureza não pode desejar o mal, e o que é mau por natureza não pode desejar o bem. A menos que Deus conceda aos homens o desejo de querer o bem, eles não podem querer o bem, assim como pessoas mortas não podem ressuscitar a si mesmas e voltar à vida. De acordo com o Agostinho "posterior" (v. ap. 3), Adão, antes da Queda, era capaz de pecar ou de não pecar; após a Queda, *era capaz de pecar, mas incapaz de não pecar*; após a regeneração, o ser humano é capaz de pecar ou de não pecar

(como Adão antes da Queda); e no céu o ser humano será capaz tanto de não pecar quanto de pecar.

Em resposta, deve ser observado que isso é contrário à própria posição anterior de Agostinho (v. ap. 3), de que somos nascidos com a *propensão,* mas não com a *necessidade* de pecar.[14] Ela torna o pecado inevitável, antes de fazê-lo evitável. Isso significa que é inevitável que *desejemos* pecar, mas não é inevitável que *devamos* pecar. Embora sejamos depravados e, por natureza, pendentes para o pecado, cada pecado é livremente escolhido. Além disso, há diversos problemas sérios com essa posição.

Primeiramente, ela é autocontraditória, porque sustenta duas premissas logicamente opostas: 1) o que é bom por natureza não pode desejar o mal (visto que a vontade segue a natureza); 2) Lúcifer e Adão, que *eram* bons por natureza, desejaram o mal.

Em segundo lugar, remove logicamente toda a responsabilidade pelas ações más das criaturas más (as não-regeneradas), visto que não têm nenhuma escolha real com respeito ao mal que praticam. Elas não podem evitar, mas fazem o que naturalmente lhes vem.

Em terceiro lugar, confunde *desejo* com *decisão*. O fato de os homens naturalmente *desejarem* pecar não significa que devam *decidir* pecar. Tanto a Escritura quanto a experiência nos informam de que há uma diferença entre as duas coisas. Paulo escreve: "Não entendo o que faço. *Pois não faço o que desejo, mas o que odeio*" (Rm 7.15).[15] A experiência pessoal revela que, às vezes, agimos contrariamente aos nossos desejos mais fortes, tais como o de retaliar ou o de fugir à responsabilidade.[16]

Em quarto lugar, essa idéia é uma forma de determinismo. Ela crê que nossas ações morais são determinadas (causadas) por outra pessoa, antes que autodeterminadas (causadas) por nós mesmos.

Em quinto lugar, se o que é mau não pode desejar o bem e se o que é bom não pode desejar o mal, então por que os cristãos, a quem foi dada uma boa natureza, ainda escolhem pecar?

Muitos calvinistas extremados tentam evitar essa acusação redefinindo o determinismo. Sproul faz isso sugerindo que "determinismo significa

que somos forçados ou coagidos a fazer coisas por forças externas".[17] Isso é falácia, com um pretexto especial. Esse raciocínio admite que há uma determinação *interna*, mas não admite que seja chamada "determinismo", porque não houve nenhuma determinação *externa*. Todavia, uma rosa, por mais que possa ter outro nome, é uma rosa. A questão fundamental é que eles crêem que forças irresistíveis foram aplicadas em criaturas livres, a fim de que pudessem fazer o que Deus queria que fizessem. Com a exceção do Agostinho posterior (v. ap. 3), nenhum teólogo importante da patrística até a Reforma sustentou essa idéia (v. ap. 1).

PELO AMOR DE DEUS, DE QUEM É A CULPA?

A verdade desagradável é que, mesmo tendo herdado a natureza pecaminosa (Ef 2.3), não tenho ninguém a quem culpar, senão a mim mesmo por causa de minhas ações morais. Isso está claro por muitas razões.[18]

A responsabilidade e a capacidade de responder

Calvinistas extremados e moderados (*e* arminianos) concordam em que Deus considera as criaturas moralmente responsáveis por suas escolhas. De fato, a Bíblia é cheia de referências dando apoio a essa conclusão. Isso é verdade quanto a Lúcifer (1Tm 3.6), aos outros anjos que caíram (Jd 6 e 7), a Adão e Eva (1Tm 2.14) e a todos os seres humanos desde a Queda (Rm 3.19).

Contudo, o raciocínio sadio requer que não haja responsabilidade alguma onde não há capacidade de corresponder. Não é racional sustentar que alguém seja responsável quando não tem a capacidade de corresponder. Deus não é irracional. O fato de ele ser onisciente significa que Deus é o Ser mais racional do universo. Por isso, a razão também exige que todas as criaturas morais sejam moralmente livres, isto é, que tenham a capacidade de responder de um modo ou de outro.[19] Qualquer que seja o mal que tenhamos feito, pelo qual somos responsáveis, poderíamos ter agido de forma contrária à que agimos.

Quando fizemos o mal, poderíamos *não* tê-lo feito. Isso é o que se entende por ação "autocausada". É uma ação que não foi causada por outra pessoa, mas pela própria pessoa. É uma ação que alguém poderia ter evitado (v. ap. 4).

Dever implica *poder*

As ações morais más não somente *poderiam*, mas *deveriam* ter sido diferentes. Há concordância entre os calvinistas extremados e seus oponentes em que dever moral é algo que *devemos* fazer. As leis morais são prescritivas, não meramente descritivas. Elas prescrevem ações que *devemos* (ou *não devemos*) fazer.

Todavia, aqui também a lógica parece insistir em que tais obrigações morais impliquem que temos escolhas morais livres que são autodeterminantes. Porque *devemos* implica que *podemos*. Isto é, o que devemos fazer sugere que podemos fazer. De outra forma, temos de presumir que o Legislador moral está prescrevendo o irracional, ordenando que façamos o que é obviamente impossível de ser feito. A boa razão parece insistir em que, se Deus exige que façamos, então temos capacidade de fazer. A obrigação moral implica liberdade moral.

A objeção levantada contra essa conclusão pelo calvinista extremado pede um comentário. Ele insiste em que Deus freqüentemente nos ordena fazer o que é impossível e, todavia, nos considera responsáveis por fazer o que ele ordena.[20] Por exemplo, Deus ordenou: "Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês" (Mt 5.48). Todavia, todos nós somos tristemente conscientes de que, por causa de nossa natureza caída, isso é impossível. O fato é que recebemos ordem para nunca pecar, mas, como seres depravados, não podemos evitá-lo, porque somos pecadores "por natureza" (Ef 2.3).

Dois comentários devem ser feitos em resposta a essa objeção. Primeiramente, quando dizemos que "*dever* implica *poder*", não estamos dizendo que qualquer coisa que devemos fazer podemos fazer por força

própria.[21] Isso seria contrário ao claro ensino de Cristo: "Sem mim, vocês não podem fazer coisa alguma" (Jo 15.5). Não podemos fazer nada, mas, como Paulo diz, "tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4.13). Certamente, devemos pôr em ação nossa salvação "com temor e tremor" (Fp 2.12), mas somente porque "é Deus quem efetua em nós tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele" (Fp 2.13). Portanto, "*dever* implica *poder*" somente no sentido de que o podemos *pela graça de Deus*. Sem sua graça, não podemos vencer o pecado.

Em segundo lugar, uma evidência posterior de que podemos fazer pela graça de Deus o que devemos é encontrada nesta passagem conhecida: "Não sobreveio a vocês tentação que não fosse comum aos homens. E Deus é fiel; *ele não permitirá que vocês sejam tentados além do que podem suportar.* Mas, quando forem tentados, ele mesmo lhes providenciará um escape, para que o possam suportar" (1Co 10.13). Essa verdade não poderia ser mais clara: Deus nunca prescreve qualquer coisa sem proporcionar o meio para realizá-la. Se estamos moralmente obrigados, então devemos ser moralmente livres.

Recompensa e punição

Outra evidência de que temos livre-escolha moralmente autodeterminante é que a Bíblia e a sabedoria moral comum nos informam de que louvor e acusação não fazem qualquer sentido a menos que os louvados e os acusados sejam livres para agir de forma contrária. Por que elogiar madre Teresa e difamar Hitler, se eles não puderam evitar fazer o que fizeram? Por que culpar Adolf Eichmann e louvar Martin Luther King, se eles não tiveram escolha? Todavia, eles tiveram, e nós temos. A Bíblia diz claramente que Deus "retribuirá a cada um conforme o seu procedimento" (Rm 2.6).

Um fato inegável

Os fatalistas e os deterministas[22] têm tentado, em vão, negar a liberdade humana — e isso eles têm feito sem que ninguém os force!

O fato é que a liberdade é inegável. Porque, se cada coisa fosse determinada, os deterministas seriam determinados a crer que não somos livres. Mas os deterministas crêem que o determinismo é verdadeiro e que o não-determinismo é falso. Além disso, crêem que todos os não-deterministas deveriam mudar sua posição e se tornar deterministas. Todavia, isso implica que os não-deterministas são livres para mudar sua opinião — o que é contrário ao determinismo! Assim, segue-se que o determinismo é falso, visto ser contraditório. (Naturalmente, isso não implica negar que todos os atos livres são determinados por Deus no sentido de que ele sabe antecipadamente — com certeza — que nós livremente os realizaríamos. V. cap. 3.)

O QUE DIZ A ESCRITURA?

Do começo ao fim, a Bíblia afirma, tanto implícita quanto explicitamente, que os seres humanos possuem livre-escolha. Isso é verdade para antes e depois da queda de Adão, embora o livre-arbítrio tenha sido seguramente afetado pelo pecado e severamente limitado naquilo que pode fazer.

O livre-arbítrio antes da Queda

O poder de livre-escolha é parte da humanidade criada à imagem de Deus (Gn 1.27). Adão e Eva receberam a ordem de: 1) multiplicar a espécie (Gn 1.28) e 2) não comer do fruto proibido (Gn 2.16,17). Essas duas responsabilidades implicam capacidade de corresponder. Como já foi observado, o fato de que *deveriam* obedecer a esses mandamentos implicava que *poderiam* obedecer a eles.

O último texto narra a escolha deles: "Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar [...] tomou do seu fruto, *comeu-o* e o deu a seu marido, que *comeu também*" (Gn 3.6). A condenação de Deus que veio sobre eles torna evidente que eram livres. Deus perguntou: "Você *comeu* do fruto da árvore da qual lhe proibi comer?" (3.11). "'*Que foi que você fez?*' Respondeu a mulher: 'A serpente me enganou, e eu comi'" (3.13).

As referências do Novo Testamento ao ato de Adão tornam claro que ele fez uma escolha livre pela qual se tornou responsável. Romanos 5 chama essa escolha "pecado" (v. 16), "transgressão" (v. 15) e "desobediência" (v. 19). O mesmo ato é referido em 1Timóteo 2 como "transgressão" (v. 14). Todas essas descrições implicam que o ato de Adão foi moralmente livre e culpável.

O livre-arbítrio após a Queda

Mesmo após Adão ter pecado e se tornado espiritualmente "morto"[23] (Gn 2.17; cf. Ef 2.1) e pecador "por natureza" (Ef 2.3), ele não era depravado completamente, a ponto de não poder ouvir a voz de Deus ou de dar uma resposta livre (v. cap. 4). Porque "o SENHOR Deus chamou o homem, perguntando: 'Onde está você?' E ele respondeu: *'Ouvi teus passos no jardim* e fiquei com medo, porque estava nu; por isso *me escondi*'" (Gn 3.9,10). A imagem de Deus em Adão foi *manchada* pela Queda, mas não *apagada*. Foi desfigurada, mas não destruída. Em outras palavras, a imagem de Deus (que inclui o livre-arbítrio) ainda está nos seres humanos após a Queda. Essa é a razão de o assassínio (Gn 9.6) e mesmo a maldição (Tg 3.9) de outras pessoas serem considerados pecados: "Porque à imagem de Deus foi o homem criado" (Gn 9.6).

Os descendentes caídos de Adão têm o livre-arbítrio

Tanto a Escritura quanto o raciocínio saudável nos informam de que os seres humanos depravados têm o poder da livre-escolha.[24] A Bíblia diz que o homem caído é ignorante, depravado e escravo do pecado. Mas todas essas condições envolvem uma escolha. Pedro fala da ignorância dos depravados como sendo "deliberada" (2Pe 3.5). Paulo declarou que os não-salvos têm "claramente visto" e "compreendido" a verdade, mas deliberadamente a "suprimem" (ou "detêm" [Rm 1.18-20]). Por isso, eles são "indesculpáveis". Mesmo a nossa escravidão ao pecado é resultado da livre-escolha. Paulo acrescenta: "Não sabem que, quando vocês se oferecem a alguém para lhe obedecer como escravos,

tornam-se escravos daquele *a quem obedecem*: escravos do pecado que leva à morte, ou da obediência que leva à justiça?" (Rm 6.16). A própria cegueira espiritual é resultado da escolha de não crer. Porque "o deus desta era cegou o entendimento dos *descrentes*, para que não vejam a luz do evangelho" (2Co 4.4).

Com respeito ao *início* ou à *obtenção da* salvação deles, tanto Lutero quanto Calvino estavam certos em asseverar que os seres humanos caídos não são livres em relação às "coisas celestiais", isto é, a alcançar a própria salvação.[25] Contudo, contrariamente ao calvinismo radical, em relação à liberdade de *aceitar* o dom da salvação de Deus, a Bíblia é clara: seres caídos são livres. Assim, a livre-escolha dos seres humanos caídos é tanto "horizontal" (social) com respeito às coisas deste mundo quanto "vertical" (espiritual). A primeira é evidente na escolha de um companheiro: "Se o seu marido morrer, [a mulher] estará livre para se casar com quem *quiser*, contanto que ele pertença ao Senhor" (1Co 7.39). Essa é uma liberdade descrita como *sem coação*, e onde alguém "tem controle sobre sua própria vontade" (1Co 7.37). A mesma liberdade horizontal é descrita na contribuição dos crentes da Macedônia, "por iniciativa própria" (2Co 8.3), assim como Filemom foi "espontâneo" (Fm 14). A capacidade vertical de crer está implícita em todo lugar no chamado do evangelho (v. At 16.31; 17.30). A liberdade tal como Deus a concebe, destinada às suas criaturas, feitas à sua imagem, é descrita em Tiago 1.18: "*Por sua decisão* ele nos gerou pela palavra da verdade".

Pedro descreve o significado de livre-escolha quando diz que ela "*não [é] por obrigação*, mas *de livre vontade*" (1Pe 5.2). Paulo pinta a natureza da liberdade como um ato onde a pessoa "determinou em seu coração" e "não [agiu] com pesar ou por obrigação" (2Co 9.7). Em Filemom, ele diz que é um ato com "permissão" e não deveria ser "forçado", mas "espontâneo" (14).

W. G. T. Shedd resume o assunto de maneira direta:

> Embora impelida pelo Espírito Santo, a vontade santa é, não obstante, uma faculdade automotora e não é compelida. A inclina-

> ção santa é o direito de automovimento por causa da atuação divina, ou "a obra de Deus na vontade para que ela queira". A inclinação pecaminosa é o automovimento errado da vontade sem a atuação divina. Mas o movimento em ambos os casos é o da mente, não o da matéria; espiritual, não mecânico; livre, não forçado (*Dogmatic Theology*, v. 3, p. 300).

Mesmo os não-salvos têm livre-escolha tanto para receber quanto para rejeitar o dom da salvação que vem de Deus. Jesus assim se refere aos que o rejeitaram: "Jerusalém, Jerusalém! [...] Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas *vocês* não *quiseram*" (Mt 23.37). E João afirma que, "*aos que creram em seu nome* [de Cristo], deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus" (Jo 1.12). A verdade é que Deus deseja que todos os não-salvos mudem a maneira de pensar (se arrependam), porque "ele é *paciente com vocês*, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao *arrependimento*" (2Pe 3.9). Isso significa uma mudança de pensamento.

Igualmente, nas alternativas de vida e morte que Moisés deu a Israel, Deus diz: "*Escolham* a vida" (Dt 30.19). Josué diz ao povo: "*Escolham* hoje a quem irão servir" (Js 24.15). Deus diz a Davi: "Assim diz o SENHOR: 'Estou lhe dando três opções de punição; *escolha* uma delas, e eu a executarei contra você" (2Sm 24.12). Alternativas moral e espiritualmente responsáveis são postas diante dos seres humanos por Deus, deixando a *escolha* e a *responsabilidade* para eles. Jesus disse aos incrédulos de seu tempo: "*Se vocês não crerem* que Eu Sou, de fato morrerão em seus pecados" (Jo 8.24). Por vezes declarou que a fé era uma coisa que deviam ter: "*Nós cremos* e sabemos que és o Santo de Deus" (Jo 6.69); "Quem é ele, Senhor, *para que eu nele creia*?" (Jo 9.36); "Então o homem disse: 'Senhor, *eu creio*'. E o adorou" (Jo 9.38); "Jesus respondeu: 'Eu já lhes disse, mas vocês *não crêem*'"(Jo 10.25). Essa é a razão por que Jesus disse: "*Quem nele crê* não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por *não crer*

no nome do Filho Unigênito de Deus" (Jo 3.18). Claramente, então, a fé é nossa responsabilidade, e ela está enraizada em nossa capacidade de responder. Essa idéia tem suporte sobrepujante de, praticamente, todas as grandes autoridades da Igreja até o século XVI (v. ap. 1).

Todas as pessoas podem crer?

Ao contrário do que pensam os calvinistas extremados, a fé não é um dom que Deus oferece somente a alguns (v. ap. 5). Todos têm a responsabilidade de crer, e quem quer que decida crer pode crer (cf. Jo 3.16).[26] Jesus diz: "Para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). E acrescenta: "*Quem nele crê* não é condenado" (v. 18). E ainda: "*Quem vier a mim* eu jamais rejeitarei" (Jo 6.37). Apocalipse 22.17 também afirma: "Quem tiver sede, *venha*; *e quem quiser*, beba de graça da água da vida".

Se cada pessoa pode crer, por que, então, Jesus asseverou de alguns: "Por esta razão eles não podiam crer, porque, como disse Isaías noutro lugar: 'Cegou os seus olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos nem entendam com o coração, nem se convertam, e eu os cure" (Jo 12.39,40)?

A resposta é encontrada no contexto: 1) a fé era, obviamente, responsabilidade deles, visto que Deus os havia considerado responsáveis por não crerem, pois somente dois versículos antes, lemos: "Mesmo depois que Jesus fez todos aqueles sinais miraculosos, *não creram nele*" (Jo 12.37); 2) Jesus estava falando a judeus de coração endurecido, que haviam visto milagres indiscutíveis (incluindo a ressurreição de Lázaro [Jo 11]) e que haviam sido muitas vezes chamados a crer antes desse episódio (Jo 8.26), o que revela que eram capazes de crer; 3) foi a própria incredulidade teimosa que lhes trouxe cegueira. Jesus havia dito: "Eu lhes disse que vocês morrerão em seus pecados. *Se vocês não crerem* que Eu Sou, de fato morrerão em seus pecados" (Jo 8.24). Assim, foi uma cegueira escolhida que poderia ser evitada.

Pode uma pessoa crer sem a ajuda da graça de Deus?

Enquanto todos os atos verdadeiramente livres são autodeterminados e poderiam ter sido diferentes, é também verdadeiro que por nenhum ato livre o ser humano pode mover-se em direção a Deus ou fazer qualquer bem espiritual sem a ajuda de sua graça. Isso está evidente nos seguintes textos da Escritura:

> Quem sou eu, e quem é o meu povo para que pudéssemos contribuir tão generosamente como fizemos? Tudo vem de ti, e nós apenas te demos o que vem das tuas mãos (1Cr 29.14).
>
> Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia (Jo 6.44).
>
> Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dará muito fruto; pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma (Jo 15.5).
>
> Pai santo, protege-os em teu nome, o nome que me deste, para que sejam um, assim como somos um (Jo 17.11).
>
> Enquanto estava com eles, eu os protegi e os guardei no nome que me deste. Nenhum deles se perdeu, a não ser aquele que estava destinado à perdição, para que se cumprisse a Escritura (Jo 17.12).
>
> Pela graça de Deus, sou o que sou, e sua graça para comigo não foi inútil; antes, trabalhei mais do que todos eles; contudo, não eu, mas a graça de Deus comigo (1Co 15.10).
>
> Não que possamos reivindicar qualquer coisa com base em nossos próprios méritos, mas a nossa capacidade vem de Deus (2Co 3.5).
>
> Ele me disse: "Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza". Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim (2Co 12.9).
>
> Ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele (Fp 2.12,13).
>
> Tudo posso naquele que me fortalece (Fp 4.13).

W. G. T. Shedd, apresentado previamente como calvinista moderado, apresenta o assunto do seguinte modo:

> Se um pecador voluntariamente rejeita a misericórdia oferecida por Deus, ele é culpável por fazer assim, e é, portanto, passível de acusação de culpabilidade e responsável diante do tribunal por causa disso. [...] O ser humano é responsável pelo pecado porque é tanto autor quanto praticante dele; mas não é responsável por santidade, porque é somente praticante, mas não autor dela. [...] O pecador é livre para aceitar ou rejeitar os convites do evangelho. Se os aceita, o faz livremente, debaixo da atuação do Espírito Santo. Se rejeita, o faz livremente, sem essa atuação e unicamente por autodeterminação (*Dogmatic Theology*, v. 3, p. 298-9).

UM OU OUTRO, OU AMBOS?

Soberania e livre-arbítrio. É um *ou* o outro, ou ambos ou um *e* outro? A Bíblia diz ambos. No primeiro capítulo, vimos que Deus é soberano sobre todas as coisas, até mesmo sobre os eventos humanos e as escolhas livres. Nada apanha Deus de surpresa, e nada está fora de seu controle (v. cap. 1). Já neste capítulo vimos que os seres humanos, mesmo caídos, possuem o poder, dado por Deus, da livre-escolha. Isso se aplica a muitas das chamadas "coisas terreais", que estão "aqui embaixo", como também às que estão "acima", chamadas "coisas celestiais", a saber, as que dizem respeito ao *recebimento* do dom divino da salvação. O mistério do relacionamento entre a soberania divina e o livre-arbítrio humano tem desafiado os maiores pensadores cristãos ao longo dos séculos. Infelizmente, os calvinistas extremados têm sacrificado a responsabilidade humana a fim de preservar a soberania divina (v. cap. 4). Igualmente, como veremos mais adiante, os arminianos extremados têm sacrificado a soberania divina a fim de sustentar o livre-arbítrio do ser humano (v. cap. 5). Cremos que as duas alternativas estão erradas e levam a ações extremamente desordenadas (v. cap. 6).

3

As alternativas

AS VERDADES GÊMEAS DA SOBERANIA E DA RESPONSABILIDADE

A Bíblia enfaticamente declara que Deus possui soberania absoluta sobre tudo que acontece, incluindo a salvação dos santos e a condenação dos pecadores impenitentes (v. cap. 1). Entretanto, a Escritura afirma que a responsabilidade moral pelas ações morais repousa de modo direto nos agentes morais livres, e não em Deus (v. cap. 2). Tem sido dito que, do lado de fora da porta do céu, lê-se: "Pode entrar quem quiser" e, do lado de dentro, está escrito: "Eu escolhi você". Segundo a Escritura, as duas coisas são verdadeiras. Esse é um dos grandes mistérios da fé cristã, juntamente com o da Trindade e o da encarnação (v. 1Tm 3.16).

MARINHO RODRIGUES!
Um Instrumento Escolhido – At 9.15

A cruz: predestinada e livremente escolhida

Uma das mais poderosas indicações de que a Bíblia não vê contradição alguma entre a predeterminação divina e a livre-escolha dos homens é encontrada em Atos 2.23. De um lado, ela declara que a

morte de Jesus foi decidida "por *propósito* determinado e pré-conhecimento de Deus" (NTLH: "Deus, por sua própria vontade e sabedoria, já havia resolvido..."; BV: "seguindo seu plano já estabelecido..."). Todavia, embora tenha sido estabelecido e determinado desde toda a eternidade que Jesus haveria de morrer, a decisão foi do próprio Cristo: "Eu dou a minha vida para retomá-la. *Ninguém a tira de mim*, mas, *eu a dou por minha espontânea vontade*" (Jo 10.17,18).

Nada poderia ser mais claro. Deus determinou a morte na cruz desde toda a eternidade, e, todavia, Jesus entregou-se à morte livremente. Se isso pode ser verdadeiro para as escolhas livres de Jesus, não há nenhuma contradição em asseverar que nossas ações livres são tanto determinadas quanto livres. No que diz respeito à Bíblia, *não há nenhuma contradição entre a predestinação divina e a livre-escolha dos homens.*

Os executares: predeterminados e livres

Às vezes, as verdades gêmeas da soberania divina e da responsabilidade humana são expressas na mesma passagem. Em um dos textos mencionados anteriormente, tanto a predestinação de Deus quanto a ímpia livre-escolha do homem estão presentes: "Este homem [Jesus] lhes foi entregue *por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus; e vocês*, com a ajuda de homens perversos, *o mataram*" (At 2.23). Como nos outros casos, conquanto Deus tenha determinado as ações deles deste toda a eternidade, os que se encarregaram da crucificação de Jesus eram mesmo assim livres para executar suas ações — e foram considerados moralmente responsáveis por elas. Aqui, mais uma vez, não é soberania *ou* livre-escolha, mas ambas.

Em Atos 3.12,15,18, as duas verdades estão presentes. De um lado, os "israelitas" haviam "matado o autor da vida". Todavia, do outro lado, é dito que "Deus *cumpriu o que tinha predito* por todos os profetas, dizendo que o seu Cristo haveria de sofrer". Assim, o evento tinha de acontecer porque ele havia predito que aconteceria; contudo, "Deus cumpriu" o que havia dito, por meio dos judeus que livremente mataram a Cristo.

A traição de Jesus: necessária e livremente escolhida

Jesus proclamou: "O Filho do homem vai [morrer], como foi *determinado, mas ai daquele que o trair*!" (Lc 22.22). Deus determinou que a traição deveria acontecer, mas quando ocorreu, foi considerada resultado de um ato livre e responsável de Judas. Não há contradição entre essas duas verdades.

Tropeço sobre Cristo: desobediência e destino

Em sua primeira carta, Pedro cita Isaías: "[Cristo é] "pedra de tropeço e rocha que faz cair? Os que não crêem tropeçam, porque desobedecem à mensagem; para o que também foram destinados" (1Pe 2.8; v. tb. Is 8.14). Eles tropeçam porque *desobedecem* à mensagem, mas foram *destinados* para isso. Sem qualquer senso de dificuldade ou disjunção, Pedro registra no mesmo versículo que os homens rejeitaram Cristo, a pedra angular, tanto por causa da própria desobediência como pelo fato de Deus tê-los destinado para isso. Não há qualquer contradição, visto que Deus sabia exatamente o que livremente haveriam de fazer.[1]

Conspiração contra Jesus: predestinada e perniciosa

Pedro também emparelha a soberania divina com a responsabilidade humana em Atos: "De fato, Herodes e Pôncio Pilatos *reuniram-se* com gentios e com o povo de Israel nesta cidade, para conspirar contra o teu santo servo Jesus, a quem ungiste. *Fizeram o que o teu poder e a tua vontade haviam decidido de antemão que acontecesse*" (At 4.27,28). Observe que Herodes, Pilatos, os gentios e o povo de Israel conspiraram e *executaram* a conspiração, mas fizeram o que o poder e o propósito de Deus *determinaram de antemão*. As duas coisas são verdadeiras.

A escravidão de José: pretendida por seus irmãos e por Deus

Olhando brevemente para um exemplo do Antigo Testamento, Gênesis nos informa de que os irmãos de José o venderam ao Egito

como escravo. Mas, no final, José disse: *"Assim, não foram vocês que me mandaram para cá, mas sim o próprio Deus.* Ele me tornou ministro do faraó, e me fez administrador de todo o palácio e governador de todo o Egito" (Gn 45.8). Mais tarde, ele acrescentou: *"Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem,* para que hoje fosse preservada a vida de muitos" (Gn 50.20). Novamente, dizemos que ambas as coisas são verdadeiras. O mesmo evento é resultado tanto do plano de Deus quanto da livre-escolha do ser humano, embora Deus tenha pretendido somente o bem por meio desse acontecimento.

Salvação: escolhida por Deus e por nós

Outro exemplo da soberania divina e de nossa responsabilidade na Escritura é encontrado nesta afirmação de Jesus em João 6.37: *"Todo aquele que o Pai me der virá a mim,* e *quem vier a mim* eu jamais rejeitarei". De um lado, somente aqueles que o Pai preordena virão a Cristo (Jo 6.44). Do outro lado, é também verdadeiro que "todo aquele que" escolher vir, será salvo (Rm 10.13).

Salvação: destinados e persuadidos a ela

Há uma passagem interessante em Atos. Ela afirma que "*creram* todos *os que haviam sido designados* para a vida eterna" (At 13.48). Todavia, no mesmo contexto, Lucas diz que Paulo e Barnabé "foram à sinagoga judaica. Ali *falaram de tal modo que veio a crer grande multidão* de judeus e gentios" (At 14.1). De acordo com esse texto, na primeira passagem somente os que foram preordenados para a salvação é que viriam à fé. Mas é também verdadeiro que a pregação persuasiva é um meio pelo qual as pessoas vêm à fé em Cristo. Assim, a Bíblia ensina tanto a soberania divina quanto a responsabilidade humana no mesmo contexto. O mesmo ato pode ser determinado por Deus e escolhido pelos homens. Não há qualquer contradição entre essas duas coisas no que diz respeito à Escritura.

Alguns calvinistas moderados, como J. O. Buswell, negam que isso seja uma referência à predestinação. Ele escreveu: "Na verdade, as

palavras de Atos 13.48,49 não são necessariamente uma referência à doutrina do decreto eterno de Deus sobre a eleição. O particípio passivo *tetagmenoi* pode simplesmente significar 'pronto', e podemos muito bem ler: 'Todos os que foram preparados para a vida eterna, creram'". E ele acrescenta: "Comentando esse versículo, Alford diz: 'O significado dessa palavra deve ser determinado pelo contexto. Os judeus tinham *julgado a si mesmos indignos da vida eterna* (v. 46); quanto aos gentios, todos os que foram dispostos para a vida eterna creram [...] Encontrar neste texto a afirmação de preordenação para a vida é forçar tanto a palavra quanto o contexto a um significado que eles não contêm'".[2] Seja como for, mesmo que esse texto seja tomado como tal, no sentido absoluto, não há nenhuma contradição entre preordenação e persuasão, visto que Deus preordenou tanto os meios (persuasão) quanto o fim (a vida eterna).

Rejeição a Cristo: tanto pelo destino dado por Deus quanto pela nossa desobediência

Como mencionado anteriormente, a harmonia entre predeterminação e livre-escolha é evidente nas palavras de Pedro: "Os que não crêem tropeçam, porque *desobedecem* à mensagem; *para o que também foram destinados*" (1Pe 2.8). Não há nenhuma incoerência aqui: eles foram destinados para a desobediência, e Deus sabia com certeza que escolheriam rejeitar a Cristo. Buswell comenta que "Atos 13.46 observa que os judeus, por escolha própria, rejeitaram a mensagem. Então, Paulo volta-se para os gentios. A escolha individual determinou a rejeição à mensagem; assim, por inferência, parece que, quando essa rejeição ocorreu, os gentios entraram, digamos, na esfera da graça de Deus que lhes foi destinada, e assim, creram. Observe que o versículo 48 afirma que os gentios, *ouvindo* as boas novas, '*alegraram-se e bendisseram a palavra do Senhor*', e *a sua fé assim os moveu à esfera da graça de Deus*, que, digamos, aponta para a vida eterna. Assim *como os judeus escolheram rejeitar, os gentios escolheram, dentro da graça de Deus, crer*".[3]

Uma bela ilustração

Uma ilustração final da congruência entre predeterminação e livre-escolha é encontrada no naufrágio registrado por Lucas em Atos 27. Paulo assegura de antemão aos seus companheiros de viagem que "nenhum de vocês perderá a vida; apenas o navio será destruído" (v. 22). Todavia, uns poucos versículos adiante ele os adverte: "Se estes homens não ficarem no navio, vocês não poderão salvar-se" (v. 31). As duas coisas são verdadeiras. Deus sabia de antemão e tinha revelado a Paulo que ninguém se perderia (cf. v. 23), mas também sabia que seria por meio da livre-escolha de permanecer no navio que isso seria cumprido.

SOBERANIA E RESPONSABILIDADE

Ninguém jamais demonstrou uma contradição entre predestinação e livre-escolha. Não há nenhum conflito insolúvel entre um acontecimento predeterminado por um Deus onisciente e um evento livremente escolhido por nós. A própria famosa *Confissão de fé de Westminster* (1646), calvinista, afirma esse ponto claramente, quando diz: "Posto que, em relação à presciência e ao decreto de Deus, que é a causa primária, todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente, contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam conforme a natureza das *causas secundárias*, necessárias, *livre* ou contingentemente" (v. ii, grifo do autor).

O notável puritano calvinista Stephen Charnock sustentou essa posição, declarando:

> [Deus] não somente sabia que faríamos tais ações, mas que as faríamos livremente; ele previu que a vontade livremente se decidiria para isto ou aquilo [...] e, embora Deus conheça as coisas contingentes, elas permanecem na natureza das contingências; e, embora Deus conheça os agentes livres, eles permanecem na natureza da liberdade [...]

Deus não conhece de antemão as ações dos homens como necessárias, mas como livres; assim, essa liberdade é antes estabelecida pelo pré-conhecimento que removida. Deus não pré-conheceu que Adão não tinha poder para resistir, ou que qualquer homem não tenha poder para omitir ação tão pecaminosa, mas que ele não a omitiria.

Assim, o ser humano tem o poder de agir diferente do que Deus pré-conhece. Adão não foi obrigado a cair por alguma necessidade interior, e ninguém é, por qualquer necessidade interior, forçado a cometer este ou aquele pecado particular; mas Deus previu que ele cairia, e que cairia livremente.[4]

Considere a lógica desse ponto de vista:

Deus sabe — com certeza — precisamente como usaremos a nossa liberdade. É como segue:

1) Deus sabe todas as coisas, incluindo o futuro (Is 46.10; Sl 147.5).
2) Deus sabia desde a eternidade que Jesus morreria na cruz (At 2.23; Ap13.8).
3) Dessa forma, Jesus *deveria* morrer na cruz (se ele não tivesse morrido na cruz, Deus teria cometido um erro naquilo que pré-conheceu). Mas um Deus onisciente não pode estar errado naquilo que sabe.
4) Todavia, Jesus escolheu livremente morrer na cruz (Jo 10.17,18).
5) Portanto, o mesmo evento é ao mesmo tempo predeterminado e escolhido livremente.

A mesma lógica aplica-se à predeterminação e à livre-escolha quanto a salvação ou a condenação. Considere o seguinte:

1) Deus conhece todas as coisas.

2) Qualquer coisa que Deus pré-conheça deve acontecer (i.e., está determinada). Se ela não acontecesse, Deus estaria errado naquilo que pré-conheceu. Mas um ser onisciente não pode estar errado naquilo que pré-conhece.
3) Deus sabia que Judas trairia Cristo.
4) Portanto, *tinha de acontecer* (i.e., estava determinado) que Judas traísse Cristo.

A lógica é sem defeito. Se Deus tem um conhecimento infalível dos atos livres futuros, então o futuro está completamente determinado. Mas disso *não se segue* que:

5a) Judas não fosse livre para trair (ou não) a Cristo. Isso porque não há contradição em afirmar que Deus *sabia com certeza* (i.e., predeterminou) que Judas *livremente* (i.e., por sua livre-escolha) trairia a Cristo.

O que é *contraditório* afirmar — e a Bíblia nunca o faz — é a seguinte asserção:

5b) Judas foi *coagido* a trair Cristo *livremente.*

O mesmo ato não pode ser forçado e livre ao mesmo tempo e no mesmo sentido, porque os atos de coação não são livres, como está claro tanto pela Escritura quanto pelo raciocínio sadio. A Bíblia (v. cap. 2) usa expressões como: "O homem que decidiu firmemente em seu coração que não se sente obrigado" e "tem controle sobre sua própria vontade" (1Co 7.37), ou: "Não por obrigação, mas de livre vontade" (1Pe 5.2; v. tb. 1Co 9.17). Atos livres são atos de "permissão" e não devem ser "forçados", mas "espontâneos" (Fm 14). No mínimo, liberdade significa o poder de escolher o contrário; isto é, o agente é livre somente se puder fazer o que é contrário ao proposto.

Além disso, o raciocínio sadio nos informa que, se alguém é forçado a cometer um crime, não pode ser responsável por ele. Por exemplo, se um homenzarrão de 150 quilos força você a pôr a mão no gatilho de um revólver carregado e a apontá-lo contra outra pessoa para que você a mate, você não é responsável pela morte daquela pessoa.

O mesmo raciocínio (mostrando que não há contradição em afirmar que Deus determinou que Judas traísse Cristo e que, ainda assim, Judas o fez livremente) aplica-se aos que aceitam Cristo assim como aos que o rejeitam. Veja este rápido exemplo:

1) Deus sabe todas as coisas.
2) Qualquer que seja a coisa que Deus conheça de antemão, ela deve acontecer (i.e., está predeterminada).[5]
3) Deus sabia de antemão que o apóstolo João aceitaria a Cristo.
4) Portanto, tinha de acontecer (como predeterminado) que João aceitaria a Cristo.

Mas aqui novamente a aceitação de João é livre. Simplesmente Deus, conhecendo tudo, predeterminou desde a eternidade que João livremente aceitaria Cristo.[6]

Mistério ou contradição?

A lei da não-contradição não exige que duas afirmações opostas não possam ser verdadeiras ao mesmo tempo e no mesmo sentido? Sim, naturalmente que exige.[7] Mas essas duas afirmações não são logicamente opostas.

Ilustremos novamente a harmonia entre predestinação e livre-escolha. Suponha que você não possa assistir ao seu esporte predileto ao vivo na TV. Então você o grava em vídeo. Quando você o assiste mais tarde, vendo o jogo todo e cada lance dele, você percebe que tudo está determinado e nada pode ser mudado. Não importa quantas vezes

você rebobine a fita, o resultado final, assim como cada lance acontecido no jogo, tudo foi escolhido livremente. Ninguém foi forçado a jogar. O mesmo evento foi tanto determinado quanto livre, ao mesmo tempo.

Alguém pode objetar que isso acontece somente porque o evento já ocorreu, e que, antes de jogo ter ocorrido, nada foi predeterminado. Em resposta, precisamos somente assinalar que, se Deus é onisciente, do ponto de vista de sua presciência o jogo *estava* predeterminado, porque ele sabia eterna e exatamente qual seria o resultado, embora *nós* não o soubéssemos. Portanto, se Deus tem um conhecimento antecipado infalível do futuro, incluindo nossos atos livres, cada coisa que venha a acontecer é predeterminada, até mesmo os nossos atos livres. Isso não significa que essas ações não sejam livres, mas simplesmente que Deus sabia como iríamos usar nossa liberdade — e que ele sabia *com certeza*.

Contudo, isso levanta novamente a questão da contradição. Como pode um mesmo e único evento ser livre e determinado ao mesmo tempo? A resposta, como Agostinho expressou já no começo de seu ministério, é que nossas ações livres são determinadas do ponto de vista da presciência de Deus, mas elas são livres da vantajosa posição de nossa escolha. Ele observou que "nem peca o homem precisamente porque Deus soube de antemão que havia de pecar". De fato, "não se põe em dúvida que o homem peca quando peca, justamente porque Aquele cuja presciência não pode enganar-se soube de antemão." Assim, "o próprio homem [...] se não quer, com certeza não peca; mas, se não quer pecar, também isso Ele o soube de antemão".[8] O que Tomás de Aquino acrescentou — "Cada coisa conhecida por Deus deve necessariamente existir" — é verdadeiro quando se refere à necessidade dos eventos contingentes.[9] Isso quer dizer que nossos atos são livres com respeito à nossa escolha, mas são também determinados com respeito à presciência que Deus tem deles.

Para demonstrar a razoabilidade dessa conclusão, considere novamente a lei da não-contradição. As afirmações baseadas em Atos 2.23

e João 10.17) — 1) "A morte de Jesus sobre a cruz foi determinada por Deus" e 2) "A morte de Jesus sobre a cruz foi livremente escolhida por ele próprio" — não são contraditórias porque são ditas numa relação (ou "sentido") diferente. A lei da não-contradição é quebrada somente quando duas afirmações logicamente opostas são feitas de uma mesma coisa ao mesmo tempo e *na mesma relação*. Mas essas afirmações são feitas numa *relação diferente*. Uma é feita em relação à presciência de Deus, e a outra, em relação à livre-escolha de Jesus.

Além disso, para ser contraditória, uma afirmação deve conter o que a outra nega. Elas devem ser logicamente opostas, o que não é o caso aqui. As duas afirmações simplesmente dizem: 1) Deus predeterminou a morte de Jesus; 2) Jesus livremente a escolheu. Essas afirmações não são logicamente contraditórias. O que seria contraditório: 1) Deus predeterminou a morte de Jesus; 2) Deus não a predeterminou. Igualmente, seria contraditório: 1) Jesus não escolheu a morte livremente; 2) Jesus realmente a escolheu livremente. Mas não há nenhuma contradição em dizer que ela foi predeterminada do ponto de vista de Deus e livre da perspectiva de Jesus. Ela é determinada *no sentido* em que Deus a previu. Todavia, é também verdadeiro, *em outro sentido*, que Jesus livremente a escolheu. Para ser contraditória, é necessário que uma afirmação seja falsa e verdadeira ao mesmo tempo e *no mesmo sentido*. Entretanto, nenhuma contradição lógica tem sido demonstrada entre a soberania divina e a livre-escolha humana.

Agora que vimos não haver nenhuma contradição entre a predeterminação de Deus e a livre-escolha do homem, resta explorar o relacionamento entre essas duas coisas. Há três idéias básicas que mostram a soberania divina e a responsabilidade humana quanto à presciência que Deus tem dos eventos.

TRÊS PERSPECTIVAS DE SOBERANIA E RESPONSABILIDADE

As três idéias básicas que examinaremos são representadas respectivamente pelos calvinistas extremados, calvinistas moderados e

arminianos modernos (wesleyanos).[10] Primeiro, vejamos o calvinismo extremado.

Calvinismo extremado: predeterminação a despeito da presciência

Descrição da idéia do calvinista extremado

Segundo essa idéia, a predeterminação de Deus é feita *a despeito de* sua presciência dos atos humanos livres. Deus opera com soberania tão inacessível que suas escolhas são feitas com total desconsideração das escolhas dos mortais. O puritano calvinista William Ames assevera:

> Não há presciência que seja pré-requisito ou pressuposta para o decreto da predestinação, além da simples inteligência que diz respeito a todas as coisas, visto que ela não depende de causa, razão ou condição exterior alguma, mas procede puramente da vontade dele, que predestina.

Além do mais, segundo Ames, Deus determina salvar quem ele quiser, sem levar em consideração se a pessoa escolhe crer ou não. O fato é que Deus dá a fé a quem ele quer. Sem essa fé, que é dom de Deus, ninguém poderia crer e nem haveria de crer. Para ser mais claro, o ser humano caído está tão morto em pecados que Deus deve primeiro regenerá-lo, antes mesmo de ele poder crer. Os mortos não crêem em nada: estão mortos![11]

Há um corolário importante para essa idéia. Se as escolhas livres não foram levadas em conta quando Deus elaborou a lista dos eleitos, então a graça irresistível vem sobre os que não desejam a salvação. Isso quer dizer que ninguém poderia dizer "não" no que diz respeito à própria salvação. Por conseguinte, o fato de alguma pessoa não ter escolhido amar, adorar e servir a Deus não fará nenhuma diferença para ele. Ele simplesmente "se apodera" dos que escolhe com seu poder irresistível e força-os a entrar em seu Reino, contra a vontade deles (v. cap. 5).

As raízes dessa idéia do calvinismo extremado são encontradas no Agostinho da velhice. Versões mais recentes se encontram nos escritos de John Gill, Jonathan Edwards, John Gerstner e R. C. Sproul. Visto que Agostinho veio a crer que os hereges poderiam ser forçados a crer *contra* a livre-escolha deles, ele não viu problema algum em Deus produzir o mesmo efeito nos eleitos (v. ap. 3).

Os problemas com o calvinismo extremado

Há, naturalmente, problemas sérios com essa posição. Primeiramente, ela envolve a negação da livre-escolha do ser humano (isto é, o poder da escolha contrária), que tem o apoio tanto da Escritura quanto do raciocínio sadio (v. cap. 2 e ap. 4). Como o próprio Agostinho anteriormente afirmou, "aquele que deseja é livre de compulsão...".[12] No final das contas, a pessoa que é coagida, seja externa ou internamente,[13] não tem escolha na própria salvação. Jonathan Edwards sustentava que "livre-escolha" é fazer o que nós desejamos, e é Deus quem nos dá o desejo. Mas visto que Deus somente dá o desejo para alguns (não para todos), isso conduz a outro problema.

Em segundo lugar, "a graça irresistível" viola o livre-arbítrio daquele que não a deseja, pois Deus é amor (1Jo 4.16), e o verdadeiro amor é persuasivo, mas nunca coercitivo. Jamais poderá haver um casamento forçado no céu. Deus não é como B. F. Skinner que, em sua teoria da conduta, modifica as pessoas fazendo que ajam contra a própria vontade. C. S. Lewis em dois pontos de seus escritos se opõe à idéia da "força irresistível" usada contra a vontade dos incrédulos.[14] Nas *Cartas do Diabo ao Seu Aprendiz*, Lewis conclui que "o *Irresistível* e o Indisputável são duas armas que a própria natureza de Seu plano [de Deus] o proíbe de utilizar. Sobrepor-se meramente a uma vontade humana [...] seria para Ele algo inútil. Ele não pode violentar, pode apenas persuadir".[15] No livro *The Great Divorce* [*O Grande Abismo*], Lewis tem outra passagem grandiosa mostrando como Deus, em última instância, respeita a livre-escolha com que equipou suas criaturas. Ele diz: "Há somente duas espécies de pessoas no final: aquelas

que dizem a Deus: 'Seja feita a tua vontade', e aquelas a quem Deus diz, no final: 'Tua vontade será feita'. Todos os que estão no inferno escolheram esta última. Sem esta auto-escolha não poderia haver inferno".[16]

A despeito de algumas inconsistências evidentes nessa questão (v. seus comentários sobre Lc 14.23), João Calvino enfrenta honestamente o ensino bíblico de que se pode resistir ao Espírito Santo. Ele reconhece que Estêvão disse dos judeus: "Povo rebelde, obstinado de coração e de ouvidos! Vocês são iguais aos seus antepassados: *sempre resistem ao Espírito Santo*" (At 7.51).[17] Calvino assinala: "Finalmente, é dito deles que estão *resistindo ao Espírito*, quando obstinadamente rejeitam o que ele diz pelos profetas". Calvino descreve essa resistência com frases como "obstinadamente rejeitam" e "fazem guerra contra Deus".[18] Mas, se é possível resistir à graça de Deus, então ela não é irresistível. Uma força irresistível usada por Deus nas criaturas livres seria violação tanto do amor de Deus quanto da dignidade do ser humano. Deus é amor. E o verdadeiro amor nunca força ninguém, seja externa, seja internamente. "Amor forçado" é contradição de termos.

Em terceiro lugar, a idéia do calvinista extremado conduz logicamente a uma negação da benevolência total de Deus, pois a Bíblia diz que "Deus é amor" (1Jo 4.16) e que ele "ama o mundo" (Jo 3.16). "Para com Deus não há acepção de pessoas" (Rm 2.11 [ARA]), não somente em sua justiça mas em todos os seus atributos, incluindo o amor (Mt 5.45). A verdade é que se Deus é um ser indivisível, sem composição de partes, como os calvinistas clássicos crêem,[19] então seu amor se estende a *toda* a sua essência, não apenas a parte dela. Em conseqüência, Deus não pode ser parcialmente amor; mas, se é todo-amoroso, então como pode amar somente alguns, a ponto de dar somente a eles o desejo de ser salvos? Se realmente ama a todos, por que não dá a todos o desejo de ser salvos? Segue-se, em análise final, que a razão pela qual alguns vão para o inferno é que Deus não os ama e não lhes dá o desejo de ser salvos. Mas, se a razão real pela qual vão para o inferno é que Deus não os ama, não os

regenera irresistivelmente e não lhes dá a fé para que creiam, então a falha deles em crer resulta verdadeiramente da falta de amor de Deus por eles (v. cap. 2).

Suponha que um fazendeiro encontre três rapazes se afogando na sua represa, onde ele colocou sinais claros proibindo nadar. Porém, vendo a patente desobediência deles, diz a si mesmo: "Eles violaram a advertência e quebraram a lei e, por causa disso, sofreram as merecidas conseqüências". Até aqui ele está manifestando seu senso de justiça. Mas se o fazendeiro continua: "Não vou fazer nenhuma tentativa de salvá-los", perceberíamos que alguma coisa está faltando em seu amor. Suponha, então, que, por capricho inexplicável, ele venha a declarar: "Embora esses rapazes estejam se afogando por causa de sua desobediência, pela boa vontade de meu coração vou salvar um deles e deixar os outros se afogar".[20] Em tal caso, certamente consideraríamos seu amor parcial e imperfeito.

Certamente esse não é quadro do Deus da Bíblia, que "tanto amou o mundo" (Jo 3.16) que enviou seu Filho para ser sacrifício, não somente pelos pecados de alguns, "mas também pelos pecados de todo o mundo" (1Jo 2.2); daquele cujo Filho "morreu pelos ímpios" (Rm 5.6) e não apenas pelos eleitos. Verdadeiramente, o Deus da Bíblia "deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade" (1Tm 2.4). O próprio Pedro fala dos que negaram "o Soberano que os resgatou" (2Pe 2.1; v. ap. 6).

Nem mesmo João Calvino foi um calvinista extremado nesse ponto (v. ap. 2), porque cria que, pela morte de Cristo, "todos os pecados do mundo foram expiados".[21] Comentando sobre "os muitos" por quem Cristo morreu, no texto de Marcos 14.24, Calvino declara: "A palavra *muitos* não significa uma parte do mundo somente, mas toda a raça humana".[22] Isso significa que pessoas como Jonathan Edwards, John Gerstner e R. C. Sproul, que crêem na expiação limitada, são mais extremados que o próprio João Calvino! Como conseqüência, ganharam o título de "calvinistas extremados".

Arminianismo: a predeterminação de Deus é baseada em sua presciência

Afirmação do pensamento arminiano

Embora seja discutível se Armínio quis dizer isso (v. cap. 6), é dito de alguns de seus seguidores wesleyanos que eles crêem saber Deus de antemão (por sua onisciência) apenas o que as pessoas hão de escolher, seja aceitando, seja rejeitando a salvação. Enquanto os "arminianos" wesleyanos crêem que a eleição é condicionada a uma fé prevista (v., de Richard Watson, *Theological Institutes*, v. 2, p. 350), alguns não crêem que o ato da eleição de Deus em si mesmo seja condicional. Ao contrário, sustentam que Deus incondicionalmente desejou que a salvação fosse recebida sob a condição da fé. Conseqüentemente, com base em sua presciência da livre-escolha de aceitar Cristo, Deus escolhe (elege) salvá-los. O ser humano é totalmente livre para aceitar ou rejeitar a Deus, não estando debaixo de qualquer coerção da parte dele, mesmo que Deus conheça todas as coisas e tenha o controle soberano de todo o universo. Ele sabia exatamente o que cada pessoa escolheria fazer, mesmo antes de criar o mundo. Em resumo, o ser humano é totalmente livre e, todavia, Deus está no controle completo do universo. Esse "controle" não é baseado na coerção dos fatos, mas no *conhecimento* do que os agentes livres haverão de fazer sob a influência de quaisquer meios persuasivos que Deus possa usar sobre eles.

Problemas com o pensamento arminiano

O pensamento arminiano enfrenta diversas dificuldades. Primeiramente, os dados bíblicos parecem dizer mais do que simplesmente que Deus *sabia* o que estava para acontecer. Parece que Deus realmente *determinou* o que haveria de acontecer e que ele mesmo assegura o cumprimento disso, operando eficazmente para fazer acontecer o que determinou que acontecesse. Como vimos anteriormente (no cap. 1), a soberania de Deus significa que ele está no controle de tudo que acontece, mesmo dos atos livres dos homens. Paulo estava "convencido

de que aquele que começou boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus" (Fp 1.6). E ainda: "Pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele" (Fp 2.13).

Em segundo lugar, se a escolha de Deus de salvar estivesse *baseada* nos que o escolhessem, então ela não se basearia na graça divina, mas nas decisões humanas. Isso foge do ensino geral das Escrituras sobre a graça (cf. Ef 2.8,9; Tt 3.5-7; Rm 11.6). É contrário ao ensino claro das Escrituras de que a salvação flui da vontade do homem. João diz que os crentes são filhos que "não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne *nem pela vontade de algum homem*, mas nasceram de Deus" (Jo 1.13). Paulo acrescenta que a salvação "não depende do desejo [vontade] ou do esforço humano, mas da misericórdia de Deus" (Rm 9.16).

Em terceiro lugar, em oposição ao pensamento molinista[23] do conhecimento médio,[24] que sugere que a presciência de Deus é dependente das escolhas livres, o pensamento clássico sobre Deus (sustentado tanto por calvinistas quanto por arminianos tradicionais) afirma que Deus é um Ser eterno e totalmente independente. Ele não depende de nada no universo criado para ser o que ele "é". Sendo um Ser simples (indivisível), o que quer que tenha é pelo que ele "é". Isso quer dizer que seus atributos são idênticos à sua natureza ou essência. Assim, se Deus *tem* conhecimento, é porque ele *é* conhecimento. Isso significa que, enquanto os objetos de seu conhecimento são distintos de sua natureza, o conhecimento que Deus tem deles é idêntico à sua natureza eterna e independente. Assim, o conhecimento de Deus é independente de qualquer coisa fora dele mesmo. Mas, se ele é totalmente independente, então o conhecimento de Deus não pode ser dependente de nossas escolhas.[25]

Finalmente, toda a idéia de haver uma seqüência cronológica ou mesmo lógica nos pensamentos de Deus é altamente problemática para a teologia evangélica. Ela vai de encontro à doutrina tradicional da simplicidade de Deus (indivisibilidade absoluta) sustentada por

Agostinho, Anselmo e Tomás de Aquino e legada aos evangélicos modernos por meio dos reformadores. A atenção divina não passa de pensamento a pensamento, porque seu conhecimento abarca tudo numa simples co-intuição espiritual. Porque se Deus é simples, os seus pensamentos não são seqüenciais, mas simultâneos. Ele não conhece as coisas de modo inferencial, mas intuitivo. De modo contrário, se Deus não é simples, então ele pode pensar com sucessão temporal. E, como alguns têm mostrado, se Deus é temporal, então é também espacial. Aliás, um Deus assim seria mesmo material (o que é contrário às Escrituras, p. ex., Jo 4.24). E, se Deus é limitado às esferas temporal e espacial, ele não pode pensar mais rápido que a velocidade da luz. Assim, ele não seria nem mesmo capaz de conhecer a totalidade do universo num determinado instante, para não falar no conhecimento infalível do futuro. Além do mais, se Deus é limitado, ele está sujeito à desordem e à lei da entropia (isto é, sua energia utilizável está diminuindo). Assim, em última instância, Deus seria exaurido.

Calvinismo moderado: a predeterminação de Deus é de acordo com sua presciência

Há uma terceira opção. Ela postula que a eleição divina não está *baseada* na presciência que ele tem dos atos livres do ser humano nem é exercida *a despeito dela*. Como as Escrituras declaram, somos "escolhidos *de acordo com o pré-conhecimento* de Deus" (1Pe 1.2). Isso quer dizer que não há nenhuma prioridade cronológica ou lógica de eleição e presciência, como John Walvoord perspicazmente comenta sobre 1Pedro 1.2, dizendo que o texto "não ensina uma ordem lógica da eleição em relação à presciência, mas o fato de que são coextensivas".[26] Em outras palavras, todos os aspectos do eterno propósito de Deus são igualmente atemporais.

Deus é um ser simples, sendo todos os seus atributos um com sua essência indivisível. Em conseqüência, tanto a presciência quanto a predeterminação são uma só coisa em Deus.[27] Tudo que Deus conhece também determina. E qualquer coisa que determina também conhece.

De modo mais apropriado, diríamos que Deus *determina conscientemente* e *conhece determinadamente* desde toda a eternidade tudo que acontece, incluindo todos os atos livres. Porque, se Deus é um ser eterno e simples, seus pensamentos devem ser eternamente coordenados e unificados.

Segundo o pensamento do calvinista moderado, o que quer que Deus escolha de antemão não pode ser baseado naquilo que ele pré-conhece. Nem pode o que pré-conhece estar baseado naquilo que *escolhe de antemão*. Esses dois atos de Deus devem ser simultâneos, eternos e coordenados. Assim, nossas ações são verdadeiramente livres, e Deus determina que sejam assim. Deus é totalmente soberano no sentido de que realmente determina o que ocorre e, todavia, o homem é completamente livre e responsável pelo que escolhe.

Avaliação do pensamento do calvinista moderado

A despeito do fato de os calvinistas moderados terem repetidamente afirmado seu pensamento e o considerado distinto da posição arminiana, e a despeito do fato de que os calvinistas extremados têm reconhecido essa confessada diferença, alguns preferem ignorá-la. Citando com aprovação seu mentor, John Gerstner, Sproul afirma: "Em Norman Geisler, o arminianismo implícito no dispensacionalismo[28] tornou-se explícito. [...] Geisler escreve: 'Deus salvaria todos os homens se pudesse [...] Deus alcançará o maior número no céu [que] ele puder'. Deus salvará tantos quantos Deus puder 'sem violar a livre escolha'. [...] Nenhum arminiano jamais havia sido tão específico em sua negação da doutrina calvinista [leia-se: "calvinismo extremado"] do que esse autodesignado calvinista dispensacionalista".[29] Essa afirmação concernente ao "arminianismo implícito no dispensacionalismo" revela ausência óbvia de conhecimento do pensamento dispensacionalista. Ele ignora as fontes primárias de material encontradas em L. Sperry Chafer, John Walvoord, C. C. Ryrie e outros expoentes do dispensacionalismo. As afirmações deles, facilmente verificáveis, sobre a questão da graça soberana de Deus e sua convincente rejeição ao arminianismo clássico

e ao pensamento wesleyano estão disponíveis a qualquer pesquisador. Uma olhada cuidadosa nessas fontes teria evitado tal afirmação desautorizada.

Se afirmar que Deus não viola a livre-escolha de qualquer ser humano a fim de salvá-lo é pensamento "arminiano", então todos os grandes da patrística, desde o começo, incluindo Justino, Ireneu, Atenágoras, Clemente, Tertuliano, Orígenes, Metódio, Cirilo, Gregório, Jerônimo, Crisóstomo e o Agostinho jovem até Anselmo e Tomás de Aquino (a quem Sproul admira muito) foram arminianos! (v. ap. 1). Além disso, se o pensamento sobre a reforma radical de Sproul está correto, então até os mais luteranos, que seguem Melâncton, e não a obra *Bondage of the Will* [*A escravidão da Vontade*] de Lutero, sobre esse ponto, são arminianos! Ainda mais, todos os calvinistas moderados, incluindo W. G. T. Shedd, Lewis Sperry Chafer, John Walvoord, Charles Ryrie, Fred Howe e muitos outros são arminianos — mesmo que essas pessoas se chamem calvinistas (ou calvinistas "moderados") e creiam nos quatro pontos do calvinismo em que Calvino cria (v. cap. 4 e ap. 2).

RESUMINDO

A predestinação de Deus e a livre-escolha do ser humano são um mistério, mas não uma contradição. Elas permanecem além da razão, mas não contra a razão. Isto é, elas não são incongruentes, mas também não podemos entender como se complementam. Apreendemos como cada uma delas é verdadeira, mas não compreendemos como ambas são verdadeiras.

Dos três pensamentos básicos sobre a relação entre predeterminação e livre-arbítrio, dois têm problemas sérios. Conforme o pensamento do teísmo clássico sobre Deus sustentado por calvinistas e arminianos tradicionais, Deus é onisciente, eterno, independente e indivisível em seu ser e essência. Mas Deus não pode ser dependente de nada para conhecer. Portanto, o pensamento dos molinistas e dos arminianos-wesleyanos de que a predeterminação que Deus faz dos

atos livres dos homens é dependente do conhecimento que tem de nossas escolhas livres não é possível.

Igualmente, o pensamento extremado de Deus predeterminando coisas a despeito de (ou sem levar em conta a) sua presciência não é plausível. A presciência de Deus e sua predeterminação não podem ser separadas. Deus é um ser simples (indivisível). Nele o conhecimento e a predeterminação são idênticos. Portanto, ele tinha de predeterminar de acordo com sua presciência. E deve ter presciência de acordo com sua predeterminação.[30]

Não há qualquer contradição em Deus predeterminando conscientemente e conhecendo pré-determinadamente tudo, desde a eternidade, exatamente o que haveríamos de fazer com nossos atos livres. Pois Deus *determinou* que as criaturas façam as coisas *livremente*. Ele não determinou que sejam *forçadas* a fazer atos *livres*. O que é forçado não é livre, e o que é livre não é forçado. *Em resumo, somos eleitos, mas livres.*

4

Evitando o calvinismo extremado (Parte I)

DEFINIÇÃO DE CALVINISMO EXTREMADO

Calvinista extremado é alguém que é mais calvinista que João Calvino (1509-1564), de cujos ensinos vem o termo. Visto ser possível argumentar que João Calvino não cria na expiação limitada (que Cristo morreu somente pelos eleitos; v. ap. 2), segue-se que os que o fazem são calvinistas extremados.[1] Embora as raízes de muitos pontos do calvinismo extremado possam ser traçadas até o período final da vida de Agostinho (v. ap. 3), seu começo no mundo moderno reporta-se a Teodoro Beza (1519-1605), discípulo de João Calvino e colaborador no Sínodo de Dort (1618-1619), em que formulou uma confissão calvinista em resposta aos seguidores de Jacó Armínio (1560-1609) no chamado Protesto Arminiano de 1610. Os calvinistas extremados são identificados com os seguintes ensinos:

Depravação total
Eleição incondicional
Expiação limitada

Graça irresistível
Perseverança dos santos*

É nosso propósito neste capítulo avaliar os primeiros dois pontos do calvinismo extremado com base nas Escrituras. Visto que é possível sustentar moderadamente esses "cinco pontos" (como o autor faz — v. cap. 7), esse capítulo servirá não somente como crítica direta ao calvinismo extremado, mas também como defesa indireta de um calvinismo mais moderado.

A DEPRAVAÇÃO TOTAL

O calvinismo extremado é distinto por um entendimento particular dos "cinco pontos", que mais ou menos permanecem ou caem juntos, particularmente o ponto quatro. Isto é, eles estão numa *unidade interdependente. Se um ponto é aceito, logicamente todos* devem ser aceitos. Igualmente, se um é rejeitado, logicamente todos serão.

O que a depravação total não implica para os calvinistas extremados

Para os calvinistas extremados, depravação total não significa que o ser humano é tão depravado quanto poderia ser. Nem significa que ele não possa fazer qualquer bem social ou doméstico, pois a maioria das pessoas é capaz de praticar bondades "horizontais" para com outras pessoas, como resultado da "graça comum" concedida por Deus a todos. Todavia, ele é incapaz de praticar qualquer bem espiritual ou "vertical" e, segundo o calvinismo extremado, é totalmente incapaz de iniciar, conseguir ou mesmo receber o dom da salvação sem a graça de Deus.

*Em inglês, as iniciais dessas cinco expressões resultam no acróstico TULIP — "tulipa". (N. do R.)

O que a depravação total implica para os calvinistas extremados

Os calvinistas extremados crêem que uma pessoa totalmente depravada está espiritualmente morta. Por "morte espiritual" entendem a eliminação de toda capacidade humana para entender ou responder a Deus, não apenas a separação de Deus. Além disso, os efeitos do pecado são intensivos (destruindo a capacidade de receber a salvação), e não extensivos (corrompendo a capacidade de receber a salvação). Enquanto muitos calvinistas extremados negam as implicações, o gráfico ilustra as diferenças:

Calvinista moderado	Calvinista extremado
Corrupção do bem	Destruição do bem
Efeitos extensivos do pecado	Efeitos intensivos do pecado
Nascido com propensão para pecar	Nascido com necessidade de pecar
Vontade humana diminuída	Vontade humana destruída

Os calvinistas extremados admitem que o ser humano caído tem vida biológica, mas negam que seja vivo em qualquer sentido de poder responder a Deus. Sua natureza é tão totalmente corrupta que o pecado é uma necessidade inevitável.[2] E, mesmo que a faculdade da vontade esteja presente, a capacidade de escolher seguir a Deus está destruída.

AVALIAÇÃO DOS VERSÍCULOS USADOS PARA DAR SUPORTE À IDÉIA DA DEPRAVAÇÃO TOTAL

Há muitos versículos usados pelos calvinistas extremados para dar apoio à sua posição, os quais examinaremos cuidadosamente.

Efésios 2.1

"Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados" (ARA; v. tb. Cl 2.13). Os calvinistas extremados observam que "homens mortos não podem fazer com que eles mesmos venham a viver".[3]

Eles precisam é de vida, pois um morto não pode dar vida a si mesmo. Pessoas mortas não podem nem mesmo crer que outra pessoa pode fazê-las viver novamente.

Resposta

Essa interpretação do calvinismo extremado do significado de "morte" é questionável. Primeiramente, morte "espiritual" na Bíblia é uma expressão forte, significando que seres caídos estão totalmente separados de Deus, mas não completamente anulados por ele. Como disse Isaías: "As suas maldades separam vocês do seu Deus" (Is 59.2). Em resumo, a morte não significa a destruição total da capacidade de ouvir e de responder a Deus, mas uma separação completa de Deus.

Em segundo lugar, mesmo estando espiritualmente "mortos", os não-salvos podem perceber a verdade de Deus. Em Romanos, Paulo declara enfaticamente que a verdade de Deus é "vista claramente" e "compreendida" por elas, de forma que são "indesculpáveis" (Rm 1.20). Adão e Eva ficaram espiritualmente "mortos" após ter comido do fruto proibido. Todavia, ainda puderam ouvir a voz de Deus e responder a ele (Gn 3.10). E isso não significava apenas ouvir sons tangíveis. A reação deles revela que entenderam o significado das palavras.

Em terceiro lugar, a palavra "mortos" é somente uma das muitas figuras de linguagem usadas para descrever o estado caído do ser humano. Esse estado é também descrito como "doença", que não implica falta de capacidade para ouvir ou responder a Deus (Mt 9.12). Em resumo, a depravação envolve a *corrupção* da vida, mas não a *destruição*. A imagem de Deus nos seres caídos está desfigurada, mas não apagada. Até mesmo os não-salvos são tidos como portadores da imagem de Deus (Gn 9.6). A imagem de Deus está desfigurada, mas não erradicada pelo pecado (v. Tg 3.9).

Em quarto lugar, se a expressão "mortos" diz respeito a uma espécie de aniquilação espiritual, antes que a uma separação, então a "segunda morte" (Ap 20.14) seria uma aniquilação eterna também — doutrina rejeitada pelos calvinistas extremados. Uma pessoa espiritualmente morta,

então, tem necessidade da vida espiritual que vem de Deus. Mas ela existe e pode conhecer e escolher. As faculdades que compõem a imagem de Deus não estão ausentes apenas são incapazes de iniciar e alcançar a própria salvação. Como alguém se afogando, uma pessoa caída pode alcançar e aceitar a corda de salvamento que lhe é lançada, embora não possa chegar a um lugar seguro por si própria.

Finalmente, na passagem paralela (Cl 2.12,13) Paulo fala dos que "estavam mortos em pecados e na incircuncisão da sua carne" como pessoas capazes de crer, pois fala deles como "ressuscitados [com Cristo] *mediante a fé* no poder de Deus".

João 1.12,13

"Aos que o receberam [a Cristo], aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne *nem pela vontade de algum homem*, mas nasceram de Deus." Conforme a interpretação que o calvinista extremado faz dessa passagem, o novo nascimento não resulta da decisão humana ou da livre-escolha — mas de Deus.

Resposta

Há pelo menos dois erros sérios nessa interpretação. Primeiro, o versículo 12 torna claro que o meio pelo qual esse novo nascimento é obtido é "*receber* [a Cristo]". Isso envolve um ato livre da vontade. O segundo é que essa passagem está simplesmente negando que haja outra fonte de novo nascimento que não seja o próprio Deus. Ele não vem "de" (gr.: *ek*) fontes humanas, como pais, marido ou nós mesmos. Ninguém pode salvar-nos, apenas Deus. Deus é *a fonte* pela qual o novo nascimento é dado (v. 13), mas o livre-arbítrio é o *meio* pelo qual ele é "recebido" (v. 12). É pela graça, mas "por meio da" (gr.: *diá*) fé, que somos salvos (Ef 2.8).

Romanos 9.16

"Isso *não depende do desejo ou do esforço humano*, mas da misericórdia de Deus." Para calvinistas extremados, essa parece ser uma evidência

inconfundível de que a salvação *não depende da vontade do homem*. R. C. Sproul mostra-se incautamente triunfante a respeito desse versículo, dizendo: "Esse versículo é absolutamente fatal para o arminianismo".[4]

Resposta

Novamente, a palavra grega para "de" aqui é *ek*, que significa "de dentro de". É uma referência à *fonte* da salvação, não ao *meio* pelo qual a recebemos — isso significa que recebê-la é um *ato livre* de nossa vontade (Jo 1.12; Ef 2.8 etc.). Todas as formas de calvinismo e arminianismo crêem que Deus foi quem iniciou a salvação, mesmo antes de o mundo começar (Ef 1.4). Somente Deus pode ser a fonte da "misericórdia" salvadora *de Deus*. Contudo, como a Bíblia indica em Romanos 9.22 e em outros lugares, podemos rejeitar a misericórdia de Deus (2Pe 3.9; At 7.51).

João 3.3,6,7

"Jesus declarou: 'Digo-lhe a verdade: Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não *nascer de novo*. [...] O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito. Não se surpreenda pelo fato de eu ter dito: É necessário que vocês *nasçam de novo*'". Várias outras passagens asseveram que o ser humano é totalmente depravado, de modo que tem de nascer de novo espiritualmente (v. 1Pe 1.3,23; 1Jo 5.4). Para os calvinistas extremados, a regeneração é a condição da fé, não o inverso. R. C. Sproul afirma que "o ponto cardeal da teologia reformada é a máxima: 'A regeneração precede a fé'". E acrescenta: "Não cremos a fim de nascermos de novo; somos nascidos a fim de que possamos crer"[5] (v. ap. 10).

Resposta

Não há discordância alguma em que o ser humano depravado precise ser nascido de novo, que receba um "eu" novo (Cl 3.10) e que seja tornado "nova criação" (2Co 5.17). A disputa é se isso vem por um ato de Deus à parte da livre-escolha do recebedor. Sobre esse ponto, o

texto aqui, como em outros lugares, indica que esse novo nascimento vem por meio de um ato de fé da parte do recebedor. Conforme essa passagem, é "todo o que nele crer " que obtém vida eterna (Jo 3.16). E, em 1João 5.4, "o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a *nossa fé* ". Embora preparado — não coagido — pela graça, o ato de fé é um ato do pecador, não um dom de Deus somente para os eleitos (v. ap. 5 e 6).

João 6.65

Jesus "prosseguiu: 'É por isso que eu lhes disse que ninguém pode vir a mim, a não ser que isto lhe seja dado pelo Pai'". Sproul comenta: "A passagem ensina pelo menos isto: não está dentro da capacidade natural do ser humano caído vir a Cristo por si próprio, sem algum tipo de assistência divina".[6]

Resposta

Os calvinistas moderados e os arminianos concordam com isso. Como o próprio Sproul admite, a questão *real* é: "Será que Deus deu a capacidade de vir a Jesus a todas as pessoas?".[7] A resposta é que não há nada aqui ou em outro lugar que diga que Deus limita seu desejo de proporcionar capacidade para alguns crerem. Para ser mais explícito, a Bíblia é clara em que ele é paciente, "não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento" (2Pe 3.9), e que ele "deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade" (1Tm 2.4; v. tb. Ez 18.32).

1Coríntios 2.14

"Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente." Esse texto é usado pelos calvinistas extremados para apoiar a idéia de que os não-regenerados não podem entender o evangelho ou as verdades espirituais da Escritura.

Resposta

Essa interpretação, contudo, falha ao observar que o verbo "aceitar" (gr.: *dekomai*) significa "dar as boas-vindas". O texto simplesmente afirma que, apesar de *perceber* a verdade (Rm 1.20), ele não a *aceita*. Não há nenhuma disposição de dar boas-vindas no coração às coisas que ele conhece em sua mente. Ele tem a verdade, mas a está detendo ou suprimindo (Rm 1.18). Não faz sentido algum dizer que o não-salvo não pode entender o evangelho antes de ser salvo. Ao contrário, o Novo Testamento inteiro indica que ela não pode ser salva a menos que entenda e creia no evangelho.

A depravação total deve ser entendida de maneira *extensiva* antes de ser vista como *intensiva*, a saber, que o pecado se estende à totalidade da pessoa, "o espírito, a alma e o corpo" (1Ts 5.23), não apenas a uma parte dela. Contudo, se a depravação destruiu a capacidade do ser humano de distinguir o bem do mal e de escolher o bem antes que o mal, então teria destruído a capacidade do ser humano de pecar. Se a depravação total fosse verdadeira no sentido intensivo (leia-se: calvinista extremado), seria a destruição da capacidade do ser humano de se tornar depravado. Pois um ser sem faculdades morais e sem capacidades morais não é, de forma alguma, um ser moral. Em vez disso, é amoral, e nenhuma postura moral pode ser esperada dele.

Mas isso não é o que a Escritura ensina. Em uma passagem paralela, Paulo fala dos incrédulos como sendo "obscurecidos no entendimento e separados da vida de Deus *por causa* da ignorância em que estão, *devido ao endurecimento do seu coração*". Isso implica um ato livre e deliberado pelo qual perderam "toda a sensibilidade" (Ef 4.18,19). Em outras palavras, sua condição de caídos e a conseqüente perda da sensibilidade não são somente o resultado de serem nascidos daquele modo, mas também porque escolheram ser daquele modo.

Tito 1.15

Os calvinistas extremados também citam Paulo, dizendo: "Para os puros, todas as coisas são puras; mas para os impuros e descrentes,

nada é puro. De fato, tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas". Aqui novamente, o ser humano caído parece incurável e inevitavelmente ímpio.

Resposta

Contudo, Paulo torna claro que a condição depravada é também resultado da livre-escolha deles. No versículo imediato, ele diz que são "desobedientes" (Tt 1.16). O ser humano caído está em trevas, mas isso acontece porque ele ama as trevas, e não a luz (Jo 3.19). O amor é uma escolha. Assim, ele é condenado porque não crê (Jo 3.18), não o inverso.

Em última instância, as pessoas são condenadas por duas razões: primeira, porque nascem com natureza pecaminosa, que as coloca a caminho do inferno; segunda, porque escolhem não se preocupar com os sinais de advertência junto ao caminho que trilham, dizendo a elas para se arrepender (Lc 13.3; At 17.30). Isso significa que pecam inevitavelmente (embora não necessariamente),[8] porque nasceram com natureza pecaminosa *e* se encontram numa condição pecaminosa na qual estão atadas pelos pecados, porque escolheram estar nessa condição. No próprio texto citado em apoio ao pensamento calvinista extremado, Paulo declara que o ser humano caído é "descrente" (Tt 1.15).

João 8.44

"Vocês pertencem ao pai de vocês, o Diabo, e querem realizar o desejo dele." Desse versículo, os calvinistas extremados concluem que o ser humano caído não pode evitar pecar porque é, por natureza, "filho do Diabo" (1Jo 3.10), que "o aprisionou" (2Tm 2.26).

Resposta

É verdade que os incrédulos pertencem ao Diabo e que "o mundo todo está sob o poder do Maligno" (1Jo 5.19). Mas disso não se segue que não temos livre-escolha nesse assunto. Jesus disse: "Digo-lhes a verdade: *Todo aquele que vive pecando* é escravo do pecado" (Jo 8.34).

Aliás, nesse texto citado para dar suporte ao pensamento calvinista extremado, observe que Jesus diz: "[...] Vocês *querem* realizar o desejo dele" (Jo 8.44). É por escolha própria que seguem o Diabo.

Ezequiel 36.26

"Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne." Isso é usado como base para a idéia de que o ser humano é tão depravado que Deus lhe deu um novo coração antes mesmo que pudesse responder ou crer em Deus.

Resposta

A conclusão do calvinismo extremado nesse texto não é justa por diversas razões. Primeira, no contexto a passagem está falando profeticamente a respeito da "casa de Israel" retornando à "própria terra" nos últimos dias (v. 17). E, num texto similar, é dito claramente que a condição empedernida do coração deles foi resultado de livre-escolha. Ezequiel havia dito anteriormente: "Livrem-se de todos os males que vocês cometeram, e *busquem um coração novo e um espírito novo*" (Ez 18.31). Em outra ocasião, Deus disse por meio de Jeremias: "*Voltaram as costas* para mim e não o rosto; embora eu os tenha ensinado vez após vez, *não quiseram ouvir-me nem aceitaram a correção*. Profanaram o templo que leva o meu nome, *colocando* nele as imagens de seus ídolos" (Jr 32.33,34). Mas quando se voltaram para Deus, ele disse: "Farei com que me temam de coração, para que jamais se desviem de mim" (Jr 32.40).

Em segundo lugar, como muitas outras passagens indicam, o retorno de Israel depende do arrependimento. Moisés escreveu: "Quando todas essas bênçãos e maldições que coloquei diante de vocês lhes sobrevierem, e elas os atingirem onde quer que o SENHOR, o seu Deus, os dispersar entre as nações, *e quando vocês e os seus filhos voltarem para o* SENHOR, o seu Deus, *e lhe obedecerem de todo o coração* e de toda a alma, de acordo com tudo o que hoje lhes ordeno, então o SENHOR, o

seu *Deus, lhes trará restauração*, terá compaixão de vocês e os reunirá de todas as nações por onde os tiver espalhado" (Dt 30.1-3). Está claro que a restauração era dependente do arrependimento deles. Eles tinham de mudar a mente antes de Deus lhes mudar o coração.

Finalmente, Deus disse que "daria" esse novo coração a eles. Mas essa dádiva deveria ser recebida por um ato da vontade. O dom da salvação é recebido pela fé. Como Paulo disse: "Vocês são salvos pela graça, *por meio* da fé" (Ef 2.8). A salvação vem por meio da fé; a fé não vem por meio da salvação.

Em nenhum lugar da Bíblia é dito que a fé é dada para que somente alguns creiam (v. ap. 5). Ao contrário, todos são chamados por Deus para crer e se arrepender. Paulo disse: "No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora *ordena que todos, em todo lugar, se arrependam*" (At 17.30). Ao carcereiro de Filipos foi dito como é dito a todos os incrédulos (Rm 10.13; Jo 3.16): "*Creia* no Senhor Jesus, e serão salvos..." (At 16.31). A implicação clara dessa e de outras passagens bíblicas falando de como recebemos a salvação é a certeza de que existe algo que todos podem e devem fazer, não algo que só alguns devem esperar obter de Deus antes de poder fazer algo.

Efésios 2.3

"Anteriormente, todos nós também vivíamos entre eles [os que vivem na desobediência], satisfazendo as *vontades da nossa carne*, seguindo os seus desejos e pensamentos. Como os outros, éramos *por natureza* merecedores da ira." Com base nessa passagem e em outras semelhantes (cf. Jo 8.44), os calvinistas extremados argumentam que não podemos evitar agir segundo nossa natureza, assim como porcos não podem parar de agir como porcos e cães como cães. O pecado é inevitável.

Resposta

Primeiramente, mesmo se o pecado fosse inevitável para o pecador, não é inevitável ser pecador. Há uma saída para não pecar. O pecador

pode crer e ser salvo (Jo 3.16; At 16.31). Nessa mesma passagem, somos informados de que a salvação é recebida "por meio da fé" (v. 8).

Além disso, é erro entender que a depravação torna o pecado uma necessidade. O próprio Agostinho, antepassado do moderno calvinismo, disse: "Em virtude [do pecado], a natureza humana piorou e se transmitem aos seus descendentes o próprio pecado e a necessidade da morte".[9] Observe que ele não disse que somos nascidos com a necessidade de pecar, mas somente com o próprio pecado, isto é, com propensão ou inclinação para o pecado. O pecado em geral é inevitável, mas cada pecado em particular é evitável — pela graça de Deus. Alguém pode sempre se tornar um crente, e para o crente há sempre um modo de escapar do pecado (1Co 10.13).

Salmos 51.5

"Sei que *sou pecador desde que nasci*, sim, desde que me concebeu minha mãe" (Sl 51.5). Desse texto, os calvinistas extremados concluem que não podemos jamais evitar o pecado, visto que somos nascidos desse modo e não podemos evitá-lo.

Resposta

É verdade que somos nascidos em pecado (Jó 15.14; Sl 58.3) e que herdamos de Adão a inclinação para o pecado (Rm 5.12). Por conseguinte, enganamos a nós mesmos se dizemos que não temos natureza pecaminosa (1Jo 1.8). Mas não se segue disso uma *tendência* ingênita para pecar ou que o pecado seja uma *necessidade* em nós. Entre outras, ser nascido em pecado significa pelo menos três coisas: 1) somos nascidos com propensão para pecar; 2) somos nascidos com necessidade de morrer; 3) foi imputada a nós a culpa legal do pecado de Adão (Rm 5.12-21), culpa que foi removida pela obra de Cristo, o último Adão (Rm 5.18,19).

Mesmo algumas das passagens mais fortes sobre a depravação humana falam dela também como uma questão de escolha humana: "Todos *nós,* tal qual ovelhas, *nos desviamos, cada um de nós se voltou*

para o seu próprio caminho; e o SENHOR fez cair sobre ele a iniqüidade de todos nós" (Is 53.6);"*Somos como o impuro — todos nós!* Todos os nossos atos de justiça são como trapo imundo. Murchamos como folhas, e como o vento *as nossas inqüidades nos levam para longe*" (Is 64.6); "*Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis*; não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer" (Rm 3.12).

Os calvinistas extremados gostam de citar Romanos 9 (ver resposta anterior neste capítulo), mas freqüentemente fazem vista grossa às implicações dos versículos 11 e 12: "*Antes que os gêmeos nascessem ou fizessem qualquer coisa boa ou má* — a fim de que o propósito de Deus conforme a eleição permanecesse, não por obras, mas por aquele que chama — foi dito a ela: 'O mais velho servirá ao mais novo'". Esse texto torna claro que, embora sejamos nascidos em pecado, antes do nascimento nenhum pecado pessoal é cometido. Eles são cometidos somente após alguém ter idade suficiente para conhecer a diferença entre o bem e o mal (Is 7.15). "Disse Jesus: 'Se vocês fossem cegos, não seriam culpados de pecado; mas agora que dizem que podem ver, a culpa de vocês permanece'" (Jo 9.41).

Romanos 8.7-9

"A mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, *nem pode fazê-lo*. Quem é *dominado pela carne não pode agradar a Deus*. Entretanto, vocês *não estão sob o domínio da carne*, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo." Essas palavras parecem dizer que os não-salvos não estão livres para não pecar. Isto é, que o pecado vem necessariamente de sua real natureza pecaminosa. Pecamos porque somos pecadores por natureza, em vez de nos tornarmos pecadores porque pecamos.

Resposta

É verdade que somos pecadores por natureza, mas essa velha natureza não faz o pecado *necessário* em nós mais do que uma nova natureza

torna os bons atos necessários. A velha natureza somente torna o pecado *inevitável*, não necessário. Novamente, Agostinho disse que somos nascidos com propensão para o pecado, mas não com necessidade de pecar. Se o pecado fosse necessário, não seríamos responsáveis por ele (v. cap. 2), o que a Bíblia declara que somos (Rm 3.19). Além disso, Paulo torna claro nessa seção de Romanos que nossa escravidão ao pecado é fruto de livre-escolha: "Não sabem que, quando vocês *se oferecem a alguém para lhe obedecer como escravos*, tornam-se escravos daquele a quem obedecem: escravos do pecado que leva à morte, ou da obediência que leva à justiça?" (Rm 6.16). Somos nascidos com a tendência para pecar, mas podemos escolher ser escravos do pecado ou não.

Romanos 3.10,11

"Não há nenhum justo, nem um sequer; não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus." Romanos 10.20 acrescenta: "Fui achado por aqueles que não me procuravam; revelei-me àqueles que não perguntavam por mim". Realmente, muitos versículos indicam que ninguém vem a Deus a menos que ele o traga (v. Jo 6.44,65) e que é *Deus* que *nos* procura (Lc 19.10).

Resposta

O calvinista moderado (e o arminiano) não tem nenhum problema com a tradução desses versículos. É Deus quem *inicia* a salvação. "A salvação vem do SENHOR" (Jn 2.9). "Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1Jo 4.19). Nós o procuramos, então, somente porque ele primeiro nos buscou. Contudo, como resultado da obra de convencimento do Espírito Santo no "mundo" (Jo 16.8) e da "bondade de Deus" (Rm 2.4), algumas pessoas são levadas ao arrependimento. Igualmente, como resultado da graça de Deus, alguns o procuram. Hebreus declara que "sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa *aqueles que o buscam*" (Hb 11.6). Deus é encontrado pelos

que o procuram, todavia, quando o encontram, descobrem que ele os procurou primeiro.

2Coríntios 3.5

"Não que possamos reivindicar qualquer coisa com base em nossos próprios méritos, mas a nossa capacidade vem de Deus." Jesus acrescenta: "Sem mim vocês não podem fazer coisa alguma" (Jo 15.5). Esses e outros versículos semelhantes são usados pelos calvinistas extremados para mostrar que nossa depravação é tal que somos incapazes até mesmo de responder ao evangelho, sem o poder de Deus.

Resposta

Esses versículos provam somente que não podemos *obter* a salvação por vontade própria. Eles não demonstram que não podemos *receber* o dom da salvação. Além disso, os calvinistas moderados não negam que a graça de Deus opera nos não-regenerados para levá-los à fé. Negam que qualquer obra seja irresistível àquele que não a quer (v. a seguir) ou que Deus dá fé somente ao eleito, sem a qual ninguém será salvo (v. ap. 5).

COMO EVITAR A VISÃO CALVINISTA EXTREMADA DA ELEIÇÃO INCONDICIONAL

A segunda premissa do calvinismo extremado é a da eleição incondicional, pela qual se quer dizer que não há absolutamente quaisquer condições para a eleição divina de alguns para a salvação. Não há condições, seja para o dom da salvação de Deus, seja para recebê-lo.

Estranhamente, mesmo alguns calvinistas extremados, como R. C. Sproul, parecem reconhecer essa distinção. Diz ele: "Devemos ser cuidadosos em distinguir entre as condições que são necessárias para a salvação e as condições que são necessárias para a eleição...". E acrescenta: "Há toda sorte de condições que precisam ser cumpridas para que alguém possa ser salvo. [Afirmação estranha para alguém que crê

que a salvação é pela 'fé somente'!] A principal delas é que devemos ter fé em Cristo" (*Eleitos de Deus*, p. 138).[10] Contudo, quando entendemos que mesmo a fé para crer é "dom incondicional ao eleito", a chamada "condição" da fé elimina a possibilidade de uma condição real para o ser humano. É uma "condição" somente no sentido de que Deus tem de colocá-la ali antes que a justificação ocorra.

AVALIAÇÃO DOS VERSÍCULOS USADOS PARA DAR SUPORTE À IDÉIA DA ELEIÇÃO INCONDICIONAL

Muitos textos são apresentados pelos calvinistas extremados para dar apoio à sua idéia de que a eleição é totalmente incondicional tanto para Deus quanto para o ser humano. Os versículos seguintes são os que mais freqüentemente aparecem.

Efésios 1.5-11

Deus "nos predestinou para sermos adotados como filhos, por meio de Jesus Cristo, *conforme o bom propósito da sua vontade*". Também "nos revelou *o mistério da sua vontade, de acordo com o seu bom propósito* que ele estabeleceu em Cristo". E ainda: "Nele fomos também escolhidos, tendo sido *predestinados* conforme o plano daquele que faz todas as coisas *segundo o propósito da sua vontade...*" (1.5,9,11).

Resposta

Os calvinistas moderados concordam em que não há nada que nos ligue ao dom da salvação — ela é incondicional. Quando a eleição ocorreu — antes da fundação do mundo (Ef 1.4) — os eleitos não haviam nem mesmo sido criados ainda. Deus elegeu os seus, sem quaisquer condições que precisassem ser preenchidas pelos eleitos.

Entretanto, a questão não é se há quaisquer condições para Deus *conceder* a salvação, mas se existe alguma condição para o homem *receber* a salvação. E aqui a Bíblia parece ser muito enfática em que a fé é a condição para receber o dom da salvação de Deus. Somos justificados

pela fé (Rm 5.1). Devemos "*crer* no Senhor Jesus Cristo" a fim de sermos salvos (At 16.31). "Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa *crer* que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam" (Hb 11.6).

Romanos 8.28

"Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram *chamados de acordo com o seu propósito.*" Aqui, outra vez, a eleição é incondicional do ponto de vista de Deus. Não há nada fora de Deus que o mova a isso.

Resposta

Que esses e outros textos mostram a natureza incondicional da eleição do modo de ver de Deus não há o que contestar. Mas a questão não é se a eleição é incondicional do ponto de vista do *doador*, mas se há condições para o *recebedor*.

Esse e outros textos da Escritura revelam que a eleição está relacionada à presciência. Romanos 8.29, diz: "Aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou". E 1Pedro 1.2 anuncia que as pessoas são escolhidas *"de acordo com o pré-conhecimento de Deus* Pai". Isso quer dizer que Deus é a Fonte incondicional da eleição e que a eleição é feita com plena presciência de todas as coisas. Mas já demonstramos que os eleitos livremente escolherão crer. A eleição não é *baseada* na presciência nem depende dela. Antes, está meramente *de acordo com* ela (v. cap. 3).

Uma ilustração ajuda: suponha que um jovem (a quem chamaremos Gil) tenha em vista o casamento e conheça duas jovens (a quem chamaremos Joana e Bete), das quais qualquer uma seria boa esposa para ele. Como cristão, ele tem basicamente três escolhas: 1) não propor casamento a nenhuma delas; 2) propor casamento a Joana; 3) propor casamento a Bete. Tenha em mente que o jovem não está debaixo de compulsão. Não há nada fora de sua vontade que exija dele escolher qualquer uma das três opções.

Suponha, além disso, que aconteça que o jovem soubesse de antemão que, se propusesse casamento a Joana ela aceitaria, mas se propusesse casamento a Bete ela não aceitaria. Suponha então que, de acordo com esse conhecimento prévio, Gil escolhesse propor casamento a Joana. Suponha até que soubesse que ela ficaria relutante a princípio, mas, por causa da persistência e do amor persuasivo dele, ela — livremente — acabaria aceitando. A decisão da parte dele foi inteiramente livre, sem coerção, não baseada em qualquer coisa fora dele próprio. Mas foi também uma decisão plena com o conhecimento da resposta, que ainda respeitou a livre-escolha da pessoa a quem decidiu propor casamento. Isso é análogo ao que os calvinistas moderados crêem a respeito da eleição incondicional de Deus.

Em contraste, usemos a mesma ilustração na posição dos calvinistas extremados. Eles diriam que, se Gil sabia de antemão que as duas mulheres recusariam sua proposta de casamento, a menos que fossem *coagidas, contra a vontade, a casar-se,*[11] *ele não teria de mostrar seu* amor a nenhuma delas. Ao contrário, poderia, por exemplo, decidir forçar Bete a casar-se com ele contra a vontade dela. Não diríamos que "amor forçado" é uma contradição de termos? Todavia, visto que Gil representa Deus na ilustração, não tornaríamos Deus alguém que força as pessoas, violando a integridade delas? Parece-me que isso é exatamente o que os calvinistas extremados estão afirmando (v. seção "A graça irresistível", no cap. 5).

Romanos 8.30

"Aos[12] que predestinou, também chamou; aos que chamou, também *justificou; aos que justificou, também glorificou.*" Muitos calvinistas extremados tomam essa "presciência" para se referir ao fato de que Deus amou de antemão.[13] Nesse caso, conhecer de antemão e escolher ou eleger seria a mesma coisa. Eles citam outras passagens na tentativa de apoiar esse pensamento (cf. Dt 7.7,8; Jr 1.5; Am 3.2; Mt 7.22,23). Se for assim, a presciência de Deus não teria qualquer referência à presciência de como o eleito responderia. Mas esse não é o caso, como nossa resposta mostra.

Resposta

Em primeiro lugar, mesmo que isso seja verdadeiro, é irrelevante, visto que os calvinistas extremados crêem na presciência infalível de Deus (v. Is 46.10) sem levar em conta o que esses versículos ensinam. E, se Deus pré-conhece infalivelmente, ele pré-conheceria o que as pessoas livremente haveriam de crer e ainda teria de decidir se as forçaria a crer nele ou se elegeria aqueles que ele sabia que poderiam ser persuadidos a aceitar sua graça livremente (v. cap. 3).

Em segundo lugar, há evidências seguras de que "pré-conhecer" não significa "escolher" ou "eleger" na Bíblia. Muitos versículos usam a mesma raiz grega (*ginosko*) para conhecimento de pessoas onde não há relacionamento pessoal: Mateus 25.24 — "Eu sabia que o senhor é um homem severo, que colhe onde não plantou e junta onde não semeou"; João 2.24 — "Jesus não se confiava a eles, pois conhecia a todos"; João 5.42— "Conheço vocês. Sei que vocês não têm o amor de Deus" (v. tb. Jo 1.47; Sl 139.1,2,6).

Além disso, "conhecer" usualmente não significa "escolher", nem no Antigo nem no Novo Testamento. Das 770 vezes em que a palavra hebraica "conhecer" (*yada*) é usada no Antigo Testamento, a tradução grega — a *Septuaginta* — utiliza a palavra *ginosko* cerca de quinhentas vezes. E no Novo Testamento essa palavra é usada cerca de 220 vezes, sendo que a vasta maioria delas não significa "escolher".[14] Além disso, até os poucos textos usados pelos calvinistas extremados (v. Os 13.5; Gn 18.17-19; Jr 1.5,6; Am 2.10-12; 3.1-4) são duvidosos,[15] visto que mostram haver um relacionamento envolvido — não meramente uma escolha, mas também um relacionamento estabelecido por uma escolha. De outra forma, por que Deus lhes pediria para 'andarem juntos' (Am 3.1-4), após dizer que os "conhecia" (Os 13.5 [ARA])?[16]

Mais que isso, "pré-conhecer" (gr.: *proginosko*) é usado no Novo Testamento para um conhecimento antecipado dos eventos: "Amados, *sabendo disso,* guardem-se para que não sejam levados pelo erro dos que não têm princípios morais, nem percam a sua firmeza e caiam" (2Pe 3.17; v. tb. At 2.23; 1Pe 1.18-20). Assim, a equiparação que os

calvinistas extremados fazem entre conhecer de antemão e amar de antemão não pode acontecer.

Finalmente, a expressão "escolhidos" por Deus é usada a respeito de pessoas que não são eleitas. Judas, por exemplo, foi "escolhido" por Cristo, mas não era um dos eleitos: "Jesus respondeu: 'Não fui eu que os escolhi, os Doze? Todavia, um de vocês é um diabo!'" (Jo 6.70). Israel foi escolhido como nação, mas nem todo israelita individual será salvo (v. Rm 9.7,27-29).

Além disso, mesmo se alguém pudesse demonstrar que algumas vezes "presciência" significa "escolher de antemão" (como poderia ser interpretado Rm 11.2), isso não comprova a idéia da eleição incondicional dos calvinistas extremados. Pois ainda permanece a questão de Deus ter ordenado um ato da livre-escolha como meio de receber sua graça incondicional.

1Coríntios 1.27-29

"*Deus escolheu* o que para o mundo é loucura para envergonhar os sábios, e escolheu o que para o mundo é fraqueza para envergonhar o que é forte. *Ele escolheu* o que para o mundo é insignificante, desprezado e o que nada é, para reduzir a nada o que é, a fim de *que ninguém se vanglorie diante dele.*" Os calvinistas extremados argumentam que, se a salvação de algum modo dependesse de nós, então poderíamos nos jactar. Mas, visto que não podemos nos jactar, a salvação não depende de nós de modo algum — nem mesmo de nossa fé.

Resposta

Primeiramente, nem essa nem qualquer outra passagem da Escritura afirma que a fé não seja uma condição necessária para receber o dom da salvação de Deus. A verdade é que muitas passagens dizem que a fé é condição para receber a salvação (v. Jo 3.16; At 16.31; Rm 5.1). Segundo, é um erro crer que o exercício da fé ou confiança na completa provisão de Deus para nossa salvação seja base para jactância. Como condição para a salvação, a fé é oposta às obras e as obras

são opostas à fé. Porque "àquele que não trabalha, mas confia em Deus, que justifica o ímpio, sua fé lhe é creditada como justiça" (Rm 4.5). *"Onde está, então, o motivo de vanglória? É excluído. Baseado em que princípio?* No da obediência à Lei? Não, mas *no princípio da fé*" (Rm 3.27). A salvação, então, pode ser um dom incondicional de Deus, embora seja condicionada a um ato de fé de nossa parte.

Mateus 11.27

"Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, *e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aqueles a quem o Filho o quiser revelar.*" Parece claro nesse versículo que somente aqueles a quem Jesus *escolhe* (conhecidos como "os eleitos") conhecerão o Pai de modo pessoal.

Resposta

Isso é certamente verdade, e é reconhecido pelos que se opõem ao calvinismo extremado. A questão, então, é se alguém tem de estar desejoso de receber essa revelação antes que venha a conhecer a Deus pessoalmente. A resposta aqui está no contexto, e o mesmo vale para as outras referências. Nessa passagem, Jesus convida seus ouvintes: "Venham a mim [...] Tomem sobre vocês o meu jugo" (v. 28,29). Em outro lugar, ele repreende incrédulos por não serem desejosos de vir a ele: "Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas *vocês não quiseram*" (Mt 23.37). Deus escolhe somente revelar-se pessoalmente *aos que o desejam*. Jesus disse: "*Se alguém decidir fazer a vontade de Deus*, descobrirá se o meu ensino vem de Deus ou se falo por mim mesmo" (Jo 7.17). É digno de nota também que o texto *não diz* que Jesus deseja somente revelar o Pai a alguns. Verdadeiramente, Deus deseja que todos sejam salvos (Mt 23.37; 2Pe 3.9).

João 15.16

"*Vocês não me escolheram, mas eu os escolhi* para irem e darem fruto, fruto que permaneça." Parece evidente que Jesus afirma que somos escolhidos por ele, não o inverso. Em conseqüência, nossa eleição é incondicional.

Resposta

O contexto aqui favorece a interpretação de que os doze discípulos foram escolha de Jesus, e não fala da escolha dos eleitos por Deus para a salvação eterna. Afinal de contas, Jesus está falando aos onze apóstolos (Jo 15.8; 16.17). Além disso, a palavra "escolhidos" é usada a respeito de pessoas que não são eleitas. Judas, por exemplo, foi "escolhido" por Cristo, mas não era dos eleitos: "Jesus respondeu: 'Não fui eu que os escolhi, os Doze? Todavia, um de vocês é um diabo!" (Jo 6.70).[17]

2Tessalonicenses 2.13

"Devemos sempre dar graças a Deus por vocês, irmãos amados pelo Senhor, *porque desde o princípio Deus os escolheu para serem salvos* mediante a obra santificadora do Espírito e a fé na verdade."

Resposta

Como acontece com muitas outras passagens, não há debate algum com os calvinistas extremados quanto ao fato de os eleitos serem escolhidos incondicionalmente por Deus. Mas eles deixam de observar que os versículos citados declaram que a salvação veio a nós "mediante a fé na verdade". Em resumo, somos eleitos, *mas livres* — o que é uma posição diretamente oposta à conclusão dos calvinistas extremados (v. cap. 2 e ap. 5).

Em resumo, o erro do calvinismo extremado com respeito à "eleição incondicional" está em não aderir à idéia da eleição incondicional do modo de ver do doador (Deus), associada a uma condição para o

recebedor — a fé.[18] Isso, por sua vez, está baseado na noção errônea de que a fé é um dom somente para os eleitos (v. ap. 6), que não exercem escolha alguma ao recebê-la.

ALGUNS PENSAMENTOS FINAIS

O calvinismo extremado, como representado pelos tradicionais "cinco pontos", foi demonstrado como carente de suporte bíblico para os primeiros dois desses pontos: depravação total e eleição incondicional. Em contraste, vimos que o pensamento dos calvinistas moderados nesses pontos (v. cap. 7 e ap. 5 e 7) está de pleno acordo com a Escritura. Para completar o nosso estudo, voltamo-nos agora para os três últimos dos tradicionais "cinco pontos": expiação limitada, graça irresistível e perseverança dos santos.

5

Evitando o calvinismo extremado (Parte II)

No capítulo precedente, examinamos os primeiros dois dos "cinco pontos" (que em inglês formam o acróstico TULIP — "tulipa") em que crêem os calvinistas radicais: depravação total e eleição incondicional. Analisaremos neste capítulo os últimos três: expiação limitada, graça irresistível e perseverança dos santos.

A EXPIAÇÃO LIMITADA

Os calvinistas extremados argumentam que a expiação é limitada porque os objetos da morte de Cristo são sempre os crentes, nunca os incrédulos. Além disso, afirmam que, se Cristo tivesse pago o preço pela salvação de todos os incrédulos, todos teriam sido salvos. Em outras palavras, argumentam que a rejeição à expiação limitada conduz ao universalismo (a crença de que todos, sem exceção, serão salvos), o que, naturalmente, é contrário à Escritura (v. Mt 25.41; 2Ts 1.7-9; Ap 20.10-15).

AVALIAÇÃO DOS VERSÍCULOS USADOS PARA DAR SUPORTE À IDÉIA DA EXPIAÇÃO LIMITADA

Muitos versículos são citados pelos calvinistas para dar apoio à idéia de que Cristo não morreu por toda a raça humana, mas somente pelos eleitos. Os seguintes são os mais usados:

Mateus 1.21

Nesse texto, um anjo aparece a José e afirma que "ela [a virgem Maria] dará à luz um filho, e você deverá dar-lhe o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados". Junto com esse, diversos outros versículos são usados para indicar que Jesus morreu somente pelos crentes: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos" (Jo 15.13); "Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue" (At 20.28); "Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela" (Ef 5.25); "[Jesus Cristo] se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras" (Tt 2.14); "Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará, juntamente com ele, e de graça, todas as coisas? Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica" (Rm 8.32,33).

Resposta

Primeiramente, deve ser observado que há uma falácia lógica na argumentação de que, 1) se Cristo morreu pelos crentes, 2) ele não morreu pelos incrédulos.

Segundo, para expor de outra forma, enquanto o texto declara: 1) Cristo morreu pelos que estão na Igreja, ele não diz: 2) Cristo morreu *somente* pelos que pertencem à Igreja. Por exemplo, só porque digo que

gosto de meu amigo Carlos, isso não quer dizer que eu não goste de meu vizinho Léo. O fato de eu ter afirmado gostar de Carlos de modo algum deve ser entendido como exclusão de meu apreço por Léo.

Finalmente, o Novo Testamento afirma claramente que Deus ama a todos e que Cristo realmente morreu por todos: "Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito" (Jo 3.16); "Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo" (1Jo 2.2); "Deus, nosso Salvador, [...] deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade" (1Tm 2.3,4). Muitos outros versículos dizem a mesma coisa (v. ap. 6).

Efésios 5.25

"Maridos, ame cada um a sua mulher, *assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela.*" A asserção, nesse caso, é que o foco do amor de Cristo é somente a Igreja, não os incrédulos. O texto não diz que Cristo amou e morreu pelo "mundo", mas somente por sua noiva, a Igreja.

Resposta

Há boas razões para o fato de que Cristo ama a Igreja não significar que ele não ama também o mundo. O fato de que amo minha mulher não significa logicamente que eu tenha falta de amor por outras pessoas. Ele simplesmente coloca um foco especial de meu amor por alguém que é especial em minha vida.[1]

Em segundo lugar, a esposa de Cristo — a Igreja — é um corpo composto de todas as pessoas que aceitam Cristo (Jo 1.12) e são batizadas pelo Espírito Santo em um corpo (1Co 12.13). A porta para a verdadeira Igreja está aberta a todos os que querem entrar e ser parte desse grupo especial que experimenta seu amor especial. Porque "Deus [...] amou o mundo" (Jo 3.16) e, assim, querendo que todos se tornem participantes do relacionamento que Cristo tem com sua noiva, "o Espírito e a noiva dizem: 'Vem!' E todo aquele que ouvir diga:

'Vem!' Quem tiver sede, venha; e quem quiser, beba de graça da água da vida" (Ap 22.17).

Efésios 1.4

"Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença." A Bíblia também assevera que Cristo é "o Cordeiro que foi morto desde a criação do mundo" (Ap 13.8). Por causa disso, argumenta-se que Cristo, o Cordeiro, foi sacrificado somente pelos eleitos. Morrer por alguém além dos eleitos seria um desperdício, porque somente os eleitos serão salvos. Deus sabia e escolheu antes de o mundo começar exatamente os que eram eleitos.

Resposta

O fato de que somente os crentes foram escolhidos em Cristo antes do tempo ter começado não significa que Cristo não tenha morrido por todos os seres humanos. Deus sabia exatamente quem haveria de crer, visto que ele conhece todas as coisas de antemão (Is 46.10; Rm 8.29). Pedro diz que os crentes são "escolhidos de acordo com o pré-conhecimento de Deus Pai" (1Pe 1.2). Paulo afirma que, "aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou" (Rm 8.29). A expiação é limitada em sua aplicação, mas não é limitada em sua extensão. Certamente, essa passagem não diz que ela é limitada em seu escopo, e muitas outras passagens (v. a seguir) nos dizem que ela não o é (v. ap. 6).

1Coríntios 15.3

"O que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos *nossos pecados*, segundo as Escrituras" (v. tb. Jo 10.11; Rm 4.25; 2Co 5.21). O ponto afirmado pelos calvinistas extremados é que, quando a Bíblia diz que Cristo morreu por alguém, ela identifica esse grupo como crentes, por expressões como "nós", "nosso" ou "por nós".

Resposta

Poucos ensinos são mais evidentes no Novo Testamento que estes: Deus ama todas as pessoas, Cristo morreu pelos pecados de todos os seres humanos (cf. 1Tm 2.4-6; 1Jo 2.2; 2Pe 2.1) e Deus deseja que todos sejam salvos (v. ap. 6). Que somente crentes sejam mencionados em algumas passagens como o objeto da morte de Cristo não prova que a expiação seja limitada em sua extensão, por diversas razões:

Primeiramente, quando a Bíblia usa termos como "nós", "nossos" ou "nos" com referência à expiação, diz respeito somente àqueles a quem a expiação foi *aplicada*, não a todos a quem ela foi *proporcionada*. Fazendo assim, ela não limita a expiação em sua aplicação possível a todas as pessoas. Antes, fala de alguns a quem a expiação já foi aplicada.

Em segundo lugar, o fato de Jesus amar sua noiva e morrer por ela (Ef 5.25) não significa que Deus não ama o mundo todo e que não deseja que todos sejam parte de sua noiva, a Igreja. Realmente, como os versículos a seguir mostrarão, "Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito" (Jo 3.16). E Jesus desejou que todos os seus compatriotas judeus fossem salvos (Mt 23.37), como também Paulo (Rm 9.1,2; 10.1,2).

Em terceiro lugar, esse raciocínio despreza o fato de que há muitas passagens declarando que Jesus morreu por mais gente do que simplesmente pelos eleitos (v. Jo 3.16; Rm 5.6; 2Co 5.19), como discutiremos em detalhes em outro lugar (novamente, v. ap. 6).

João 5.21

"Da mesma forma que o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, *o Filho também dá vida a quem ele quer.*" Esse versículo é algumas vezes usado pelos calvinistas extremados na tentativa de provar a expiação limitada pela qual Cristo dá vida espiritual somente aos eleitos.[2]

Resposta

Primeiramente, se essa interpretação fosse verdadeira, ela contradiria o ensino claro de outros textos em João (Jo 3.16) e em outros

lugares (1Jo 2.2; 2Pe 2.1). Todos os verdadeiros calvinistas, seguindo Calvino, crêem que a Bíblia é a Palavra de Deus e que ela não se contradiz. Em segundo lugar, o uso da expressão "da mesma forma" nesse texto indica que o Filho está fazendo a mesma coisa que o Pai faz, e o Pai "ressuscita os mortos". Dessa forma, não é uma referência à salvação, mas à ressurreição dos mortos. Finalmente, a ressurreição, nesse capítulo de João, refere-se a "todos os que estiverem nos túmulos" (v. 28), tanto salvos quanto não-salvos (v. 29). Por conseguinte, a ressurreição para a vida não está limitada aos eleitos: ambos, salvos e não-salvos, são ressuscitados.

João 17.9

"Eu rogo por *eles. Não estou rogando pelo mundo*, mas por aqueles que me deste, pois são teus." O "eles" é claramente uma referência aos discípulos (v. 6). Os calvinistas extremados afirmam que Jesus explicitamente negou estar orando pelo "mundo" dos incrédulos. Se essa afirmação é verdadeira, seria um apoio ao ensino de que a expiação é limitada aos eleitos, os únicos por quem Cristo orou. É argumentado que isso se encaixa com o pensamento da expiação limitada.

Resposta

Diversas coisas importantes devem ser observadas em resposta a esse argumento. Em primeiro lugar, o fato de Cristo somente orar pelos eleitos nessa passagem não prova em si mesmo que nunca tenha orado pelos não-eleitos. Se, como os calvinistas extremados admitem, Jesus, como homem, pode ter recebido respostas negativas às suas orações,[3] então ele pode ter orado por alguns não-eleitos, mesmo que essa prática não esteja registrada nas Escrituras. Muitas coisas Jesus fez que não foram registradas (v. Jo 21.25).

Em segundo lugar, Cristo orou por não-eleitos. Sua oração: "Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo" (Lc 23.34) indubitavelmente incluía tais pessoas.[4] Ainda mais, Jesus indiretamente orou pelo mundo, instando: "Peçam ao Senhor da colheita que mande

trabalhadores para a sua colheita" (Lc 10.2), mesmo sabendo que nem todos seriam salvos (Mt 13.28-30). Na verdade, ele chorou por causa dos incrédulos (Mt 23.37) e orou para que incrédulos fossem salvos (Jo 11.42).

Em terceiro lugar, mesmo que Jesus não tivesse orado pelos não-eleitos, ainda outras passagens do Novo Testamento revelam que o apóstolo Paulo o fez, e ele nos exorta a fazer o mesmo. Exclamou ele: "Irmãos, o desejo do meu coração e a minha oração a Deus pelos israelitas é que eles sejam salvos" (Rm 10.1), embora soubesse que somente um remanescente seria salvo (Rm 11.1-5). Ele acrescenta em outro lugar: "Antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por *todos os homens*" — não apenas os eleitos (1Tm 2.1).

Em quarto lugar, mesmo se pudesse ser demonstrado que Cristo não orou pelos não-eleitos, isso não quer dizer que não os tenha amado e que não tenha morrido pelos seus pecados. Uma oração especial por aqueles que se tornariam crentes é compreensível (Jo 17.20), mas isso não prova que ele não ama o mundo, mais que minha afirmação "Oro diariamente por meus filhos" prova que não amo todas as crianças do mundo. Meus filhos possuem um lugar especial em minhas orações, exatamente como os discípulos de Cristo ocupavam um lugar especial nas orações dele. O fato importante é que Jesus queria que todo o mundo fosse parte de sua família (Mt 23.37; 1Tm 2.4-6; 2Pe 3.9).

Romanos 5.15

"Se muitos morreram por causa da transgressão de um só, muito mais a graça de Deus, isto é, a dádiva pela graça de um só homem, Jesus Cristo, transbordou para *muitos*!" Também, "por meio da desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim também, por meio da obediência de um único homem *muitos* serão feitos justos" (Rm 5.19). Os calvinistas extremados insistem em que em ambos os casos o benefício da morte de Cristo é somente para "os muitos" (os eleitos), mas não para "todos" (v. Hb 9.28).

Resposta

Em resposta a esse argumento, é digno de nota que a palavra "muitos" em Romanos 5 é usada em contraste com "um só" (Adão ou Cristo), não em contraste com "todos". Para ser preciso, o termo "muitos" é usado indistintamente com "todos". Isso é evidente por diversas razões: 1) o termo "todos" é usado nessa mesma passagem (v. 12,18) como indistinto de "muitos"; 2) em um caso, os dois termos se referem à mesma coisa: no versículo 15, "muitos morreram" refere-se à mesma coisa que o versículo 12, onde "a morte veio a todos" como resultado do pecado de Adão; 3) o contraste é entre "um" e "todos" (v. 18), exatamente como no versículo seguinte é entre "um" e "muitos" (v. 19); 4) se "muitos" significa somente "alguns" como na expiação limitada, então somente algumas pessoas, não todas, são condenadas por causa do pecado de Adão. Por exemplo, o versículo 19 declara que, "como por meio da desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim também, por meio da obediência de um único homem muitos serão feitos justos". Todavia, todos os verdadeiros calvinistas crêem na universalidade do pecado. Pela mesma lógica, com a mesma palavra, no mesmo versículo, deveriam crer na extensão universal da expiação.

Marcos 10.45 (v. tb. Mt 26.28)

"Nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos." Essa e muitas outras passagens do Novo Testamento ensinam uma expiação substitutiva (1Co 15.3; 2Co 5.21; 1Pe 2.21; 3.18). Mas os calvinistas extremados insistem em que a lógica exige que, se Cristo morreu por todos, todos devem ser salvos. Porque se Cristo os substituiu em seus pecados, então pagou por eles e todos estão livres. Mas a Bíblia ensina que nem todos serão salvos (v. Mt 25.40,41; 2Ts 1.7-9; Ap 20.10-15). Portanto, argumentam que Cristo não poderia ter morrido pelos pecados de toda a raça humana.

Resposta

Em primeiro lugar, essa conclusão não é realmente produto de uma exposição dessas passagens — que não dizem nada a respeito da expiação limitada. Antes, são uma referência especulativa. Em segundo lugar, a inferência não é logicamente necessária. Se um benfeitor compra um presente e o oferece livremente a uma pessoa, isso não significa que ela *tem de* recebê-lo. Igualmente, se Cristo pagou pelos nossos pecados, isso não significa que *tenhamos* de aceitar o perdão dos pecados pagos com seu sangue.

Em terceiro lugar, a palavra "muitos" é novamente usada para significar "todos". É "muitos" em contraste com "poucos", e não "muitos" em contraste como "todos". Como foi mencionado há pouco, "muitos" e "todos" são usados indistintamente (v. Rm 5.12-19). O estudioso do Novo Testamento grego mais amplamente aceito conclui que *polloi* ("muitos") tem o significado abrangente de "todos" em passagens cruciais sobre a redenção.[5] Jesus disse que "muitos" ("todos") são chamados, mas "poucos" são escolhidos (Mt 22.14).

Finalmente, o fato de que a morte de Cristo tornou todos (e cada um) *passíveis de salvação* não significa que cada um seja *salvo*. Sua morte na cruz *tornou possível* a salvação para todos, mas não tornou a salvação *real* — não até que a recebessem pela fé. Isso não deveria ser difícil para um calvinista extremado entender. Pois, embora os eleitos sejam *escolhidos* em Cristo, o Cordeiro morto antes da criação do mundo (Ap 13.8; Ef 1.4), eles não são realmente *salvos* até que Deus os regenere e santifique. Antes do momento temporal em que são regenerados, os eleitos não são salvos realmente, apenas potencialmente. A salvação, então, pode ser *providenciada* para todos sem que seja *aplicada* a todos. Há bastante pão da vida colocado sobre a mesa por Cristo para o mundo todo, embora saibamos que somente os eleitos partilham dele. A água da vida existe para quem (todos) a queira beber (Jo 4.14), embora muitos se recusem a fazê-lo.

João 1.9

"Estava chegando ao mundo a verdadeira luz, que ilumina todos os homens." Alguns calvinistas pensam que esse versículo dá suporte à expiação limitada, visto que as expressões "mundo" e "todos os homens" não podem se referir à totalidade da raça humana. Se esse fosse o caso, todos seriam salvos. Mas, visto que outros textos das Escrituras claramente repudiam o universalismo (v. Mt 25.41; Ap 20.10-15), essas expressões devem referir-se aos eleitos espalhados pelo mundo.

Resposta

Há diversas razões para que esse texto não se refira somente aos eleitos, mas ao mundo caído como um todo. A primeira é que é consistente com o uso genérico da palavra "mundo" em todos os escritos de João (v. Jo 3.16-18; 1Jo 2.1,2,15-17). A segunda é que essa interpretação é apoiada pelo contexto (v. 10,11), onde João diz que Jesus não foi reconhecido ou recebido pelo mundo em geral. Em terceiro lugar, o fato de a luz (Cristo) ter sido manifestada ao "mundo" não significa que ela foi aceita por todos. Aliás, os versículos imediatos indicam que ela não o foi. Porque "aquele que é a Palavra estava no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam" (Jo 1.10,11).

Romanos 9.11-13

"Antes que os gêmeos nascessem ou fizessem qualquer coisa boa ou má — a fim de que o propósito de Deus conforme a eleição permanecesse, não por obras, mas por aquele que chama — foi dito a ela: 'O mais velho servirá ao mais novo.' Como está escrito: 'Amei Jacó, mas rejeitei ["me aborreci de", ARA] Esaú'". Essa é a passagem favorita dos calvinistas extremados, porque ela parece dizer que Deus não somente ama apenas o eleito, mas também que até odeia o não-eleito (v. ap. 7).

Resposta

Poucos textos da Escritura são tão usados indevidamente pelos calvinistas extremados como esse.[6] Em primeiro lugar, Deus não está falando aqui do *indivíduo* Jacó, mas a respeito da *nação* de Jacó (Israel). Em Gênesis, quando a predição foi feita (25.23), foi dito a Rebeca: "Duas *nações* estão em seu ventre, já desde as suas entranhas dois *povos* se separarão; [...] o mais velho servirá ao mais novo". Assim, a referência aqui não é à eleição *individual,* mas a uma eleição *coletiva,* de uma nação — a nação escolhida de Israel.[7]

Em segundo lugar, sem levar em conta a eleição coletiva de Israel como nação, cada indivíduo tem de aceitar o Messias a fim de ser salvo. Paulo disse: "Eu até desejaria ser amaldiçoado e separado de Cristo por amor *de meus irmãos, os de minha raça*" (Rm 9.3). Um pouco adiante ele acrescenta: "Irmãos, o desejo do meu coração e a minha oração a Deus pelos israelitas é que eles sejam salvos" (Rm 10.1). Mesmo dizendo mais adiante que no final dos tempos "todo o Israel será salvo" (Rm 11.26), ele está se referindo ao Israel daquela época. No tempo presente, sem dúvida, existe apenas um "remanescente". Assim, mesmo que a nação fosse eleita, cada indivíduo teria de aceitar a graça de Deus *pela fé* para ser salvo (11.20).

Em terceiro lugar, o "amor" de Deus por Jacó e o "ódio" por Esaú não dizem respeito a esses homens antes que nascessem, mas a muito tempo após terem vivido. A citação em Romanos 9.13 não é de Gênesis, quando eles viveram (c. 2000 a.C.), mas de Malaquias 1.2,3 (c. 400 a.C.), muito depois de terem morrido! Os atos maus praticados pelos edomitas aos israelitas são muito bem documentados no Antigo Testamento (v. Nm 20). E é por causa disso que é dito que Deus odeia esse país. Aqui, novamente, isso não significa que nenhum indivíduo desse país venha a ser salvo. Aliás, há crentes tanto de Edom (Am 9.12) quanto do país vizinho, Moabe (Rt 1), assim como haverá pessoas no céu de toda tribo, raça, língua, povo e nação (Ap 7.9).[8]

Em quarto lugar, a palavra hebraica para "odiei" ("rejeitei") na verdade significa "amar menos". Um sinal disso vem da vida do próprio

Jacó. A Bíblia diz que Raquel "era a sua [de Jacó] *preferida*. [...] o SENHOR viu que *Lia era desprezada* [lit. "odiada"]" (Gn 29.30,31). "A primeira expressão indica um afeto forte e positivo, e a segunda, não ódio ativo, mas meramente um amor menor."[9]

O mesmo é verdadeiro no Novo Testamento, quando Jesus disse: "Se alguém vem a mim e não *aborrece* [i.e., "odeia"] a seu pai, e mãe [...], não pode ser meu discípulo" (Lc 14.26, ARA). Uma idéia paralela é expressa em Mateus 10.37: "Quem *ama* seu pai ou sua mãe *mais do que a mim* não é digno de mim". Assim, mesmo um dos mais fortes versículos usados pelos calvinistas extremados não prova que Deus odeia o não-eleito ou mesmo que não o ame. Significa simplesmente que o amor de Deus pelos que recebem a salvação parece ser muito maior que seu amor pelos que a rejeitam, a ponto de, em comparação, esse amor parece ser ódio.

Algumas ilustrações confirmam isso. O mesmo gesto de carinho que faz um gatinho ronronar pode parecer ódio se você passa a mão no sentido contrário. Igualmente, a pessoa que fica debaixo das grandes cataratas do amor de Deus com sua vasilha de cabeça para baixo pode vir a reclamar que ela está vazia. Ao passo que outra pessoa, cuja vasilha esteja com a boca para cima, talvez pareça estar recebendo um tratamento mais amoroso. Na realidade, o amor expresso de Deus é o mesmo, tanto para o crente quanto para o incrédulo. Ele é simples e pacientemente esperado por aqueles que se arrependem (i.e., pelos que viram a vasilha de boca para cima). O amor *expresso* é o mesmo tanto para o crente quanto para o incrédulo; o amor *recebido* é maior para o crente.[10]

1Coríntios 15.22

"Da mesma forma como em Adão todos morrem, em Cristo todos serão vivificados." Alguns calvinistas extremados afirmam que a palavra "todos" deve significar "somente os eleitos" nesse texto. Palmer escreveu: "Embora esteja claro que cada pessoa no mundo morreu em Adão (Rm 5.12), *é igualmente claro que cada pessoa no mundo não*

morreu em Cristo. Há muitas pessoas que não foram crucificadas em Cristo. Elas o odeiam".[11] Assim, por mais estranho que pareça, a expressão "*todos* serão vivificados" é entendida pelos calvinistas extremados como dando apoio à expiação limitada.

Resposta

Há, ao menos, três razões por que esse texto *não dá* apoio à expiação limitada. A primeira é que, nesse versículo, "todos" significa "todos". "Todos" não significa "alguns". Esse é o padrão quando a palavra "todos" é usada no contexto da salvação no Novo Testamento. Em segundo lugar, há uma conexão lógica estreita entre os dois "todos" na passagem. É admitido que o primeiro "todos" signifique literalmente "todos os seres humanos caídos". Em terceiro lugar, como acontece com João 5.21, esse texto *não* está falando a respeito de salvação, de forma alguma, e sim à ressurreição de todas as pessoas. Ele afirma que, em virtude da ressurreição de Cristo, "todos serão vivificados", isto é, ressuscitados. O que esse texto está dizendo é que nem todos serão ressuscitados para a *salvação*; alguns são ressuscitados para a *condenação* (Jo 5.21-29).

A evidência de que 1Coríntios 15.22 está falando de ressurreição e não de salvação está clara no contexto. O texto é introduzido por estas palavras: "Cristo *ressuscitou dentre os mortos*, sendo ele as primícias dentre aqueles que dormiram. Visto que a morte veio por meio de um só homem, também *a ressurreição dos mortos* veio por meio de um só homem" (v. 20,21). Na realidade, o capítulo todo diz respeito à ressurreição física dos mortos.

1Pedro 3.18

"*Cristo sofreu pelos pecados* uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus." E ainda: "Ele mesmo levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, a fim de que morrêssemos para os pecados e vivêssemos para a justiça; por suas feridas vocês foram curados" (1Pe 2.24). Esses e muitos outros textos da Escritura

(v. 2Co 5.21) indicam uma expiação substitutiva (v. Is 53). Todavia, muitos advogados da expiação limitada insistem em que, se Cristo substituiu todos, todos têm de ser salvos. Visto que, naturalmente, todos os calvinistas crêem que somente alguns, e não todos, serão salvos, segue-se que, para os calvinistas extremados, Cristo deve ter morrido unicamente pelos eleitos.[12] Eles freqüentemente apontam para a obra de John McCleod Campbell, *The Nature of the Atonement* [*A Natureza da Expiação*] (1856), como demonstração da incompatibilidade da expiação universal com a expiação substitutiva.[13]

Resposta

A primeira coisa a ser observada é que essa objeção é uma forma de discurso especial de defesa, baseada numa concepção diferente de substituição. Naturalmente, se a substituição é automática, cada pessoa de quem Cristo é substituto automaticamente será salva. Mas a substituição não precisa ser automática; uma penalidade pode ser paga sem que seja automaticamente efetivada. Por exemplo, o dinheiro pode ser dado para pagar o débito de um amigo, sem que a pessoa esteja desejosa de recebê-lo. Aqueles, iguais a mim, que aceitam a expiação substitutiva, mas rejeitam a expiação limitada simplesmente crêem que o pagamento que Cristo fez pelos pecados de toda a humanidade não a salva automaticamente; apenas a tornou passível de ser salva. Ela não aplicou automaticamente a graça salvadora de Deus à vida das pessoas; apenas satisfez a Deus, tornando-o favorável (propício) a eles (1Jo 2.2), à espera da fé da parte deles para poderem receber a salvação como dom incondicional de Deus, o que foi tornado possível pela expiação de Cristo.[14]

O DEUS DOS CALVINISTAS EXTREMADOS NÃO É REALMENTE TODO-AMOROSO

A verdade nua e crua nesta discussão é que o Deus do calvinismo extremado não é todo-amoroso. A expiação limitada necessariamente significa que Deus tem somente amor limitado. No sentido redentor,

ele ama somente o eleito. Ele não ama realmente todos os pecadores nem deseja que sejam salvos. Só o que ele deseja salvar obtém a salvação: apenas o eleito. R. C. Sproul, o proponente popular da expiação limitada, entende o dilema: "Os não-eleitos é que são o problema. Se alguns não são eleitos para a salvação, então parece que Deus não é todo-amoroso para com eles". Na verdade, Deus não ama a todos eles com respeito à salvação. Se os amasse, seriam parte dos eleitos porque, de acordo com os calvinistas extremados, todos os que Deus quer que sejam salvos serão salvos. A resposta de R. C. Sproul para "o problema" é chocante. Segundo seu argumento, dizer que Deus deveria ter amado o mundo, como fez com os eleitos, é entender que "Deus está na obrigação de ser gracioso para com os pecadores. [...] Deus pode dever justiça às pessoas, mas nunca misericórdia".[15]

Mas como isso pode ser? Tanto a justiça quanto a misericórdia (ou amor) são atributos de um Deus infinito e imutável. Deus, por sua verdadeira natureza, manifesta a todas as suas criaturas o que flui de todos os seus atributos.[16] Assim, conquanto *não haja nada no pecador* que o faça merecer o amor de Deus, não obstante, *existe alguma coisa em Deus* que o move a amar todos os pecadores, a saber, que Deus é todo-amoroso (todo-benevolente).[17]

Em conseqüência disso, o calvinismo extremado é, na prática, uma negação do Deus todo-benevolente.[18]

Não adianta dizer que Deus deu "uma oportunidade a todos os homens para serem salvos se quiserem". Sproul admite que "o calvinismo presume que, sem a intervenção de Deus, ninguém jamais quererá Cristo. Entregue a si mesmo, ninguém jamais escolherá Cristo".[19] Todavia, o Deus dos calvinistas extremados, que pode dar esse desejo a todos, deliberadamente se recusa a dá-lo a alguns, exceto a uns poucos eleitos. Há alguma coisa muito errada com esse quadro!

Charles Spurgeon era um calvinista radical, todavia sua confissão é instrutiva com respeito à expiação limitada: "Não sabemos por que Deus propôs salvar uns e não outros. [...] Não podemos dizer

por que seu amor a todos os homens não é o mesmo amor que é dirigido aos eleitos".[20] Na verdade, até mesmo dizer que Deus deseja que todos os homens sejam salvos é uma incoerência com a expiação limitada. Como pode Deus desejar algo contrário ao seu propósito eterno e imutável? E, se Deus ama somente os eleitos, então ele não é todo-benevolente. *Deus não pode ser todo-amoroso se não ama a todos.*

A raiz do problema aqui é filosófica. Os calvinistas extremados têm uma idéia voluntarista do amor de Deus: Deus pode querer amar, e não amar (odiar) a quem quiser. Mas se é assim, Deus não é essencialmente amor nem todo-amoroso. No calvinismo extremado, uma ação torna-se correta (seja amor ou não) simplesmente porque Deus a quer. Mas isso é tanto uma negação da natureza imutável de Deus quanto uma nódoa definitiva no caráter de Deus (v. ap. 12 para uma discussão mais detalhada).

O voluntarismo do calvinismo extremado reduz a "essência" de Deus a uma vontade arbitrária. Considere esta afirmação reveladora de John Piper: "Para colocar isso de modo mais preciso, *a glória de Deus e sua natureza essencial consistem, principalmente em dispensar misericórdia (mas também ira, Êx 34.7) a quem quer que lhe agrade, à parte de qualquer coação originada fora de sua vontade. Essa é a essência do que significa ser Deus. Esse é seu nome*".[21]

Mas esse evidentemente *não* é o nome de Deus. Seu nome é o eterno, o imutável "Eu Sou" (Êx 3.14; v. tb. Ml 3.6). O nome representa o caráter ou a essência da pessoa, na Bíblia. O nome de Deus não é sua vontade — certamente não a arbitrária, que não está enraizada ou presa à sua natureza imutável.

A GRAÇA IRRESISTÍVEL

Outra convicção essencial do calvinismo extremado é a graça irresistível, embora alguns se sintam desconfortáveis com o termo e usem outro mais brando, como "graça eficaz".

AVALIAÇÃO DOS VERSÍCULOS USADOS PARA DAR SUPORTE À IDÉIA DA GRAÇA IRRESISTÍVEL

Muitas passagens na Bíblia são empregadas para dar suporte à idéia da "graça irresistível". Elas merecem exame mais cuidadoso. Entre elas estão as seguintes:

Romanos 9.15

"Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão." E também: "*Eu* [Deus], *porém, endurecerei o coração de Faraó* e [...] Faraó não vos ouvirá" (Êx 7.3,4 [ARA]). Esses versículos são usados para reforçar a idéia de que o faraó não possuía escolha real naquela matéria (v. Jo 12.36*s*). Supostamente, quando Deus movesse o coração para cumprir seu propósito, o faraó não poderia resistir.

Resposta

Deus não endureceu o coração do faraó contrariamente à livre-escolha do próprio faraó. A Escritura deixa claro que o faraó endureceu o próprio coração. Ela declara que o coração do faraó "se endureceu" (Êx 7.13; cf. tb. v. 14,22), que "o faraó [...] obstinou-se em seu coração" (8.15) e que o "coração do faraó permaneceu endurecido" (8.19). E, quando Deus enviou a praga das moscas: "Também dessa vez o faraó obstinou-se em seu coração" (8.32). Essa frase (ou frases semelhantes) é repetida várias vezes (v. 9.7,34,35). É verdade que Deus disse de antemão o que haveria de acontecer (Êx 4.21), mas mesmo assim o fato é que o faraó endureceu o próprio coração (7.13; 8.15 etc.); somente mais tarde é que Deus o endureceu (v. 9.12; 10.1,20,27).[22] Além disso, foi a *misericórdia* de Deus que ocasionou o endurecimento do coração do faraó, porque cada vez que pedia a Moisés para suspender a praga, ele se firmava mais em seu pecado, por aumentar a própria culpa e por tornar mais fácil rejeitar a Deus da próxima vez.

Ademais, a palavra hebraica para "endurecer" (*chazaq*) pode significar e freqüentemente significa "fortalecer" (Jz 3.12; 16.28) ou mesmo

"encorajar" (cf. Dt 1.38; 3.28).[23] Tomada nesse sentido, ela não teria qualquer conotação sinistra, mas simplesmente afirmaria que Deus fez o faraó se fortalecer para levar a cabo a própria vontade (a do faraó) contra Israel.

Contudo, mesmo que a palavra seja tomada com o forte significado de endurecer, o sentido no qual Deus endureceu o coração do faraó pode ser igualado ao modo em que o sol endurece o barro e também derrete a cera. Se o faraó tivesse sido receptivo às advertências de Deus, seu coração não teria sido "endurecido" por Deus. Quando Deus deu ao faraó um alívio das pragas, ele tirou proveito da situação: "Quando o faraó percebeu que houve alívio, obstinou-se em seu coração e não deu mais ouvidos a Moisés e a Arão, conforme o SENHOR tinha dito" (Êx 8.15). Assim, há um sentido em que Deus endurece os corações, e um sentido em que ele não os endurece.[24] Esse mesmo raciocínio se aplica a outros textos que falam de Deus endurecendo uma pessoa em sua incredulidade (v. Jo 12.37*s*).

Finalmente, as passagens paralelas de Paulo apóiam a idéia de que é o homem que inicia o endurecimento, não Deus. Romanos 2.5 assevera: "Por causa da sua teimosia e do seu coração obstinado, você está acumulando ira contra si mesmo, para o dia da ira de Deus, quando se revelará o seu justo julgamento".

Romanos 9.19

"Algum de vocês me dirá: 'Então, por que Deus ainda nos culpa? *Pois quem resiste à sua vontade?*'" Isso parece sugerir que o poder de Deus na salvação é simplesmente irresistível, sem levar em conta o desejo da pessoa.

Resposta

Em resposta, assinale-se primeiramente que a frase "quem resiste à sua vontade?" não é uma afirmação do autor bíblico, mas uma pergunta colocada na boca de um objetor. Observe a frase introdutória: "Algum de vocês me dirá". Um objetor similar é introduzido em

Romanos 3.8: "Por que não dizer como alguns caluniosamente afirmam que dizemos: 'Façamos o mal, para que nos venha o bem'?". Assim, a idéia de alguém não poder resistir à vontade de Deus pode não ser parte do ensino de Paulo tanto quanto o pensamento de que devemos praticar o mal para que o bem possa vir.

Além disso, Paulo rejeita claramente a postura do objetor no versículo imediato, dizendo: "Quem é você, ó homem, para questionar a Deus?" (Rm 9.20). Sua resposta sugere que o objetor pode resistir a Deus e lhe está resistindo quando levanta essa pergunta. E, muito mais importante, a sugestão direta é que, se ela é irresistível, então não podemos ser culpados.

Ademais, em Romanos 11.19,20, quando Paulo *concorda* com o objetor, ele escreve: "Está certo" (Rm 11.20). Não há tal afirmação em Romanos 9.[25]

Outro ponto a ser lembrado é que as coisas que eventualmente parecem "irresistíveis" agora não o foram no começo. Por exemplo, o pecado somente se torna inevitável quando alguém livremente rejeita o que é certo e sua consciência se torna endurecida ou cauterizada (v. 1Tm 4.2). Do mesmo modo, a justiça só se torna irresistível quando livremente cedemos à graça de Deus. Assim, a graça é somente irresistível ao que está desejoso dela, não ao relutante. John Walwoord, de maneira inequívoca, declara: "A graça eficaz nunca opera em um coração que ainda é rebelde, e ninguém jamais é salvo contra a própria vontade".[26]

A graça irresistível opera de modo semelhante a alguém que se apaixona. Se uma pessoa desejosamente corresponde ao amor de outra, ambas acabarão chegando a um ponto em que esse amor se torna irresistível. Mas elas desejaram que assim fosse. Mesmo que Paulo concordasse com o objetor em que a obra de Deus é irresistível, isso não daria apoio ao radicalismo do calvinismo extremado, visto que Deus derrama a graça salvadora irresistível somente sobre os que a desejam, não nos relutantes.

Finalmente, mesmo que alguém pudesse mostrar que Deus está operando aqui: 1) irresistivelmente, 2) em indivíduos e 3) para a salvação

eterna — de todos os que estão indecisos —, não se segue necessariamente que ele operaria irresistivelmente *nos relutantes*. Na verdade, como já vimos, Deus não força criaturas livres a amá-lo. Amor forçado é moral e logicamente absurdo.

Romanos 9.21

"O oleiro não tem direito de fazer do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para uso desonroso?" O retrato que essa expressão evoca na mente ocidental é freqüentemente determinista, se não fatalista, pois nela a pessoa não tem escolha, mas é dominada por Deus.

Resposta

Entretanto, a mente hebraica não pensa dessa forma, considerando a parábola do oleiro em Jeremias 18. Nesse contexto, o bloco de barro tanto pode ser moldado como desfeito por Deus, *dependendo da resposta moral de Israel a Deus*, pois o profeta diz enfaticamente: "Se essa nação que eu adverti *converter-se* da sua perversidade, então eu me arrependerei e não trarei sobre ela a desgraça que eu tinha planejado" (Jr 18.8). Assim, o elemento do não-arrependimento de Israel se torna o vaso "para uso desonroso" e o grupo arrependido se torna um "vaso para fins nobres" (v. comentários sobre Rm 9.22 a seguir).

Ademais, há um uso diferente das preposições em "vaso *para* fins nobres" e "vaso *de* ira" (Rm 9.21,22). Vaso *de* ira é o que recebeu a ira de Deus, exatamente como o vaso de misericórdia recebeu a misericórdia de Deus. Mas o vaso *para* honra é o que dá honra a Deus. Assim, o Israel arrependido, igual a um belo vaso para fins nobres, trará honra a quem o fez. Mas, igual ao vaso para uso desonroso (lit., "sem honra"), o Israel não-arrependido não trará honra para Deus, mas, ao contrário, será objeto de sua ira.

Romanos 9.22

"E se Deus, querendo mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder, suportou com grande paciência *os vasos de sua ira, preparados*

para a destruição?" Isso não indica que Deus predestinou alguns para a condenação? Muitos calvinistas radicais crêem ser esse o caso. O puritano predestinacionista William Ames escreve: "Há duas espécies de predestinação: a eleição e a rejeição [ou *reprobatio*]". E acrescenta: "A reprovação é a predestinação de certas pessoas, de forma que a glória da justiça de Deus possa ser mostrada para eles (Rm 9.22; 2Ts 2.12; Jd 4)".[27]

Resposta

Como já foi indicado, essa passagem sugere que os "vasos de ira" são objeto da ira porque se recusam a se arrepender. Eles não estão desejosos de trazer honra a Deus, de forma que se tornam objeto da ira de Deus. Isso é evidente pelo fato de que são suportados por Deus com grande paciência (Rm 9.22). Isso sugere que Deus estava esperando pacientemente por seu arrependimento. Como disse Pedro: "O Senhor [...] é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento" (2Pe 3.9).

Além disso, tomando Paulo como o melhor comentador dos próprios escritos, bem no começo de Romanos ele observa que a ira de Deus vem sobre os ímpios por causa da própria e deliberada desobediência. Ele escreveu: "*Por causa da sua teimosia e do seu coração obstinado,* você está acumulando ira contra si mesmo, para o dia da ira de Deus, quando se revelará o seu justo julgamento" (Rm 2.5). Não há, absolutamente, razão alguma para crer, como fazem os calvinistas extremados, que aqui ou em outro lugar da Escritura Deus predestina certas pessoas para o inferno, à parte da própria livre-escolha delas.

Lucas 14.23

Em uma parábola, Jesus diz: "Vá pelos caminhos e valados e obrigue-os a entrar, para que a minha casa fique cheia". Essa é uma palavra incisiva que significa "forçar" e se aplica diretamente, conforme a

parábola, a coagir pessoas a entrar no Reino de Deus. A maioria do núcleo de calvinistas que segue o Agostinho mais velho (v. ap. 3) toma esse texto como significando que Deus usa poder coercitivo nos indecisos para torná-los salvos.

Resposta

No Novo Testamento, a palavra "compelir" (gr.: *anagkadzo*) tem vários significados. Ela é algumas vezes usada no *sentido físico* de ser "forçado" contra a vontade (v. At 26.11; Gl 2.3,14; 6.12). Em outras ocasiões, tem *sentido moral*: "Jesus *insistiu* com os discípulos para que entrassem no barco e fossem adiante dele para o outro lado" (Mt 14.22). Não há indicação alguma de nenhuma coação física nesse caso. Embora outra palavra seja usada, a idéia é a mesma quando Paulo fala de ser "constrangido" pelo amor de Cristo (2Co 5.14). Aliás, não contando Lucas 14.23, das oito outras vezes em que se emprega a palavra "compelir" no Novo Testamento, pelo menos em quatro o sentido é moral, em que não existe nenhuma ação forçada contra a vontade (v. Mt 14.22; Mc 6.45; At 28.19; 2Co 12.11).

Fora do Novo Testamento, essa palavra significa "compelir alguém, nos mais variados graus, desde uma pressão amigável até a compulsão vigorosa".[28] Não somente não há necessidade aqui de tomar essa palavra no sentido de graça irresistível contra a vontade de uma pessoa, mas tudo que sabemos sobre a livre-escolha (v. cap. 2 e ap. 1 e 5) é que o que é feito livremente não é feito por "coação" ou "compulsão" (v. 1Co 7.37; 1Pe 5.2).

João 6.44

"Ninguém pode vir a mim, *se o Pai, que me enviou, não o atrair*; e eu o ressuscitarei no último dia." Segundo os calvinistas extremados, esse texto fala de uma atração irresistível da parte de Deus.[29] Eles observam que a palavra "atrair" (gr.: *elkuo*) significa "arrastar" (At 16.19; Tg 2.6).

Resposta

Para entender devidamente o caso, várias coisas precisam ser levadas em consideração. Em primeiro lugar, como qualquer palavra com variação de significados, o sentido específico dessa palavra grega deve ser decidido pelo contexto. Às vezes no Novo Testamento significa arrastar uma pessoa ou objeto (v. Jo 18.10; 21.6,11; At 16.19). Outras vezes, não (v. Jo 12.32; v. tb. a seguir). Os léxicos gregos permitem o significado de "atrair" tanto quanto o de "arrastar".[30] Da mesma forma, a versão grega do Novo Testamento (a *Septuaginta*) a usa nos dois sentidos. Deuteronômio 21.3,4 emprega-a no sentido de "arrastar" e Jeremias 38.3 no sentido de "atrair" pelo amor.[31]

Em segundo lugar, João 12.32 deixa claro que a palavra "atrair" não pode significar "graça irresistível" sobre o eleito por uma simples razão: Jesus disse: "Eu, quando for levantado da terra, *atrairei todos* a mim". Nenhum calvinista autêntico crê que todos os homens serão salvos.

Em terceiro lugar, a palavra "todos" não pode significar somente "alguns" em João 12.32. Pouco antes (Jo 2.24,25), quando Jesus afirmou conhecer a "todos", estava claro que não se referia apenas aos eleitos. Por que, então, deveria "todos" significar "alguns" em João 12.32? Se quisesse dizer "alguns", facilmente teria feito assim.

Finalmente, o fato de ser atraídos por Deus estava condicionado à fé. O contexto dessa atração (6.37) é "aquele que crê" (v. 35) ou "todo aquele que [...] nele crer" (v. 40). Os que crêem são capacitados por Deus para ser atraídos a Jesus. Jesus acrescenta: "É por isso que eu lhes disse que ninguém pode vir a mim, a não ser que isto lhe seja dado pelo Pai" (v. 65). Um pouco depois, ele diz: "Se alguém *decidir* fazer a vontade de Deus, descobrirá se o meu ensino vem de Deus ou se falo por mim mesmo" (Jo 7.17). Disso fica evidente que o entendimento que possuíam do ensino de Jesus e de serem atraídos ao Pai resultava da *livre-escolha* deles.

Tiago 1.18

"*Ele nos gerou* pela palavra da verdade, a fim de sermos como que os primeiros frutos de tudo o que ele criou." É claro que Deus foi quem nos escolheu para nascer, não nós mesmos (v. Jo 1.13).

Resposta

Aqui, novamente, não há nenhuma dúvida de que Deus é a *fonte* da salvação. Se ele não tivesse resolvido salvar, ninguém seria salvo. Mas a questão permanece com respeito ao *meio* pelo qual *recebemos* essa salvação. Isto é, Deus salva-nos *à parte* de nossa livre-escolha ou *por meio* dela? Nada nesse texto ou em outro qualquer declara que Deus escolhe salvar-nos contra a nossa vontade. É justamente o contrário que acontece (v. cap. 2). "Vocês são salvos pela graça, *por meio da fé*" (Ef 2.8). Nossa salvação é "mediante a palavra" (Rm 10.17; Tg 1.18), mas a Bíblia declara que a Palavra deve ser recebida pela fé (At 2.41; Hb 4.1,2) para ser eficaz (v. ap. 10).

João 3.27

"Uma pessoa só pode receber *o que lhe é dado dos céus.*" Os calvinistas extremados usam isso para provar que a graça de Deus é irresistível.[32]

Resposta

Entretanto, isso não diz nada a respeito de a obra de salvação de Deus ser irresistível. Na verdade, diz que devemos recebê-la. Isso implica um ato livre da vontade, que pode tanto aceitar quanto rejeitar a oferta de Deus. Na verdade, há casos em que a graça de Deus é rejeitada, como as passagens seguintes demonstram.

A GRAÇA NÃO É IRRESISTÍVEL PARA OS QUE NÃO A QUEREM

Os que insistem na impossibilidade de poder resistir à vontade de Deus confundem o que Deus quer *incondicionalmente* com o que quer

condicionalmente. Deus deseja a salvação de todas as pessoas condicionalmente — a condição é o arrependimento (2Pe 3.9). Por conseguinte, o coração não-arrependido pode resistir à vontade de Deus nesse sentido. Naturalmente, a vontade de Deus de salvar os que crêem (i.e., os eleitos) é incondicional. Assim, isso não é um repúdio à eleição incondicional. A eleição é incondicional do modo de ver do doador (Deus), mas é condicional do ponto de vista do recebedor. E, visto que Deus conhece de antemão com certeza os que a receberão, o resultado é certo. Assim, nesse sentido, a graça de Deus sobre o eleito *é* irresistível.

Além disso, há muitas passagens claras afirmando que se pode resistir ao Espírito Santo. Isso se aplica tanto à vontade de Deus (gr.: *thelo*, "desejar") quanto ao seu plano (gr.: *boulomai*, "planejar"). Considere os seguintes textos da Escritura:

Lucas 7.30 declara: "Os fariseus e os peritos da lei *rejeitaram o propósito de Deus* para eles,[33] não sendo batizados por João". Atos 7.51 afirma: "Povo rebelde, obstinado de coração e de ouvidos! Vocês são iguais aos seus antepassados: *sempre resistem ao Espírito Santo*!". O próprio Calvino comentou esse texto, dizendo que Lucas está falando da "inflexibilidade desesperada" deles quando é dito que "eles resistiram ao Espírito".[34] Mas como pode a obra de Deus neles ser irresistível, se na verdade resistiram?

Também Mateus 23.37 afirma enfaticamente que Jesus desejava trazer os judeus que o rejeitaram para o aprisco, mas eles não quiseram: "Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, *mas vocês não quiseram*". A graça de Deus não é irresistível para os que não a querem.

Finalmente, há muitos outros textos indicando que o ser humano pode rejeitar a vontade de Deus.[35] Isso é verdadeiro tanto para incrédulos (v. Mt 12.50; 7.21; Jo 7.17; 1Jo 2.17) quanto para crentes (1Ts 4.3). Naturalmente, em certo sentido, no fim a vontade de Deus

prevalecerá, quando soberanamente desejar que os que rejeitaram sua oferta de salvação sejam perdidos. Nesse sentido, a vontade predominante de Deus está sendo feita através da vontade deles de rejeitá-lo. Mas com respeito à sua vontade de que todos sejam salvos (1Tm 2.4; 2Pe 3.9), está claro que se pode resistir a ela. Em resumo, é a vontade suprema e soberana de Deus que tenhamos livre-arbítrio para resistir à sua vontade de que todos sejam salvos.

C. S. Lewis faz alguns comentários esclarecedores nesse sentido. No livro *Cartas do Diabo ao seu aprendiz*, escreveu: "O Irresistível e o Indisputável são as duas armas que a própria natureza de Seu [de Deus] plano o proíbe de utilizar. Sobrepor-se meramente a uma vontade humana [...] seria para Ele algo inútil. Ele não pode violentar, pode apenas persuadir".[36] No livro *The Great Divorce*, Lewis acrescenta: "Há somente duas espécies de pessoas no final: aquelas que dizem a Deus: 'Seja feita a tua vontade', e aquelas a quem Deus diz, no final: 'Seja feita a tua vontade'. Todas as que estão no inferno estão lá porque o escolheram. Sem essa auto-escolha, não poderia haver inferno algum".[37]

A GRAÇA É IRRESISTÍVEL SOMENTE PARA AQUELE QUE A DESEJA

R. C. Sproul, calvinista ardente, recorda-nos de que "o erro terrível dos hipercalvinistas é que ele implica que Deus coage ao pecado".[38] O que ele não parece ver é que *coagir para o bem é também um erro terrível.* Uma liberdade forçada, relacionada ao bem ou ao mal, é contrária à natureza amorosa de Deus e à natureza dada por Deus ao ser humano, de ser livre. Liberdade forçada é contradição de termos.

No limite da coação, os calvinistas discordam a respeito do grau de persuasão que Deus imprime a uma pessoa com relação ao grau de soberania que se está disposto a atribuir a Deus (v. cap. 1). Os "calvinistas" extremados, do Agostinho mais velho (v. ap. 3) até R. C. Sproul, não relutam em usar os termos "compelir" ou "coagir" relacionados com a graça de Deus. Agostinho escreveu: "Deixe-os [os donatistas] reconhecer

a Cristo em seu caso [o de Paulo] primeiramente *compelindo* e depois ensinando; primeiramente atacando, e depois consolando".[39] Ele também disse: "O próprio Senhor pede primeiramente que os convidados sejam convocados para participar da grande ceia; depois, que sejam *compelidos*".[40] Sproul acrescenta: "Se Deus não tem o direito de *coagir*, então ele não tem o direito de governar a sua criação".[41]

Os calvinistas moderados como eu estão dispostos a afirmar que Deus pode ser tão persuasivo quanto deseja ser, mas *sem coação*. Em termos teológicos, isso significa que Deus pode usar a graça irresistível naquele que a deseja. Mas essa espécie de persuasão divina será igual à de alguém que corteja. Deus tentará conseguir, cortejará tão persuasivamente que os que desejam podem responder e ser conquistados por seu amor.

UMA MANOBRA SEM SUCESSO

Alguns calvinistas extremados usam uma espécie de tática do tipo vapor no espelho para evitar as duras implicações de sua idéia. Afirmam que Deus não faz violência à vontade rebelde, simplesmente lhe dá uma vontade nova. Nas palavras de R. C. Sproul: "Se Deus nos dá desejo por Cristo, nós agiremos de acordo com esse desejo". Isso soa razoável o suficiente para até mesmo incluir estas palavras implícitas: "Se Deus nos dá o desejo [irresistível] por Cristo, nós [irresistivelmente] agiremos de acordo com esse desejo". Ora, é evidente que os calvinistas extremados estão usando uma palavra mágica, na tentativa de esconder sua crença segundo a qual Deus força o indisposto contra a vontade deste.

O que os calvinistas querem fazer é evitar a imagem repugnante de um candidato relutante sendo forçado a entrar no aprisco ou sendo capturado no Reino.[42] Entretanto, argumentam que, "uma vez que esse desejo está plantado, aqueles que vêm a Cristo não vêm esperneando e gritando contra a sua vontade. Eles vêm porque querem vir".[43] Naturalmente, aqui novamente está implícito que as palavras ausentes lançam nova luz sobre a situação. O que realmente Sproul

quer dizer é isto: "Uma vez que o desejo é [irresistivelmente] plantado, aqueles que vêm a Cristo não vêm esperneando e gritando contra a sua vontade". Em outras palavras, uma vez que alguém é arrastado contra a propria vontade, esse alguém age desejosamente. Mas não importa quão bem o ato da "graça irresistível" seja escondido sob um eufemismo, continua sendo um conceito moralmente repugnante.

O problema com a idéia da "graça irresistível" no calvinismo extremado, de acordo com essa analogia, é que *o paciente não assina nenhum consentimento* para o tratamento. Pior ainda, é arrastado esperneando e gritando para a sala de cirurgia, mas, uma vez que recebe um transplante de cérebro, sente-se (não surpreendentemente) como se fosse uma pessoa diferente!

Uma vez mais, o famoso defensor da graça irresistível, R. C. Sproul, define bem o problema: "O pecador, no inferno, pode estar perguntando, 'Deus, se o senhor realmente me amou, por que não me coagiu a crer? Eu preferiria ter meu livre-arbítrio violentado do que estar aqui neste eterno lugar de tormento'". E acrescenta: "Se admitimos que Deus pode salvar os homens violando suas vontades, por que ele não viola a vontade de todos e traz todos à salvação?". Então, Sproul confessa: "A única resposta que posso dar a essa pergunta é: 'Não sei. *Não tenho a mínima idéia por que Deus salva alguns e não todos*'". E ainda: "Não duvido por um momento que Deus tem o poder de salvar todos".[44]

Se esse é o caso, então Sproul deve duvidar de que Deus tem amor para salvar todos. Isso quer dizer que o Deus dos calvinistas extremados é todo-poderoso, mas não é todo-amoroso! E, ao coagir o eleito para dentro do Reino, a suposta "graça" irresístivel da regeneração[45] nega a bondade infinita de Deus.

Contudo, uma rosa, não importa o nome que receba, não deixa de ser uma rosa. A verdade é que os calvinistas extremados crêem que Deus usa uma força irresistível para mudar uma pessoa que não tem amor por Cristo em uma pessoa que o ama. Portanto, amor irresistível é amor forçado. E "amor" forçado não é amor coisa nenhuma.

O CALVINISMO EXTREMADO PRESSUPÕE UM DEUS COERCITIVO

Quem crê que Deus é todo-poderoso admite que Deus poderia, se desejasse, forçar pessoas a fazer coisas contra a vontade delas. A questão real não é *poderia*, mas *deveria* — ou seja, *deveria* um ser todo-amoroso forçar criaturas a fazer coisas contra a vontade delas? Os calvinistas extremados dizem "sim". Praticamente todos os grandes pais da igreja, desde o Agostinho da juventude até os do tempo de Lutero, diriam "não" (v. ap. 1). Mesmo os luteranos que seguem Melâncton, não a obra *Escravidão da Vontade*, de Lutero, rejeitam essa visão coercitiva.

A PERSEVERANÇA DOS SANTOS

O último dos "cinco pontos" calvinistas é a doutrina da perseverança dos santos. Para os calvinistas, isso significa que todos os regenerados haverão de perseverar até o fim. Todos eles chegarão ao céu.

Todos os calvinistas crêem na perseverança

Todos os calvinistas crêem que todos os eleitos perseverarão em sua fé e serão salvos. Ou seja, todos os regenerados são eleitos, e todos os eleitos estarão no céu.[46] Em linguagem popular, os calvinistas de todas as correntes crêem que, "uma vez salvo, sempre salvo". Contudo, eles apressam-se em assinalar que "a perseverança dos santos depende da perseverança de Deus". Ou, mais propriamente, depende da "preservação de Deus".[47]

Nas palavras da *Confissão de fé de Westminster* (cap. XVII.1), a perseverança dos santos significa: "Os que Deus aceitou em seu Bem-amado, os que chamou eficazmente e santificou pelo seu Espírito, não podem decair do estado de graça, nem total nem finalmente; mas, com toda a certeza, hão de perseverar nesse estado até o fim e serão eternamente salvos".

CALVINISMO MODERADO *VERSUS* CALVINISMO EXTREMADO NO ASSUNTO DA PERSEVERANÇA

Nem sempre há uma diferença discernível entre os dois tipos de calvinismo na questão da perseverança. Contudo, ao menos alguns calvinistas extremados parecem sugerir que nenhum dos eleitos morrerá em pecado, enquanto os calvinistas moderados sustentam que nenhum eleito será perdido, mesmo que morra em pecado.

Outro modo de explicar a diferença é que os calvinistas moderados crêem tanto na certeza temporal na terra como na segurança eterna no céu para os eleitos, ao passo que alguns calvinistas extremados parecem crer somente no último ponto, visto que ninguém pode estar realmente certo de que é um dos eleitos até que a perseverança dos santos se efetive. Os eleitos estão seguros, mas, de acordo com os calvinistas extremados, nenhum cristão professo pode estar absolutamente seguro de que é um dos eleitos, até que se encontre com o Senhor. Pode haver algo como "falsa certeza"; Calvino mesmo fala de "uma falsa obra da graça".[48] E Sproul assevera que "podemos pensar que temos fé quando de fato não temos fé".[49]

A. A. Hodge disse que "a *perseverança em santidade*, portanto, em oposição a todas as fraquezas e tentações, é *a única evidência certa* da genuinidade da experiência passada, da validade de nossa confiança bem como de nossa salvação futura". Ao mesmo tempo, pode haver uma "retirada temporária da graça restringente", enquanto ao eleito é "permitido apostatar por algum tempo", não obstante "*em cada caso* ele seja graciosamente restaurado".[50] Esse raciocínio parece sugerir que, se alguém apostata e não retorna antes de seu encontro com o Senhor, isso é uma prova de que essa pessoa não foi verdadeiramente salva. Se for assim, não importa qual evidência essa pessoa tenha manifestado em sua vida por muitos anos antes dessa apostasia acontecer. De qualquer modo, essa pessoa não teria tido verdadeira certeza de que estava salva. Isso nos lembra de que existe algo parecido com "falsa certeza". Além disso, Hodge acrescenta que "podemos diminui-la. Podemos mesmo perdê-la, pelo menos por algum tempo".[51] O ponto fundamental

para os calvinistas extremados é que ninguém pode estar certo de que é um eleito até que chegue ao céu.

Contudo, numa aparente incoerência, continuam a falar de uma certeza presente.[52] Mesmo que os calvinistas extremados freqüentemente falem como se estivessem certos da salvação, antes da morte — até proporcionando critérios para saber se estão salvos[53] — não rebateremos esse ponto.

Não obstante, a forte similaridade entre o pensamento dos dois grupos de calvinismo, conquanto opostos ao arminianismo, é a de que o crente está eternamente seguro da salvação desde o primeiro momento. Os versículos usados para dar suporte a essa afirmação serão discutidos mais tarde (v. cap. 7).

ALGUNS PENSAMENTOS FINAIS

O exame cuidadoso da Escritura revela que os calvinistas extremados, particularmente nos primeiros quatro pontos, não têm o apoio dos muitos textos que utilizam. Quando entendidas devidamente em seu contexto, essas passagens não dão apoio à interpretação dos "cinco pontos" dos calvinistas extremados da forma em que estão expressos no tradicional acróstico TULIP, com a possível exceção do último dos cinco pontos sustentados por alguns. Passemos, então, a examinar o arminianismo extremado e seus perigos.

6

Evitando o arminianismo extremado

Semelhantes a um pêndulo, os movimentos teológicos tendem a ir de um extremo a outro. No capítulo anterior, examinamos o pensamento dos calvinistas extremados, que sacrifica o livre-arbítrio do ser humano em prol da soberania divina. Neste capítulo, examinaremos o pensamento do arminianismo extremado, que sacrifica a soberania de Deus no altar da livre-escolha do ser humano. Antes de discutirmos os arminianos extremados, porém, é necessário esboçar brevemente o que queremos dizer por "arminianismo".

O QUE É ARMINIANISMO?

Arminianismo é a teologia dos seguidores de Jacó Armínio (1560-1609), teólogo reformado holandês cujo pensamento foi expresso no seu livro *Remonstrance* [*Protesto*] (1610), formalmente lançado um ano após sua morte. Visto que *Remonstrance* compreende cinco pontos freqüentemente mal interpretados, citamos a seguir suas palavras:

1) Deus elege com base em seu "propósito eterno e imutável" somente "os que, por intermédio da graça do Espírito Santo, crerão em seu Filho Jesus". Ele também deseja "deixar o incorrigível e incrédulo em pecado e debaixo de ira".[1]

2) Cristo "morreu por todos os homens e em favor de cada um, de modo que obteve para todos eles [...] a redenção e o perdão de pecados; todavia, nenhum deles realmente desfruta desse perdão de pecados exceto o crente...".[2]

3) "O ser humano não possui graça salvadora de si mesmo; nem da energia de seu livre-arbítrio [...] pode de si mesmo e por si mesmo pensar, querer ou fazer qualquer coisa que seja verdadeiramente boa (tal como a fé salvadora eminentemente é); mas é necessário que ele seja nascido de novo de Deus em Cristo..."[3]

4) "Essa graça de Deus *é o começo, a continuação e o cumprimento* de todo o bem, mesmo a esse grau, e que o próprio homem regenerado, sem a graça antecedente ou assistente, despertadora e cooperadora, não pode pensar, desejar ou fazer o bem..." E acrescenta: "Mas no que tange ao modo da operação dessa graça, ela não é irresistível...".[4]

5) "Os que são incorporados a Cristo por uma fé verdadeira [...] têm, desse modo, pleno poder para [...] ganhar a vitória; [...] mas, se são capazes [...] de se tornar destituídos da graça, essa destituição deve ser mais particularmente determinada com base na Escritura, antes de podermos ensiná-lo com plena persuasão mental."[5]

O pensamento de Armínio foi formalmente condenado no sínodo calvinista de Dort (1618-1619), e muitos de seus seguidores foram banidos e perseguidos. A condenação pelos calvinistas extremados seguiu a proclamação dos cinco pontos do *Remonstrance* e serviu de base para os famosos "cinco pontos" do acróstico TULIP (v. cap. 4 e 5).

Somente em 1795 é que houve a tolerância oficial do pensamento dos arminianos.

Uma versão modificada da posição arminiana foi sustentada nos ensinos do inglês John Wesley (1703-1791), de Charles Wesley (1707-1788) e do amigo deles John William Fletcher (1729-1785). Subseqüentemente, o arminianismo teve continuação no metodismo, no pentecostalismo, no movimento *holiness* [santidade] e no movimento carismático. (Contudo, os ensinos calvinistas de George Whitefield têm sido também sustentados por muitos na tradição wesleyana.) O maior teólogo wesleyano-arminiano na virada do século XIX foi Richard Watson (1737-1816; v. sua obra *Theological Institutes*).

EVITANDO O ARMINIANISMO EXTREMADO[6]

Em anos recentes, nos círculos arminianos tem emergido sério extremismo, que se auto-intitula "teísmo do livre-arbítrio" ou a idéia da "abertura de Deus".[7] Na verdade, esse movimento tem semelhanças com a "teologia do processo"[8] e é mais apropriadamente chamado novo teísmo ou neoteísmo.[9]

UMA NOVA IDÉIA NA PRAÇA

Os neoteístas têm levado o arminianismo a um extremo perigoso. Eles "criaram" uma nova idéia que não é idêntica ao teísmo tradicional de Calvino e Armínio, nem é a mesma do Deus radical-liberal da teologia do processo, que recebe sua idéia de Alfred North Whitehead, Charles Hartshorne, Shubert Ogden e John Cobb. Diversos proponentes dessa forma de arminianismo, incluindo Clark Pinnock, Richard Rice, John Sanders, William Hasker e David Basinger, colaboraram em um volume intitulado *The Openness of God*.[10] Outros pensadores cristãos que compartilham pensamento semelhante ou que expressam simpatia por essa posição são Greg Boyd, Stephen Davis, Thomas Morris e Richard Swinburne.[11]

Como pode ser observado em outro lugar,[12] o neoteísmo tem exaltado o livre-arbítrio às custas da soberania divina. Visto que a Bíblia afirma tanto a soberania quanto a livre-escolha (v. cap. 1 e 2), o neoteísmo é um extremo a ser evitado.

NEGAÇÃO DOS ATRIBUTOS TRADICIONAIS DE DEUS

Como foi visto no capítulo 2, a visão cristã tradicional de Deus dos pais da Igreja antiga (v. ap. 1), expressa nas grandes confissões e credos da Igreja cristã e abraçada pelos reformadores Lutero, Calvino, Zuínglio e pelos arminianos posteriores, firmemente afirma os atributos tradicionais de Deus. Entre outras coisas, está inclusa a idéia de que Deus é transcendente (além do universo), imanente (dentro do universo), criador *ex nihilo* ("do nada") e que pode causar eventos sobrenaturais (milagres). Além disso, esses atributos incluem o conhecimento que Deus tem de todas as coisas (onisciência), a existência antes de todas as coisas (eternidade), além do fato de que ele nunca muda (imutabilidade) e está no controle de todas as coisas (soberania). Precisamente esses atributos da teologia cristã tradicional (incluindo a calvinista e a arminiana) são negados pelos arminianos extremados que abraçam o neoteísmo.

NEGAÇÃO DA PRESCIÊNCIA QUE DEUS TEM DOS EVENTOS LIVRES

Os neoteístas, ao mesmo tempo em que afirmam crer na onisciência, fazem uma qualificação séria que nega a posição histórica segundo a qual Deus infalivelmente conhece todas as coisas, incluindo todos os eventos futuros.

É antibíblico negar a presciência de Deus

O argumento dos arminianos extremados, negando que Deus conhece os atos livres futuros, não é bíblico. Visto que muitos dos eventos

futuros envolvem as ações livres das pessoas, isso colocaria em dúvida qualquer revelação de Deus sobre o futuro. A Bíblia, porém, é cheia de predições com respeito ao futuro.

Deus conhece todas as coisas

A Bíblia declara que Deus conhece todas as coisas, incluindo nossas escolhas futuras. Ele é onisciente. O salmista declarou: "Grande é o nosso Soberano e tremendo o seu poder; é impossível medir o seu entendimento" (Sl 147.5). Deus diz por meio de Isaías que conhece o fim desde o começo (Is 46.10). E, segundo o salmista, Deus conhece os verdadeiros segredos do coração (Sl 139.1-6). De fato, "nada, em toda a criação, está oculto aos olhos de Deus. Tudo está descoberto e exposto diante dos olhos daquele a quem havemos de prestar contas" (Hb 4.13).

Deus sabe quem são os eleitos

Ademais, Deus sabe quem são os eleitos. Eles foram escolhidos em Cristo antes da fundação do mundo (Ef 1.4). Deus não somente sabe quem está indo para o céu (Rm 8.29; 1Pe 1.2); ele também sabe quem não está indo para lá (Ap 20.10-15).

Além do mais, Deus sabia desde a eternidade que Cristo morreria pelos nossos pecados (1Pe 1.18-20; Ap 13.8). Todavia, isso envolveu a livre-escolha de Cristo (Jo 10.17,18).

Deus sabe quem não é eleito

Deus sabia e predisse que Judas trairia Cristo (At 1.20) e que estaria perdido para sempre (Jo 17.12). Ele também sabia, eterna e infalivelmente predisse que a besta e o falso profeta seriam lançados no lago de fogo (Ap 19.20). Ele também nomeia alguns que estão entre os eleitos antes de chegarem ao céu. Paulo inclui-se entre os conhecidos e escolhidos por Deus antes da fundação do mundo (Ef 1.4). Mas se, como os neoteístas afirmam, Deus não pode conhecer os atos livres futuros, isso não seria possível.

Deus predisse numerosos eventos humanos

Visto que praticamente todos os eventos humanos envolvem escolhas livres, segue-se que quase toda predição sobrenatural na Bíblia envolveu a presciência infalível de Deus quanto ao que as pessoas livremente escolheriam fazer. O falecido professor Barton Payne, em seu abrangente catálogo de profecias, lista 1.817 predições na Bíblia (1.239 no AT e 578 no NT). Payne enumera 191 profecias bíblicas com referência a Cristo.[13] Algumas especificam a cidade (Belém) onde Cristo haveria de nascer (Mq 5.2) e a época em que haveria de morrer (Dn 9.26*s*), a saber, por volta de 33 d.C. Daniel predisse a sucessão dos grandes reinos da Babilônia, da Medo-Pérsia, da Grécia e de Roma (Dn 2 e 7), e até narrou as abominações de Antíoco Epifânio (Dn 11) com detalhes espantosos. Isaías 44.28 (v. 45.1) prediz o nome de Ciro, rei da Pérsia, um século e meio antes de ele nascer. Isaías (11.11; v. tb. Dt 28.1*s*) prediz o retorno de Israel à sua terra séculos antes de acontecer. Ezequiel (44.2) prediz o fechamento da porta Dourada no lado leste de Jerusalém até o tempo do Messias. Em 26.3-14, também prevê a destruição de Tiro, que aconteceu séculos mais tarde, cumprida rigorosamente por Nabucodonosor e, depois, por Alexandre, o Grande. Jeremias (49.16,17) profetiza a ruína de Edom (Petra), que permanece como lugar turístico na Jordânia até hoje. Há numerosas outras profecias bíblicas feitas centenas de anos antes de serem literalmente cumpridas, como o improvável deserto que floresce (Ez 36.33-35) e o aumento do conhecimento e da educação nos últimos dias (Dn 12.4). Nem uma simples profecia jamais falhou.[14] Nada disso teria sido possível sem a presciência infalível de Deus dos atos livres que aconteceriam no futuro.

Além disso, Deus sabe quem será perdido e quem será salvo (Mt 25.40,41). Ele sabe a ordem dos eventos nos últimos dias e a esboçou no livro do Apocalipse (v. Ap 6—19). Há verdadeiramente centenas de eventos conhecidos e preditos por Deus de antemão, e estes claramente revelam sua presciência infalível.

Não é razoável negar a presciência de Deus

Não somente é antibíblico negar o conhecimento que Deus tem dos eventos livres do futuro, como também não é razoável. Os seguintes argumentos dão apoio a essa conclusão:

A alegada impossibilidade de conhecer de antemão os atos livres

Os arminianos extremados negam que Deus tenha conhecimento infalível dos atos livres futuros sob a alegação de que Deus não pode conhecer de antemão o que nós livremente escolhemos fazer. O argumento deles é mais ou menos assim:

1) Tudo que é infalivelmente conhecido de antemão deve ter sido predeterminado.
2) Um fato escolhido livremente não pode ser determinado por outra pessoa.
3) Portanto, aquilo que é infalivelmente conhecido de antemão não pode ser livremente escolhido.

Contudo, esse raciocínio não é correto. A segunda premissa é falsa porque, como já demonstramos (no cap. 3), não há nenhuma contradição entre Deus conhecer com certeza (determinar) e o que livremente vai ocorrer no futuro (foi livremente escolhido). Só porque alguém pode escolher outro caminho, não significa que Deus não possa saber com certeza que caminho ele escolherá.

A alegada impossibilidade de conhecer eventos futuros

Os neoteístas apresentam outro argumento contra a idéia de Deus ter conhecimento infalível dos atos livres futuros. Ele diz o seguinte:

1) O futuro ainda não ocorreu.
2) Verdade é o que corresponde ao que realmente existe.
3) Portanto, é impossível conhecer algo que seja verdadeiro antes que realmente ocorra.

Há pelo menos dois problemas sérios com esse raciocínio. Em primeiro lugar, é possível que Deus conheça desde a eternidade que um evento que seja *futuro para nós* venha a ocorrer um dia (e, portanto, seja verdadeiro). Nesse caso, ele não é verdadeiro até que ocorra realmente, mas é verdadeiro que Deus sabe de antemão que ele um dia virá a ocorrer e, então, será realmente verdadeiro.

Em segundo lugar, esse problema não existe porque Deus é eterno, isto é, além do tempo — e a Bíblia e o raciocínio correto informam-nos que Deus o é (v. a página seguinte). Em conseqüência, *nada é futuro para Deus*. Se Deus está além do tempo, então todo o tempo está exposto diante dele num eterno *agora*. Ele o vê como alguém no topo de uma colina vê o trem inteiro de uma só vez, enquanto alguém lá embaixo no túnel vê somente um vagão de cada vez, e não os que já passaram ou os que ainda estão por vir.[15] Deus não está parado em um dia do calendário, olhando para os dias passados e para os que estão por vir. Antes, está olhando para baixo, para o calendário todo, *vendo todos os dias de uma só vez* (v. 2Tm 1.9; Tt 1.2).

A inconsistência de negar o conhecimento infinito de Deus

Os arminianos extremados admitem que Deus é infinito, todavia negam que seu conhecimento seja infinito. Isso é incoerência, pois o conhecimento de Deus é idêntico à sua essência, visto que ele reconhecidamente é um Ser necessário (isto é, um Ser que não pode cessar de existir), ou seja, nada é acidental ao Ser (existência) de um Ser necessário. O que quer que Deus "tenha" é o que ele *é* — essencialmente.

Assim, se Deus "tem" conhecimento, então ele *é* conhecimento em seu ser total. Mas seu *ser* total é infinito. Portanto, Deus deve ser infinito em conhecimento (Sl 147.5). E se é infinito em conhecimento, deve conhecer tudo que é passível de ser conhecido.[16] Isso quer dizer que ele deve conhecer cada coisa que não seja impossível. Mas o futuro não é impossível, visto que será real um dia. Conseqüentemente, Deus deve ser capaz de conhecer o futuro. Em resumo, Deus pode

conhecer tanto o potencial quanto o real. E o futuro é potencial. Portanto, Deus pode conhecer o futuro (Is 46.10).

NEGAÇÃO DA IMUTABILIDADE DE DEUS

Outro importante atributo que os arminianos extremados rejeitam é o da imutabilidade de Deus. Isso também não é bíblico nem razoável.

Não é bíblico negar a imutabilidade de Deus

A Escritura afirma do começo ao fim que Deus é imutável. Moisés declarou que "Deus não é homem para que minta, nem filho de homem para que se arrependa. Acaso ele fala, e deixa de agir? Acaso promete, e deixa de cumprir?" (Nm 23.19). O primeiro livro de Samuel acrescenta: "A Glória de Israel não mente nem se arrepende, pois não é homem para se arrepender" (1Sm 15.29). Falando do universo perecível, o salmista assevera: "Eles perecerão, mas tu permanecerás; envelhecerão como vestimentas. Como roupas tu os trocarás e serão jogados. Mas tu permaneces o mesmo, e os teus dias jamais terão fim" (Sl 102.26,27). O profeta Malaquias cita o próprio Deus proclamando: "Eu, o SENHOR, não mudo. Por isso vocês, descendentes de Jacó, não foram destruídos" (Ml 3.6). O escritor de Hebreus declara que "é impossível que Deus minta" (Hb 6.18). E acrescenta: "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre" (Hb 13.8). O apóstolo Paulo diz a Timóteo que, "se somos infiéis, ele [Deus] permanece fiel, pois não pode negar-se a si mesmo" (2Tm 2.13). E Tiago escreve que "toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, que não muda com sombras inconstantes" (Tg 1.17). Isso quer dizer que Deus não muda nem mesmo nas coisas mínimas. A verdade é que, como o autor de Hebreus afirma, para Deus é impossível mudar.

Não é razoável negar a imutabilidade de Deus

Toda mudança tem uma causa. Mudança é o movimento de um estado de potencialidade *para* aquela mudança, *para* a real mudança

em si mesma. Mas nenhuma potencialidade pode tornar-se real em si mesma, assim como o aço não pode transformar a si mesmo em arranha-céu. Portanto, deve haver algum "realizador" externo à mudança para levá-la a efeito. O universo todo *está* mudando.[17] Portanto, o universo todo precisa de uma causa além de si mesmo, que não esteja em mudança (i.e., Deus). Deus é a Causa imutável de todas as coisas.

Além disso, Deus não pode mudar porque é a realidade pura. Ele é o "Eu Sou" (Êx 3.14), o auto-existente. Ele não tem potencial para não ser, visto que ele é (como os próprios neoteístas admitem) um Ser necessário. Mas um Ser necessário por natureza não pode *não* existir. Ele tem de existir, e não pode passar para a inexistência. Todavia, se um Ser necessário não tem potencial para não existir, então não pode mudar. Pois para mudar é preciso ter potencial para mudança. Portanto, Deus tem de ser imutável em seu ser.

Isso, naturalmente, não significa que Deus não possa manter relacionamentos mutáveis. Mas não é Deus quem muda quando os relacionamentos mudam. O ser humano pode mudar em relação a uma coluna, por exemplo, mas a coluna não muda. Igualmente, o universo muda em relação a Deus, mas Deus não muda (v. Hb 1.10-12).

Resposta à objeção à imutabilidade de Deus

Os arminianos extremados objetam que a Bíblia freqüentemente fala de Deus como alguém que muda. Ele muda em resposta à oração (v. Êx 32). Mudou sua idéia a respeito de ter feito o mundo (Gn 6.6). Mudou de idéia quando Nínive se arrependeu (Jn 3.10). Contudo, há muitas razões para concluir que *nenhum desses textos da Escritura prova que a natureza de Deus realmente muda.*

Em primeiro lugar, se Deus realmente mudasse, isso seria contraditório a todos os textos da Escritura acima citados. E a Bíblia não contradiz a si mesma.[18]

Em segundo lugar, como observamos há pouco, Deus não pode mudar. Se o fizesse, não seria Deus — haveria algo mais supremo que ele, que seria a base imutável para sua mudança e todas as outras mudanças.

Em terceiro lugar, a Bíblia amiúde usa linguagem antropomórfica (que fala de Deus em termos humanos). Dizer que Deus mudou é antropomorfismo. Por exemplo, a Bíblia diz que Deus tem olhos (Hb 4.13), braços (Nm 11.23, ARA) e até penas (Sl 91.4). Todavia, os arminianos extremados não interpretam esses textos literalmente!

Em quarto lugar, não é Deus quem realmente muda, mas o ser humano. Quando pedalamos nossa bicicleta na direção do vento, dizemos: "O vento está contra nós". E quando damos meia-volta e pedalamos na direção oposta, dizemos que "o vento está a nosso favor". Na verdade, o vento não mudou. Nós é que mudamos. Igualmente, quando o pecador se arrepende, Deus não muda. É o pecador que muda, pois a justiça de Deus exige que ele, Deus, tenha ódio imutável contra o mal, e seu amor exige que ele tenha misericórdia imutável pelos que abandonam o pecado. Assim, quando o pecador se arrepende, está simplesmente mudando da ação de Deus que flui de seu atributo imutável da justiça para aquela que flui de seu atributo imutável do amor. *Deus não muda.*

NEGAÇÃO DA ETERNIDADE DE DEUS

Os arminianos extremados também negam que Deus seja eterno. Conquanto reconheçam que Deus não tem começo, negam que esteja além do tempo ou que seja atemporal. Isso também não tem justificativa bíblica ou racional.

Não é bíblico negar a eternidade de Deus

Todos os cristãos ortodoxos crêem que o universo teve um começo (Gn 1.1; Jo 1.3; Cl 1.16). O tempo começou com o universo de espaço/ tempo. Somente Deus existiu antes de o tempo existir. Deus é "antes de todas as coisas" (Cl 1.17). O salmista diz: "De eternidade a eternidade tu és Deus" (Sl 90.2). Freqüentemente, a Bíblia fala que Deus existiu desde antes ou "da criação do mundo" (Jo 17.24; v. tb. Mt 13.35; 25.34).

Mas, se Deus já existia antes da existência do tempo, então ele é eterno. Deus existiu "desde os tempos eternos" (2Tm 1.9). Aliás, Deus trouxe o tempo à existência quando formou as eras. Somente Deus possui imortalidade (1Tm 6.16), uma imortalidade sem começo ou fim. Ele é rigorosamente "o Primeiro e o Último" (Ap 1.17).

Não é razoável negar a eternidade de Deus

A despeito do claro ensino da Escritura e dos grandes pais da Igreja, os arminianos extremados ensinam que Deus é temporal e que existe no tempo.

Mas nenhum dos argumentos que os neoteístas têm levantado a favor da temporalidade de Deus é convincente. Ao contrário, há argumentos poderosos demonstrando que Deus deve ser atemporal, isto é, eterno.

Tudo o que está no tempo muda

Qualquer coisa que esteja no tempo está em mudança, porque o tempo é uma medida de mudança. O tempo é um cômputo baseado em um "antes" e em um "depois". Mas somente o que muda tem um antes e um depois. Portanto, qualquer coisa que seja temporal em seu existir tem de mudar. Contudo, como mostramos acima, Deus não pode mudar. Como resultado, segue-se que Deus não pode ser temporal.

Tudo o que está no tempo teve um começo

Como é demonstrado pelo argumento Kalam da existência de Deus,[19] não pode haver um número eterno de momentos passando em sucessão um após outro, porque um número infinito de momentos não pode ser percorrido (somente um número limitado pode ser percorrido). Assim, se houve um número infinito de momentos antes do momento presente, então o presente momento nunca teria chegado. Mas o presente momento *já* chegou. Portanto, não pode ter havido um número infinito de momentos antes do momento presente,

mas somente um número finito (limitado). Por conseguinte, qualquer coisa que esteja no tempo teve um começo. No entanto, mesmo os neoteístas admitem que Deus não teve começo. Assim, ele não pode ser temporal ou existir no tempo.

Quem criou o tempo não pode existir no tempo

Os arminianos extremados reconhecem que Deus criou o universo inteiro do nada, com conotação espacial/ temporal. Mas o tempo é uma parte essencial do cosmo. Portanto, Deus deve ter criado o tempo. Mas se o tempo é algo da essência da criação, não pode ser um atributo do Incriado — que é Deus. Deus existe, como diz a Bíblia, "antes da criação do mundo" (2Tm 1.9; Tt 1.2).

Tudo o que é temporal também é espacial e material

Segundo o conceito contemporâneo de espaço, tempo e matéria, tudo que é temporal também é espacial. E qualquer coisa que é espacial é também material. Deus não é material (Jo 4.24), mas se Deus existe no tempo, então também é espacial e material. Os neoteístas rejeitam essa conclusão. Mas se o espaço e a matéria são negados em Deus, então o tempo também deve ser negado.

Outro resultado da lógica neoteísta é que Deus não pode pensar mais rápido que a velocidade da luz — a coisa mais veloz em nosso universo de espaço e tempo. Se os pensamentos de Deus não englobam o universo simultaneamente, não há nenhum modo de ele estar no controle dele.

NEGAÇÃO DA SOBERANIA DE DEUS

Como foi demonstrado no capítulo 1, a Bíblia afirma enfaticamente a soberania de Deus. Da mesma forma, há bons argumentos a partir dos atributos de Deus para mostrar que ele está no controle completo de todo o universo criado.[20]

É antibíblico negar a soberania de Deus

Para resumir, Deus "é antes de todas as coisas" (Cl 1.17). Ele existe também "desde os tempos eternos" (2Tm 1.9). Ademais, "todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito" (Jo 1.3). "Nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis" (Cl 1.16). Deus sustenta "todas as coisas por sua palavra poderosa" (Hb 1.3). Paulo acrescenta: "Ele é antes de todas as coisas, e *nele tudo subsiste*" (Cl 1.17).

Como tem sido claramente demonstrado, o Deus da Bíblia conhece todas as coisas. O salmista declara: "É impossível medir o seu entendimento" (Sl 147.5). Ele conhece o fim desde o começo (Is 46.10), mesmo as coisas mais secretas do coração (Sl 139.1-6). "Nada, em toda a criação, está oculto aos olhos de Deus. Tudo está descoberto e exposto diante dos olhos daquele a quem havemos de prestar contas" (Hb 4.13).

Já demonstramos também que Deus pode fazer todas as coisas. Ele é todo-poderoso. "Nada é impossível para Deus" (Lc 1.37). Deus é onipotente.

O Deus que é antes de todas as coisas, sustenta, conhece e pode fazer todas as coisas é também um Deus que controla todas as coisas. Esse controle absoluto é chamado soberania de Deus. A Bíblia afirma a soberania de Deus de muitos modos. Em primeiro lugar, Deus está no controle soberano de sua criação. Iavé é chamado "grande Rei" (Sl 48.2). Seu reino é eterno: "O SENHOR reina soberano para sempre" (Sl 29.10). Ele é Rei sobre toda a terra: "O SENHOR é rei para todo o sempre; da sua terra desapareceram os outros povos" (Sl 10.16). Nada acontece à parte da vontade de Deus. Jó confessa a Deus: "Sei que podes fazer todas as coisas; nenhum dos teus planos pode ser frustrado" (Jó 42.2). O salmista acrescenta: "O nosso Deus está nos céus, e pode fazer tudo o que lhe agrada" (Sl 115.3). E ainda: "O SENHOR faz tudo o que lhe agrada, nos céus e na terra, nos mares e em toda as suas profundezas" (Sl 135.6).

Salomão declara: "O coração do rei é como um rio controlado pelo SENHOR; ele o dirige para onde quer" (Pv 21.1). Deus é soberano

sobre todos os soberanos. Ele é "REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES" (Ap 19.16).

Deus está na responsabilidade de todos os acontecimentos. Ele ordena o curso da história antes que aconteça (Dn 2 e 7) e "domina sobre os reinos dos homens" (Dn 4.17).

Deus não somente governa na esfera visível, mas também no reino invisível. Ele está sobre "toda a criação", incluindo as coisas "visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades" (Cl 1.15,16). Os anjos vêm diante de seu trono para receber as ordens que devem obedecer (1Rs 22; Jó 1.6; 2.1). Eles estão posicionados diante do trono de Deus e nunca param de louvá-lo (Ap 4.8).

O domínio soberano de Deus inclui não somente os anjos bons, mas também os anjos maus (Fp 2.10; v. tb. 1Rs 22.19-22). Satanás, também, está debaixo da mão soberana de Deus (Jó 1.6; 2.1; v. tb. Ap 12.12; 20.2).

Deus está no soberano controle de tudo que escolhemos, até mesmo a salvação (Ef 1.11; v. tb. Ef 1.4; Rm 8.29,30; At 2.23). Se Deus é soberano, então está no controle de todo o universo. E se ele está no controle de todo o universo, então o arminianismo extremado está errado.

Não é razoável negar a soberania de Deus

A soberania de Deus flui de seus atributos de onisciência e onipotência, bem como do fato de que livremente criou e sustenta todas as coisas. Aquele que conhece tudo, pode tudo e de cuja vontade a verdadeira existência de todas as coisas dependem, *pode* exercer controle soberano sobre tudo. Isso se segue logicamente desses seus atributos. Visto que já demos boas razões pelas quais Deus possui esses atributos, já proporcionamos razões sólidas para sua capacidade de controlar soberanamente o universo inteiro que criou.

Naturalmente, o grau em que Deus exerce essa soberania será limitado a duas coisas: 1) ele não pode fazer o que é impossível de ser feito; 2) ele fará somente o que quer fazer, não tudo que é capaz de

fazer. Deus é capaz de criar mais do que criou; de fazer mais milagres do que fez, e tem o poder de aniquilar os seres que resolveu não aniquilar. O uso que Deus faz de seu poder ilimitado, que é determinado por sua vontade, sempre será de acordo com sua natureza absolutamente perfeita. Muitas vezes, esse assunto será inescrutável para as criaturas finitas, como Paulo declara: "Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos!" (Rm 11.33). E também Moisés nos informa: "As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre" (Dt 29.29).

ALGUNS PENSAMENTOS FINAIS

Nos capítulos 4 e 5, examinamos o pensamento do calvinista extremado, que sacrifica o livre-arbítrio humano em prol da soberania divina. No capítulo 6, estudamos os arminianos extremados, que sacrificam a soberania divina no altar da livre-escolha do homem. Ambos são extremos desnecessários e, como tais, acarretam perigos teológicos que devem ser evitados. Voltemo-nos agora para estudar uma posição moderada.

7

Um apelo à moderação

Sem dúvida, a essa altura, o leitor atento estará perguntando: "O que sobrou? Se o calvinismo extremado e o arminianismo extremado devem ser evitados, qual a posição correta?". Bem, há pelo menos duas posições principais que restam: calvinismo moderado e arminianismo moderado. Ambos se opõe aos seus extremos.

CALVINISMO EXTREMADO *VERSUS* CALVINISMO MODERADO

O gráfico da página seguinte resume as principais diferenças entre o que aqui é chamado calvinismo extremado e calvinismo moderado. Os calvinistas extremados admitem que "todos os cinco pontos do calvinismo [como eles os entendem] se mantêm ou caem juntos" (PALMER, p. 69). O que eles não dizem é que há um meio moderado de entender esses cinco pontos, que também se mantêm ou caem juntos.

A defesa do calvinismo moderado encontra-se nos capítulos 4 e 5 ("Evitando o calvinismo extremado") de dois modos: *explicitamente*

por uma crítica ao calvinismo extremado e *implicitamente* na alternativa sugerida. Ademais, as críticas ao pensamento calvinista extremado estão nos apêndices de 1 a 9.

Os cinco pontos	Calvinismo extremado	Calvinismo moderado
Depravação total	Intensiva (destrutiva)	Extensiva (corruptora)
Eleição incodicional	Nenhuma condição para Deus ou para o homem	Nenhuma condição para Deus; uma condição para o homem (fé)
Expiação limitada	Limitada na extensão (somente para os eleitos)	Limitada no resultado (mas para todas as pessoas)
Graça irresistível	Em sentido coercitivo (contra a vontade do homem)	Em sentido persuasivo (de acordo com a vontade do homem)
Perseverança dos santos	Nenhum dos eleitos morrerá em pecado	Nenhum eleito será perdido (memso que morra em pecado)

ENTENDIMENTO CALVINISTA MODERADO DOS CINCO PONTOS

Já vimos como os calvinistas extremados entendem os cinco pontos (nos cap. 4 e 5). Aqui simplesmente veremos como o calvinista moderado entende essas cinco doutrinas calvinistas.

A *depravação total* tem o apoio amplo da Escritura no sentido em que o calvinista moderado a entende. Todos os textos bíblicos usados pelos calvinistas extremados são aceitos pelos moderados; a única diferença é que os moderados insistem em que estar "morto" em pecado não significa que o não-salvo não possa entender e receber a verdade do evangelho quando o Espírito de Deus opera em seu coração. Isso significa que, de fato, a "morte" não *apaga* a imagem de Deus (somente a *turva*).

A *eleição incondicional* também é afirmada pelos calvinistas moderados. Ela é incondicional do ponto de vista do doador, embora haja uma condição para o recebedor — a fé.[3]

A *expiação limitada* é afirmada pelos calvinistas moderados no sentido de que é limitada em sua aplicação. Isto é, embora a redenção tenha sido comprada e esteja disponível para todos, ela será aplicada somente aos que Deus escolheu desde a eternidade — os eleitos.

A *graça irresistível* é sustentada pelos calvinistas moderados. A graça irresistível é exercida sobre todos os que a desejam, como foi afirmada no capítulo 5. Isto é, todo aquele que é receptivo à obra de Deus em seu coração será vencido pela graça de Deus.

A *perseverança dos santos*, também, é parte essencial do calvinismo moderado. Ela afirma que todos os regenerados (justificados) serão salvos no fim. Isso é apoiado por numerosos textos da Escritura.

A DEFESA DA SEGURANÇA ETERNA

Os calvinistas moderados, como eu, diferem dos arminianos em muitos pontos. Um ponto crucial tem que ver com a validade da expressão "uma vez salvo, sempre salvo". Ou seja, se é possível ou não a pessoa perder a salvação. É minha convicção que a Bíblia favorece a posição calvinista da segurança eterna — que uma pessoa verdadeiramente salva jamais poderá perder a salvação.

O Novo Testamento é repleto de versículos que ensinam que a salvação não pode ser perdida ou rejeitada.[4] Entre eles, os seguintes se destacam.

João 5.24

"Eu lhes asseguro: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, *tem a vida eterna e não será condenado*, mas já passou da morte para a vida." Aqueles que verdadeiramente crêem podem estar certos agora de que estarão no céu. A vida eterna é uma posse presente a partir do momento em que a pessoa crê.

João 6.39,40

"Esta é a vontade daquele que me enviou: *que eu não perca nenhum dos que ele me deu*, mas os ressuscite no último dia. Porque a vontade de meu Pai é *que todo o que olhar para o Filho e nele crer tenha a vida eterna*, e eu o ressuscitarei no último dia." Claramente, Cristo nunca perderá "nenhum" dos filhos de Deus.

João 10.27-29

"As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. *Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão*; ninguém as poderá arrancar da minha mão. *Meu Pai, que as deu para mim, é maior do que todos; ninguém as pode arrancar da mão de meu Pai.*" O que torna nossa salvação segura não é somente o infinito amor de Deus, mas também sua onipotência. "Ninguém", nem mesmo nós próprios, pode arrebatar-nos da mão de Deus.

João 17.12

Falando de seus discípulos, Jesus orou ao Pai: "Enquanto estava com eles, eu os protegi e os guardei no nome que me deste. *Nenhum deles se perdeu*, a não ser aquele que estava destinado à perdição, para que se cumprisse a Escritura". A oração de Jesus também incluiu os crentes que ainda não haviam nascido (v. 20).

Somos certificados aqui, pela oração eficaz de Jesus, de que todos os verdadeiros crentes serão salvos. Somente os condenados à destruição, por própria indisposição de se arrepender (v. 2Pe 3.9), estarão perdidos.

Hebreus 10.14

"Por meio de um único sacrifício, *ele aperfeiçoou para sempre* os que estão sendo santificados." De acordo com essa passagem, o sacrifício único de Cristo na cruz assegurou para sempre a salvação dos eleitos. Visto que isso foi assegurado na cruz, antes mesmo que fôssemos

nascidos, segue-se que a qualquer crente verdadeiro agora é assegurado de que estará no céu.

Romanos 8.16

Paulo diz: "O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus". Esse texto é testemunha presente de nosso estado definitivo: somos informados agora de que somos filhos de Deus. E os filhos de Deus não podem ser condenados, a exemplo do Filho, em quem fomos aceitos (Ef 1.4). Em conseqüência disso, segundo todos os calvinistas, a salvação não pode ser perdida. Segue-se que os calvinistas extremados devem admitir que, sem levar em conta se um crente cai ou não em pecado, ele estará no céu. Isso porque não chega lá pela própria justiça, mas pela justiça de Cristo imputada a ele (v. 2Co 5.21; Tt 3.5-7).

Romanos 8.29,30

"*Aqueles* que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E *aos* que predestinou, também chamou; *aos* que chamou, também justificou; *aos* que justificou, também glorificou." Essa corrente dourada não pode ser quebrada. As mesmas pessoas que são predestinadas são chamadas, justificadas e finalmente glorificadas (vão para o céu). A fim de evitar a segurança eterna, a palavra "alguns" teria de ser inserida no texto, mas ela não está lá. *Todos* os que são justificados serão glorificados no fim.[5]

Romanos 8.35-39

"*Quem nos separará do amor de Cristo*? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? [...] em todas estas coisas somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. *Pois estou convencido de quem nem morte nem vida, nem anjos nem demônios*, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, *nem qualquer outra coisa na*

criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor." Essa passagem precisa de pouco comentário; precisa meramente de contemplação. Não há realmente ninguém e nada que possa separar um crente de Cristo!

Efésios 1.13,14

"Quando vocês ouviram *e creram* na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, *vocês foram selados em Cristo* com o Espírito Santo da promessa, que é *a garantia da nossa herança* até a redenção daqueles que pertencem a Deus, para o louvor da sua glória." Ou seja, tão logo alguém crê, é marcado com a presença do Espírito Santo, como alguém de quem Deus garante a sua salvação definitiva.

Filipenses 1.6

"Estou convencido de que *aquele* [Deus] *que começou boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus.*" Paulo expressa a confiança de que Deus, que iniciou o processo de salvação em nossa vida, irá terminá-lo. Isto é, todos os regenerados irão para o céu.

2Timóteo 1.12

Paulo proclama: "Por essa causa também sofro, mas não me envergonho, *porque sei em quem tenho crido e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o que lhe confiei até aquele dia*". Visto que a salvação não depende de nossa fidelidade, mas de Deus (2Tm 2.13), nossa perseverança é assegurada por ele. Daí, podemos "saber" presentemente que iremos para o céu, seguros por sua graça.

2Timóteo 2.13

"Se somos infiéis, ele permanece fiel, pois não pode negar-se a si mesmo." Ainda que nossa fé venha a falhar, a fidelidade de Deus não falha! Para podermos perder a salvação, Deus teria de "negar-se a si mesmo". Teria de deixar de ser Deus.

1 Pedro 1.5

Pedro acrescenta: "Mediante a fé, [vocês] *são protegidos pelo poder de Deus até chegar a salvação* prestes a ser revelada no último tempo". Por colocar a nossa fé na sua fidelidade, é-nos assegurado agora que o poder de Deus nos guardará até o fim.

1 João 5.13

João declara: "Escrevi-lhes estas coisas, a vocês que crêem no nome do Filho de Deus, *para que vocês saibam que têm a vida eterna*". Ao longo de toda a carta, o apóstolo lista os modos pelos quais podemos "saber" agora que somos dos eleitos de Deus, a saber, se obedecemos aos seus mandamentos (2.3); guardamos a sua Palavra (2.5); andamos como ele andou (2.6); amamos os irmãos (3.14); amamos verdadeiramente, não só de palavra ou de língua (3.18); temos o Espírito Santo em nós (3.24); amamos uns aos outros (4.12); não continuamos no pecado (5.18; v. tb. 3.9). Em resumo, se temos a presença do Espírito em nosso coração e manifestamos o fruto do Espírito em nossa vida (v. Gl 5.22,23), podemos estar certos de que somos eleitos. Não temos de esperar até que nos encontremos com Cristo para saber que pertencemos a ele.

Judas 24 e 25

"*Àquele que é poderoso para impedi-los de cair* e para apresentá-los diante da sua glória sem mácula e com grande alegria, ao único Deus, nosso Salvador, sejam glória, majestade, poder e autoridade, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor, antes de todos os tempos, agora e para todo o sempre! Amém." Quaisquer que sejam as advertências que a Bíblia possa dar-nos quanto ao perigo de cair,[6] somos certificados de que o crente verdadeiro não experimentará uma queda que envolva a perda do céu, porque o Deus todo-poderoso é capaz de nos guardar de tropeços.

RESPONDENDO ÀS OBJEÇÕES LEVANTADAS PELOS ARMINIANOS

Os arminianos fazem objeções ao uso dos versículos acima como prova da veracidade da expressão "uma vez salvo, sempre salvo". Diversas razões são trazidas para dar suporte à sua conclusão.

A PROMESSA DE SALVAÇÃO É CONDICIONAL

Um dos argumentos levantados é que todas essas promessas são condicionadas à continuidade do crente na fé. Colossenses 1.23 é freqüentemente usado em conexão com isso: "*Desde que continuem* alicerçados e firmes *na fé*, sem se afastarem da esperança do evangelho". Em sua defesa do arminianismo, Robert Shank argumenta que há cerca de oitenta e cinco "passagens do Novo Testamento estabelecendo a doutrina da segurança condicional".[7] Ele sublinha textos que falam de "continuar", "permanecer", "apegar-se" etc. Por exemplo, 1Coríntios 15.2 diz: "Por meio deste evangelho vocês são salvos, *desde que se apeguem firmemente à palavra* que lhes preguei; caso contrário, vocês têm crido em vão".

Os calvinistas respondem dizendo que nem esse nem qualquer outro texto assevera que um verdadeiro crente venha a perder a fé. Antes, a prova de que são verdadeiramente crentes é que continuarão na fé. João diz: "Todo aquele que é nascido de Deus não pratica o pecado, porque a semente de Deus permanece nele; ele não pode estar no pecado, porque é nascido de Deus" (1Jo 3.9). E acrescenta: "Eles saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; o fato de terem saído mostra que nenhum deles era dos nossos" (1Jo 2.19). Por mais enfraquecidos que estejam pelo pecado, os verdadeiros crentes permanecem na fé até o fim. Isso demonstra que a promessa de salvação não é condicional.

A FÉ É UM PROCESSO CONTÍNUO

Os arminianos também argumentam que a Bíblia usa o verbo "crer" no tempo presente, não como um ato completo, de uma vez por todas,

quando fomos salvos. Por exemplo, os famosos versículos no evangelho de João que prometem vida eterna aos que crêem falam da fé como um processo contínuo. Por conseguinte, eles podem ser traduzidos assim: "Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, *para que todo o que nele crer* não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16).

Em resposta a isso, há diversas coisas muito importantes a serem assinaladas. Em primeiro lugar, nem todas as referências à fé que traz a salvação estão no tempo presente. Algumas estão no tempo aoristo, no grego, e indicam uma ação completada. Por exemplo, Romanos 13.11 declara: "Chegou a hora de vocês despertarem do sono, porque agora a nossa salvação está mais próxima do que *quando cremos*". Em segundo lugar, a fé contínua pode ser uma condição da salvação definitiva sem significar necessariamente que a salvação possa ser perdida. Deus sabe de antemão que todos os que começaram na fé continuarão por graça a perseverar até o fim. Em suma, Deus é capaz de guardar-nos pelo seu poder (1Pe 1.5; Fp 1.6). Em terceiro lugar, visto que a salvação se dá em três estágios, não é de se surpreender que a fé no presente seja enfatizada na Bíblia. Fomos salvos da *penalidade* do pecado (justificação) no passado; estamos sendo salvos do *poder* do pecado no presente (santificação); e seremos salvos da *presença* do pecado no futuro (glorificação). Mesmo que devamos "desenvolver a nossa salvação" no presente (Fp 2.12, ARA), é Deus quem efetua em nós "tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele" (Fp 2.13). Em quarto lugar, em parte alguma da Palavra de Deus lemos que os que são verdadeiramente crentes perderão a salvação (v. o tópico seguinte). Ela somente diz que os que crêem devem crer e continuarão a crer para a salvação final. Finalmente, não são nossas obras de justiça ou a falta delas (Tt 3.5-7) que nos levam para o céu, mas a justiça de Cristo, que nos é imputada no momento em que cremos (v. 2Co 5.21; Jo 5.24).

A NATUREZA SIMÉTRICA DA FÉ

O argumento arminiano seguinte é sobre a natureza da fé. Os arminianos afirmam que, se podemos exercer fé para "estar em" Cristo,

podemos usar a mesma fé para "sair" de Cristo. Assim como entramos e saímos de um ônibus que se dirige para o céu, podemos exercer livre-escolha para entrar ou sair. Não ser capaz de fazer isso, insistem, significaria que, uma vez que obtemos a salvação, não mais seremos livres. A liberdade é simétrica; se você tem a liberdade de ser salvo, também tem a liberdade de ser perdido novamente.

Em resposta a esse argumento, é importante observar algumas poucas coisas. Em primeiro lugar, esse raciocínio *não é baseado na Escritura*; é *especulativo* e deve ser tratado como tal. Em segundo lugar, não é logicamente necessário aceitar esse raciocínio, mesmo sobre uma base puramente racional. Algumas decisões na vida são únicas e não têm volta: suicídio, por exemplo. Dizer "Opa!" após saltar de um penhasco não reverte as conseqüências da decisão. Em terceiro lugar, por essa mesma lógica, o arminiano teria de argumentar que podemos ficar perdidos mesmo após termos chegado ao céu. De outra forma, ele teria de negar que somos livres no céu. Porém se somos livres ainda no céu, mas não podemos nos perder, por que é logicamente impossível ser livre na terra, mas nunca perder a salvação? Em ambos os casos, a resposta bíblica é que o poder absoluto de Deus é capaz de guardar-nos da queda — de acordo com nossa livre-escolha.

VERSÍCULOS USADOS PELOS ARMINIANOS PARA MOSTRAR QUE SE PODE PERDER A SALVAÇÃO

Muitos versículos são usados pelos arminianos para mostrar que um crente pode perder a salvação. O espaço não permite uma explicação detalhada de todos,[8] mas eles se enquadram em duas categorias mais amplas, que serão refutadas agora.

CRENTES PROFESSOS, MAS FALSOS

Primeiramente, existem os versículos que tratam dos crentes professos que nunca evidentemente possuíram fé salvífica. Estão incluídos os seguintes:

Mateus 7.22,23

Jesus disse: "Muitos me dirão naquele dia: 'Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?' Então eu lhes direi claramente: *'Nunca os conheci.* Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!".

Resposta

A despeito do que proferiram e mesmo dos sinais miraculosos feitos em nome de Cristo, está claro pelas palavras salientadas "nunca os conheci" que os referidos nunca foram salvos.

2Pedro 2.22

Esse versículo também fala de cristãos *professos* (mas falsos) que nunca foram verdadeiramente convertidos; negaram "o Soberano que os resgatou" (v. 1); tinham "conhecido o caminho da justiça" (v. 21), porém não o tinham seguido, mas, como um "cão" (não um cordeiro), mostravam que eram na verdade "escravos da corrupção" (v. 19), e não uma "nova criação" de Deus (2Co 5.17).

Apocalipse 3.5

"O vencedor será igualmente vestido de branco. *Jamais apagarei o seu nome do livro da vida,* mas o reconhecerei diante do meu Pai e dos seus anjos."

Resposta

Duas coisas são dignas de nota a respeito desse texto. A primeira é que se trata de uma promessa aos que estão "vestidos de branco", o que é uma descrição dos santos (Ap 7.14) e, portanto, uma inferência de que nunca perderão a salvação. A segunda é que jamais se diz que Deus *apagará* o nome de alguém do livro da vida.

Apocalipse 22.19

"Se alguém tirar alguma palavra deste livro de profecia, Deus tirará dele a sua parte na árvore da vida[9] e na cidade santa, que são descritas neste livro."

Resposta

Isso parece ser uma advertência aos incrédulos, não aos crentes. Eles nunca chegaram à cidade santa porque estão do lado de fora dos portões celestiais (v. 15) e são descritos como injustos (v. 11).

OS VERDADEIROS CRENTES PERDEM AS RECOMPENSAS, NÃO A SALVAÇÃO

O segundo grupo de versículos usados pelos arminianos refere-se aos que são verdadeiramente salvos, mas que perdem somente recompensas, não a salvação. Os textos a seguir servem de amostra.

1Coríntios 3.11-15

"Ninguém pode colocar outro alicerce além do que já está posto, que é Jesus Cristo. Se alguém constrói sobre esse alicerce usando ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha, sua obra será mostrada, porque o Dia a trará à luz; pois será revelada pelo fogo, que provará a qualidade da obra de cada um. Se o que alguém construiu permanecer, esse receberá recompensa. Se o que alguém construiu se queimar, *esse sofrerá prejuízo* [da recompensa]; *contudo, será salvo* como alguém que escapa através do fogo."

Resposta

Mesmo com pecados grosseiros, como assassinato e adultério, Davi não perdeu a salvação. Antes, orou em seu pecado: "Cria em mim um coração puro, ó Deus. [...] Devolve-me a *alegria* da tua salvação e sustenta-me com um espírito pronto a obedecer" (Sl 51.10,12). Ele não havia perdido a salvação, somente a *alegria* dela. Os crentes em

pecado não são felizes. Eles são filhos sob a disciplina do Senhor (Hb 12.5-11; v. tb. 1Co 11.28-32). A perda é da recompensa, não da salvação.

1Coríntios 9.27

"Esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo, para que, depois de ter pregado aos outros, *eu mesmo não venha a ser reprovado*."

Resposta

Paulo está falando aqui da perda da recompensa, não da salvação (v. 1Co 3.15; 2Co 5.10). Ele fala dela como um "prêmio" a ser ganho, não um "dom" a ser recebido (Rm 6.23). De qualquer modo, as advertências para perseverar não são incoerentes com a certeza de salvação, assim como as exortações para desenvolvermos nossa salvação (Fp 2.12, ARA) não são contradizem o fato de Deus efetuar em nós a realização dela (Fp 2.13).

Hebreus 6.4-6

"Para aqueles que uma vez foram iluminados, provaram o dom celestial, tornaram-se participantes do Espírito Santo, experimentaram a bondade da palavra de Deus e os poderes da era que há de vir, e caíram; *é impossível que sejam reconduzidos ao arrependimento*; pois para si mesmos estão crucificando de novo o Filho de Deus, sujeitando-o à desonra pública."

Resposta

Há diversos problemas em tomar esse texto como referência aos crentes que podem perder a salvação. Em primeiro lugar, a passagem declara enfaticamente que "é impossível que sejam reconduzidos ao arrependimento" (v. 6), e poucos arminianos crêem que uma vez que uma pessoa apostatou seja impossível para ela ser "salva novamente". Todavia, ao mesmo tempo em que a descrição da condição espiritual das pessoas descritas nessa passagem difere de outros modos de expressá-la

no Novo Testamento, algumas dessas expressões são muito difíceis de tomar em outro sentido que não o de uma pessoa que foi salva. Por exemplo: 1) essas pessoas haviam experimentado "arrependimento" (v. 6), que é a condição de aceitação da salvação (At 17.30); 2) foram "iluminadas" e "provaram o dom celestial" (v. 4); 3) tornaram-se "participantes do Espírito Santo" (v. 4); 4) "experimentaram a bondade da palavra de Deus" (v. 5); e 5) provaram "os poderes" do mundo vindouro (v. 5).

Obviamente, se eram crentes, a questão se levanta com respeito à condição delas após terem "caído" (v. 6). Em resposta, deve ser notado primeiramente que a palavra grega para "caíram" (*parapesontas*) não indica uma ação de mão única, como seria verdadeiro a respeito da apostasia (gr.: *apostasia*); antes, ela é a palavra para "ir à deriva", indicando que a condição dos indivíduos não é sem solução.

Em segundo lugar, o fato de que é "impossível" para elas se arrependerem novamente indica a natureza definitiva do arrependimento. Por outras palavras, elas não precisam se arrepender novamente, visto que já o fizeram uma vez, e isso é tudo que é necessário para a "eterna redenção" (Hb 9.12).

Em terceiro lugar, o texto parece indicar que não há mais necessidade para as pessoas ficarem à deriva (reincidentes no erro) para terem de arrepender-se novamente e serem salvas outra vez, da mesma forma em que não há a necessidade de Cristo morrer novamente na cruz (Hb 6.6).

Em quarto lugar, o escritor de Hebreus chama os advertidos "amados" (Hb 6.9), termo dificilmente apropriado a incrédulos.

Finalmente, a frase "estamos convictos de coisas melhores em relação a vocês" (v. 9) indica que eram crentes.

Hebreus 10.26-29

"Se continuarmos a pecar deliberadamente depois que recebemos o conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados, mas tão-somente uma terrível expectativa de juízo e de fogo intenso que

consumirá os inimigos de Deus. Quem rejeitava a Lei de Moisés morria sem misericórdia pelo depoimento de duas ou três testemunhas. Quão mais severo castigo, julgam vocês, merece aquele que pisou aos pés o Filho de Deus, profanou o sangue da aliança pelo qual ele foi santificado, e insultou o Espírito da graça?"

Resposta

Não importa quão forte isso possa soar, igual às outras passagens de advertência em Hebreus (v. comentários sobre Hb 6.4-6), essa também não parece ser uma advertência a respeito da perda da salvação, mas das recompensas. Essa conclusão é apoiada por diversas considerações. Em primeiro lugar, as pessoas envolvidas são descritas claramente como "irmãos" (v. 19) e "seu povo" (de Deus, v. 30), e crentes que tinham um "grande sacerdote" (Cristo, v. 21) e uma firme profissão da esperança (v. 23), dada somente aos que têm "convicção de fé" (v. 21). Em segundo lugar, o texto não está falando de salvação, mas de uma rica recompensa (v. 35). Em terceiro lugar, as pessoas mencionadas tinham consciência de possuir "bens superiores e permanentes" (no céu). Em quarto lugar, tinham sido "iluminadas" por Deus (v. 32) e haviam "recebido o conhecimento da verdade" (v. 26), frases que dizem respeito a crentes. Em quinto lugar, haviam sofrido com o autor do livro e tido compaixão dele, como crentes que eram (v. 33,34). Em sexto lugar, são descritas como podendo fazer a "vontade de Deus" (v. 36), algo que somente os crentes podem fazer (Jo 9.31). Em sétimo lugar, a referência aos que insultaram "o Espírito da graça" sugere que eram crentes que tinham o Espírito para insultar. Em oitavo lugar, "uma terrível expectativa de juízo" se encaixa na descrição de crentes vindos perante o tribunal de Cristo (2Co 5.10), onde suas obras serão provadas pelo fogo e onde poderão perder a recompensa: "Sua obra será mostrada, porque o Dia a trará à luz; pois *será revelada pelo fogo*, que provará a qualidade da obra de cada um. Se o que alguém construiu permanecer, esse receberá recompensa" (1Co 3.13,14). Finalmente, a ilustração usada para os que morreram sob a

lei de Moisés (Hb 10.28) fala da morte física pela desobediência, não da morte eterna ou da separação de Deus. Paulo fala da morte física dos crentes por causa dos pecados em 1Coríntios 11.30 (v. tb. 1Jo 5.16).

Gálatas 5.4

"Vocês, que procuram ser justificados pela Lei, separaram-se de Cristo; *caíram da graça.*"

Resposta

Esse versículo fala de crentes verdadeiros que, novamente, são chamados "irmãos" (Gl 6.1) e que tinham posto sua fé em Cristo (3.2) para sua justificação (3.5,11). Haviam "começado pelo Espírito" (3.3), mas agora tinham "caído da graça" (5.4) *como meio para sua santificação* e retornado para a guarda da Lei (3.5), que somente leva à escravidão (3.10). Eles não haviam perdido a salvação, mas somente a verdadeira santificação, que também vem pela graça, não pela Lei.

2Timóteo 2.17,18

"O ensino deles alastra-se como câncer; entre eles estão Himeneu e Fileto. Estes se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição já aconteceu, *e assim a alguns pervertem a fé.*"

Resposta

Há diversas razões pelas quais esse texto não indica perda de salvação. A primeira é que não diz que a *salvação* deles foi destruída, mas somente a sua *fé* na ressurreição futura. A segunda é que somente uns poucos versículos antes está um dos textos mais fortes sobre a segurança eterna, que afirma que, "se somos infiéis, ele [Deus] permanece fiel pois não pode negar-se a si mesmo" (2Tm 2.13). A terceira é que o contexto enfoca a certeza da ressurreição. Portanto, pode referir-se somente à perda da certeza na ressurreição como um evento futuro. A quarta é que, mesmo que o versículo se

refira à perda da fé em geral, essa fé não é a genuína (1Tm 1.5) que persevera, mas uma fé formal (2Tm 3.5), que os próprios demônios têm (Tg 2.19) e que não é suficiente para a salvação (v. Tg 2.14*s*).

2Timóteo 4.7

"Combati o bom combate, *terminei a corrida, guardei a fé.*"

Resposta

Paulo fala em guardar a fé, mas não diz que os que não guardam a fé não serão salvos. Para ser mais claro, ele diz no versículo seguinte que o resultado de se guardar a fé não é a *salvação,* mas uma *recompensa* — "a coroa da justiça" (v. 8). Os que não são fiéis como Paulo, não receberão essa coroa. Como ele diz em outro lugar: "Se o que alguém construiu se queimar, esse sofrerá prejuízo; contudo, será salvo como alguém que escapa através do fogo" (1Co 3.15). E, como João afirma: "Eles saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; o fato de terem saído mostra que nenhum deles era dos nossos" (1Jo 2.19).

OS VERDADEIROS CRENTES DÃO PROVAS DE SUA FÉ

O verdadeiro crente em Cristo não pode perder a salvação, nem deveria alguém dar como fato consumado que já esteja salvo. Muitos textos da Escritura exortam-nos a examinarmos a nós mesmos para que estejamos certos de ser verdadeiros crentes.

2Coríntios 13.5

"Examinem-se para ver se vocês estão na fé; provem-se a si mesmos. Não percebem que Cristo Jesus está em vocês? A não ser que tenham sido reprovados!"

2Pedro 1.10

"Irmãos, empenhem-se ainda mais para *consolidar o chamado e a eleição de vocês*, pois se agirem dessa forma, jamais tropeçarão." Do ponto de vista de Deus, nossa eleição é segura. Ela foi ordenada antes da fundação do mundo (Ef 1.4,5,11). Todavia, somos exortados a confirmar o fato de que somos eleitos. Isso pode ser feito de muitas maneiras, indicadas por numerosos versículos sobre a segurança da salvação, como o testemunho do Espírito (Rm 8.16), o fruto do Espírito em nossa vida (Gl 5.22,23) e o amor pelos irmãos (1Jo 4.7).

Filipenses 2.12

"Assim, meus amados, como sempre vocês obedeceram, não apenas na minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, *ponham em ação* ["desenvolvam", ARA] *a salvação de vocês* com temor e tremor." É importante observar que Paulo está falando de crentes. Eles já estavam no primeiro estágio da salvação (justificação). E, conquanto seja verdade que recebemos ordem para desenvolver nossa salvação (i.e., a santificação), observe que Paulo imediatamente acrescenta: "*Pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar*, de acordo com a boa vontade dele" (v. 13). E o que Deus está efetuando é a própria soberana vontade dele, que foi determinada "antes da criação do mundo" (Ef 1.4,5,11). Novamente, ambas as declarações são verdadeiras.

Judas 21

"*Mantenham-se no amor de Deus*, enquanto esperam que a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo os leve para a vida eterna." É verdade que devemos nos guardar a nós mesmos, mas é também verdade que Deus nos guarda em seu amor. Como estamos pondo em ação nossa salvação, Deus a está operando *em* nós e *por meio* de nós (Fp 2.12,13).

1Coríntios 13.7

"[O amor] tudo sofre, tudo crê, tudo espera, *tudo suporta.*" O verdadeiro amor sempre persevera. Mas isso não significa que não possamos saber se temos o verdadeiro amor de Deus em nosso coração. Na verdade, a Bíblia declara que podemos (Rm 5.5; v. tb. 8.16). João disse: "Sabemos que já passamos da morte para a vida porque amamos nossos irmãos. Quem não ama, permanece na morte" (1Jo 3.14).

AS RAÍZES DO CALVINISMO MODERADO

Tenho defendido uma forma moderada de calvinismo. Essa idéia não é nova. Suas raízes remontam aos primeiros escritos de Agostinho. Como foi indicado anteriormente (e também no ap. 3), a posição inicial de Agostinho era forma mais moderada que a do calvinismo extremado. Em minha opinião, se Agostinho não tivesse sido tirado dos trilhos pelo *seu conceito de regeneração batismal e pela coerção dos heréticos para* que cressem (em controvérsia com os donatistas), os calvinistas extremados não encontrariam qualquer suporte substancial em toda a história da Igreja anterior ao período da Reforma.

O PONTO FUNDAMENTAL

Os calvinistas moderados e os arminianos moderados, que representam a grande maioria da cristandade, têm muito em comum contra os extremos das duas posições. De fato, o próprio John Wesley (arminiano moderado) disse que estava apenas a "um triz de Calvino". Como será demonstrado mais adiante, no apêndice 2, o próprio Calvino rejeitou algumas idéias do calvinismo extremado posterior (e.g., a expiação limitada).

Obviamente, existem algumas diferenças importantes entre os calvinistas moderados e os arminianos moderados, mas elas não negam as similaridades. Uma das diferenças foi discutida acima, a saber, se a expressão "uma vez salvo, sempre salvo" é correta. Porém, mesmo aqui, na prática, as similaridades são maiores do que muitos pensam.

A vasta maioria dos proponentes de ambos os lados sustenta que, se um cristão professo se aparta de Cristo e vive em pecado contínuo, isso é evidência de que ele não é salvo. A diferença é que os calvinistas moderados afirmam, para começo de conversa, que ele nunca foi salvo, enquanto os arminianos moderados crêem que ele era salvo. Os dois lados crêem que o impenitente que continua em pecado não é um crente verdadeiro. Como 1João 3.9 afirma: "Todo aquele que é nascido de Deus não pratica o pecado, porque a semente de Deus permanece nele; ele não pode estar no pecado, porque é nascido de Deus". Para ilustrar: um porco e um cordeiro podem cair na mesma lama. Mas, quando isso acontece, o porco quer permanecer e o cordeiro quer sair!

8

Que diferença isso faz?

UMA PALAVRA AO SÁBIO

A esta altura, sem dúvida, muitos leitores estão perguntando: "E daí?" ou: "Que diferença isso faz?". Na realidade, que diferença prática faz se alguém é calvinista extremado, arminiano extremado ou toma uma posição intermediária?

Francamente, a resposta a essa pergunta é que isso faz uma enorme diferença sobre o que cremos. As convicções afetam a conduta e, por isso, as idéias têm conseqüências. Boas idéias conduzem a boas conseqüências, assim como más idéias levam a conseqüências más. A pessoa que crê que a cancela em frente à linha férrea está emperrada será morta, quando o trem chegar! Quem acredita no gelo quando o lago está congelado pode afundar se o gelo é fino! Do mesmo modo, a doutrina falsa pode levar a ações falsas. É bom repetir o refrão: "Fulano era um bom menino, mas agora não é mais, porque o que ele creu ser H_2O era H_2SO_4 (ácido sulfúrico)".

ALGUMAS CONSEQÜÊNCIAS PRÁTICAS DO CALVINISMO EXTREMADO

As opiniões extremadas de qualquer espécie têm conseqüências sérias. Isso é verdade tanto a respeito dos calvinistas quanto dos arminianos. Primeiramente, vamos investigar a diferença que o calvinismo extremado pode fazer, e freqüentemente faz, na vida espiritual de alguém.

Leva-o a eximir-se da responsabilidade pelo que faz

Logicamente falando, se a "livre-escolha" está fazendo o que não podemos evitar, pois é por natureza que fazemos esse tipo de coisa, por que deveríamos assumir a responsabilidade por nossas ações? Se não "foi o Diabo que me fez fazê-las", certamente "foi Deus". O calvinismo extremado conduz logicamente (se não na prática) à irresponsabilidade pessoal: se nossas ações são boas, é porque Deus as programou para que as fizéssemos boas; se forem más, a culpa não é nossa, porque somos pecadores por natureza, e Deus não nos deu o desejo de fazer o bem.

Além disso, se não sou realmente a causa de minhas ações, por que deveria assumir a responsabilidade por elas? Por que deveria ter o crédito ou a culpa? Afinal de contas, o calvinista extremado crê que *dever* não implica *poder*. A responsabilidade não implica capacidade de responder. Mas, se é assim, por que deveria me sentir responsável? Por que deveria me preocupar quando seguir determinado caminho está fora de meu controle?

Mesmo os calvinistas mais radicais reconhecem o extremo para o qual os hipercalvinistas (v. ap. 7) seguem na doutrina da soberania divina. Iain Murray escreve: "Eles não renunciaram à Confissão [calvinista] de 1689, mas revestiram-na com uma cobertura que a aproximou do antinomismo, e devorou a vida das igrejas e do evangelho como era pregado por muitos ministros". Ele acrescenta: "A soberania divina foi mantida e ensinada, não em proporções exageradas *mas com a exclusão prática da responsabilidade moral*".[1]

Ouça a voz de um calvinista apaixonado, porém menos extremado, Charles H. Spurgeon, falando contra alguns hipercalvinistas: "Meu coração sangra por muitas famílias onde a doutrina antinomiana ganhou espaço. Eu poderia contar muitas histórias tristes de famílias mortas em pecado, cuja consciência está cauterizada como por ferro quente, pela pregação fatal que elas ouvem". E acrescenta: "Tenho visto convicções sufocadas e desejos apagados pelo sistema destruidor de almas que lhes rouba a dignidade, tornando-os não mais responsáveis que um boi".[2]

Leva-o a culpar Deus pelo mal

O calvinismo extremado não somente tende a minar a responsabilidade pessoal, mas também, pela lógica, põe incorretamente a culpa em Deus pela origem do mal. Duas ilustrações pessoais enfatizam esse ponto. Muitos anos atrás, quando o falecido John Gerstner e eu ensinávamos juntos em uma mesma instituição, convidei-o para vir a uma de minhas aulas para discutir o livre-arbítrio. Sendo o que chamo calvinista extremado, ele defendeu a idéia de Jonathan Edwards de que a vontade humana é movida pelo desejo mais forte. Nunca vou esquecer como ele respondeu quando empurrei toda a lógica de volta para o problema com Lúcifer. Fiquei aturdido ao ouvir um homem muito racional responder à minha pergunta "Quem deu a Lúcifer o desejo de rebelar-se contra Deus?". Tapando o rosto com as mãos, ele exclamou: "Mistério, mistério, um grande mistério!". Eu respondi: "Não, não é um grande mistério; é uma contradição grave". E isso é assim porque, pelas premissas do calvinismo extremado, somente Deus poderia ter dado a Lúcifer o desejo de rebelar-se contra Deus, visto que não existe nenhuma livre-escolha que seja autodeterminada, e Lúcifer não possuía nenhuma natureza má. Mas se é assim, logicamente deve ter sido Deus que lhe deu o desejo de pecar. Em suma, Deus causou a rebelião contra Deus! Fora com esse pensamento!

O segundo exemplo também é trágico. Um conferencista muito conhecido estava explicando como fora incapaz de defrontar-se com a

trágica morte de seu filho. Apoiando-se na forte tradição calvinista, ele gradualmente chegou à conclusão: "*Deus* matou o meu filho!". Triunfantemente, ele nos informou: "Então, e somente então, fiquei em paz". Um Deus soberano matou seu filho, e por essa razão aquele homem encontrou base para uma grande vitória espiritual — ele nos assegurou. Pensei comigo mesmo: "O que ele diria se sua filha fosse estuprada?". Seria ele capaz de enfrentar o problema até concluir vitoriosamente que "Deus estuprou minha filha!"? Longe esteja Deus disso! Alguns pensamentos não precisam ser refutados; simplesmente precisam ser afirmados.

Quando essa mesma lógica é aplicada à questão das pessoas condenadas ao inferno, a tragédia é ainda mais evidente. Na verdade, não há nenhuma diferença real nesse assunto entre os calvinistas extremados e os muçulmanos fatalistas, segundo os quais Deus, no livro sagrado dos muçulmanos, o *Alcorão*, teria afirmado: "Se quiséssemos [plural de majestade], poríamos todas as almas no caminho da retidão. Mas, digo-o em verdade, encherei o inferno de djins [gênios] e de humanos" (Surata 32.13). O famoso poeta persa Omar Khayyam disse:

> Tudo é um tabuleiro de xadrez com dias e noites
> Em que o destino joga com os homens pelas peças;
> Para cá e para lá, toma e põe em xeque,
> E uma por uma as devolve à caixa.

Para que o leitor não pense que essa é uma caricatura injusta do calvinismo extremado, ouça as palavras do famoso puritano calvinista William Ames: "[A predestinação] não depende de causa, razão ou qualquer condição externa, mas procede puramente da vontade dele [Deus] que predestina". Ademais, "há duas espécies de predestinação, eleição e rejeição ou reprovação. [...] O primeiro ato de eleição é querer mostrar a glória da sua graça na salvação de algumas pessoas". Da mesma forma, "a reprovação é a predestinação de certas pessoas de forma que a glória da justiça de Deus possa ser mostrada neles".[3]

É verdade que alguns calvinistas rejeitam essa "predestinação dupla" a favor da idéia de Deus simplesmente "passar por alto" pelo não-eleito, mas mesmo eles têm de admitir que o resultado é o mesmo: visto que Deus não lhes deu o desejo de serem salvos, "eles são condenados à miséria eterna".[4] Permanece a questão da razão pela qual Deus não deu o desejo de ser salvo a todas as pessoas, mas simplesmente fez uma seleção de poucos. Não poucas pessoas que cresceram nessa tradição têm-se perguntado: "Que diferença isso faz? Se eu não sou um dos eleitos, não há nada que possa fazer a esse respeito". No mínimo, dizer essas coisas pode causar um efeito devastador sobre a própria salvação. E que dizer, então, do entusiasmo para alcançar outros para Cristo! (V. a seguir.)

Lança as bases para o universalismo

Uma pergunta difícil para os calvinistas extremados é esta: "Se Deus pode salvar qualquer pessoa a quem ele dá o desejo de ser salva, por que ele não dá o desejo a todas as pessoas?". A resposta somente pode ser que Deus não deseja realmente que todos sejam salvos. Não basta afirmar que a justiça de Deus condena corretamente os que não crêem, visto que mesmo a fé é um dom de Deus e que ele poderia concedê-la a todos se assim quisesse.

Não é suficiente afirmar que Deus condena justamente todos os pecadores, porque Deus não é apenas completamente justo, é também todo-amoroso (1Jo 4.16). Por que, então, seu amor não o dispõe a salvar todos? É esse raciocínio, combinado com a verdade da Escritura de que Deus não quer "que ninguém pereça" (2Pe 3.9), que conduz logicamente ao universalismo. Se Deus pode salvar sem violar a livre-escolha deles e se Deus é todo-amoroso, não há nenhuma razão pela qual todos não sejam salvos. Afinal de contas, de acordo com o calvinismo extremado, o amor de Deus é irresistível. Em conseqüência, tal amor concentrado em todos os homens inevitavelmente traria todos à salvação.

Corrói a confiança no amor de Deus

A resposta seca e honesta do calvinismo extremado a esse dilema, em virtude da lógica inevitável que conduz ao universalismo, é negar que Deus seja todo-amoroso. Em resumo — quanto a redenção, pelo menos —, Deus ama somente os eleitos. Isso se encaixa na crença da expiação limitada dos calvinistas extremados (v. cap. 5). Pois se Deus ama somente os eleitos, por que deveria Cristo ter morrido por mais gente além dos eleitos?

Todavia, qualquer diminuição do amor de Deus cedo ou tarde minará a confiança da pessoa na benevolência de Deus. E quando isto acontece, pode ter um efeito devastador na vida dela. Aliás, essa tem sido a causa para a descrença e mesmo para o ateísmo de muitos.[5]

Um Deus que ama parcialmente é menos que um Deus supremamente bom. E aquilo que é menos que supremamente bom não é digno de adoração, visto que adorar é atribuir dignidade ao objeto adorado. Mas se a idéia que os calvinistas extremados fazem de "Deus" não é o Bem supremo, ela não representa Deus de forma alguma. O Deus da Bíblia é infinitamente amoroso, isto é, todo-benevolente. Ele deseja o bem de toda a criação (At 14.17; 17.25) e a salvação de todas as almas (Ez 18.23,30-32; Os 11.1-5,8,9; Jo 3.16; 1Tm 2.4; 2Pe 3.9).

À primeira vista, a pessoa fica impressionada com um Deus que supostamente a ama mais que a outros e a escolheu para a salvação eterna. Mas depois de alguma reflexão, ela escapa à pergunta: "Se ele é todo-amoroso, por que não ama o mundo todo?". Quando esse pensamento surge, "a graça maravilhosa" experimentada a princípio pelo eleito se torna num "amor parcial" e, finalmente, leva ao reconhecimento de que Deus na verdade odeia o não-eleito. Nas palavras do calvinista extremado William Ames, "Romanos 9.13 diz que *Deus odeia os não-eleitos*. Esse ódio é de negação ou de privação, porque nega a eleição, mas tem um conteúdo positivo, porque Deus deseja que alguns não possuam a vida eterna".[6]

Essa dúvida está implícita na confissão de algumas das pessoas mais piedosas. A verdade é que, não fosse pela profunda piedade delas, é

duvidoso que pudessem por muito tempo manter sua convicção. O calvinista Charles Spurgeon admitiu: "Não sabemos por que Deus se propôs salvar alguns e não outros. [...] Não podemos dizer por que seu amor por todos os homens não é o mesmo que o seu amor pelos eleitos".[7] Se alguém permite que isso roa sua mente pelo tempo suficiente, esse pensamento pode converter um cristão particularista num universalista — de uma crença infeliz para outra.

Corrói a motivação para a evangelização

Muitos anos atrás, um jovem foi ao seu mentor espiritual e o informou de que gostaria de ser um missionário aos pagãos. Seu conselheiro hiper-calvinista disse-lhe que, se Deus quisesse salvar o mundo, poderia fazê-lo sem ele. Felizmente, o jovem não deu ouvidos ao conselho de seu mentor. Seu nome era William Carey, famoso missionário que trabalhou na Índia.[8]

Somente Deus sabe com certeza quantos outros calvinistas extremados sentem o mesmo. O fato é que, se o pensamento deles é correto, não precisamos ficar cheios de expectativa a respeito do trabalho missionário, por diversas razões. Em primeiro lugar, Deus não ama o mundo todo no sentido redentor, mas somente aos eleitos. Em segundo lugar, Cristo morreu apenas pelos eleitos, não pelo mundo todo. Em terceiro lugar, ninguém tem fé para ser salvo a menos que Deus conceda essa fé. Em quarto lugar, Deus deseja dar fé somente a uns poucos selecionados: os escolhidos, que não podem ser substituídos. Em quinto lugar, quando o poder de Deus opera no coração dos incrédulos que ele quer salvar, não há absolutamente nada que possam fazer para recusá-lo. O poder de Deus é irresistível (v. cap. 5). Se tudo isso fosse verdadeiro — e graças a Deus não é —, seria compreensivelmente difícil reunir muito entusiasmo pela evangelização local ou transcultural.

Charles Spurgeon observa com perspicácia a respeito dos hipercalvinistas de seu tempo: "Há algumas pessoas tão egoístas que, certos de que vão para o céu, basta-lhes que eles próprios estejam no pacto.

Eles são o povo querido de Deus...". Mas "para eles, não importa se Deus predetermina pessoas para a vida ou para a morte. Ficam olhando pessoas serem condenadas. [...] Parecem não ter nenhum sentimento por outra pessoa além delas mesmas. Secaram seu coração num passe de mágica".[9]

John Gill, que, de acordo com alguns, foi quem deu origem ao hiper-calvinismo, é um exemplo prático da influência destrutiva sobre a obra de evangelização. Spurgeon observou que "durante o pastorado de meu venerável predecessor, dr. Gill, essa igreja, em vez de aumentar, gradualmente diminuiu. [...] Mas, note isto, desde o dia em que Carey, Fuller, Sutcliffe e outros reuniram-se para enviar missionários à Índia, começou a raiar um reavivamento cheio de graça, que ainda não terminou".[10] A respeito de Gill, Spurgeon acrescenta secamente: "O sistema de teologia, o qual muitos identificam com seu nome, tem esfriado muitas igrejas até o mais profundo de sua alma, porque as leva a deixar de oferecer livremente o evangelho e a negar que é dever do pecador crer em Jesus".[11]

Iain Murray acrescenta: "Nesse sentido, é digno de nota que o entendimento renovado da livre oferta do evangelho, que conduziu à era da obra missionária mundial na Inglaterra, fez o mesmo — por meios diferentes — na Escócia". Robert Moffat, fruto daquele reavivamento, escreve: "Muito depende de nós, os que recebemos o ministério da reconciliação, ficar seguros de que Deus, nosso Salvador, deseja a salvação de todos".[12] A verdade é que, se fôssemos obrigados a optar entre duas convicções incorretas, a de que Deus deseja que todos sejam salvos é mais coerente com a expiação *universal* que com a expiação *limitada*.

Corrói a motivação para a oração intercessória

O calvinismo extremado não somente corrói a base da evangelização como também tende a destruir a percepção da necessidade da oração intercessória. Ao mesmo tempo em que a oração não pode mudar a natureza de Deus (v. cap. 1), pode ser usada por Deus para implementar

sua vontade de mudar pessoas ou coisas. Josué orou, e o Sol parou (Js 10). Elias orou, e os céus cerraram as comportas por três anos e meio (1Rs 17; 18; Tg 5.17). Moisés orou, e o castigo de Deus foi suspenso (Nm 14). Conquanto a oração não seja um meio para ter a nossa vontade feita no céu, ela é um meio pelo qual Deus tem sua vontade feita aqui na terra. Realmente, há coisas que mudam porque oramos, porque um Deus soberano decidiu usar a oração como meio para o fim de concretizar essas coisas. Mas se Deus vai fazer essas coisas mesmo que não as peçamos, não há necessidade alguma de as pedirmos. O que cremos a respeito de como a soberania de Deus se relaciona com o livre-arbítrio faz grande diferença em como — e quanto — oramos.

UMA REAÇÃO NATURAL

A esta altura, muitos leitores sem dúvida estão dizendo: "Bem, conheço muitos calvinistas que são missionários, evangelistas zelosos e profundamente dedicados aos labores da oração". Nenhuma das conseqüências relacionadas se aplica a eles. Por isso louvamos a Deus. Mas, por muitas razões, isso não significa que os pontos acima sejam inválidos.

Em primeiro lugar, nem todos os calvinistas são calvinistas extremados. Muitos são calvinistas moderados (v. cap. 7), e essas críticas não se aplicam a eles.

Em segundo lugar, nem todos os calvinistas extremados vivem de modo coerente. Graças a Deus, às vezes as pessoas agem melhor do que crêem. É um fato que a vida em si mesma tende a arredondar os extremos de nossa postura, seja calvinista, seja arminiana.

Em terceiro lugar, as conseqüências acima são resultados lógicos do pensamento calvinista extremado, venham ou não a acontecer na vida do calvinista extremado. Se ele é coerente com seu pensamento extremado, essas ações extremas tendem a manifestar-se em sua vida. E essa é uma crítica válida à sua posição.

ALGUMAS CONSEQÜÊNCIAS PRÁTICAS DO ARMINIANISMO EXTREMADO

Os calvinistas não detêm o monopólio dos extremos. O arminianismo extremado é igualmente uma fonte muito grande de prejuízo.

Mina a confiança na Bíblia

De acordo com o arminianismo extremado (neoteísta), Deus não tem conhecimento infalível das escolhas livres futuras. Todavia, quase todas as profecias na Bíblia envolvem essas escolhas. Sendo esse o caso, para os arminianos extremados todas as profecias na Bíblia são falíveis. No entanto, é um pensamento fundamental dos cristãos evangélicos que a Bíblia é a Palavra infalível de Deus (v. Jo 10.35; Mt 5.17,18). Portanto, os arminianos extremados minam a confiança na Bíblia — não se pode confiar nela como Palavra de Deus.

Existem aproximadamente duzentas predições na Bíblia a respeito da vinda de Cristo. Praticamente, todas elas envolvem a capacidade divina de prever escolhas futuras. Por exemplo, o Antigo Testamento predisse onde Jesus haveria de nascer, a saber, em Belém (Mq 5.2). O mesmo ocorre com numerosas outras predições, incluindo o dia em que Jesus iria morrer (Dn 9.25-27), como iria morrer (Is 53) e que haveria de ressuscitar (Sl 16.10; v. tb. At 2.30,31). Se o arminianismo extremado está certo, esses textos podem não ser nada exceto adivinhações da parte de Deus. Todos podem estar errados e, com certeza, alguns estão. Em todo caso, não podemos confiar que a Bíblia fala infalivelmente. Nossa confiança na Bíblia fica minada.

Outro exemplo: se Deus não conhece com certeza os atos livres futuros das pessoas, ele não pode saber se a besta e o falso profeta estarão no lago de fogo. Mas a Bíblia diz que estarão lá (Ap 19.20; 20.10). Em conseqüência, ou essa profecia é falsa ou o arminianismo extremado não está correto. Ou, se o arminianismo extremado é verdadeiro, essa predição pode ser falsa.

Em resposta a essa crítica, os arminianos extremados argumentam que Deus tem conhecimento infalível dos eventos necessários e,

ocasionalmente, quando preciso, suprime a livre-escolha para cumprir seu propósito geral.[13] Essa resposta, contudo, não se justifica por diversas razões. Em primeiro lugar, a vasta maioria dos eventos humanos, se não todos, envolve escolhas livres que, de acordo com o arminianismo extremado, Deus não pode conhecer infalivelmente.

Em segundo lugar, suprimir a livre-escolha das pessoas é exatamente o que eles objetam na posição do calvinismo radical. Se Deus pode e realmente suprime a livre-escolha em algumas ocasiões, por que não o faria em outras — especialmente as que dizem respeito ao destino eterno dos indivíduos?

Em terceiro lugar, de todas as predições feitas na Bíblia sobre Cristo e outros eventos, não há nenhum caso em que a profecia estivesse errada. Mas se Deus estivesse meramente adivinhando em todas as ocasiões, ele poderia errar em algumas.

Finalmente, o pensamento arminiano extremado mina a autoridade divina da Escritura — ele nos deixa com uma Bíblia falível. No entanto, a própria Bíblia diz que podemos aceitar a Palavra de Deus incondicionalmente. Ela diz isso explicitamente no contexto da afirmação de que Deus "desde o início" faz "conhecido o fim" (Is 46.10). Paulo escreve: "Se somos infiéis, ele permanece fiel, pois não pode negar-se a si mesmo" (2Tm 2.13). Novamente, ele nos lembra de que "os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis" (Rm 11.29). Por isso, com respeito a essas promessas incondicionais, "isso não depende do desejo ou do esforço humano, mas da misericórdia de Deus" (Rm 9.16).

Elimina a possibilidade de testar um falso profeta

Os arminianos extremados objetam à crítica acima por insistirem em que a profecia bíblica é condicional. Todas as predições possuem um "se" implícito — *se* as coisas se derem como Deus conjeturou, certamente acontecerão. Se isso é assim, nenhuma predição deve ser anunciada como infalível, visto que categoricamente não prediz nada.

Conquanto essa resposta evite a acusação de falibilidade, não obstante abre-se para outras acusações muito sérias. Primeiramente,

se toda profecia é condicional, não há mais nenhum modo de saber se uma profecia é falsa. Todavia, o Antigo Testamento estabelece testes para os falsos profetas, um dos quais é se a profecia vem a acontecer. Porque, "se o que o profeta proclamar em nome do SENHOR não acontecer nem se cumprir, essa mensagem não vem do SENHOR. Aquele profeta falou com presunção. Não tenham medo dele" (Dt 18.22). Se os arminianos extremados estão certos, então esse teste não é válido.

Ademais, as predições a respeito de Cristo não podem ser condicionais. A Bíblia nos diz que sua morte foi ordenada antes da criação do mundo (At 2.23; Ap 13.8; v. tb. Ef 1.4). Aliás, ela foi absolutamente necessária para a nossa salvação (At 4.12; 1Tm 2.5; Hb 9.22).

Finalmente, não há evidência alguma na Bíblia de que a profecia messiânica seja condicional. Termos condicionais como o "se" não são usados nem implícitos nessas passagens. É *eisegese* (introduzir um sentido no texto) e não *exegese* (descobrir o sentido do texto) dizer que elas são condicionais.

Mina a crença na infalibilidade da Bíblia

O arminianismo extremado não somente nega que Deus conhece os atos futuros livres das pessoas, diminuindo (ou negando) assim a onisciência e a onipotência de Deus, mas também acarreta a negação à infalibilidade e à inerrância da Bíblia, em que alguns arminianos extremados (e.g., Clark Pinnock) afirmam crer. Pois, se todas as profecias são condicionais, jamais poderemos estar certos de que virão a acontecer. Todavia, a Bíblia afirma que elas acontecerão. Para esses arminianos, as declarações da Bíblia não são infalíveis e podem estar erradas. Assim, dada a premissa de que Deus está somente conjeturando, é razoável presumir que algumas *estão* erradas. É querer demais presumir que, só porque alguns casos aconteceram, todas as conjeturas de Deus venham a acontecer.

Mina a esperança da vitória definitiva sobre o mal

Visto que os arminianos extremados insistem em que Deus não conhece o futuro com certeza e que não intervém na liberdade exceto

em raras ocasiões, parece seguir-se que não há garantia de vitória definitiva sobre o mal. Pois, como pode ele estar certo de que alguém venha a ser salvo sem intrometer-se em sua liberdade, o que contradiz o livre-arbítrio do pensamento arminiano extremado (libertário)?

Propor a aniquilação de todos os que escolhem o mal não resolve o dilema do neoteísta. Pois esta é a violação definitiva da livre-escolha — a destruição total dela! Além disso, há o fato de que tanto a Escritura (Lc 16.19*s*; Ap 19.20; 20.10) quanto os séculos de ensino do cristianismo ortodoxo são contra essa aberração doutrinária.[14]

Ademais, esse pensamento é contrário à Bíblia, que prediz que Satanás será derrotado, que o mal será vencido e que muitos serão salvos (Ap 20). Mas, visto que, segundo o arminianismo extremado, essa é uma questão moral que envolve o livre-arbítrio (libertarismo), segue-se que Deus poderia não conhecer isso infalivelmente. Contudo, a Bíblia nos informa que o mal será derrotado (Ap 21 e 22). Porém, se for assim, nem Deus nem a Bíblia podem ser completamente infalíveis e inerrantes. Todavia, alguns arminianos extremados, incoerentemente, como Clark Pinnock, afirmam que são.

Mina a confiança nas promessas de Deus

É claro que nem todas as promessas de Deus na Bíblia são para todas as pessoas. Algumas são somente para pessoas específicas (v. Gn 4.15). Outras são somente para certo grupo de pessoas (v. Gn 13.14-17). Outras ainda são somente por tempo limitado (v. Ef 6.3). Muitas promessas estão condicionadas à conduta humana. Existe um "se" nelas. O pacto mosaico é dessa natureza. Deus disse a Israel: "Agora, se me obedecerem fielmente e guardarem a minha aliança, vocês serão o meu tesouro pessoal dentre todas as nacões" (Êx 19.5). Outras promessas, contudo, são incondicionais. Assim foi a promessa da terra a Abraão e sua descendência. Isso é claro pelos seguintes fatos: 1) nenhuma condição foi adicionada a ela; 2) o acordo não foi solicitado por Abraão; 3) o pacto foi iniciado enquanto Abraão dormia (Gn 15.12); 4) ele foi estabelecido unilateralmente por Deus, que passou

através do sacrifício partido (Gn 15.17,18); 5) Deus reafirmou essa promessa mesmo quando Israel foi infiel (2Cr 21.7). Essas promessas incondicionais, que envolvem as escolhas livres das criaturas, não seriam possíveis a menos que Deus conhecesse com certeza todas as escolhas livres do futuro.

Os arminianos extremados apresentam o texto de 1Reis 2.1-4 como exemplo de como uma promessa aparentemente incondicional na verdade é condicional. Deus prometera a Davi a respeito de seu filho Salomão o seguinte: "Nunca retirarei dele o meu amor, como retirei de Saul, a quem tirei do meu caminho. Quanto a você, sua dinastia e seu reino permanecerão para sempre diante de mim; o seu trono será estabelecido para sempre" (2Sm 7.15,16). Todavia, mais tarde Deus parece ter revisto essa decisão, tornando-a condicional à obediência de Salomão e de seus descendentes, no sentido de andarem fielmente perante ele (1Rs 2.1-4). Assim, eles argumentam que todas as promessas aparentemente incondicionais na verdade são condicionais.

Contudo, esse argumento falha por muitas razões. Em primeiro lugar, ele é irrelevante, visto que a conclusão é mais ampla do que as premissas. Mesmo que fosse um exemplo de condicional implícita, isso não significa que todas as promessas sejam condicionais. Em segundo lugar, ele faz vista grossa a muitos casos na Escritura (v. exemplo anterior) onde há promessas incondicionais (v. Rm 11.29). Esses são contra-exemplos que refutam a afirmação de que todas as promessas de Deus são condicionais. Em terceiro lugar, ele é incoerente com o pensamento do arminianismo extremado a respeito de Deus. Ele insiste em que Deus é um ser ontologicamente independente. Mas o conhecimento de Deus é parte de sua essência ou ser. Como, então, pode o conhecimento de Deus ser dependente de outra coisa qualquer?[15]

Finalmente, o argumento está baseado na falha em ver que os dois textos se referem a duas coisas diferentes. Em 2Samuel, Deus está falando a Davi a respeito de nunca retirar o reino de seu filho Salomão. Essa promessa foi cumprida, porque, a despeito dos pecados de Salomão (1Rs 11.1,2), o reino não lhe foi retirado durante a sua vida.

Aliás, o cumprimento é explicitamente afirmado nas palavras de Deus a Salomão: "Já que essa é a sua atitude e você não obedeceu à minha aliança e aos meus decretos, os quais lhe ordenei, certamente lhe tirarei o reino e o darei a um dos seus servos. No entanto, por amor a Davi, seu pai, *não farei isso enquanto você viver*. Eu o tirarei da mão do seu filho" (1Rs 11.11,12). Assim, Deus realmente cumpriu a promessa feita a Davi a respeito de Salomão.

O outro texto (1Rs 2.1-4) não está falando da promessa de Deus feita a Davi com respeito ao seu filho Salomão. Antes, refere-se a Deus retirando o reino de um dos filhos de Salomão. Não há promessa incondicional aqui. De seu leito de morte, Davi exortou Salomão: "Obedeça ao que o SENHOR, o seu Deus, exige: ande nos seus caminhos e obedeça aos seus decretos, aos seus mandamentos, às suas ordenanças e aos seus testemunhos, conforme se acham escritos na Lei de Moisés; assim você prosperará em tudo o que fizer e por onde quer que for, e o SENHOR manterá a promessa que me fez: '*Se os seus descendentes* cuidarem de sua conduta, e se me seguirem fielmente de todo o coração e de toda a alma, você jamais ficará sem descendente no trono de Israel'" (1Rs 2.3,4). Essa promessa foi tanto condicional ("se") como limitada aos filhos de Salomão. Não é dito nada a respeito de Salomão, a respeito de quem Deus já havia feito a promessa incondicional de não lhe retirar o trono nos dias de sua vida.

Tira a certeza de salvação

Um dos grandes motivadores da vida cristã é a certeza de salvação. Nenhum arminiano, porém, pode estar certo de que irá para o céu. A possibilidade de apostasia sempre está pendente sobre a sua cabeça. Se ele se desvia, perde a salvação.

Graças a Deus, a Bíblia nos assegura que podemos saber que temos vida eterna (Jo 5.24; 1Jo 5.13) e que nada pode nos separar do amor de Deus em Cristo (Rm 8.36-39). Mesmo que sejamos infiéis, Deus permanece fiel (2Tm 2.13). Essas e outras numerosas passagens da Escritura nos informam que os verdadeiros crentes estão eternamente seguros (v. cap. 6 e 7).

Impede a confiança na oração respondida

A despeito de os arminianos extremados falarem muito da capacidade dinâmica de Deus responder à oração, parece que o conceito que eles têm de Deus na verdade impede a ação da providência de Deus em responder às orações. Eles admitem, como de fato devem, que a maioria das respostas às orações não envolve intervenção sobrenatural no mundo. Antes, Deus opera por meio da providência especial em modos não comuns, para cumprir coisas que também não são comuns. Mas um Deus que não sabe com certeza quais serão os atos livres futuros é rigorosamente limitado em sua capacidade logística de fazer coisas que um Deus sabedor de cada decisão que será tomada pode fazer. Assim, ironicamente, o Deus do arminianismo extremado é responsável por orações não respondidas, que eles consideram tão importantes para um Deus pessoal. Sem dúvida, a pessoa terá muito mais confiança sabendo que Deus tem não somente conhecimento infalível do futuro, mas o completo controle dele (v. cap. 1). Orar para o Deus do arminiano extremado, que apenas faz conjeturas a respeito do futuro, pouca confiança infunde no crente.

UMA PALAVRA FINAL

A Bíblia é um livro equilibrado. Ela afirma tanto a soberania de Deus (v. cap. 1) quanto a livre-escolha do ser humano (v. cap. 2). Ela ensina tanto que Deus está no controle completo quanto que os seres humanos podem escolher receber a salvação ou rejeitá-la (v. cap. 3).[16] Infelizmente, parece haver uma propensão humana incurável para um extremo ou outro. O calvinismo extremado (v. cap. 4 e 5) e o arminianismo extremado (v. cap. 6) são os casos em questão. E, como mostramos neste capítulo, os pensamentos extremados conduzem logicamente (e freqüentemente na prática) a ações extremas, seja na ênfase extrema da soberania divina, seja no livre-arbítrio do homem.

Outra vez, demonstramos que não há contradição alguma na cooperação entre a soberania de Deus e o livre-arbítrio. Podemos estar certos de que 1) Deus está no controle e que 2) recebemos a capacidade de escolher. Somos verdadeiramente eleitos, mas livres.

Apêndices

1

Importantes pais da Igreja falam sobre o livre-arbítrio

Com exceção dos escritos dos últimos anos de Agostinho, que após sua experiência na controvérsia donatista (v. ap. 3) concluiu que as pessoas podiam ser forçadas a crer, quase todos os grandes pensadores até a Reforma afirmaram que o ser humano tem o direito de escolher o contrário, mesmo no estado caído.[1] Ninguém cria que um ato coagido é um ato livre. Em resumo, todos teriam rejeitado o pensamento do calvinismo extremado de que Deus age irresistivelmente sobre quem não quer (v. cap. 5).

JUSTINO MÁRTIR (100-165 D.C.)

Deus, no desejo de que homens e anjos seguissem sua vontade, resolveu criá-los livres para praticar a retidão. Se a Palavra de Deus prediz que alguns anjos e homens certamente serão punidos, isso é porque ela sabia de antemão que eles seriam imutavelmente ímpios, mas não porque Deus os criou assim. De forma que quem quiser, arrependendo-se, pode obter misericórdia (*Dialogue*, CXLI).

IRENEU (130-200 D.C.)[2]

A expressão: "Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos [...] mas vocês não quiseram" ilustra bem a antiga lei da liberdade do homem, *porque Deus o fez livre desde o início, com vontade e alma para consentir nos desejos de Deus sem ser coagido por ele. Deus não faz violência,* e o bom conselho o assiste sempre, por isso dá o bom conselho a todos, mas também *dá ao homem o poder de escolha, como o tinha dado aos anjos, que são seres racionais, para que os que obedecem recebam justamente o bem,* dado por Deus e guardado para eles. [...]

Se não dependesse de nós o fazer e o não fazer, por qual motivo o Apóstolo, e bem antes dele o Senhor, nos aconselhariam a fazer coisas e a nos abster de outras? Sendo, porém, o homem livre na sua vontade, desde o princípio, e livre é Deus, à semelhança do qual foi feito, foi-lhe dado, desde sempre, o conselho de se ater ao bem, o que se realiza pela obediência a Deus (*Contra as heresias,* IV, 37.1,4)

ATENÁGORAS DE ATENAS (SÉC. II)

Justamente como *homens que possuem liberdade de escolha assim como virtude e defeito (porque você não honraria tanto o bom quanto puniria o mau, a menos que o defeito e a virtude estivessem em seu próprio poder,* e alguns são diligentes nos assuntos confiados a eles, e outros são infiéis), assim são os anjos (*Embassy for Christians,* XXIV).

TEÓFILO DE ANTIOQUIA (SÉC. II)

Deus fez o homem livre, e esse poder sobre si próprio [...] Deus lhe concede como um dom por filantropia e compaixão, quando o homem lhe obedece. Pois como o homem, desobedecendo, atraiu morte sobre si próprio, assim, *obedecendo à vontade de Deus, aquele que deseja é capaz de obter para si mesmo a vida eterna* (*Para Autolycus,* XXVII).

TACIANO DA SÍRIA (FIM DO SÉC. II)

Viva para Deus e, apreendendo-o, coloque de lado sua velha natureza. Não fomos criados para morrer, mas morremos por nossa própria falha. *Nosso livre-arbítrio nos destruiu*, nós que fomos livres nos tornamos escravos; fomos vendidos pelo pecado. Nada de mal foi criado por Deus; *nós próprios manifestamos impiedade; mas nós, que a temos manifestado, somos capazes de rejeitá-la novamente* (*Address*, XI).

BARDESANO DA SÍRIA (C. 154-222)

Como é que Deus não nos fez de modo que não pecássemos e não incorrêssemos na condenação? Se o ser humano fosse feito assim, não teria pertencido a si mesmo, mas seria instrumento daquele que o moveu. [...] E como, nesse caso, diferiria de uma harpa, sobre a qual outro toca; ou de um navio, que outra pessoa dirige: onde o louvor e a culpa residem na mão do músico ou do piloto, [...] eles sendo somente instrumentos feitos para uso daquele em quem está a habilidade? Mas Deus, *em sua benignidade, escolheu fazer assim o ser humano; pela liberdade ele o exaltou acima de muitas de suas criaturas* (*Fragmentos*).

CLEMENTE DE ALEXANDRIA (C. 150-215)

Mas nós, que temos ouvido pelas Escrituras que *a escolha autodeterminadora e a recusa foram dadas pelo Senhor ao ser humano*, descansamos no critério infalível da fé, manifestando um espírito desejoso, visto que escolhemos a vida e cremos em Deus através de sua voz (*Stromata*, 2.4).

Mas nada existe sem a vontade do Senhor do universo. Resta dizer que essas coisas acontecem sem o impedimento do Senhor. *Não devemos, portanto, pensar que ele ativamente produz aflições (longe esteja de nós pensar uma coisa dessas!); mas devemos ser persuadidos de que ele não impede os que as causam, mas anula para o bem os crimes dos seus inimigos* (*Stromata*, 4.12).

TERTULIANO (155-225)

Eu acho, então, que *o ser humano foi feito livre por Deus, senhor de sua própria vontade e poder*; indicando a presença da imagem de Deus e a semelhança com ele por nada melhor do que por esta constituição de sua natureza. [...]

Você verá que, quando ele coloca diante do ser humano o bem e o mal, a vida e a morte, que o curso total da disciplina está disposto em preceitos pelos quais Deus chama o ser humano do pecado, ameaça e exorta-o; e isso em nenhuma outra base pela qual o *ser humano é livre, com vontade ou para a obediência ou para a resistência.* [...]

Portanto, *tanto a bondade quanto o propósito de Deus são descobertos no dom da liberdade em sua vontade dado ao ser humano...* (*Contra Marcião*, 2.5).

NOVACIANO DE ROMA (C. 200-258)

Ele também colocou o ser humano no topo do mundo, e também o fez à imagem de Deus, e lhe comunicou mente, razão e perspicácia, para que pudesse imitar a Deus; e, embora os primeiros elementos do seu corpo fossem terrenos, a substância foi inspirada por um sopro divino e celestial. E, quando ele lhe deu todas as coisas para o seu serviço, *quis que apenas ele fosse livre.* E, para que novamente uma ilimitada liberdade não caísse em perigo, estabeleceu uma ordem, na qual ao ser humano foi ensinado que não havia qualquer mal no fruto da árvore; mas ele foi advertido previamente de *que o mal surgiria se porventura ele exercesse o seu livre-arbítrio* no desprezo à lei que lhe foi dada (*Sobre a Trindade*, cap. 1).

ORÍGENES (C. 185-254)

Ora, deve ser conhecido que os santos apóstolos, na pregação da fé de Cristo, pronunciaram-se com a maior clareza sobre certos pontos que eles criam ser necessários para todo mundo. [...] *Isso também é*

claramente definido no ensino da Igreja de que cada alma racional é dotada de livre-arbítrio e volição (*De Principiis*, pref.).

Há, de fato, *inúmeras passagens nas Escrituras que estabelecem com extrema clareza a existência da liberdade da vontade* (*De Principiis*, 3.1).

METÓDIO (C. 260-311)

Ora, *aqueles que decidem que o ser humano não possui livre-arbítrio, e afirmam que ele é governado pelas necessidades inevitáveis do destino* [...] *são culpados de impiedade para com o próprio Deus, fazendo-o ser a causa e o autor dos males humanos* (*O banquete das dez virgens*, xvi).

Eu digo que *o ser humano foi feito com livre-arbítrio*, não como se já houvesse algum mal existente, que *ele tinha o poder de escolher* se quisesse [...], mas que *o poder de obedecer e desobedecer a Deus* é a única causa (*Sobre o livre-arbítrio*).

ARQUELAU (C. 277)

Todas as criaturas que Deus fez, ele fez muito boas, e deu a cada indivíduo o senso de livre-arbítrio, de acordo com o padrão que ele também instituiu na lei de julgamento. Pecar é característica nossa, e nosso pecado não é dom de Deus, *já que nossa vontade é constituída de modo a escolher tanto pecar quanto não pecar* (*Discussão com Mani*).

ARNÓBIO DE SICCA (C. 253-327)

Aquele que convida a todos não liberta igualmente a todos? Ou não empurra ele de volta ou repele qualquer um para longe da *amabilidade do Supremo que dá a todos igualmente o poder de vir a ele*? — A todos, ele diz, a fonte da vida está aberta, e ninguém é impedido ou retido de beber [...] (*Contra os pagãos*).

Mais ainda, *meu oponente diz que, se Deus é poderoso, misericordioso, desejando salvar-nos, que mude as nossas disposições e nos force a confiar em suas promessas. Isso, então, é violência, não é amabilidade nem generosidade do Deus supremo*, mas uma luta vã e pueril na busca da

obtenção do domínio. Pois *o que seria tão injusto como forçar homens que são relutantes e indignos, reverter suas inclinações; imprimir forçadamente em suas mentes o que eles não estão desejando receber, e têm horror de...* (ibidem).

CIRILO DE JERUSALÉM (C. 312-386)

Saiba também que *você tem uma alma autogovernada*, a mais nobre obra de Deus, feita à imagem do Criador, imortal por causa de Deus que lhe dá imortalidade, um ser vivente racional, imperecível, por causa dele que concedeu esses dons: *tendo livre poder para fazer o que deseja* (*Lecture*, IV).

Não há um tipo de alma pecando por natureza e outro de alma praticando justiça por natureza; ambas agem por escolha, a substância da alma sendo de uma espécie somente e igualmente em tudo (ibidem).

A alma é autogovernada: e embora o Demônio possa sugerir, ele não tem o poder de obrigar a vontade. Ele lhe pinta o pensamento da fornicação: mas você pode rejeitá-lo, se quiser. Pois *se você fosse fornicador por necessidade, por que razão Deus preparou o inferno? Se você fosse praticante da justiça por natureza, e não pela vontade, por que preparou Deus coroas de glória inefável?* A ovelha é afável, mas ela nunca foi coroada por sua afabilidade; visto que sua qualidade de ser afável lhe pertence por natureza, não por escolha (ibidem).

GREGÓRIO DE NISSA (C. 335-395)

Sendo à imagem e semelhança [...] do Poder que governa todas as coisas, *o ser humano manteve também na questão do livre-arbítrio esta semelhança a ele cuja vontade domina tudo* (*Sobre a virgindade*, cap. XII).

JERÔNIMO (C. 347-420)

É em vão que você tem uma idéia falsa a meu respeito e tenta convencer o ignorante de que eu condeno o livre-arbítrio. Deixe aquele que o condena ser ele próprio condenado. *Fomos criados, capacitados com o livre-*

arbítrio; ainda não é isto que nos distingue dos bárbaros. Pois o livre-arbítrio humano, como eu disse, depende da ajuda de Deus e necessita de sua ajuda momento a momento, algo que você e os seus não escolhem admitir. Sua posição é a de que, uma vez que o ser humano tem livre-arbítrio, ele não mais necessita da ajuda de Deus. *É verdade que a liberdade da vontade traz consigo a liberdade da decisão. Ainda assim o ser humano não age imediatamente sobre o seu livre-arbítrio, mas requer a ajuda de Deus que, em si mesmo, não precisa de ajuda* (*Cartas*).

Quando nós estamos preocupados com a graça e a misericórdia, o livre-arbítrio é em parte anulado; em parte, eu digo, porque *tanto depende dele, que queremos e desejamos, e damos consentimento ao curso que escolhemos. Mas depende de Deus se temos o poder em sua força e com sua ajuda para fazer o que desejamos, e para nosso trabalho e esforço darem resultado* (*Contra os pelagianos*, Livro III).

Cabe a nós o começar, mas a Deus terminar (ibidem, 3.1, v. tb. ap. 11).

JOÃO CRISÓSTOMO (347-407)

Deus, tendo colocado o bem e o mal em nosso poder, nos deu plena liberdade de escolha; ele não retém o indeciso, mas abraça o que é disposto (*Homilias sobre Gênesis*, 19.1).

Tudo está sob o poder de Deus, mas *de um modo que nosso livre-arbítrio não é perdido.* [...] *Ele depende, entretanto, de nós e dele. Devemos primeiro escolher o bem, e, então, ele acrescenta o que lhe pertence. Ele não precede nosso querer, aquilo que nosso livre-arbítrio não suporta. Mas quando nós escolhemos, então ele nos proporciona muita ajuda.* [...] Cabe a nós escolher de antemão e querer, mas cabe a Deus aperfeiçoar e concretizar (*Homilia sobre Hebreus*).[3]

AGOSTINHO JOVEM (354-430)[4]

O livre-arbítrio, naturalmente concedido pelo Criador à nossa alma racional, é um poder tão neutro que pode tanto se inclinar para a fé como se voltar para a incredulidade (*O Espírito e a letra*).

De fato, *o pecado é tanto um mal voluntário que não é pecado de forma alguma, a menos que seja voluntário* (*Sobre a religião verdadeira*).

Logo, ou *a vontade é a causa primeira do pecado, e nehum pecado será causa primeira do pecado* (*O livre-arbítrio*, 3.49).

O pecado não está de fato em nenhum lugar senão na vontade, visto que esta consideração também teria me ajudado, *que a justiça declara culpados os que pecam pela vontade má apenas*, embora possam ter sido incapazes de fazer o que desejavam (*Duas almas, Contra os maniqueus*, 10.12).

Nós, convencidos da existência de um Deus supremo e verdadeiro, confessamos também que possui potestade, vontade e presciência soberanas. *E não tememos, por isso, fazer sem vontade o que voluntariamente fazemos, porque de antemão sabe Ele, cuja presciência não pode enganar-se, o que temos de fazer* (*A cidade de Deus*, 5.9).

Quem quer que seja que tenha feito qualquer coisa má por meio de alguém inconsciente ou incapaz de resistir, este último não pode por meio algum ser condenado justamente (*Duas almas, Contra os maniqueus*, 10.12).

Qualquer um que também faz uma coisa com relutância é compelido, e todo aquele que é compelido, se faz uma coisa, faz somente de má vontade. Segue que aquele que deseja é livre de compulsão, mesmo se acha que está sendo obrigado (*Duas almas, Contra os maniqueus*, 10.14).

De maneira alguma nos vemos constrangidos, admitida a presciência de Deus, a suprimir o arbítrio da vontade ou, admitido o arbítrio da vontade, a negar em Deus a presciência do futuro, o que é verdadeira impiedade. Abraçamos, isso sim, ambas as verdades, confessamo-las de coração fiel e sincero. [...] Longe de nós negar a presciência, por querermos ser livres, visto como com seu auxílio somos e seremos livres (*A cidade de Deus*, 5.10).

ANSELMO (1033-1109)

Ninguém abandona a retidão exceto por desejar abandoná-la. Se "contra a própria vontade" significa "com relutância", então ninguém abandona a retidão contra a sua vontade. [...] *Mas uma pessoa não pode querer contra a sua vontade porque não pode querer estando indis-*

posta para querer. Cada um que quer, o faz desejosamente (*Verdade, liberdade e mal*).

Embora eles [Adão e Eva] *tenham cedido ao pecado, não podiam abolir em si mesmos a liberdade natural de escolha.* Contudo, podiam afetar o seu estado a ponto de não serem capazes de usar aquela liberdade exceto por uma graça diferente daquela que eles tinham antes de sua queda (ibid).

E não devemos dizer que eles [Adão e Eva] tinham liberdade com o propósito de receber de um doador a retidão que eles não tinham, porque *nós temos de crer que eles foram criados com vontade reta — embora não devemos negar que eles tinham liberdade para receber essa mesma retidão novamente*, se eles a tivessem abandonado de uma vez e ela retornasse para eles por alguém que originalmente lhes deu. Freqüentemente vemos uma evidência disso em pessoas que são trazidas de volta à justiça da injustiça, por graça celestial (ibid).

Você não vê que *se segue dessas considerações que nenhuma tentação pode vencer uma vontade reta? Pois, se a tentação pode vencer a vontade, ela tem o poder de vencê-la, e vence a vontade pelo próprio poder. Mas a tentação não pode fazer isso porque a vontade pode ser vencida somente pelo próprio poder* (ibidem).

Agora, *eu me pergunto se o próprio Deus poderia remover a retidão da vontade de uma pessoa. Será que poderia? Eu lhe mostrarei que ele não pode.* Pois, embora ele possa reduzir tudo o que ele fez do nada de volta para o nada, ele não tem o poder de separar a retidão de uma vontade que a possui (ibidem).

TOMÁS DE AQUINO (1224-1274)

A causa de um pecado é que a vontade não segue a regra da razão nem a lei divina. O mal não surge antes que a vontade se aplique a fazer alguma coisa (*Theological Texts*, p. 132).

A necessidade vem do agente quando coage alguém do que não pode fazer o contrário. Referimo-nos a isso como "necessidade por

coerção". *A necessidade por coerção é contrária à vontade*, pois consideramos violento o que quer que seja contrário à inclinação de uma coisa. Mas o próprio movimento da vontade é uma inclinação para algo, de forma que esse algo seja voluntário quando segue a inclinação da natureza. Exatamente como esse algo não pode ser possivelmente violento e natural simultaneamente, *assim esse algo não pode ser absolutamente coagido ou forçado e simultaneamente voluntário* (*An Aquinas Reader*, p. 291-2).

Assim, por necessidade o ser humano deseja a alegria, e lhe é impossível querer não ser feliz ou ser infeliz. Mas, visto que a escolha não trata com o fim mas com os meios para o fim, como foi discutido previamente (*Suma teológica*, I-II, p. 13, 3), ela não trata com o bem perfeito ou com a alegria mas com outros bens particulares. *Conseqüentemente, o ser humano não escolhe necessariamente, mas livremente* (ibidem, p. 293).

Alguns têm proposto que a vontade do ser humano é movida necessariamente a fazer alguma escolha, embora não afirmem que a vontade seja coagida. Pois nem toda necessidade de um princípio externo (movimento de violência) é de coação, mas somente aquela que se origina de fora, onde os movimentos naturais certos são descobertos como necessários, mas não como coercitivos. *Pois o coercitivo é oposto ao natural, assim como é também oposto ao movimento voluntário*, porque esse último vem de um princípio interno, enquanto o movimento violento vem de um princípio externo. *Essa opinião* [dos averroístas latinos] *é, portanto, herética porque destrói o mérito e o demérito das ações humanas*. Pois, por que deveria haver qualquer mérito ou demérito por ações que uma pessoa não pode evitar praticar? Além do mais, isso significa ser incluído entre as opiniões excluídas dos filósofos: pois *se não há qualquer liberdade em nós exceto que somos movidos da necessidade de querer, então a escolha deliberada, o encorajamento, o preceito, a punição, o louvor e culpa são removidos*, e esses são os verdadeiros problemas que a filosofia moral leva em conta. Não somente isso é contrário à fé como também corrói todos os princípios da filosofia moral (ibidem, p. 294-5).

Ora, o pecado não pode destruir totalmente a racionalidade do ser humano, pois então ele não mais seria capaz de pecar (*Philosophical Texts*, p. 179).

Ser livre não é ser obrigado a um objetivo determinado (ibid., p. 259).

O ser humano possui livre-arbítrio. De outra forma, os conselhos, exortações, preceitos, proibições, recompensas e punições seriam todos sem propósito... (ibidem, p. 261-2).

O ser humano, entretanto, pode agir com juízo e adaptação na razão, *um juízo livre que deixa intacto o poder de ser capaz de decidir de forma contrária* (ibidem).

De modo semelhante, então, *o pecado é causado pelo livre-arbítrio que se afasta de Deus. Em conseqüência, não se segue que Deus seja a causa do pecado, embora ele seja a causa do livre-arbítrio* (*Sobre o mal*, p. 106).

Deve ser observado que o movimento do primeiro motor não é uniformemente recebido em todas as coisas movíveis, mas em cada uma de acordo com o próprio modo. [...] Pois, *quando uma coisa está devidamente disposta a receber o movimento do primeiro motor, segue uma ação perfeita de acordo com a intenção do primeiro motor*; mas, se uma coisa não está corretamente disposta e adequada para receber o movimento do primeiro motor, segue uma ação imperfeita. Então, toda ação é atribuída ao primeiro motor, mas todo defeito não é atribuído ao primeiro motor, visto que um defeito na ação resulta do fato de que o agente parte da ordem do primeiro motor. [...] Por essa razão, afirmamos que *a ação relativa ao pecado vem de Deus, mas o pecado não vem de Deus* (ibidem, p. 110).

Contudo, *a deformação do pecado de modo algum está sob a vontade divina, mas resulta do fato de que a vontade livre se afasta ou desvia da ordem da vontade divina* (ibidem, p. 111).

Aquino acrescenta:

Semelhantemente, quando alguma coisa move a si mesma, não se pode excluir que ela seja movida por outra coisa de quem ela tem esta

própria capacidade de mover a si mesma. Portanto, não é contrário à liberdade dizer que Deus é a causa do ato da vontade livre (ibidem).[5]

O pecado feriu o ser humano em seus poderes naturais no que diz respeito à sua capacidade para o bem gratuito, mas não de tal forma que retira algo da essência de sua natureza; e, assim, não se segue que o intelecto dos demônios errou exceto a respeito de assuntos gratuitos (ibidem, p. 496).

2

Será que Calvino era calvinista?

À primeira vista, pode parecer absurdo perguntar se João Calvino era calvinista. Mas ele não foi o primeiro na história do pensamento a ter suas idéias distorcidas por seus discípulos. Aliás, muitos dos grandes pensadores foram entendidos erroneamente por seus seguidores.

DEFININDO "CALVINISMO"

Se os cinco pontos do calvinismo descritos nos capítulos 4 e 5 forem tomados como definição de calvinismo, então parece claro que Calvino não era calvinista, ao menos em um ponto crucial: a expiação limitada.[1] Essa é a razão pela qual preferimos chamar esse pensamento "calvinismo extremado" em todo este livro; ele vai além do que o próprio Calvino pensava sobre essa matéria. Os textos seguintes dão apoio a essa conclusão.

A EXTENSÃO DA EXPIAÇÃO É ILIMITADA

Enquanto cria que os benefícios da expiação são *aplicados* somente a um grupo limitado (aqueles que crêem), Calvino sustentava que a

extensão da expiação é ilimitada. Isto é, Cristo morreu pelos pecados da totalidade da raça humana.

O sangue de Cristo satisfez Deus por todos os pecados do mundo

Esta é a nossa liberdade, a nossa glória contra a morte: nossos pecados não nos são imputados. Deus diz que essa redenção foi obtida pelo sangue de Cristo, pois *pelo sacrifício de sua morte todos os pecados do mundo foram expiados.*[2]

Cristo sofreu e proporcionou salvação a toda a raça humana

Devemos, agora, ver de que modo nos tornamos possuidores das bênçãos que Deus concedeu ao seu Filho unigênito, não para uso particular, mas para enriquecer o pobre e o necessitado. E a primeira coisa em que devemos prestar atenção é que, enquanto estamos sem Cristo e separados dele, nada do que *ele sofreu e fez pela salvação da raça humana* é de mínimo benefício para nós (*Institutas*, 3.1.1).

Os "muitos" por quem Cristo morreu (em Rm 5) é uma referência a toda a humanidade

Devemos observar, contudo, que Paulo não contrasta aqui o número maior com os muitos, pois *ele não está falando de grande número da raça humana*, mas argumenta que, visto que o pecado de Adão destruiu muitos [todos], *a justiça de Cristo não será menos eficaz para a salvação de muitos* [*todos*] (comentários sobre Rm 5.15).

A culpa do mundo inteiro foi colocada sobre Cristo

Estou de acordo com o entendimento comum, de que ele somente suportou a punição de muitos, porque *sobre ele foi colocada a culpa do mundo inteiro*. Torna-se evidente, por outras passagens, especialmente o capítulo 5 de Romanos, que "muitos" algumas vezes denota "todos" (comentários sobre Is 53.12).

Os "muitos" por quem Cristo morreu significa a totalidade da raça humana

Marcos 14.24: "Isto é o meu sangue". *Já tenho advertido, quando é dito que o sangue é derramado* (como em Mateus) *pela remissão de pecados*, como nestas palavras, somos dirigidos para o sacrifício da morte de Cristo, e negligenciar esse pensamento torna impossível qualquer celebração devida da ceia. De nenhum outro modo as almas fiéis podem ser satisfeitas, se não podem crer que Deus está contente com elas. *A palavra "muitos" não significa uma parte do mundo apenas, mas toda a raça humana*: Jesus contrasta "muitos" com um, como se dissesse que não seria Redentor de uma pessoa apenas, mas iria à morte para libertar muitos de sua culpa maldita. *É incontestável que Cristo veio para a expiação dos pecados do mundo todo* (*Eternal Predestination of God*, IX. 5).

A salvação é limitada em seus efeitos, não em sua oferta

Se é assim (você dirá), pouca fé pode ser colocada nas promessas do evangelho que, ao testificando a respeito da vontade de Deus, declaram que ele quer o que é contrário ao seu decreto inviolável. Não, de forma alguma, *pois por mais universais as promessas da salvação possam ser*, não há nenhuma discrepância entre elas e a predestinação dos reprovados, desde que olhemos para os seus efeitos. Sabemos que *as promessas são eficazes somente quando nós as recebemos pela fé*, mas, ao contrário, quando a fé está ausente, a promessa não tem efeito algum (*Institutas*, 3.24.17).

A morte de Cristo é aplicada somente aos justos (pela fé)

Para nos comunicar as bênçãos que recebeu do Pai, Jesus teve de se tornar nosso e morar entre nós. Por conseguinte, ele é chamado nosso cabeça, e o primogênito entre muitos irmãos, enquanto, por outro lado, somos considerados enxertados nele e vestidos com ele, como tenho dito, de modo que nada do que ele possui *é nosso enquanto não*

nos tornemos um com ele. E embora seja verdadeiro que obtemos isso pela fé, todavia, visto que vemos que indiscriminadamente todos não abraçam a oferta de Cristo feita pelo evangelho, a verdadeira natureza do caso nos ensina a subir mais alto, e inquirir até a eficácia secreta do Espírito, ao qual é devido que desfrutamos Cristo e todas as suas bênçãos (*Institutas*, 3.1.1).

A salvação é aplicada somente aos que crêem

O apóstolo indica que *os frutos da salvação não vêm para qualquer um, mas para os que são obedientes*. Dizendo isso, ele recomenda-nos fé, pois nem ele nem os seus benefícios se tornam nossos, a menos e à medida que os aceitemos e aceitemos a ele pela fé. Ao mesmo tempo, ele inseriu o termo universal "para todos" a fim de mostrar que *nem um só que prove ser solícito e obediente ao evangelho de Cristo é excluído dessa salvação* (comentários sobre Hb 5.9).

Mesmo os perdidos foram comprados pelo sangue de Cristo

Não é pouca coisa ver perecendo as almas que foram compradas pelo sangue de Cristo (*The Mystery of Godliness*, p. 83).

Nenhuma pessoa é impedida de ser salva

Ele havia ordenado a Timóteo que as orações deviam ser regularmente oferecidas na igreja pelos reis e príncipes. Mas, como parecia algo absurdo que elas devessem ser oferecidas por uma classe de pessoas que estivesse quase sem esperança (todos eles não sendo somente alienados do corpo de Cristo, mas fazendo o máximo para destruir o seu reino), ele acrescenta que isso era aceitável a Deus, que deseja que todos sejam salvos. Por isto ele certamente quer dizer nada mais do que que o caminho da salvação não está fechado para nenhuma pessoa; que, pelo contrário, *ele havia manifestado a sua misericórdia de tal modo que não teria barrado ninguém dela* (*Institutas*, 2.24.16).

Cristo sofreu pelos pecados do mundo

"Eu gostaria que eles fossem mesmo mutilados."A indignação de Paulo aumenta e ele ora pela destruição dos impostores por quem os gálatas haviam sido enganados. A palavra "mutilados" parece aludir à circuncisão para a qual eles estavam sendo pressionados. Crisóstomo inclina-se para essa idéia: "Eles dividem a igreja em nome da circuncisão; eu queria que eles fossem mutilados inteiramente". *Mas essa maldição não parece se encaixar na brandura de um apóstolo, que deveria desejar que todos pudessem ser salvos e que, portanto, nenhum perecesse. Eu replico que isso é verdadeiro quando temos os homens em mente; porque Deus recomenda-nos a salvação de todos os homens, sem exceção, mesmo porque Cristo sofreu pelos pecados do mundo inteiro*" (comentários sobre Gl 5.12).

Quando ele fala do pecado do mundo, *ele estende essa amabilidade indiscriminadamente a toda a raça humana*, para que os judeus não pensassem que o Redentor havia sido enviado para eles somente. Disso inferimos que o mundo inteiro está debaixo mesma condenação; e que, visto que todos sem exceção são culpados de injustiça perante Deus, eles têm necessidade de reconciliação. João, portanto, ao falar do pecado do mundo em geral, quis fazer-nos sentir nossa própria miséria e exortar-nos a procurar o remédio (comentários sobre Jo 1.29).

Devemos agora ver de que modo nos tornamos possuidores das bênçãos que Deus nos concedeu em seu Filho unigênito, não para uso particular, mas para enriquecer o pobre e o necessitado. E a primeira coisa em que se deve prestar atenção é que, enquanto estamos sem Cristo e separados dele, nada do que ele *sofreu e fez pela salvação da raça humana* é de benefício mínimo para nós. Para comunicar-nos as bênçãos que ele recebeu do Pai, ele precisa se tornar nosso e habitar em nós (*Institutas*, 1.3.2).

Enquanto Calvino afirmou que a *extensão* da expiação é ilimitada, ele também sustentou que sua *aplicação* é limitada somente aos que crêem. Isso fica evidente em diversos textos.

A INCREDULIDADE É A RAZÃO PELA QUAL ALGUNS NÃO RECEBEM OS BENEFÍCIOS DA MORTE DE CRISTO

Paulo torna a graça comum a todos os homens, não porque ela de fato se estende a todos, mas porque é oferecida a todos. *Embora Cristo tenha sofrido pelos pecados do mundo* e oferecido pela bondade de Deus sem distinção a todos, *nem todos o recebem* (comentários sobre Rm 5.18).

Tomar sobre si os pecados significa libertar, porque ele quer libertar os que pecaram por culpa própria. *Ele diz "muitos" significando "todos", como em Romanos 5.15.* É obvio que *nem todos desfrutam a morte de Cristo, mas isso acontece por causa da incredulidade deles, que os impede* (comentários sobre Hb 9.28).

Somente os crentes desfrutam do benefício da salvação

"Eu vim ao mundo como luz." O advérbio universal parece ter sido colocado deliberada e parcialmente para que *todos os crentes sem exceção possam desfrutar esse benefício* comum e parcialmente para mostrar que os incrédulos perecem em trevas porque fogem da luz por iniciativa própria (comentários sobre Jo 12.46).

O UNIVERSALISMO É NEGADO: A SALVAÇÃO NÃO É APLICADA A TODA A RAÇA HUMANA

Ele introduz isso como amplificação, para que os crentes fiquem convencidos de que *a expiação feita por Cristo se estende a todos que, pela fé, abraçam o evangelho.* Aqui a questão que pode ser levantada é *como os pecados do mundo inteiro foram expiados.* Eu passo por cima dos sonhos dos fanáticos, que fazem disso uma razão para estender a salvação a todos os reprovados e mesmo ao próprio Satanás. Essa idéia monstruosa não é digna de ser refutada. Os que querem evitar esse absurdo têm dito que *Cristo sofreu suficientemente pelo mundo todo, mas eficientemente somente pelos eleitos.* Essa solução regularmente prevaleceu nas escolas. Embora *eu admita a verdade disso,* nego que

isso se encaixe nessa passagem, pois o propósito de João foi somente o de tornar essa bênção comum a toda a igreja. Entretanto, na palavra "todos" [em 1Jo 2.2] ele não inclui os reprovados, mas se refere a todos que haveriam de crer e àqueles que foram espalhados pela várias regiões da terra. Pois, como era de esperar, a graça de Cristo é realmente tornada clara quando declarada como a única salvação do mundo (comentários sobre 1Jo 2.2).

Observe: Calvino claramente nega o universalismo e afirma a suficiência da morte de Cristo para o mundo inteiro, embora negue que essa passagem possa ser usada para ensinar isso.

O "sangue" de Cristo recebido na ceia não é para os incrédulos

Como pode o ímpio beber o sangue de Cristo, que não foi derramado para expiar os pecados dele, e a carne de Cristo, que não foi crucificada por ele? (*Theological Treatises*, 285).[3]

CONCLUSÃO

O que quer que Calvino tenha dito para encorajar os cinco pontos dos calvinistas extremados (v. cap. 4 e 5), ele certamente negou a expiação limitada como eles a entendem. Para Calvino, a expiação é universal na *extensão* e limitada somente na *aplicação*, a saber, aos que crêem.

3

As origens do calvinismo extremado

MAZINHO RODRIGUES!
Um instrumento Escolhido – At 9.15

UMA TRADIÇÃO PRATICAMENTE INTACTA

Há uma tradição quase intacta entre os grandes pais da Igreja afirmando o poder da livre-escolha contrária. Isso inclui os escritos de Ireneu, do jovem Agostinho, de Anselmo e de Tomás de Aquino (v. ap. 1). Isso significa que quase a totalidade da tradição cristã até a Reforma permanece contrária às idéias características do que temos chamado neste livro "calvinismo extremado". Inclui não somente a capacidade do ser humano caído de exercer a livre-escolha em relação à própria salvação, mas também a rejeição à doutrina da graça irresistível sobre quem não a quer (v. cap. 5) e, ao menos lógica e implicitamente, as outras doutrinas concomitantes da expiação limitada, da eleição incondicional e da depravação total como concebidas pelo calvinismo extremado.

AS ORIGENS DO CALVINISMO EXTREMADO

Não fosse por um lapso na história da pré-Reforma, não teria havido "calvinistas" extremados notáveis nos primeiros 1.500 anos da

Igreja. Essa exceção é encontrada nos últimos escritos de Agostinho (354-430). Como resultado de sua controvérsia com os pelagianos (que enfatizavam o livre-arbítrio às expensas da graça), Agostinho reagiu excessivamente com ênfase na graça às expensas do livre-arbítrio. Igualmente, em resposta aos donatistas, grupo cismático que havia rompido com a Igreja reconhecida, Agostinho reagiu exageradamente ao afirmar que os hereges podiam ser coagidos a crer *contra* a sua livre-escolha para confessar a fé católica. A lógica lhe pareceu irresistível: se a Igreja pode coagir hereges a crer contra a vontade deles, por que Deus não pode forçar pecadores a crer contra a vontade deles? Isso, naturalmente, se encaixa com sua convicção já mais antiga de que as crianças podem ser regeneradas independentemente de livre-escolha da parte delas. Por que, então — raciocinava ele — Deus não pode forçar adultos a ser salvos contra a própria vontade deles?

Nos seus escritos antipelagianos anteriores, por sua vez, Agostinho nunca adotara a posição radical sobre o livre-arbítrio e a expiação limitada que ele acabou manifestando em seus escritos posteriores, particularmente depois de 417. O endurecimento das artérias teológicas de Agostinho é manifesto em diversas áreas. Em sua visão anterior, igual à que foi sustentada por todos os pais ao longo de toda a história da Igreja até Lutero, ele abraçou a expiação *ilimitada*; posteriormente, afirmou a expiação *limitada*. No período anterior, ele sustentava que Deus nunca coage um ato livre; isso foi descartado em favor da graça irresistível sobre o que não quer, nos últimos anos de sua vida. Isso, naturalmente, resultou no endurecimento de sua visão da predestinação, em que Deus foi ativo tanto no destino do eleito quanto no do não-eleito, e na negação de que há condições para se receber o dom da salvação incondicional de Deus. De fato, para o Agostinho mais velho, em contraste com o Agostinho mais jovem, a raça humana está tão depravada que não tem livre-escolha em relação às coisas espirituais. Em resumo, Agostinho passou de um "calvinismo" moderado para um "calvinismo" extremado (v. cap. 7).

O próprio João Calvino notou a diferença entre as posições anterior e posterior de Agostinho, observando que o Agostinho jovem explicou Deus "endurecendo" o coração dos incrédulos com base na previsão dos atos da vontade deles, enquanto mais tarde sustentou que Deus estava ativamente endurecendo o coração deles. Calvino escreveu: "Mesmo Agostinho não foi sempre livre desta superstição, como quando diz *que cegar e endurecer não diz respeito à operação de Deus,* mas à presciência (*Lib. De Predestina. Et Gratia*). Mas isso é subitamente repudiado por *muitas passagens da Escritura que claramente mostram que a interferência divina vem a ser algo mais do que presciência*". Calvino continua, dizendo que "o próprio Agostinho, em seu livro contra Juliano, dedica grande espaço para asseverar que os pecados são manifestações não meramente da permissão ou paciência divinas, mas também do poder divino, de modo que pecados anteriores podem ser punidos. De igual modo, o que é dito da permissão é muito fraco para se sustentar. É freqüentemente dito que Deus cega e endurece o reprovado, para mudar, inclinar e impelir seu coração, como explico plenamente em outro lugar" (livro I. c. xviii).[1]

O "CALVINISMO" MODERADO DO JOVEM AGOSTINHO

Desde o começo, Agostinho seguiu os ensinos dos pais da Igreja que vieram antes dele. O ser humano, mesmo caído, possui o poder da livre-escolha. Isso é verdade a respeito de seus escritos contra o maniqueísmo, assim como nas suas obras antipelagianas anteriores. Mais precisamente, por volta de 412 (*O Espírito e a letra*), e talvez mais tarde, Agostinho ainda sustentava uma visão moderada. Mas, por volta de 417 (*A correção dos donatistas*) seu pensamento havia se radicalizado.[2]

Todo pecado é voluntário

> De fato, *o pecado é um mal tão voluntário que ele não é pecado de forma alguma a menos que seja voluntário* (*A religião verdadeira*).

O pecado não está apenas na vontade

O pecado de fato não está somente na vontade, visto que essa consideração teria também me ajudado, de que a justiça considera culpados aqueles que pecam pela vontade má somente, embora possam ter sido incapazes de realizar o que desejaram (*Duas almas, Contra os maniqueus*, 10.12).

O livre-arbítrio é a primeira causa do pecado

Ou *a vontade é a causa primeira do pecado*, e nenhum pecado será causa primeira do pecado (*O livre-arbítrio*, 3.49).

O livre-arbítrio é neutro

O livre-arbítrio, naturalmente atribuído pelo Criador à nossa alma racional, *é um poder tão neutro* que pode inclinar-se para a fé ou voltar para a descrença (*O Espírito e a letra*).

Todo mal é resistível

Se alguém fez alguma coisa má de modo inconsciente ou incapaz de resistir, não pode de forma alguma ser condenado com justiça (*Duas almas, Contra os maniqueus*, 10.12).

Deus deseja que todos sejam salvos

(*O Espírito e a letra*; v. *Resposta a Fausto* 12.36).

A vontade de Deus pode ser resistida

Sendo este o caso, *os incrédulos de fato agem contra a vontade de Deus quando não crêem no evangelho*; não obstante, eles não vencem a sua vontade, mas roubam a si mesmos o que é grande bem, o maior, e se enredam nas penalidades da punição (*O Espírito e a letra*).

Deus dá o poder de escolha, mas não os atos de escolha

Do mesmo modo que é Criador de todas as naturezas, é dispensador de todo poder, não do querer, porque o mau querer não procede

dele, visto ser contrário à natureza dele procedente (*A cidade de Deus,* 5.9)

Mesmo o dom da fé deve ser livremente recebido

Do ser humano não pode ser dito que tem a vontade com a qual crê em Deus, sem tê-la recebido [...], *mas, não ainda, de modo como se lhe fosse tirado o livre-arbítrio,* e pode ser justamente julgado pelo seu bom ou mau uso (*O Espírito e a letra*).

Se o mal não pode ser resistido, não somos responsáveis

Se alguém fez alguma coisa má de modo inconsciente ou incapaz de resistir, não pode de forma alguma ser condenado com justiça (*Duas almas, Contra os maniqueus,* 10.12).

A responsabilidade implica capacidade para responder

Nós, convencidos da existência de um Deus supremo e verdadeiro, confessamos também que possui potestade, vontade e presciência soberanas. *E não tememos, por isso, fazer sem vontade o que voluntariamente fazemos,* porque de antemão sabe Ele, cuja presciência não pode enganar-se, o que temos de fazer (*A cidade de Deus,* 5.9).

Um ato indesejado é forçado, e um ato forçado não é livre

Todo aquele que faz uma coisa que não quer é forçado, e todo aquele que é forçado, se faz uma coisa, somente a faz contra a vontade. Segue-se *que aquele que quer fazer é livre de compulsão,* mesmo se pensa que está sendo forçado (*Duas almas, Contra os maniqueus,* 10.14).

Pecamos livremente, não porque Deus previu

Nem peca o homem precisamente porque Deus soube de antemão que havia de pecar; diria mais, não se põe em dúvida que *o homem peca quando peca,* justamente porque Aquele cuja presciência não pode enganar-se soube de antemão que nem o destino, nem a fortuna,

nem outra coisa havia de pecar, senão *o próprio homem, que, se não quer, com certeza não peca; mas, se não quer pecar, também isso Ele o soube de antemão* (*A cidade de Deus*, 5.10).

A predeterminação de Deus é de acordo com nossa livre-escolha

De maneira alguma nos vemos constragidos, admitida a presciência de Deus, *a suprimir o arbítrio da vontade ou, admitido o arbítrio da vontade, a negar em Deus a presciência do futuro, o que é verdadeira impiedade.* [...] *Longe de nós negar a presciência, por querermos ser livres, visto como com seu auxílio somos e seremos livres* (*A cidade de Deus*, 5.10).

A vontade de crer vem de nós mesmos

Se crermos que podemos atingir essa graça (e, naturalmente, o cremos voluntariamente), a questão que surge é: De onde temos essa vontade? Se da natureza, por que não está às ordens de todos, visto que o mesmo Deus fez a todos? Se for dom de Deus, então, novamente, por que o dom não está aberto a todos, visto que "ele quer que todos sejam salvos, e cheguem ao conhecimento da verdade"? *Deus indubitavelmente deseja que todos sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade; mas não lhes tirando o livre-arbítrio, pelo bom ou mau uso do qual é que poderão ser justamente julgados* (*O Espírito e a letra*).

A alma tem de consentir em receber os dons de Deus

A alma não pode receber e possuir os dons que são referidos aqui, exceto por dar o seu consentimento. E, assim, qualquer coisa que ela possua, e qualquer coisa que receba, é de Deus. Todavia, o ato de receber e o de ter pertence, naturalmente, ao recebedor e ao possuidor (*O Espírito e a letra*).

Temos de consentir com as convocações de Deus

Conceder ou consentir, de fato, às convocações de Deus, ou recusá-las, é (como tenho dito) a função de nossa vontade (ibidem).

O "CALVINISMO EXTREMADO" DO AGOSTINHO MAIS VELHO

Construindo sobre sua convicção de que as crianças podem ser salvas à parte de sua livre-escolha e de que os cismáticos donatistas podem ser forçados a crer contra sua livre-escolha, Agostinho detalhou uma lógica dessas posições nos seus pensamentos "calvinistas" posteriores.

Matamos a nós mesmos na Queda, mas não podemos nos trazer de volta à vida

Foi pelo mau uso de seu livre-arbítrio que o ser humano destruiu tanto este como a si mesmo. Pois, como alguém que mata a si mesmo deve, naturalmente, estar vivo quando se mata, mas após ter se matado cessa de viver e não pode restaurar-se a si mesmo à vida; assim, quando alguém pelo seu próprio livre-arbítrio peca e o pecado é vitorioso sobre ele, a liberdade de sua vontade foi perdida (*Enchiridion*, p. 30).

A verdadeira liberdade foi perdida na Queda

O arbítrio da vontade é verdadeiramente livre, quando não é escravo de vícios e pecados. *Nessa condição foi dado por Deus e, uma vez perdido por vício próprio, não pode ser devolvido senão por Ele, que pôde dá-lo* (*A cidade de Deus*, 14.11).

Deus cria um novo coração em nós

Devemos lembrar que *aquele que diz: "Criem um novo coração e um novo espírito", também promete: "Eu lhes darei um novo coração e um espírito novo porei dentro de vocês."* Como é, então, que aquele que diz: "Criem", também diz: "Eu lhes darei"? Por que ele ordena se

é ele quem dá? Por que ele dá se diz que as pessoas criem, a não ser que *ele dê aquilo que ele próprio ordena*, quando ajuda a obedecer aquele a quem ordena? (*Graça e livre-arbítrio*).

Deus nos faz agir ao exercer eficazmente poder sobre nossa vontade

Do mesmo Senhor novamente é dito: "É Deus que efetua em vocês, até o querer!". É certo que somos nós que agimos quando agimos; *mas é ele que nos faz agir, ao aplicar poderes eficazes à nossa vontade*, e disse: "Eu farei com que vocês andem nos meus estatutos, e observem os meus juízos, para os cumprirem" (*Graça e livre-arbítrio*).

A fé é dom de Deus

Para que o ser humano não se arrogue o mérito da própria fé, não entendendo que *isso também é dom de Deus*, esse mesmo apóstolo, que diz em outro lugar que havia "obtido a misericórdia do Senhor de ser fiel", aqui também acrescenta: "Isto não vem de vocês mesmos; é dom de Deus. Não de obras, para que ninguém se glorie" (*Enchiridion*, p. 31).

Até nossa livre-escolha é dom de Deus

Ademais, *se alguém tender a jactar-se, não de fato de suas obras, mas da liberdade de sua vontade, como se o principal mérito pertencesse a ele, essa verdadeira liberdade da boa ação sendo-lhe dada como uma recompensa que ele tinha ganho*, que ouça esse mesmo pregador da graça, quando diz: "Deus é quem efetua em vocês tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (*Enchiridion*, p. 32).

Dupla predestinação

Como o Supremo Bem, ele fez bom uso das ações más, para a *condenação daqueles a quem ele tinha com justeza predestinado à punição* e para a salvação daqueles que ele tinha misericordiosamente predestinado à graça (*Enchiridion*, p. 100).

Deus muda a vontade má do ser humano como quer

Além disso, *quem seria tão impiamente tolo para dizer que Deus não pode mudar a vontade má do ser humano — como quer, quando quer e onde quer — em bem*? Mas, quando age, ele o faz pela misericórdia; quando não age, é por sua justiça (*Enchiridion*, p. 98).

Deus não tem de mostrar amor a ninguém

Ele percebe que a totalidade da raça humana foi condenada em seu cabeça rebelde [Adão] *por um julgamento divino tão justo que, se nem um simples membro da raça tivesse sido redimido, ninguém poderia com justeza questionar a justiça de Deus*; e que foi justo que aqueles que são redimidos devem ser redimidos de tal modo que mostrasse, pelo maior número dos que não são redimidos e deixados em sua própria e justa condenação, o que toda a raça humana merecia, e para onde o juízo merecido de Deus teria conduzido mesmo os redimidos, *se sua imerecida misericórdia não se interpusesse, de modo que pudesse ser calada toda boca dos que desejam se gloriar em seus próprios méritos*, e que aquele que se gloriasse o fizesse no Senhor (*Enchiridion*, p. 99).

Forçar os donatistas é aceitável

Por conseguinte, se o poder que a Igreja recebeu por nomeação divina em seu tempo próprio [...] é o instrumento pelo qual *aqueles que são encontrados nas ruas e nos atalhos — isto é, nas heresias e cismas — são forçados a entrar, então não os deixe ver erro em ser forçados, mas considerem por que eles são assim forçados* (*Correção dos donatistas*, 6.24).

Cristo usou de violência em Paulo

Onde é que os donatistas costumavam clamar: O ser humano tem liberdade para crer ou não crer? Contra quem Cristo usou violência? A quem ele forçou? Aqui eles têm o apóstolo Paulo. Deixe-os reconhecer, em seu caso, Cristo primeiro forçando e depois ensinando; primeiro

espancando, depois consolando. Porque é maravilhoso ver como aquele que entrou no serviço do evangelho em primeira instância debaixo da *compulsão* de punição corporal, depois tenha trabalhado mais no evangelho do que todos aqueles que foram chamados pela palavra somente; e aquele que foi *compelido* por uma influência maior do temor do amor, mostrou o perfeito amor que lança fora o medo.

Por que, então, não deveria a Igreja usar a força para obrigar seus filhos perdidos a retornar, se os filhos perdidos compeliram outros, para a destruição deles? (*Correção dos donatistas*, 6.22-3).

Jesus diz para forçar as pessoas a entrar no Reino

O próprio Senhor primeiro pede que seus convidados sejam convidados para sua grande ceia, e depois forçados; porque seus servos lhe disseram: "Senhor, fizemos como mandou, e ainda há lugar". Ele lhes respondeu: "Saiam pelas ruas e becos, e forcem-nos a entrar". Naqueles, portanto, que foram trazidos primeiro com brandura, a obediência anterior é cumprida. *Mas naqueles que foram forçados, a desobediência é vingada* (*Correção dos donatistas*, 6.24).

Deixe que a compulsão seja encontrada fora, e a vontade se levantará de dentro. Aos que você encontrar, não espere até que escolham vir. Obrigue-os a entrar (*Sermões sobre o Novo Testamento*, LXII, 8).

A graça de Deus é irresistível

Grande de fato é a ajuda da graça de Deus, de forma a mudar o nosso coração para qualquer disposição que agrade a Deus. Mas, segundo essa opinião tola do escritor, conquanto grande possa ser a ajuda, nós a merecemos toda no momento quando, sem qualquer assistência além da liberdade da nossa vontade, nos apressamos a ir ao Senhor, desejamos sua orientação e direção, apoiamos inteiramente nossa vontade sobre a sua e, ligados estreitamente a ele, nos tornamos um só espírito com ele. Ora, todos esses vastos caminhos de bondade que nós (de acordo com ele) realizamos, certamente, simplesmente

pela liberdade de nosso próprio livre-arbítrio; e, por causa desses méritos antecedentes, assim asseguramos sua graça, que *ele muda o nosso coração para qualquer que seja o caminho que lhe agrade* (*A graça de Cristo*).

Deus faz o não-desejoso querer

Lemos na Santa Escritura [...] que a misericórdia de Deus "me encontra" e que sua misericórdia "me segue". *Ela vai ao encontro do que não quer para fazer com que queira*; e segue ao desejoso para tornar sua vontade eficaz. *Por que somos ensinados a orar por nossos inimigos, que claramente não querem levar uma vida santa, a menos que Deus vá operar o desejo neles?* E por que somos ensinados a pedir aquilo que podemos receber, a menos que aquele que criou o desejo em nós possa satisfazer o desejo? (*Enchiridion*, p. 32).

A graça inicial opera sem nosso livre-arbítrio

Ele opera sem nós, a fim de podermos querer; mas quando queremos, a ponto de poder agir, ele coopera conosco. Nós mesmos não podemos fazer nada para efetuar boas obras de piedade sem ele, sem que ele opere para que possamos querer, ou coopere quando queremos. *Ora, a respeito desta obra para que possamos querer, é dito: "É Deus quem opera em vós, mesmo o querer".* Enquanto ele coopera conosco, quando queremos e agimos pelo querer, o apóstolo diz: "Sabemos que em todas as coisas há uma cooperação para o bem daqueles que amam a Deus" (*Graça e livre-arbítrio*).

Deus cria um novo coração nos incrédulos

Devemos lembrar que aquele que diz: "Criem um novo coração e um novo espírito", também promete: "Eu lhes darei um novo coração e um espírito novo porei dentro de vocês". Como é, então, que aquele que diz: "Criem", também diz: "Eu lhes darei"? Por que ele ordena se é ele quem dá? *Por que ele dá se diz que as pessoas criem, a não ser que ele dê aquilo que ele próprio ordena,*

quando ajuda a obedecer aquele a quem ordena? (*Graça e livre-arbítrio*).

Mesmo a ação livre para aceitar a salvação é dada por Deus

Se alguém quiser jactar-se, não de fato de suas obras, mas da liberdade da sua vontade, como se o principal mérito lhe pertencesse, *esta mesma liberdade de boa ação sendo-lhe dada como uma recompensa que havia ganho*, deixe-o ouvir a este mesmo pregador da graça, quando diz: "É Deus que efetua em vocês tanto o querer como o fazer segundo a sua boa vontade" (*Enchiridion*, p. 32).

Não podemos querer o bem sem a graça de Deus

A vontade foi criada naturalmente boa pela bondade de Deus, mas mutável pelo Imutável, pois [foi] criada do nada, e não apenas pode declinar do bem para com livre-arbítrio obrar o mal, *como também do mal para obrar o bem, embora incapaz disso, se lhe falta o auxílio de Deus* (*A cidade de Deus*, 15.21).

"Todos os homens" em 1Timóteo 2.4-6 significa "somente os que ele quer"

Conseqüentemente, quando ouvimos e lemos na Escritura que ele "deseja que todos os homens sejam salvos", embora saibamos bem que todos os homens não são salvos, não somos daqueles que restringem a onipotência de Deus, mas antes, entendemos o texto: "*Que deseja que todos os homens sejam salvos" como significando que ninguém é salvo a menos que Deus deseje a sua salvação; não que não haja alguém cuja salvação ele não deseje, mas que ninguém é salvo à parte de desejo dele*; e que, portanto, devemos orar que ele deseje a nossa salvação, porque, se ele a deseja, ela será necessariamente realizada (*Enchiridion*, p. 103; v. p. 97).

"Ele deseja que todos os homens sejam salvos" é dizer *que todos os predestinados podem ser abrangidos por essa expressão, porque toda espécie de homem está entre eles*" (*Condenação e graça*).

Mateus 23.37 não significa que Deus quer que todos sejam salvos

> Nosso Senhor diz claramente, no evangelho, quando censurava a cidade ímpia: "Quantas vezes quis eu reunir os seus filhos, como a galinha ajunta os seus pintainhos debaixo de suas asas, e vocês não quiseram" — *como se a vontade de Deus tivesse sido vencida pela vontade do ser humano.* [...] *Mas, embora ela estivesse sem qualquer desejo, ele reuniu tantos quantos de seus filhos ele quis: porque ele não quer algumas coisas e as faz, e quer outras e não as faz*; antes, "ele tem feito tudo o que lhe agrada no céu e na terra" (*Enchiridion*, p. 97).

João 1.9 não quer dizer que Deus ilumina todas as pessoas

> No mesmo princípio, interpretamos esta expressão do evangelho: "A verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina todo homem"; *não que não haja nenhum homem que não seja iluminado, mas que nenhum homem é iluminado senão por ele* (*Enchiridion*, p. 103).

Deus pode mudar os desejos maus para onde quer que queira

> *Quem será tão tolo e blasfemo a ponto de dizer que Deus não pode mudar os desejos maus das pessoas, quaisquer, quando e onde quer que ele queira, e dirigi-los para o que é bom?* Mas quando faz isso, ele o faz por misericórdia; quando não o faz, é por sua justiça que não o faz; pois "ele tem misericórdia de quem quer ter misericórdia, e endurece a quem lhe apraz" (*Enchiridion*, p. 98).

Nota: É interessante observar que, a despeito da natureza endurecida e coercitiva dos atos de Deus sobre os seres humanos afirmada nos escritos posteriores de Agostinho, ele ainda cria que pessoas não-salvas tinham o poder da livre-escolha. Por exemplo: "Deus, mesmo sabendo de antemão que o ser humano se voltaria para o pecado, abandonando a Deus e violando a sua lei, *não o privou do poder do livre-arbítrio*, porque, ao mesmo tempo, ele previu que tipo de bem

ele próprio geraria do mal..." (*A cidade de Deus*, 22.1). Naturalmente, como os calvinistas extremados argumentam, esse poder é, para todos os propósitos práticos, inoperante no ser humano caído. Assim, a questão é se essa liberdade é genuína ou meramente circunstancial.

No céu, não seremos livres para pecar

> *Todos os membros da cidade santa terão vontade livre, isenta de todo mal e* repleta de todo o bem, que gozará indeficientemente das inesgotáveis delícias da eterna alegria. [...] *Quem participa de Deus só recebe dele a graça de não poder pecar* (*A cidade de Deus*, 22.30).

PROBLEMAS VISÍVEIS: CONTRASTANDO OS TEXTOS ANTERIORES DE AGOSTINHO COM OS POSTERIORES

Há muitos contrastes entre os textos anteriores de Agostinho e os posteriores, que se relacionam com a origem do calvinismo extremado. Os essenciais podem ser resumidos da seguinte forma:

Agostinho jovem	Agostinho velho
Deus quer que todos sejam salvos	Deus quer que somente alguns sejam salvos
Deus nunca viola o livre-arbítrio	Deus viola o livre-arbítrio
Deus ama a todos	Deus ama somente alguns
A fé não é um dom especial para alguns	A fé é um dom especial para alguns
Os caídos podem receber a salvação	Os caídos não podem receber a salvação

Há, naturalmente, diversos problemas com a posição posterior de Agostinho. Primeiramente, ela envolve, na prática, uma negação da livre-escolha do ser humano. Como o próprio Agostinho afirmara anteriormente: "*Aquele que quer está livre de compulsão...*".[3] Mas, no

final das contas, o ser humano não tem escolha alguma na própria salvação. Como Jonathan Edwards sustentou, "a livre-escolha" é fazer o que desejamos, mas é Deus quem dá o desejo. Portanto, visto que Deus somente dá o desejo a alguns (não a todos), isso conduz ao dilema do calvinismo extremado: ou Deus não é todo-benevolente ou aceitamos o universalismo.

O DILEMA PENOSO DO CALVINISMO EXTREMADO

Os calvinistas extremados não podem afirmar todas as seguintes premissas:

1) Deus pode fazer qualquer coisa que queira, incluindo salvar todos os que quer salvar.
2) Deus deseja salvar somente algumas pessoas (os eleitos), não todas.
3) Deus é todo-amoroso, a saber, ama todas as pessoas.

Os calvinistas extremados não podem nem querem negar as premissas 1 e 2. Entretanto, eles têm de negar a 3, que Deus é todo-amoroso. Pois, se Deus fosse todo-amoroso, faria o que tem capacidade de fazer, a saber, salvar todos. Visto que não faz isso, não deve ser todo-amoroso.

O problema pode ser exposto do seguinte modo:

1) Se Deus é todo-poderoso, pode salvar todas as pessoas.
2) Se Deus é todo-amoroso, ele salva todas as pessoas.

Mas, segundo o calvinismo extremado:

3) Deus é todo-poderoso.
4) Deus não salvará todas as pessoas.
5) Portanto, Deus não é todo-amoroso.

Se um Deus todo-poderoso *pode* salvar todos, mas *não salva,* não é todo-amoroso. Porque um Deus todo-amoroso salvaria todos, se pudesse.

EVITANDO O DILEMA POR MEIO DO CALVINISMO MODERADO

O único modo de evitar essa conclusão é dizer que 1) nem mesmo um Deus todo-poderoso pode fazer o que é impossível e que 2) é impossível forçar criaturas livres a agir contrariamente à sua liberdade. Esse é o pensamento do calvinista moderado.

O ENTENDIMENTO ERRADO QUE OS CALVINISTAS EXTREMADOS TÊM DE AGOSTINHO

R. C. Sproul admite que "algumas vezes Agostinho parece negar toda liberdade à vontade do homem caído. No *Enchiridion*, por exemplo, ele escreve: 'Quando o homem pecou, por seu próprio livre-arbítrio, nesse caso, tendo o pecado sido vitorioso sobre ele, a liberdade de sua vontade foi perdida' (cap. 30).[4] Todavia, ele reconhece que, em outro lugar, Agostinho disse: 'Há [...] sempre dentro de nós um livre-arbítrio — mas ele não é sempre bom', pois 'ou ele é livre da justiça quando serve ao pecado — e então ele é mau — ou é livre do pecado quando serve à justiça — então ele é bom'" (*Graça e livre-arbítrio*, cap. 31).

Pondo de lado o pensamento de que Agostinho, com o tempo, endureceu sua visão contra o livre-arbítrio, Sproul tenta reconciliar isso fazendo distinção entre liberdade e livre-arbítrio. Argumenta que a liberdade foi perdida na Queda e o livre-arbítrio não. "Para Agostinho, o pecador é livre e está em sujeição ao mesmo tempo, mas não no mesmo sentido. Ele é livre para agir de acordo com os próprios desejos, mas seus desejos são apenas maus. [...] Essa corrupção afeta grandemente a vontade, mas não a destrói como faculdade de escolha."[5]

Contudo, a explicação de Sproul falha por diversas razões importantes. Em primeiro lugar, Agostinho no começo admitia o livre-arbítrio no ser humano caído, no sentido de capacidade sem coerção para fazer o que é contrário (v. ap. 4), e mais tarde desistiu dessa posição. Em segundo lugar, a explicação de Sproul da liberdade reduzida ao desejo não funciona, porque ela torna Deus responsável pela livre-escolha de pecar que Lúcifer e Adão tiveram. Também, é um claro caso de linguagem de significação dupla, pois, de um lado, enquanto nega que Deus coaja atos livres, de outro é forçado a admitir que Deus dá o desejo de amá-lo por regenerar pessoas contra a livre-escolha delas. Finalmente, a idéia de que Deus regenera somente alguns — quando poderia regenerar todos — destrói nossa convicção de que ele é todo-benevolente. Assim, Sproul incorre na própria acusação de que "qualquer visão da vontade humana que destrói a visão bíblica da responsabilidade humana é seriamente defeituosa". E nesta: "Qualquer visão da vontade humana que destrói a visão bíblica do caráter de Deus é ainda pior".[6]

4

Respondendo às objeções ao livre-arbítrio

DEFINIÇÃO DE LIVRE-ARBÍTRIO

Boa parte, senão a maior parte do problema, na discussão sobre o "livre-arbítrio" é que a expressão é definida de modo diferente pelos vários disputantes. Como foi explicado no capítulo 2, logicamente há apenas três posições básicas: autodeterminação (ações autocausadas), determinismo (atos causados por outro) e indeterminismo (atos sem causa alguma). O indeterminismo é uma violação à lei da causalidade, de que cada fato tem uma causa, e o determinismo é uma violação do livre-arbítrio, visto que o agente moral não causa as próprias ações.

Há, naturalmente, diversos tipos de autodeterminação. Alguns afirmam que todos os atos morais devem ser livres somente de toda influência externa. Outros insistem em que eles devem ser livres tanto da influência externa quanto da interna, isto é, eles são verdadeiramente neutros. Mas todas têm em comum que, qualquer que seja a influência sobre a vontade,[1] o agente poderia ter feito de modo diferente do que fez. Ou seja, poderia ter escolhido o curso oposto da ação praticada.

ALGUMAS OBJEÇÕES FILOSÓFICAS À AUTODETERMINAÇÃO

A autodeterminação moral e espiritual, a capacidade de escolher o oposto, tem recebido diversas críticas. A primeira relaciona-se com o princípio da causalidade.

A autodeterminação viola o princípio da causalidade

O princípio da causalidade sustenta que cada evento possui uma causa adequada. Se isso é assim, pode parecer que mesmo o ato de livre-escolha tem uma causa, e assim por diante, até chegar em Deus (ou no infinito). Em qualquer caso, se o ato da livre-escolha é causado por outro, não pode ser causado pela própria pessoa. Assim, a autodeterminação seria contrária ao princípio da causalidade que ela inclui.

Resposta

Há uma confusão básica nessa objeção. Essa confusão resulta em parte da infeliz expressão da visão autodeterminista. Representantes da autodeterminação moral algumas vezes falam da livre-escolha como se fosse a causa *eficiente* das ações morais. Isso levaria naturalmente à pergunta: "Qual é a causa eficiente do ato de livre-escolha, e assim por diante?". Mas uma descrição mais precisa do processo de um ato livre evita esse problema. Tecnicamente falando, o livre-arbítrio não é a causa eficiente do ato livre; ele é simplesmente o poder através do qual o agente realiza o ato livre. Eu ajo *por meio de* minha vontade. A causa *eficiente* do ato livre é realmente o *agente* livre, não a livre-escolha. A livre-escolha é simplesmente o poder pelo qual os agentes livres agem. Não dizemos que uma pessoa *é* livre-escolha, mas que *tem* livre-escolha. Igualmente, não dizemos que um homem *é* pensamento, mas que *tem* o poder de pensar. Assim, não é o poder de livre-escolha que causa um ato livre, mas a *pessoa* que tem esse poder.

Ora, se a causa real de um ato livre não é um *ato,* mas um *agente,* não faz sentido perguntar pela causa do agente como se fosse outro

ato. A causa de uma apresentação é o *apresentador*. Igualmente, a causa de um ato livre não é outro ato livre, e assim por diante. Ao contrário, a causa é o agente livre. Uma vez que chegamos ao agente livre, não faz sentido perguntar o que causou seus atos livres. Pois, se alguma outra coisa causou suas ações, então o agente não é a causa delas e, assim, não é responsável por elas. O *agente* moral livre é a causa das ações morais livres. E é sem sentido perguntar o que fez o agente livre agir, da mesma forma como é perguntar quem criou Deus. A resposta é a mesma nos dois casos: nada pode causar a primeira causa, porque ela é a primeira. Não há nada antes da primeira. Da mesma forma, a pessoa é a primeira causa das próprias ações morais. Se ela não fosse a causa das próprias ações livres, elas não seriam *suas* ações.

Se se insiste em que uma pessoa não pode ser a primeira causa de suas ações morais, também é impossível para Deus (que é também uma pessoa) ser a primeira causa de suas ações morais. Rastrear a causa das ações humanas até chegar de volta a Deus não resolve o problema de encontrar uma causa para cada ação. Isso simplesmente empurra o problema para mais longe. Mais cedo ou mais tarde, os que propõem esse argumento terão de admitir que o ato livre é um ato autodeterminado que não é causado por nenhum outro. No fim, terão de reconhecer que todos os atos vêm de um agente, que esse agente (livre) é a primeira causa de sua ação e que, portanto, não existe causa anterior para suas ações.

A questão real, então, não é se há agentes morais que causam as próprias ações, mas se Deus é o único agente verdadeiro (pessoa) no universo. Os cristãos consideram uma forma de panteísmo a crença de que há, no fundo, somente uma pessoa (agente) no universo. Mas a negação da livre-agência humana também pode ser enquadrada nessa doutrina.

A autodeterminação conduz a eventos não-causados

É objetado que, se dizemos que as ações humanas não são causadas, estamos admitindo que há eventos não-causados no universo! Isso seria uma violação ao princípio da causalidade.

Resposta

Essa acusação é baseada num entendimento errôneo da diferença entre ações não-causadas e ações autocausadas. O autodeterminista moral não reivindica que haja quaisquer ações morais não-causadas. Ele, aliás, crê que todas as ações morais são causadas por agentes morais. Mas, ao contrário do determinista moral, que crê que todos os atos humanos são causados por outra pessoa (e.g., por Deus), o autodeterminista crê que essencialmente há outras pessoas (agentes) além de Deus que causam ações. De qualquer forma, o autodeterminista crê que há uma causa para cada ação moral e que a causa é um agente moral, seja Deus, seja outra criatura moral.

A autodeterminação é contraditória

Além disso, é objetado que os atos autodeterminados são uma contradição de termos, pois não são as ações autodeterminadas autocausadas? E, não é impossível causar a si mesmo?

Resposta

Aqui novamente há uma confusão de ação e agente. É verdade que nenhum agente pode causar a própria existência, porque uma causa é ontologicamente anterior ao seu efeito. E ninguém pode ser anterior a si mesmo; portanto, um *ser* (agente) autocausado é impossível. Contudo, uma *ação* autocausada não é impossível, visto que o agente (causa) deve existir antes de sua *ação* (efeito). Assim, *ser* autocausado é impossível, mas tornar-se autocausado não o é. Nós determinamos aquilo que nos tornamos *moralmente*. Mas Deus determina o que somos *ontologicamente* (i.e., em nosso ser). Assim, conquanto o homem não possa causar a própria *existência*, pode causar a própria *conduta* moral.

Talvez alguma confusão possa ser esclarecida se não falássemos de autodeterminação no sentido de que a pessoa determina a *si mesma*. A autodeterminação moral não se refere à determinação *de* si mesmo, mas à determinação *por* si mesmo. Assim, é mais próprio não falar de uma ação *autocausada*, mas de uma ação *causada pela pessoa*. Todavia, mesmo

sem essa distinção, há uma diferença significativa entre um *ser* autocausado e uma *ação* autocausada. O primeiro é claramente impossível, mas a segunda não. Pois um ser não pode existir antes de si mesmo, mas um agente pode existir anteriormente à sua ação.

Ações autodeterminadas são contrárias à presciência de Deus

Os teístas tradicionais, tanto calvinistas quanto arminianos, sustentam que Deus conhece infalivelmente tudo o que vem a acontecer. Mas como isso seria possível, se há criaturas livres? Não é difícil entender como Deus pode produzir um fim necessário através de meios *necessários* (tal como determinar de antemão que a última pedrinha do dominó numa série de queda vá cair também). Mas como pode Deus ocasionar um fim necessário através de meios *contingentes* (tal como a livre-escolha)?

Resposta

A resposta repousa no fato de que Deus conhece precisamente — com certeza infalível — como cada pessoa irá usar sua liberdade. Assim, do ponto de vista de sua onisciência, o ato é totalmente determinado. Todavia, do ponto de vista de nossa liberdade, o ato não é determinado. Deus conhece *com certeza* o que haveremos de fazer *livremente*. Tanto Agostinho (v. *A cidade de Deus*, 5.9) quanto Tomás de Aquino (*Suma teológica*, 1ª, 14, 4) responderam desse modo. Isso não é negar que Deus use meios *persuasivos* para nos convencer a escolher do modo que ele deseja. É somente negar que Deus sempre usa meios *coercitivos* para fazer assim.

A autodeterminação é contrária à graça de Deus

A Bíblia ensina que todos os regenerados (justificados) serão salvos no fim (v. cap. 7). Nenhum deles perecerá (Jo 10.26-30) ou será jamais separado de Cristo (Rm 8.36-39). Na realidade, todos os crentes estão em Cristo (2Co 5.17; Ef 1.4) e são parte de seu corpo (1Co 12.13). Por conseguinte, se alguém fosse separado de Cristo, parte de

Cristo seria separada de si mesmo! O ser humano pode viver sem fidelidade a Deus, mas Deus não pode negar a si mesmo (2Tm 2.13). A salvação não depende do ser humano, mas de Deus, e assim não pode ser perdida pelo homem. A salvação não é ganha pela vontade da pessoa (Jo 1.13; Rm 9.16); portanto, não pode ser perdida por ela. A salvação é totalmente produto da graça, não das obras, para que ninguém se glorie (Ef 2.8,9).

Resposta

Se a salvação é totalmente condicionada à graça de Deus e não à vontade da pessoa, como pode a livre-escolha da pessoa ter qualquer parte na salvação? A resposta a essa pergunta é encontrada numa distinção importante entre dois sentidos da palavra "condição". Não há quaisquer condições para a *doação* da salvação por Deus; ela é totalmente gratuita. Mas há uma condição (e uma somente) para *receber* esse dom — fé salvadora autêntica.

Não há absolutamente nada *no ser humano* que sirva de base para Deus salvá-lo. Mas houve uma coisa *em Deus* (amor) que veio a ser a base para a salvação do ser humano. Não foi por causa de qualquer mérito no ser humano, mas somente por causa da graça em Deus que a salvação foi iniciada no ser humano. O ser humano não *inicia* a salvação (Rm 3.11) e não pode *consegui-la* (Rm 4.5). Mas ele pode e deve *recebê-la* (Jo 1.12). A salvação é um ato incondicional da eleição de Deus. A fé do ser humano não é uma condição para Deus lhe *dar* a salvação, mas o é para o ser humano *recebê-la*. Não obstante, o ato de fé (livre-escolha) pelo qual o ser humano recebe a salvação não é meritório. É o *doador* que obtém o crédito para o dom, não quem o recebe.

Por que, então, algumas pessoas vão para o céu e outras não? Porque Deus quis que todos os que recebessem sua graça fossem salvos e que todos os que a rejeitassem se perdessem. E, visto que Deus sabia infalivelmente quem faria o quê, tanto os eleitos quanto os não-eleitos foram determinados desde toda a eternidade. E essa determinação não foi baseada em nada no ser humano, incluindo a livre-escolha

dele. Ao contrário, foi determinada pela escolha de Deus em salvar todos os que aceitassem a graça incondicional.

O GRAU DE INFLUÊNCIA PERMITIDO

O grau de influência que os autodeterministas aceitam para as ações livres varia de acordo com o grau em que aceitam o "calvinismo" ou o "arminianismo". O máximo admissível para um autodeterminista é persuasão elevada, beirando à coerção. O mínimo é zero.

A escala de "persuasão admitida" varia da seguinte forma:

- Nenhuma influência é admitida: pelagianismo (nenhuma graça é necessária).
- Alguma influência é admitida: semipelagianismo (alguma graça é necessária).
- Muita influência é admitida: arminianismo (muita graça é necessária).
- Grande influência é admitida: calvinismo moderado (grande graça é necessária; graça irresistível sobre o desejoso é admitida).
- Influência esmagadora é admitida: calvinismo extremado (graça irresistível é necessária sobre quem não quer).

Algumas ilustrações de influência aceitável e inaceitável nos ajudarão nesse ponto. Se alguém decide sentar-se na varanda onde possa ver as montanhas, e vespões aparecem e o perseguem, fazendo-o voltar para dentro de casa, essa retirada não foi uma verdadeira livre-escolha. Ele foi coagido a fazê-lo. Se um jovem faz uma proposta de casamento e é rejeitado, mas continua a cortejar e desejar a moça, isso é compatível com a livre-escolha. Contudo, se ele tenta forçá-la a amá-lo, contra a vontade dela, isso não é amor. Se um emprego perigoso é oferecido a uma pessoa por um bom salário e ela rejeita, porém mais tarde aceita o mesmo emprego por um salário dobrado, essa é uma influência aceitável.

O que dizer de uma "oferta que é boa demais para ser recusada"? Isso é compatível com o pensamento autodeterminista do livre-arbítrio? Imaginemos que a uma pessoa seja oferecida uma quantia altíssima por mês para fazer um trabalho que ela odeia. Não seria bom demais para recusar, e não seria a aceitação da oferta uma violação da autodeterminação? A resposta é não, visto que não há nenhuma coerção envolvida. Ela poderia ter recusado. Tome como exemplo a mulher que vive uma vida tão pura que nem mesmo pensa em ser infiel ao marido por uma alta quantia de dinheiro. O fato de um homem atraente oferecer-lhe muitos milhões para cometer adultério não é de modo algum uma coerção. A esposa fiel pode ser altamente tentada, mas ela ainda tem o poder de recusar.

Não importa quão tentadora ou persuasiva uma proposta possa ser, conquanto não seja coercitiva da vontade, o ato é ainda livre. Mais uma vez, o grau de influência conveniente, seja do pecado, seja da graça, terá de ser decidido por outras doutrinas, particularmente a de quão depravado o ser humano é. Mas não importa quanta influência, seja para o mal, seja para o bem, a idéia do livre-arbítrio do autodeterminista exige que o ato não seja coagido, interna ou externamente. Isso está de acordo com o que ensinam tanto a razão quanto o entendimento devido da Escritura (v. cap. 2, 3 e 6, e ap. 1 e 9).

4

Seria a fé um dom exclusivo do eleito?

Os cinco pontos do calvinismo extremado (v. cap. 4 e 5) são acompanhados pela convicção de que a fé é um dom de Deus concedido somente a um grupo seleto de pessoas (os eleitos). Os famosos *Cânones de Dort* (1619; v. ap. 8), calvinistas, usam Efésios 2.8,9 para provar esse ponto. Louis Berkhof declara que "a semente da fé é implantada no homem quando da regeneração".[1]

A convicção de que a fé é um dom especial de Deus combina com o entendimento do calvinista extremado da depravação total e com a necessidade de a regeneração ser anterior à fé (v. ap. 10). Uma pessoa morta não pode crer, insistem eles; ela tem de ser primeiro vivificada por Deus e, então, terá fé para crer.[2] Objeções contra esse pensamento já foram levantadas (v. cap. 4). Resta mostrar aqui como os versículos usados pelos calvinistas extremados para dar apoio às suas asseverações são interpretados erroneamente.[3]

A FÉ SALVADORA NÃO É UM DOM ESPECIAL DE DEUS AOS ELEITOS

Efésios 2.8,9

"Vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie." Os calvinistas extremados freqüentemente entendem que o sujeito da frase "é dom de Deus" é "ela", ou seja, a "fé", mencionada logo antes. De fato, essa referência foi usada pelo sínodo calvinista de Dort (v. ap. 8) para provar esse exato ponto. O zeloso defensor do calvinismo extremado R. C. Sproul está tão confiante de que essa é a idéia contida no texto que, triunfantemente, conclui: "Essa passagem deve selar esse assunto para sempre. A fé pela qual somos salvos é um dom de Deus".[4]

Resposta

O próprio João Calvino declara que esse texto "não quer dizer que a *fé* é o dom de Deus, mas que a *salvação* é-nos dada por Deus, ou, que nós a obtemos pelo dom de Deus".[5] Além disso, não importando quão plausível essa interpretação possa ser, está muito claro no texto grego que Efésios 2.8,9 não está se referindo à fé como um dom de Deus. A palavra grega *touto* ("isto"), sujeito de "é dom de Deus", é neutra na forma e não pode se referir à fé, que é feminino. O antecedente de "isto é dom de Deus" é a salvação pela graça por meio da fé (v. 9). Comentando essa passagem, o grande estudioso do Novo Testamento A. T. Robertson observa: "A 'graça' é a parte de Deus, a 'fé' é a nossa. *E* "isto" (*kai touto*), é neutro, não o feminino *taute*. Portanto, não se refere a *pistis* ('fé') ou a *charis* ('graça'), mas ao ato de ser salvo pela graça condicionado à fé de nossa parte".[6]

Enquanto alguns argumentam que o pronome possa concordar no sentido, mas não na forma, com seu antecedente, essa idéia é refutada por Gregory Sapaugh, que observa: "Se Paulo quisesse referir-se a *pistis* ('fé'), poderia ter escrito o feminino *haute*, em vez do neutro *touto*, e

seu significado teria sido claro". Mas o apóstolo não o faz. Ao contrário, quando usa "isto" (*touto*), refere-se ao processo todo da "salvação pela graça por meio da fé". Sapaugh observa que "essa posição é apoiada ainda pelo paralelismo entre *ouk hymon* ('e isto não vem de vocês') em 2.8 e *ouk ex ergon* ('não por obras') em 2.9. A última frase não seria significativa se se referisse a *pisteos* ('fé'). Em vez disso, ela claramente significa que a salvação 'não vem de obras'".[7]

Filipenses 1.29

"A vocês foi dado o privilégio de não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer por ele." Esse versículo é entendido como dizendo que a fé é um dom de Deus para certas pessoas, a saber, os eleitos.

Resposta

Há diversas indicações aqui de que Paulo não tinha tal coisa em mente. A primeira é que ele está dizendo apenas que Deus não tem somente nos proporcionado a oportunidade de confiar nele, mas também a de sofrer por ele. A expressão "dar o privilégio" (gr.: *echaristhe*) significa "conceder graça" ou "favor". Ou seja, a oportunidade tanto de sofrer por ele quanto a de crer nele são favores com os quais Deus nos tem agraciado. Além disso, Paulo não está falando aqui da fé inicial que traz a salvação, mas da fé e do sofrimento diários de alguém que já é cristão. Finalmente, é digno de nota que tanto o sofrer quanto o crer são apresentados como coisas próprias dos filipenses. Ele diz que "lhes" é concedido fazer isso. Não é alguma coisa feita em lugar deles, mas simplesmente oportunidades que Deus lhes deu, para que as usassem "por Cristo" mediante a livre-escolha deles.

Filipenses 3.8,9

"Considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo e ser encontrado nele, não tendo a minha própria justiça que

procede da Lei, mas a que vem mediante a fé em Cristo, a justiça *que procede de Deus e se baseia na fé.*"

Resposta

Aqui não é a fé que vem de Deus, mas a "justiça". E a justiça de Deus nos vem "pela fé", a saber, pelo exercício de nossa fé.

1Coríntios 4.7

"Quem torna você diferente de qualquer outra pessoa? O que você tem que não tenha recebido? E se o recebeu, por que se orgulha, como se assim não fosse?" O calvinista radical insiste em que, se tudo o que recebemos vem de Deus, isso inclui a fé.

Resposta

Deve ser observado primeiramente que o apóstolo não faz qualquer aplicação desse verso à fé que recebe o dom da salvação de Deus. Antes, ele está se referindo aos dons concedidos aos crentes (v. 1Co 12.4-11), que devem ser exercidos em humildade. Não existe aqui a idéia de dar fé aos incrédulos de forma que possam ser salvos. Além disso, mesmo que a fé para os incrédulos fosse pretendida aqui, não há nenhuma afirmação de que ele a dê somente a alguns. Ainda mais, mesmo que a fé fosse um dom, ela é alguma coisa que devemos "receber" ou rejeitar. Não é algo forçado sobre nós. Finalmente, a idéia uniforme na Escritura é que a fé se trata de algo que os incrédulos têm de exercer a fim de receber a salvação (v. Jo 3.16,18,36; At 16.31), e não algo que devem esperar que Deus lhes dê.

1Coríntios 7.25

"Quanto às pessoas virgens, não tenho mandamento do Senhor, mas dou meu parecer como alguém que, pela misericórdia de Deus, é digno de confiança" (ARC: "como quem tem alcançado misericórdia do Senhor para ser fiel"). Agostinho usou esse versículo (*Enchiridion*,

p. 31) para dar apoio à sua convicção de que a fé é um dom de Deus anterior à regeneração.

Resposta

Na verdade, esse versículo não está falando de pessoas não-salvas (eleitas) recebendo fé para a salvação, mas de crentes recebendo de Deus a misericórdia que os capacita a ser fiéis. Antes de qualquer coisa, é somente por um ato anterior de fé que nos tornamos crentes (Jo 1.12; Ef 2.8,9). Na verdade, esse versículo está falando a respeito de virgens crentes que receberam a graça de permanecer fiéis sexualmente. A citação começa: "Quanto às pessoas virgens, não tenho mandamento do Senhor". A Nova Versão Internacional, que temos usado, capta bem o sentido ao traduzir: "Como alguém que, pela misericórdia de Deus, é digno de confiança".

1Coríntios 12.8,9

"Pelo Espírito, a um *é dada* a palavra da sabedoria; a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra de conhecimento; a outro, *fé*, pelo mesmo Espírito." É evidente que se diz aqui que a fé é um dom de Deus.

Resposta

De fato, a fé *é* referida aqui como um dom de Deus. Entretanto, Paulo não está falando da fé concedida aos *incrédulos* pela qual podem ser *salvos*. Antes, está falando de um dom especial concedido a alguns *crentes* pelo qual podem *servir* (cf. v. 5,12). Qualquer pessoa pode ver claramente a diferença olhando para o contexto.

Atos 5.31

"Deus o exaltou, colocando-o à sua direita como Príncipe e Salvador, para *dar a Israel arrependimento* e perdão de pecados." Esse versículo é considerado um apoio à afirmação dos calvinistas extremados de que o arrependimento é um dom concedido somente aos

eleitos. Mas 2Timóteo 2.25 acrescenta que se deve "corrigir com mansidão os que se lhe opõem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento, levando-os ao conhecimento da verdade" (v. At 11.18).

Resposta

Primeiramente, a afirmação é que, de acordo com esses versículos, o arrependimento é um dom no mesmo sentido em que o perdão, visto que os dois são colocados juntos. Se é assim, então todos os israelitas devem ter sido salvos, visto que as duas coisas foram dadas "a Israel". Todavia, somente um remanescente de Israel será salvo (Rm 9.27), não todos. O mesmo esclarecimento é verdadeiro a respeito de Atos 11.18, que diz: "Deus concedeu arrependimento para a vida até mesmo aos gentios!". Claramente, isso não significa que todos os gentios serão salvos, mas que todos têm a oportunidade de ser salvos. Igualmente, significa que todos recebem de Deus a oportunidade para se arrepender (v. 2Pe 3.9).

Em segundo lugar, a *oportunidade* de se arrepender é um dom de Deus. Ele graciosamente concede-nos a oportunidade de voltar de nossos pecados, *mas o arrependimento cabe a nós.* Deus não irá se arrepender por nós. O arrependimento é um ato de nossa vontade, apoiado e encorajado pela graça.

Além disso, se o arrependimento é um dom, então é um dom no mesmo sentido em que o perdão o é. Mas o perdão é obtido somente por Jesus sobre a cruz, para "todo aquele que crê" (At 13.38,39), não apenas para os eleitos (v. cap. 4 e 5). Por conseguinte, pela mesma lógica, a todas as pessoas deve ter sido dada a fé — conclusão enfaticamente rejeitada pelos calvinistas extremados.

João 6.44,45

"Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia. Está escrito nos Profetas: 'Todos serão ensinados por Deus'. Todos os que ouvem o Pai e dele aprendem vêm a mim."

Resposta

Deve ser observado que o texto não diz que a fé é um dom de Deus, apenas que todos foram "ensinados" por Deus. O método de se obter fé não é mencionado. A Bíblia diz em outro lugar que "a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo" (Rm 10.17). A fé cresce no coração de alguém que "recebe [a mensagem] com alegria" (Mt 13.20).

Atos 16.14

"Uma das que ouviam era uma mulher temente a Deus chamada Lídia, vendedora de tecido de púrpura, da cidade de Tiatira. *O Senhor abriu seu coração para atender* à mensagem de Paulo." Atos 18.27 acrescenta que a salvação é para "os que *pela graça haviam crido*". Sem essa graciosa obra de Deus, ninguém pode crer e ser salvo.

Resposta

Os calvinistas moderados não negam que Deus move o coração dos incrédulos para persuadi-los e aprontá-los para exercer fé em Cristo. Eles somente negam que Deus faça isso coercitivamente pela graça irresistível (v. cap. 4 e 5) e negam também que faça isso somente com algumas pessoas (os eleitos). O Espírito Santo está convencendo "o mundo [*todas as pessoas*, não apenas algumas; v. Jo 3.16-18; 1Jo 2.15-17] do pecado, da justiça e do juízo" (Jo 16.8). E Deus não força ninguém a crer nele (Mt 23.37).

Romanos 10.17

"A fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo." Aqui parece que a fé é produzida na pessoa pela Palavra de Deus; a Palavra de Deus precede a fé, não o inverso.

Resposta

Em primeiro lugar, não há referência aqui à fé como um dom. Essa é uma suposição que tem de ser inserida no texto. Em segundo lugar,

a ordem dos eventos é: enviar, pregar, ouvir a mensagem, crer e invocar (Rm 10.14,15). Só que esse texto não afirma que em cada caso o anterior é a causa do posterior. Porque nem todos os que são enviados vão. Nem todos os que ouvem a mensagem crêem para a salvação (v. Mt 12.19). Novamente, considere Atos 16.14: é verdade que Deus abriu o coração de Lídia para crer, mas: 1) foi ela que creu, e 2) Deus não lhe abriu o coração contra a vontade dela. Finalmente, qualquer que seja o papel que a Palavra de Deus tenha em sugerir a fé salvadora, esta deve vir de nós, pois o contexto diz que a fé é algo que somos chamados a exercitar. Paulo diz: "Se você confessar com a *sua* boca que Jesus é Senhor e crer em *seu* coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo" (Rm 10.9). "Pois com *o coração se crê* para justiça, e com a boca se confessa para salvação" (v. 10).

Romanos 12.3

"Pela graça que me foi dada digo a todos vocês: Ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, ao contrário, tenha um conceito equilibrado, *de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu.*"

Resposta

Paulo está falando a crentes (1.7; 12.1,2), não a incrédulos ou a respeito deles. Essa não é a fé que os incrédulos exercem para a salvação (At 16.31), e sim o dom especial de fé concedido a alguns crentes. Paulo o relaciona entre os dons do Espírito em 1Coríntios 12.

1Pedro 1.21

"*Por meio dele* [Cristo] *vocês crêem em Deus*, que o ressuscitou dentre os mortos e o glorificou, de modo que a fé e esperança de vocês estão em Deus."

Resposta

A frase "por meio dele vocês crêem em Deus" não significa necessariamente que a fé é um dom de Deus. Simplesmente significa que, à parte de Cristo, nunca viríamos a crer. A. T. Robertson traduz: "Por intermédio dele, vocês são crentes em Deus".[8] Ellicott comenta: "É nesse mesmo Deus que, desse modo, *vocês têm sido conduzidos a crer*".[9] Não há nenhuma afirmação aqui, ou em qualquer outro lugar da Bíblia, de que Deus dê a fé para salvação somente a uns poucos selecionados.

2Pedro 1.1

"Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, àqueles que, mediante a justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, *receberam* conosco *uma fé* igualmente valiosa."

Resposta

Pedro somente afirma que eles "receberam" ou "obtiveram" a fé, mas não nos informa exatamente como isso aconteceu. Usar uma afirmação vaga e indefinida como essa para dar apoio às suas convicções somente demonstra quão desesperados os calvinistas extremados estão para encontrar apoio para esse dogma, que não é bíblico.

1Tessalonicenses 1.4-6

"Sabemos, irmãos, amados de Deus, que ele os escolheu porque o *nosso evangelho não chegou a vocês* somente em palavra, mas também em poder, no Espírito Santo e *em plena convicção*. Vocês sabem como procedemos entre vocês, em seu favor. De fato, vocês se tornaram nossos imitadores e do Senhor, pois, apesar de muito sofrimento, receberam a palavra com alegria que vem do Espírito Santo."

Resposta

Deve ser claro para qualquer um que examine esse texto que ele nada diz a respeito da fé como um dom de Deus somente para os

eleitos. Para os principiantes, nem "fé" nem "dom" estão presentes no texto. Além disso, o evangelho é "o poder de Deus *para a salvação de todo aquele que crê*" (Rm 1.16). Ou, como o próprio texto aqui assinala, é o poder de Deus para os que "dão boas-vindas" a ele. Finalmente, aqui a fé outra vez precede a salvação, e não o contrário.

DOIS PONTOS IMPORTANTES

Mesmo que pudesse ser demonstrado pela Bíblia — e nenhum desses textos o faz — que a fé para salvação é um dom de Deus, existem ainda alguns problemas cruciais com o pensamento do calvinista extremado sobre esse assunto.

Em primeiro lugar, a salvação envolve "dons" que devem ser *recebidos* ou rejeitados.[10] João escreve: "[Jesus] veio para o que era seu, mas os seus *não o receberam*. Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus" (Jo 1.11,12).[11]

Em segundo lugar, se a fé é um dom de Deus, então ela é oferecida a todas as pessoas, não somente a algumas. "Deus tanto amou o *mundo* que deu o seu Filho Unigênito..." (Jo 3.16). Cristo "é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também *pelos pecados de todo o mundo*" (1Jo 2.2). Deus não deseja que nenhuma pessoa pereça, mas que todas se arrependam (2Pe 3.9). Numerosas outras passagens afirmam que a expiação de Cristo é ilimitada em sua extensão (v. ap. 6).

A FÉ SALVADORA É ALGO QUE TODOS PODEM EXERCER

Em nenhum lugar a Bíblia ensina que a fé salvadora é um dom especial de Deus somente a uns poucos escolhidos. Ademais, em todo lugar a Bíblia supõe que todo o que deseja ser salvo pode exercer a fé salvadora.[12] Cada passagem na qual a Escritura convoca os incrédulos a crer ou a se arrepender para ser salvos implica essa verdade.

Umas poucas passagens familiares serão suficientes para enfatizar esse ponto:

Lucas 13.3: "Se não se arrependerem, todos vocês também perecerão".

João 3.16: "Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que *todo o que nele crer* não pereça, mas tenha a vida eterna".

João 3.18: "*Quem nele crê* não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus".

João 6.29: "Jesus respondeu: 'A obra de Deus é esta: *crer* naquele que ele enviou'".[13]

João 11.40: "Disse-lhe Jesus: 'Não lhe falei que, se você *cresse*, veria a glória de Deus?'".

João 12.36: "*Creiam* na luz enquanto vocês a têm, para que se tornem filhos da luz".

Atos 16.31: "Eles responderam: *'Creia* no Senhor Jesus, e serão salvos, você e os de sua casa'".

Atos 17.30: "No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora *ordena que todos, em todo lugar, se arrependam*".

Atos 20.21: "Testifiquei, tanto a judeus como a gregos, que eles precisam converter-se a Deus *com arrependimento e fé* em nosso Senhor Jesus".

Hebreus 11.6: " Sem fé é impossível agradar a Deus, pois *quem dele se aproxima precisa crer* que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam". Há outras numerosas passagens da Escritura que afirmam a mesma verdade (v. Rm 3.22; 4.11,24; 10.9,14; 1Co 1.21; Gl 3.22; Ef 1.16; 1Ts 1.7; 4.14; 1Tm 1.16).

Finalmente, a Bíblia diz que a fé é *nossa*, e não de Deus. Ela fala de "sua fé" (Lc 7.50; Rm 4.5), da "fé que eles tinham" (Mt 9.2), mas nunca de uma "fé de Deus".

EXERCER FÉ NÃO É OBRA MERITÓRIA

A disputa aqui é se a salvação é ou não baseada em obras. Todos os protestantes ortodoxos crêem que a salvação *não* é baseada em obras.

A questão é se um ato de "fé" da parte do ser humano constitui-se numa obra meritória. A resposta negativa a isso é apoiada tanto pela Escritura quanto pelo raciocínio correto.

Em primeiro lugar, a fé é claramente contrastada e oposta às obras na Bíblia. A Bíblia constantemente coloca a fé em oposição às obras, como é evidente nas passagens citadas acima e em muitas mais (v., e.g., Rm 3.26,27; Gl 3.11). Romanos 4.4 afirma que "o salário do homem que trabalha não é considerado como favor, mas como dívida". É fé ou obras, mas não ambas. Assim, a fé exercida para receber o dom da salvação não é uma obra. É a admissão de que não podemos trabalhar para tê-la, mas devemos aceitá-la por pura graça.

Além disso, o ato de receber um dom pela fé não é mais meritório do que é o de um mendigo ao receber uma ajuda. É uma lógica estranha a que assevera que o recebedor ganha crédito por receber uma dádiva, e não o doador! O ato de fé em receber o dom incondicional de Deus não granjeia nenhum mérito para o recebedor. Ao contrário, todo louvor e glória vão para o Doador de "toda boa dádiva e todo dom perfeito" (Tg 1.17).

SERÁ QUE A FÉ PODE, APESAR DISSO, SER CONSIDERADA UMA OBRA?

J. I. Packer e O. R. Johnson acusam a teologia reformada de ter condenado o arminianismo, em princípio, como um retorno a Roma "porque, no fundo, tornou a fé uma obra meritória...".[14] R. C. Sproul parece concordar, acrescentando: "O arminiano reconhece que a fé é algo que uma pessoa faz. É uma obra, embora não seja meritória. É uma boa obra? Certamente não é uma má obra. É bom para uma pessoa confiar em Cristo e em Cristo somente para sua salvação". Assim, "o arminiano acha difícil escapar da conclusão de que, em última análise, a sua salvação repousa sobre alguns atos justos da vontade que ele realizou. Ele tem de fato merecido o mérito de Cristo, o que difere somente ligeiramente do pensamento de Roma".[15] Isso, contudo,

envolve um equívoco com a palavra "fazer". Fé é algo que "fazemos" no sentido de que envolve um ato de nossa vontade sugerido pela graça de Deus. Contudo, a fé não é alguma coisa que "fazemos" no sentido de obra meritória necessária para Deus nos dar a salvação.

J. Gresham Machen, calvinista radical, nega enfaticamente que a fé seja uma espécie de boa obra: "A fé do ser humano, corretamente concebida, não pode nunca permanecer em oposição à plenitude com a qual a salvação depende de Deus: nunca pode significar que o ser humano faz uma parte enquanto Deus apenas faz o resto, pela simples razão de que a fé não consiste em fazer alguma coisa, mas em receber alguma coisa".[16]

RECEBER UMA DÁDIVA NÃO É MERITÓRIO

Armínio levanta estas questões pungentes: "Um homem rico concede a um pobre mendigo esmolas pelas quais ele pode ser capaz de manter a si próprio e sua família. Isso deixa de ser puro presente só porque o mendigo estende a mão para recebê-las? Pode ser dito com propriedade que 'as esmolas dependem parcialmente da liberalidade do doador e parcialmente da liberdade do recebedor, embora este não as tivesse possuído a menos que as recebesse por haver estendido a mão?'". Ele continua: "Se essas asseverações não podem ser verdadeiramente feitas a respeito de um mendigo que recebe esmolas, muito menos podem ser feitas a respeito do presente da fé, cujo recebimento requer ainda mais atos da graça divina!".[17]

6

Base bíblica para a expiação ilimitada

VERSÍCULOS QUE ENSINAM A EXPIAÇÃO *ILIMITADA*

Não somente não há versículos que, devidamente entendidos, dêem suporte à expiação limitada (v. cap. 5), como existem numerosas passagens que ensinam a expiação ilimitada, isto é, que Cristo morreu pelos pecados de toda a raça humana. Os calvinistas extremados não têm oferecido quaisquer interpretações satisfatórias dos textos que dão apoio à expiação limitada.

CRISTO É O SACRIFÍCIO EXPIATÓRIO PELO MUNDO INTEIRO

O significado claro de João 1.29

"No dia seguinte João viu Jesus aproximando-se e disse: 'Vejam! É o Cordeiro de Deus, *que tira o pecado do mundo*!'" À luz do contexto e de outros usos da palavra "mundo" no evangelho de João, é evidente que a palavra "mundo" aqui não significa "a Igreja" ou "os eleitos",

mas todos os seres humanos caídos. O apóstolo recorda posteriormente que "Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito" (Jo 3.16). O significado desejado pela palavra "mundo" é explicitado somente três versículos adiante: "Este é o julgamento: a luz veio *ao mundo*, mas os homens amaram as trevas, e não a luz, porque *as suas obras eram más*" (v. 19). Isso é claramente a totalidade do mundo caído, como é o sentido de João 16.8: "Quando ele [o Espírito Santo] vier, convencerá o *mundo* do *pecado*, da justiça e do juízo".

Interpretação implausível dos calvinistas extremados

À luz do uso explícito que João faz da palavra "mundo" nas passagens sobre a salvação como referência a todos os seres humanos caídos, é penoso ver a lógica distorcida dos calvinistas extremados como resposta, afirmando "que freqüentemente a Bíblia usa as palavras 'mundo' e 'todos' num sentido restrito e limitado", acrescentando que "é claro que 'todos' não significa 'todos'".[1] Então, como apoio citam passagens (como Lc 2.1,2) de outro livro, em outro contexto, usado no sentido geográfico (não redentor), numa tentativa fútil de provar esse ponto.[2] Se "todos" não significa "todos" os seres humanos caídos, então o que o termo significa em Romanos 3.23: "Todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus"? Significa que somente os eleitos pecaram?

O significado claro de João 3.16,17

"Deus tanto amou o *mundo* que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao *mundo*, não para condenar o *mundo*, mas para que *este* fosse salvo por meio dele."

A afirmação clara é que Deus ama o "mundo", e a implicação clara é que Cristo foi dado para morrer pelo mundo (cf. v. 14). Além disso, o versículo 17 torna inconfundivelmente claro que "mundo" aqui significa todo o mundo caído, pois é o mesmo mundo que está debaixo de condenação (v. 17,18).

Interpretação implausível dos calvinistas extremados

Em termos de argumentos, a melhor defesa que o calvinismo extremado faz da expiação limitada vem de John Owen. Sua resposta a essa passagem é uma nova tradução chocante: "Deus amou tanto os seus eleitos em todo o mundo que deu o seu Filho com essa intenção, que por ele os crentes pudessem ser salvos".[3] Isso não carece de resposta, mas de um lembrete moderado de que Deus repetidamente nos exorta a não acrescentar ou subtrair nada de suas palavras (Dt 4.2; Pv 30.6; Ap 22.18,19).

O significado claro de João 12.47

"Não vim para julgar *o mundo*, mas para salvá-lo." É evidente que a palavra "mundo" citada duas vezes no versículo diz respeito ao mesmo mundo universal caído e pecaminoso que será julgado "no último dia" (v. 48).

Interpretação implausível dos calvinistas extremados

Como em outros lugares, os calvinistas extremados afirmam que "mundo" aqui é usado no sentido limitado, significando parte do mundo, a saber, os eleitos. Eles apontam para João 12.19 como uma ilustração do uso limitado da palavra "mundo": "Os fariseus disseram uns aos outros: 'Não conseguimos nada. Olhem como o mundo todo vai atrás dele!'".

Essa, porém, é uma comparação falsa por diversas razões. Em primeiro lugar, a palavra é usada *geograficamente* em João 12.19, não genericamente. Em segundo lugar, essas não são palavras usadas por Jesus, mas pelos fariseus.[4] Em terceiro lugar, a afirmação dos fariseus é obviamente um exagero ou hipérbole. Todavia, até mesmo os calvinistas extremados admitem que isso não vale para João 12.47, no qual a afirmação é de Jesus e se refere genericamente à totalidade do mundo caído.[5]

O significado claro de 1João 2.2

João escreve claramente que "ele [Cristo] é a propiciação pelos nossos pecados, *e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de*

todo o mundo". Isso parece tão evidente que, se não fosse pela afirmação distorcida dos calvinistas extremados, nenhum comentário seria necessário.

Interpretação implausível dos calvinistas extremados

A afirmação sem fundamento dos calvinistas extremados é que "mundo" aqui se refere ao "mundo cristão", a saber, os eleitos. Agostinho, em seus textos mais tardios (v. ap. 3) diz que João aqui se refere "a todos os fiéis espalhados por toda a terra".[6] Isso é um caso óbvio de *eisegese* (ver no texto o que não está nele), que não merece um tratamento extensivo. É só fazer um estudo do uso genérico[7] da palavra "mundo" (*cosmos*) nos escritos de João para confirmar que ele fala aqui do mundo caído e pecaminoso (v. Jo 1.10,11; 3.19). Aliás, João define o uso do termo "mundo" somente uns poucos versículos mais adiante. No mesmo capítulo, ele afirma que a morte de Cristo é uma satisfação pelos pecados do "mundo inteiro". Ele diz: "Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. *Pois tudo o que há no mundo — a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens — não provém do Pai*, mas do mundo" (1Jo 2.15,16). Isso é claramente uma descrição do mundo pecaminoso e caído, que inclui os não-eleitos — por quem Cristo morreu (v. 2). Mais adiante, ele acrescenta: "Sabemos que somos de Deus e que o *mundo todo* está sob o poder do Maligno" (5.19). Por mais que se force a imaginação, esse texto não se refere somente aos eleitos!

CRISTO, COM SEU SANGUE "RESGATOU" ATÉ OS APÓSTATAS

O significado claro de 2Pedro 2.1

Pedro afirma que Cristo comprou até mesmo a redenção dos apóstatas. Visto que os calvinistas crêem que os que são salvos jamais perderão a salvação e visto essa passagem fala claramente de pessoas perdidas, então, quando o texto afirma que Cristo "resgatou" essas

almas perdidas, quer dizer que a expiação não é limitada aos eleitos. Veja as próprias palavras de Pedro: "Surgiram falsos profetas no meio do povo, como também surgirão entre vocês falsos mestres. Estes introduzirão secretamente heresias destruidoras, *chegando a negar o Soberano que os resgatou*, trazendo sobre si mesmos repentina destruição" (2Pe 2.1). Os termos usados para descrever essas pessoas deixam pouca dúvida de que estão perdidas. Elas são chamadas "falsos profetas", "falsos mestres", que "negam o Soberano" (v. 1), que andam por "caminhos vergonhosos" (v. 2) e que serão "destruídas" (v. 3). Além disso, são comparadas a anjos caídos e sem possibilidade de redenção, que foram lançados "no inferno" (v. 4); têm "procedimento libertino" (v. 7), são "ímpias" (v. 9), "criaturas irracionais" (v. 12), "cães" (v. 22) e "escravas da corrupção" (v. 19) — não são descrições dos eleitos na Escritura. Além disso, "a escuridão das trevas lhes está reservada" (v. 17). São esses apóstatas, reprovados e não-eleitos que Cristo "resgatou" com seu precioso sangue (v. 1Pe 1.19).

Interpretação implausível dos calvinistas extremados

Comentando esse texto, John Owen, habilidosa mas futilmente, tenta passar o ônus da prova para os que afirmam que "o Soberano" realmente se refere a Cristo e provar que "resgatou" se refere à nossa redenção por ele.[8] A respeito do primeiro ponto: 1) ele admite que a palavra "Soberano" (gr.: *despotes*) é usada a respeito de Cristo em outro lugar, como é realmente. Na verdade, além das poucas vezes que essa palavra é usada a respeito dos mestres terrenos (v. 1Tm 6.1,2; Tt 2.9; 1Pe 2.18), da mesma forma em que é usada a palavra grega *kyrios* ("senhor"), todas as outras referências a *despotes* são a respeito de Cristo ou de Deus Pai (v. Lc 2.29; At 4.24; 2Tm 2.21; Jd 4; Ap 6.10). Para tirar a dúvida, no livro paralelo (Judas) sobre o mesmo tópico, a referência é clara: "Certos homens, cuja condenação já estava sentenciada há muito tempo, infiltraram-se dissimuladamente no meio de vocês. Estes são ímpios, que transformam a graça de nosso Deus em libertinagem e negam Jesus Cristo, nosso único Soberano [*despotes*] e Senhor"

(Jd 4). Ao menos, duas coisas estão evidentes: a) Judas está falando de Cristo, e b) essa passagem está num contexto de redenção, não simplesmente de uma libertação da corrupção da idolatria, como Owen sugere, porque Judas se refere à "salvação" e à "graça" de Deus (v. 3,4). 2) Owen reconhece que o termo é usado a respeito de Deus, o que dá no mesmo, visto que a própria Bíblia fala do sangue de Deus (At 20.28).[9] Mesmo que não fosse assim, visto que Cristo *é* Deus, seu sangue é sangue de Deus no mesmo sentido em que Maria é a mãe de Deus (v. Lc 1.43), a saber, é o sangue da pessoa (Cristo) que é Deus. E Maria era a mãe humana da pessoa (Cristo) que é Deus.

Com respeito ao segundo ponto, há boas indicações de que a palavra "resgatou" (*agorazo*) se refira à obra redentora de Cristo. 1) De outra forma, por que deveriam eles estar perdidos, a menos que negassem a obra redentora de Cristo por eles? 2) mais antes que resgatar coisas tangíveis (cf. Mt 13.44; 21.12), palavra "resgatou" (*agorazo*) é sempre usada para indicar a redenção espiritual no Novo Testamento, e nunca no sentido de redimir alguém socialmente da corrupção e da poluição da idolatria. Por exemplo, Paulo disse aos "santos" (1Co 1.2) em Corinto: "Vocês foram *comprados* por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo" (1Co 6.20). Ele acrescenta: "Vocês foram *comprados* por alto preço; não se tornem escravos de homens" (7.23). Da mesma forma, João registra que os santos diziam: "Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue *compraste* para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação" (Ap 5.9). Ele acrescenta mais duas vezes: "Eles cantavam um cântico novo diante do trono, dos quatro seres viventes e dos anciãos. Ninguém podia aprender o cântico, a não ser os cento e quarenta e quatro mil que haviam sido *comprados* da terra. Estes são os que não se contaminaram com mulheres, pois se conservaram castos e seguem o Cordeiro por onde quer que ele vá. Foram *comprados* dentre os homens e ofertados como primícias a Deus e ao Cordeiro" (Ap 14.3,4). Em vista desse uso neotestamentário, o ônus da prova

de que Pedro está usando o termo aqui em outro sentido além do redentor, fica para os calvinistas extremados.

CRISTO MORREU PELOS ÍMPIOS

O significado claro de Romanos 5.6

Romanos 5.6 nos informa que, "no devido tempo, [...] Cristo morreu pelos ímpios". O versículo 10 acrescenta: "Se quando éramos *inimigos de Deus fomos reconciliados* com ele mediante a morte de seu Filho, quanto mais agora, tendo sido reconciliados, seremos salvos por sua vida!".

Mas não foram somente os eleitos que eram ímpios e inimigos de Deus, mas também os não-eleitos. Portanto, Cristo deve ter morrido pelos não-eleitos assim como pelos eleitos. De outra forma, ele não teria morrido por todos os ímpios e inimigos de Deus. Ademais, se Paulo quisesse dizer que Cristo morreu somente pelos "eleitos", facilmente poderia tê-lo dito e evitado qualquer entendimento errôneo. A palavra "eleito" é usada regularmente no Novo Testamento (v. Mt 24.24,31; Mc 13.22,27; Lc 18.7; 1Pe 1.2), também por Paulo (v. Rm 8.33; Cl 3.12; 1Tm 5.21; Tt 1.1). O mesmo vale para as palavras "alguns" e "poucos".

Interpretação implausível dos calvinistas extremados

John Owen repetidamente insiste em que nessas passagens o indefinido não deve ser confundido com o universal. Em resumo, diz que não podemos argumentar que, "por ter Cristo morrido por pecadores, ele morreu por todos os pecadores",[10] porque em outros lugares a Bíblia afirma que Deus "justifica o ímpio" (Rm 4.5). Todavia, ninguém nesse debate crê que todos os ímpios serão justificados.

Conquanto isso seja lógica e formalmente verdadeiro, não o é realmente em Romanos 5.6, pois o contexto indica que Paulo está dizendo claramente que "todos" e "todos os homens" estão perdidos (Rm 5.12,18) e têm necessidade de salvação: "Assim como uma só

transgressão resultou na condenação de todos os homens, assim também um só ato de justiça resultou na justificação que traz vida a *todos os homens*" (v. 18).

CRISTO RECONCILIOU O MUNDO COM DEUS

O significado claro de 2Coríntios 5.14-19

Segundo o apóstolo Paulo, "o amor de Cristo nos constrange, porque estamos convencidos de que *um morreu por todos*; logo, todos morreram. [...] Deus em Cristo estava *reconciliando consigo o mundo*, não lançando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação" (2Co 5.14,19). Ele acrescenta: "*Ele morreu por todos* para que aqueles que vivem já não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou" (v. 15).

Ora, é evidente que a reconciliação de todos não garante a salvação de todos, mas somente a *possibilidade de salvação*. O texto prossegue dizendo que, com base no que Cristo fez na cruz, devemos ainda instar com o mundo: "Somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo lhes suplicamos: *Reconciliem-se com Deus*" (v. 20). Assim, a reconciliação por meio de Cristo torna a salvação deles *possível*. Eles próprios, pela fé, tornam essa salvação *real*. Não obstante, "um [Cristo] morreu por todos" (v. 14), para tornar essa salvação possível.

Interpretação implausível dos calvinistas extremados

Palmer afirma: "Obviamente, 'todos' em ambos os casos significa todos os crentes — *não o mundo todo*, tanto os reprovados como os eleitos".[11] Aqui, novamente, esta é a leitura do sistema teológico de uma pessoa num texto, não a leitura do sentido próprio do texto. Palmer argumenta que "'todos morreram' refere-se à morte espiritual dos crentes. Por isso, 'todos morreram' não pode se referir à morte natural de todos os homens, pois a morte de Cristo não é a causa da morte física do homem".

Isso é implausível por muitas razões. Em primeiro lugar, qualquer que seja o significado de "todos morreram" no versículo 14, está claro que Paulo identifica o objeto da reconciliação de Cristo, no versículo 19, como "*o mundo*", e não somente os crentes. Em segundo lugar, o versículo 15 contrasta "aqueles que vivem" — cristãos com vida eterna — com o "todos" por quem Cristo morreu, dizendo que "ele morreu *por todos para que aqueles que vivem* já não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou" (v. 15). Em terceiro lugar, a conexão no versículo 14 entre "[Cristo] morreu por todos" e "todos [que] morreram" é para mostrar por que o amor de Cristo nos impele a alcançá-los com a "mensagem da reconciliação", instando com o "mundo" para que seja reconciliado com Deus (v. 19,20). Não tem nada que ver com nossa morte espiritual, e sim com nossa compaixão para com o "mundo", que está espiritualmente morto e necessita ser reconciliado com Deus.

DEUS DESEJA QUE TODOS SEJAM SALVOS

O significado claro de 2Pedro 3.9

Deus é amor, e como tal não "quer que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento" (2Pe 3.9). Ele "deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade" (1Tm 2.4). Contrariamente ao pensamento irrazoável dos calvinistas extremados, isso não significa "todos os tipos de gente", a saber, os eleitos de todas as nações. As palavras são limitadas em seu significado pelo contexto. E quando "qualquer", "todos os homens" e o "mundo inteiro" (1Jo 2.2) são tomados como significando "alguns" (a menos que sejam usados figurativamente), a linguagem perde seu significado.

Interpretação implausível dos calvinistas extremados

Os calvinistas extremados estão cientes de que muitos textos se referem a Cristo morrendo pelo "mundo", "todos os homens" etc. Alguns tentam evitar o impacto óbvio desses versículos criando uma

distinção artificial. Dizem que Cristo morreu por todas as pessoas sem *distinção*, mas não por todas as pessoas sem *exceção*.[12] Isso é distorção hábil de uma frase, mas é tanto sem conteúdo quanto sem base. Equivale a dizer que "todos" na verdade significa "alguns" — algo que não tolerariam em outros versículos como "todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus" (Rm 3.23). Ademais, como veremos, não há suporte nesses textos para tal interpretação.

Outros fazem uma sugestão menos plausível ainda: a de que "Deus não quer que qualquer um de nós (os eleitos) pereça".[13] Crente firme na inerrância da Escritura, R. C. Sproul está consciente de quão perigoso é mudar a Palavra de Deus. Deus Espírito Santo era certamente capaz de usar a palavra "alguns" em vez de "todos". Mas não o fez. Além disso, "cada um" e "todos" são chamados ao arrependimento. Também, "todos" os que precisam se arrepender não podem significar "os amados" (v. 1,8), visto que já foram salvos, e não há necessidade de arrependimento. Além disso, seria o mesmo que dizer que Deus não está chamando os não-eleitos ao arrependimento, o que é claramente oposto a outros textos da Escritura nos quais ele "ordena que *todos, em todo lugar*, se arrependam" (At 17.30). "Todos, em todo lugar" não significa "algumas pessoas de todos os lugares" ou "algumas pessoas em algum lugar". O texto fala por si próprio.

O significado claro de Mateus 23.37

Chorando sobre Jerusalém, Jesus exclama: "Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! *Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos*, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram!". Nada poderia ser mais claro: Deus queria que todos eles, mesmo os impenitentes, fossem salvos.

Interpretação implausível dos calvinistas extremados

John Gill propõe que isso seja entendido não como uma reunião para salvação, mas somente para ouvi-lo pregar e, assim, serem trazidos

para a fé histórica, "suficiente para preservá-los da ruína temporal". Igualmente, a vontade de Cristo de reuni-los "não deve ser entendida como sua vontade divina [...], mas como sua vontade humana, ou como sua vontade como homem; que [...] não [é] sempre igual àquela nem é sempre cumprida".[14] Uma exposição clara do pensamento dos calvinistas extremados aqui é talvez a melhor refutação dele, porque nos força a crer que a preocupação de Deus pelas condições temporais de todas as pessoas é maior que a preocupação pela alma eterna delas.

DEUS NÃO OFERECE A SALVAÇÃO APENAS AOS ELEITOS

O ensino claro de Mateus 22.14

Jesus diz: "Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos" (Mt 22.14). Deus sabia que somente os eleitos haveriam de crer (At 13.48), mas deseja que todos sejam salvos (2Pe 3.9; 1Tm 2.4). Assim, "Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito" (Jo 3.16) para proporcionar um sacrifício expiatório pelos pecados "de todo o mundo" (1Jo 2.2). Visto que Deus chamou todos, providenciou salvação para todos e ordenou que todos se arrependessem (At 17.30) e cressem (At 16.31). Ora, seria tanto fraudulento quanto absurdo para Deus ordenar a todos que se arrependam, se não providenciou salvação para todos.

Interpretação implausível dos calvinistas extremados

John Owen faz a sugestão improvável de que "as ordens de Deus e suas promessas revelam nosso dever, não o propósito dele, o que Deus quer que façamos, não o que ele irá fazer".[15] Essa habilidosa distorção de uma frase disfarça alguns erros. Em primeiro lugar, implica que Deus ordena o impossível, o que tornaria o Onisciente irracional: é irracional esperar que alguém faça o que não pode ser feito. Em segundo lugar, faz vista grossa ao óbvio, a saber, que há outra alternativa:

Deus ordena não somente o que queria que fizéssemos, mas também o que realmente deseja que seja feito. Isso não significa, como Owen sugere erroneamente, o que Deus "irá fazer", mas que ele deseja que seja feito o que ordena.[16]

DEUS DESEJA QUE TODOS SEJAM SALVOS

O significado claro de 1Timóteo 2.3,4

Paulo expressamente diz que "isso é bom e agradável perante Deus, nosso Salvador, *que deseja que todos os homens sejam salvos* e cheguem ao conhecimento da verdade". Até mesmo Spurgeon, que cria na expiação limitada, não pôde negar o significado óbvio desse texto.

Interpretação implausível dos calvinistas extremados

Desde o tempo de Agostinho, em seus últimos escritos,[17] esse texto tem sido manipulado pelos calvinistas extremados. Spurgeon resume as tentativas de evitar o óbvio. Ele disse que é assim que "nossos amigos calvinistas mais antigos tratam esse texto. 'Todos os homens', dizem eles — isto é, 'alguns homens': como se o Espírito Santo não pudesse ter dito 'alguns homens' se quisesse dizer 'alguns homens'. 'Alguns homens', dizem eles, como se o Senhor não pudesse ter dito 'todos os tipos de homens' se quisesse dizer isso. O Espírito Santo, por meio do apóstolo, escreveu 'todos os homens', e é inquestionável que ele quer dizer todos os homens".[18] Spurgeon continua: "Eu estava lendo agora mesmo a exposição de um mestre muito capaz que explica o texto de maneira a esvaziá-lo de seu sentido; ele põe pólvora gramatical debaixo dele e explode-o, pela maneira como o apresenta". Ele habilmente acrescenta: "Eu pensei, quando li sua exposição, que teria sido um comentário muito bom sobre o texto se esse dissesse: 'Que *não* quer que todos os homens sejam salvos nem venham ao conhecimento da verdade'".[19]

Naturalmente, o problema é que isso é o que o texto deveria dizer se a expiação limitada fosse verdadeira, mas não diz. Até mesmo

Spurgeon estava consciente de sua aparente incoerência aqui, quando declara: "Eu não sei como aquilo se enquadra nisso", mas acrescenta: "*Eu preferiria centenas de vezes parecer incoerente comigo mesmo que ser incoerente com a Palavra de Deus*".[20]

O significado claro de 1Timóteo 2.6

Paulo afirma que Cristo "se entregou a si mesmo *como resgate por todos.* Esse foi o testemunho dado em seu próprio tempo" (1Tm 2.6). Está claro aqui que Cristo pagou o preço, com o próprio sangue precioso (1Pe 1.19), pelos pecados *de todos.*

Interpretação implausível dos calvinistas extremados

Dessa e de outras passagens, John Owen faz a interpretação duvidosa de que "todos" não significa "todos". Sua tática é desviar a questão para outras passagens nas quais "todos" não significa a totalidade da raça humana.[21] Isso prova somente que "todos" significa "todos" em sua categoria ou contexto e que a esfera é designada pela passagem. Mas aqui a categoria e o contexto são a totalidade da raça humana, pois o uso de "todos" como objeto do amor e redenção de Deus é usado genericamente, não geograficamente. O que o calvinista extremado deve fazer, e não faz, é demonstrar que essa e outras passagens semelhantes, nas quais "todos" é usado genericamente, não dizem respeito à totalidade da raça humana.

Mesmo que "todos" signifique menos que rigorosamente todos os homens em algumas passagens, ainda permanece em aberto a questão do que "todos" significa nessa passagem particular. E há evidências amplas de que Paulo faz referência à totalidade da raça humana em 1Timóteo 2.4-6.

Em primeiro lugar, ele poderia ter usado a palavra "alguns", se quisesse, mas não o fez. Em segundo lugar, a referência a "homens" no versículo 5 é claramente genérica — significando todos os homens, visto que o termo é usado como o outro pólo de Deus, que o Mediador, Cristo, une. Mas o uso de "todos" no contexto da redenção é em geral

— se não sempre — relativo à totalidade da raça humana. Em terceiro lugar, o desejo de que "todos os homens" sejam salvos é paralelo ao mesmo desejo expresso em outras passagens (v. 2Pe 3.9). Finalmente, a Bíblia nos diz, num outro lugar, que o que impede seu desejo de ser cumprido não é o escopo universal de seu amor (Jo 3.16), mas a rejeição voluntária de algumas criaturas: "*Não quiseram*" (Mt 23.37).

O significado claro de Hebreus 2.9

"Vemos, todavia, aquele que por um pouco foi feito menor do que os anjos, Jesus, coroado de honra e de glória por ter sofrido a morte, para que, pela graça de Deus, *em favor de todos, experimentasse a morte.*" Cristo morreu em favor de cada um, não apenas dos eleitos. Esse é o significado claro do texto.

Interpretação implausível dos calvinistas extremados

As respostas a isso seguem a mesma linha das que acabamos de discutir. Visto que já demos as respostas, será suficiente acrescentar aqui somente umas poucas palavras a respeito do contexto. Para começar, "todos" é uma referência aos seres humanos em geral, como é indicado não somente pelo contraste entre os homens e os anjos (v. 7), mas também pela expressão "carne e sangue" (i.e., natureza humana pecaminosa). Esses termos quase sempre são usados em sentido universal. Além disso, visto que o resultado da morte (e ressurreição) de Cristo destrói a morte e derrota o Diabo (v. 14), ele sem dúvida se refere a todos da raça de Adão. De outra forma, Cristo não teria sido vitorioso em reverter o que o Diabo fez. Em resumo, sua vitória não teria sido completa.

NEM TODO AQUELE POR QUEM CRISTO MORREU SERÁ SALVO

O claro ensino de outras passagens das Escrituras

A doutrina da expiação limitada afirma que todos aqueles por quem Cristo morreu serão salvos. Mas as passagens acima e muitas outras

revelam que: 1) Cristo morreu por todos e que 2) nem todos serão salvos (v. Mt 25.41; Ap 20.10). Assim, nem todos por quem Cristo morreu serão salvos. A doutrina da expiação limitada é contrária ao claro ensino da Escritura.

RESPONDENDO ÀS PERGUNTAS LEVANTADAS PELOS CALVINISTAS EXTREMADOS

O caso de Spurgeon

Charles Spurgeon é freqüentemente citado como defensor da expiação limitada por insistirem que são seus opositores, e não os calvinistas, que limitam a expiação, visto que eles não crêem que: 1) Cristo morreu para assegurar a salvação de todos os homens nem que 2) ele morreu para assegurar a salvação de todo homem em particular. Assim, Spurgeon orgulha-se de que os que crêem na expiação limitada crêem que Cristo morreu por "multidões que ninguém pode enumerar", a saber, os eleitos.[22]

Contudo, essa lógica invertida é um bom exemplo de que a eloqüência de Spurgeon perdeu a força. É uma lógica invertida de fato, a ponto de poder levar alguém a pensar duas vezes a respeito da asseveração de que a expiação limitada é mais ilimitada que a expiação ilimitada! Pois a primeira asseveração desvia o problema, já que não se trata de *assegurar* a salvação de todos (o que seria universalismo), mas de *proporcionar* salvação para todos (como no calvinismo moderado e no arminianismo), em oposição ao calvinismo extremado, que sustenta que Cristo morreu para *proporcionar* e *assegurar* a salvação somente aos eleitos. Assim, no primeiro caso, Spurgeon dá uma resposta correta a uma questão errônea! Depois, no segundo caso, dá uma resposta errônea a uma questão correta, tanto para o calvinista moderado quanto para o arminiano tradicional, oponentes do calvinismo extremado, que certamente crêem que Cristo morreu para assegurar a salvação dos eleitos e crêem que Deus sabia de antemão desde a eternidade exatamente quem seriam eles.

O caso de Sproul

Muitos calvinistas extremados crêem que criaram uma armadilha para seus oponentes ao perguntar: "Para quem a expiação foi *feita*?".[23] Se ela foi pretendida para todos, então por que todos não são salvos? Como pode a intenção de um Deus soberano ser frustrada? Se ela foi pretendida para somente alguns (os eleitos), segue-se que é expiação limitada. Assim, o dilema é este:

1) A expiação de Cristo foi pretendida para todos ou somente para alguns (os eleitos)?
2) Se ela foi pretendida para todos, então todos serão salvos (visto que as intenções soberanas de Deus se *realizarão*).
3) Se ela não foi pretendida para todos, então ela foi pretendida somente para alguns (os eleitos).
4) Portanto, ou o universalismo é verdadeiro ou a expiação limitada é verdadeira.

Naturalmente, tanto os calvinistas moderados como os arminianos tradicionais negam o universalismo. Portanto, pode parecer que estejam inclinados a aceitar a lógica da expiação limitada.

Em resposta à questão e ao dilema, é somente necessário apontar que a premissa 1 é um dilema falso. Há uma terceira opção: a expiação de Cristo foi pretendida para *proporcionar* salvação a todos, bem como para *obter* salvação para todos os que crêem. O falso dilema supõe erroneamente que havia somente um propósito na expiação. Ou, se entendida em termos de intenção primária ou simples, *o* propósito da expiação foi *obter* salvação para todos os que crêem. Mas, visto que Deus sempre quis que cada pessoa cresse, ele também pretendeu que Cristo morresse para *proporcionar* salvação a todas as pessoas. É a negação de que Deus realmente deseja que todas as pessoas sejam salvas que causa o erro repugnante do calvinismo extremado.

CONCLUSÃO

O significado claro de numerosos textos da Escritura é que Cristo morreu pelos pecados da totalidade do mundo. A expiação é ilimitada em sua extensão. Somente ignorando as passagens citadas é que alguém poderá atribuir-lhes outro significado. Pelo contexto de numerosas passagens, claramente percebemos que Cristo morreu pelos pecados da totalidade da raça humana.

7

Dupla predestinação

Todos os calvinistas, gostem ou não, têm de sustentar alguma forma de predestinação dupla — a lógica de sua posição o exige. Agostinho disse: "Como o Supremo Bem, ele [Deus] fez bom uso dos atos maus, para a condenação daqueles a quem ele tinha justamente predestinado para a punição e para a salvação daqueles a quem ele havia misericordiosamente predestinado à graça".[1] R. C. Sproul admite: "Se é que realmente existe alguma coisa como predestinação, e se essa predestinação não inclui todas as pessoas, então não podemos escapar da necessária conclusão de que há dois lados para a predestinação".[2]

Não obstante, há um debate interno entre os calvinistas extremados sobre se Deus ativamente predestina tanto o eleito quanto o não-eleito ou se os não-eleitos são predestinados somente de modo passivo. Ao mesmo tempo, os calvinistas menos radicais chamam a predestinação ativa tanto dos eleitos quanto dos reprovados "predestinação dupla". Os que a sustentam são chamados *hipercalvinistas*.[3] Podem ser diferenciados de outras formas de calvinismo quanto aos objetivos da predestinação, da seguinte forma:[4]

Hipercalvinistas	Outros calvinistas
Ativa de ambos, eleitos e não-eleitos	Ativa somente dos eleitos
Ativa em escolher ambos	Passiva em não escolher os não-eleitos
Eleição positiva de ambos	Positiva dos eleitos e negativa dos não-eleitos
Fé dada aos eleitos	Incredulidade dada aos não-eleitos
Relação simétrica	Relação assimétrica
Resultado final igual	Resultado final desigual

O QUE AMBOS SUSTENTAM EM COMUM

Tanto os hipercalvinistas quanto os outros calvinistas sustentam todos os cinco artigos do acróstico TULIP (v. cap. 4 e 5). Ambos crêem na depravação total, que afirma que todos os homens são totalmente pecaminosos, de forma que não podem iniciar ou obter a salvação pela livre-escolha. Com respeito à eleição incondicional, ambos crêem que Deus escolhe com base na graça incondicional somente — que alguns serão salvos e que outros não serão. Igualmente, ambos sustentam que Cristo morreu somente pelos eleitos (expiação limitada), e que Deus operará a graça irresistível, de forma a assegurar que todos os eleitos creiam, e a graça eficaz para assegurar que todos os eleitos perseverem na fé e entrem no céu.

NO QUE OS HIPERCALVINISTAS DIFEREM QUANTO À PREDESTINAÇÃO

Há, contudo, uma diferença significativa entre os hipercalvinistas e os outros calvinistas com respeito à eleição. Ela pode ser resumida do seguinte modo:

Três grandes confissões calvinistas parecem se opor ao pensamento hipercalvinista:

Hipercalvinistas	Outros calvinistas
Deus também elege incrédulos	Deus elege somente os crentes
Deus também elege para o inferno	Deus elege somente para o céu
A eleição de incrédulos por Deus é ativa	A eleição dos incrédulos por Deus é passiva

A *Confissão belga* (1561)

"Deus, então, manifestou-se tal como é: quer dizer, misericordioso e justo. *Misericordioso*, visto que livra e preserva da perdição todos a quem ele, em seu conselho eterno e imutável, por mera bondade escolheu em Cristo Jesus, nosso Senhor, sem levar em conta suas obras; *justo*, por *deixar* outros na queda e perdição em que tinham envolvido a si próprios" (grifo do autor).

O Sínodo de Dort (1619)

"A predestinação divina", artigo VI, afirma: "Ele [Deus] graciosamente amacia o coração dos eleitos, conquanto obstinados, e os inclina a crer; enquanto *deixa* os não-eleitos, em seu justo juízo, entregues à sua própria impiedade e obstinação" (grifo do autor).

A *Confissão de fé de Westminster* (1648)

"Assim como Deus *destinou os eleitos para a glória*, também, pelo eterno e mui livre propósito da sua vontade, preordenou todos os meios conducentes a esse fim. [...] Segundo o inescrutável conselho da própria vontade, pela qual ele concede ou recusa misericórdia como lhe apraz, para a glória do seu soberano poder sobre as suas criaturas, *o restante dos homens*, para louvor da sua gloriosa justiça, *foi Deus servido não contemplar* e ordená-los para a desonra e ira por causa dos seus pecados" (art. III).

O AMOR REDENTOR GERAL DE DEUS POR TODOS OS HOMENS

Os hipercalvinistas também negam que Deus tenha qualquer amor redentivo pelos não-eleitos. Até mesmo calvinistas mais radicais, como Charles Spurgeon, tomaram posição moderada nesse assunto, dizendo: "Amados, o amor benevolente de Jesus é mais extenso que as linhas de seu amor eletivo. [...] Este [i.e., o amor de Cristo revelado em Mt 23.37] não é o amor que brilha resplendente sobre os escolhidos, mas é amor verdadeiro".

Além disso, Deus tem amor especial pelos eleitos, que "não é amor por todos os homens. [...] Há um amor de eleição, discriminador, um amor que distingue, que é colocado sobre um povo escolhido, [...] e é esse amor que é o verdadeiro lugar de repouso para o santo".[5] O hipercalvinista crê somente no amor eletivo, e não no amor geral de redenção pelos não-eleitos. Os arminianos (wesleyanos), todavia, não crêem no amor eletivo especial, mas somente no amor geral de redenção por todos os pecadores.

Como mencionado anteriormente, Spurgeon parece consciente da incoerência de seu pensamento moderado, mas comenta sobre 1Timóteo 2.3,4: "Eu preferiria centenas de vezes parecer incoerente comigo mesmo que ser incoerente com a Palavra de Deus".[6] (Afinal de contas, o texto realmente diz: "Isso é bom e aceitável perante Deus, nosso Salvador, que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade".)

O ARGUMENTO BÍBLICO CONTRA O HIPERCALVINISMO

Todos os argumentos levantados em outro lugar contra o calvinismo extremado também se aplicam ao hipercalvinismo (v. cap. 4 e 5 e ap. 5 e 6). Além desses, uns poucos mais podem ser acrescidos em particular contra o hipercalvinismo.

Em primeiro lugar, o hipercalvinismo torna Deus o autor direto do mal, porque Deus não meramente permite o mal, mas também o causa. Mas sabemos que Deus é absolutamente bom (Mt 5.48) e que não pode fazer, promover ou produzir o mal (Hc 1.13; Tg 1.13).

Em segundo lugar, os hipercalvinistas explicitamente confessam não somente que Deus não é todo-amoroso, mas também que odeia os não-eleitos. John Owen confessa secamente que "Deus, tendo 'feito alguns para o dia do mal [...] odiou-os antes que fossem nascidos' [...] e 'ordenou-os de antemão para a condenação'".[7] William Ames afirma que "há dois tipos de predestinação: eleição e rejeição ou reprovação".[8] Ele acrescenta que Deus os *"odeia"*. "Esse ódio é negativo ou de privação, porque nega a eleição. Mas *ele tem um conteúdo positivo*, porque Deus quis que alguns não tivessem vida eterna"![9] Que Deus não permita! Fora com esse pensamento! Deus nos livre!

UM APELO CHEIO DE PAIXÃO

Charles Spurgeon, calvinista ardoroso, viu os perigos da doutrina mortal do hipercalvinismo. Ele diz: "Não posso imaginar um instrumento mais útil nas mãos de Satanás para a ruína de almas que um ministro que diz aos pecadores que não é dever deles se arrepender de seus pecados [e] que tem a arrogância de dizer que é ministro do evangelho, enquanto ensina que Deus odeia alguns infinita e imutavelmente, sem razão alguma, mas simplesmente porque escolheu fazer assim. Oh, meus irmãos! Possa o Senhor salvá-los do encantador e mantê-los para sempre surdos para a voz do erro".[10]

8

Uma avaliação dos *Cânones de Dort* (1619)

Nosso propósito em proporcionar uma análise seletiva dessa famosa afirmação do calvinismo é explicar o que é amplamente considerado uma das origens modernas do calvinismo extremado e expressar o pensamento do calvinismo moderado por meio de uma interação com ele. Aliás, em alguns aspectos, *Dort* parece não dar suporte ao calvinismo extremado. Em outros casos, o calvinismo radical não é aquilo que freqüentemente se diz a respeito dele: uma forma mais extremada de calvinismo pode ser encontrada justamente naquilo que não se diz e naquilo que se pode deduzir.

SOBRE A PREDESTINAÇÃO DIVINA

Artigo I

"Como todos pecaram em Adão [...] Deus não teria feito injustiça alguma se deixasse todos perecer..."

Resposta

Essa afirmação não dá exclusivo suporte ao calvinismo extremado. Até esse ponto, os calvinistas moderados podem concordar também. Contudo, é errado sugerir que a justiça de Deus tenha condenado todos ao inferno sem que seu amor faça qualquer coisa a respeito disso. Deus é mais que justo; também é todo-amoroso. É verdade que todos são condenados com justiça por causa de seus pecados. Mas é errado presumir que um atributo de Deus (justiça) opere isolado de outro (amor). Não havia nada no ser humano pecaminoso que justificasse qualquer tentativa de salvá-lo, mas havia alguma coisa *em um Deus sem pecado* que fez isso (a saber, seu infinito amor).

Artigo V

"A causa ou culpa dessa incredulidade, assim como de todos os outros pecados, de modo algum está em Deus, mas no próprio ser humano; enquanto a fé em Jesus, e a salvação por meio dele, é um dom de Deus... (Ef 2.8)."

Resposta

É correto dizer que a incredulidade do ser humano é a "causa" de todas as suas ações más. Da mesma forma, a salvação é totalmente um dom de Deus. Mas não há suporte bíblico, nem mesmo em Efésios 2.8,9 (v. ap. 5), para a idéia de que a fé é um dom de Deus somente para os eleitos. "O dom de Deus" não se refere à fé, mas à salvação pela graça. É duvidoso que qualquer texto bíblico ensine que a fé seja um dom concedido somente aos eleitos. A fé é um dom de Deus, que é oferecido a todos, e ela não é dada de modo a forçar a vontade de ninguém (v. cap. 4 e 5). O dom deve ser recebido por um ato da livre-escolha movida pela graça eficaz e persuasiva de Deus.

Artigo VI

"Ele [Deus] graciosamente amacia o coração dos eleitos, conquanto obstinado, e o inclina a crer; enquanto deixa, em seu justo juízo, os não-eleitos à própria impiedade e obstinação."

Resposta

Isso evita corretamente a "dupla predestinação" (v. ap. 7), que atribuiria a condenação eterna diretamente a Deus. Graciosamente, Deus amacia o coração dos eleitos, e os não-eleitos são deixados à condenação pela própria descrença.

Contudo, é errado — e contrário à Escritura (1Tm 2.3,4; 2Pe 3.9) — sugerir que Deus verdadeiramente não deseja salvar todos os homens (v. cap. 4—6). Essa implicação sugere que Deus não é *todo*-amoroso. Também, seria falacioso presumir que o "obstinado" sempre responderá ao "amaciamento gracioso" que é menos que coercitivo. A única *garantia* de que todos os indispostos responderão é indelicadamente *forçar* alguns contra a própria vontade, pois, para a maioria dos calvinistas extremados, a regeneração acontece à parte da (ou antes da) fé.

Artigo VII

Esse artigo fala da "eleição" de somente um "certo número de pessoas" que são "eficazmente" chamadas. Isso é verdade até certo grau. Deus conheceu de antemão, escolheu e assegurou a salvação de um número limitado de pessoas. Assim, a expiação é limitada em sua aplicação. Os calvinistas moderados concordam (v. ap. 6).

Resposta

Contudo, seria errôneo sugerir que Deus é parcial e arbitrário em sua escolha e que não seja *todo*-amoroso. A graça de Deus é eficaz sobre quem a *quer*. Mas ela não pode ser "eficaz" sem ser coercitiva quando o não-salvo permanece numa teimosa indisposição para crer (Mt 23.37; At 7.51).

Artigo IX

"Essa eleição não foi *baseada sobre* fé prevista [...] ou qualquer outra boa qualidade ou disposição no homem, como um pré-requisito, causa ou condição da qual ela dependesse."

Resposta

Esse artigo assinala corretamente que a eleição de Deus não é baseada em sua presciência de quaisquer boas obras que o ser humano haveria de fazer. Mesmo assim, seria errado presumir, contrário à Escritura (v. Rm 8.29), que a eleição não seja "*de acordo com* o pré-conhecimento de Deus" (1Pe 1.2). Ademais, a fé do ser humano não é a *base* da escolha para Deus lhe proporcionar a salvação, e sim o *meio* mediante o qual recebemos sua graça (Rm 5.1; Ef 2.8,9). A base para a eleição é a boa vontade de Deus, não as boas obras do ser humano. Mas, conquanto o dom da salvação seja incondicional do ponto de vista do doador (Deus), ela é condicional do modo de ver do recebedor. Isto é, o dom da salvação deve ser recebido pela fé a fim de ser obtido.

Artigo X

"O beneplácito de Deus é a única causa dessa graciosa eleição... (Rm 9.11-13)." Isso é verdade, porque somente Deus é a causa total e eficiente da salvação.

Resposta

Não obstante, não devemos erroneamente pressupor que Deus não usa causas secundárias (tal como a livre-escolha) quando realiza essa salvação. Mesmo a *Confissão de fé de Westminster*, que é calvinista, fala do livre-arbítrio como uma "causa secundária" de nosso recebimento da salvação. Ela declara: "Posto que, em relação à presciência e ao decreto de Deus, que é a causa primária, todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente, contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam, conforme a natureza das causas secundárias, necessária, livre ou contingentemente".

Também não devemos presumir que a vontade de Deus opera independente de sua natureza "imutável". Se Deus é simples, como os teístas clássicos reconhecem, então sua natureza e sua vontade são absolutamente uma. Daí, ele não pode desejar amar somente alguns. Um Deus todo-amoroso por natureza deve amar a todos.

Artigo XVII

"Àqueles que murmuram diante da livre graça da eleição e da justa severidade da reprovação, respondemos com o apóstolo: 'Quem é você, ó homem, para questionar a Deus?'" (Rm 9.20). Naturalmente, é errado murmurar contra Deus (v. Nm 11.1). Ele tem o direito soberano de escolher o que quiser.

Resposta

Entretanto, é errado sugerir que Deus não seja coerente com sua natureza imutavelmente justa e amorosa (v. cap. 1). Ademais, elaborar teologia *sistemática* de maneira própria não é murmurar contra Deus. Ela *deve* mostrar como os atributos próprios de Deus, como amor e justiça, não são *incoerentes*. O próprio Deus nos disse para evitar "idéias contraditórias" (1Tm 6.20). Questionar um conceito falso sobre Deus (e.g., um Deus arbitrário e parcialmente amoroso) não equivale a questionar o verdadeiro Deus (que é o único todo-justo *e* todo-amoroso).

SOBRE A MORTE DE CRISTO

Artigo III

"A morte do Filho de Deus é o único e mais perfeito sacrifício e satisfação pelo pecado; ela é de valor infinito, abundantemente suficiente para expiar os pecados do mundo inteiro." Isso é verdade. Essa parte dá origem à afirmação calvinista de que a morte de Cristo é suficiente para todos e eficiente para os eleitos.

Resposta

Mas não é sobre isso o debate entre os calvinistas extremados e seus oponentes. A questão é se Cristo realmente morreu pelos pecados do mundo inteiro. João Calvino parecia pensar que ele morreu com esse propósito (v. ap. 2), e o Novo Testamento claramente afirma a mesma coisa (v. ap. 6).

Artigo VI

"Ao passo que muitos que são chamados pelo evangelho não se arrependem nem crêem em Cristo, mas perecem em incredulidade; isso deve ser [...] totalmente imputado a eles próprios." Isso é verdade. Todos os que ouvem o evangelho são responsáveis por se arrepender e por crer nele. E "o Senhor é [...] paciente" (2Pe 3.9).

Resposta

De qualquer maneira, visto que Deus não é irracional nem injusto, ele nunca consideraria pessoas responsáveis por ações que não poderiam ter evitado. Ademais, a descrença delas não poderia ser "*totalmente*" uma ausência delas se, como os calvinistas extremados afirmam, ela aconteceu porque Deus *poderia ter* dado, mas *não lhes deu* o desejo irresistível de crer e de ter a fé para crer. Como se poderia exigir deles com justeza que se arrependessem e cressem, se não está dentro deles o poder para fazer essas coisas e se, ainda, Deus não resolveu lhes dar o poder para fazer isso?

SOBRE A CORRUPÇÃO E A CONVERSÃO DO SER HUMANO

Artigo I

"O ser humano foi originariamente formado à imagem de Deus. [...] Abusando da liberdade da própria vontade, ele [...] tornou-se ímpio..." Isso torna claro que Adão, antes da Queda, tinha o poder do livre-arbítrio para obedecer ou desobedecer ao mandamento de Deus.

Resposta

Se for assim, então os calvinistas extremados, como Jonathan Edwards e seus proponentes contemporâneos, representados em John Gerstner e R. C. Sproul, estão errados em afirmar que Deus tinha de dar o desejo a Adão de querer alguma coisa que antes não

poderia ter desejado (visto que Adão não possuía natureza má antes da Queda).

Artigo II

"Toda a posteridade de Adão [...] tinha derivado sua corrupção de seus pais originais, não por imitação, como os pelagianos do passado asseveraram, mas por propagação de uma natureza depravada."

Resposta

O artigo está correto até esse ponto. Ele corretamente rejeita o pelagianismo e afirma que o ser humano nasce com a natureza caída. O problema surge somente quando os calvinistas extremados levam a depravação a ponto de afirmar que o ser humano caído nem mesmo possui a capacidade de receber o dom gracioso e eficaz da salvação (v. ap. 6).

Artigo III

"Entretanto, todos os homens são concebidos em pecado e são por natureza [...] incapazes de qualquer bem salvador [...] e, sem a graça regeneradora do Espírito Santo, não são capazes nem desejam retornar para Deus..."

Resposta

É verdade que o ser humano é incapaz de *fazer* qualquer bem salvador, mas isso não significa que seja incapaz de *receber* qualquer bem salvador. E mesmo aqui os calvinistas moderados podem concordar, contanto que essa graça não seja irresistível sobre quem não quer (v. cap. 5). Há diferença em afirmar que a graça *ajuda* a vontade e que a graça a *força*. A última é contrária tanto à natureza de Deus quanto à natureza da vontade (v. cap. 1 e 2).

Se essa atitude é tomada para sugerir que a regeneração irresistível vem antes de nossa boa vontade para aceitá-la, então ela é contrária à Escritura (v. ap. 10), que afirma que a fé é logicamente anterior ao ser regenerado ou justificado (Rm 5.1; 1.17; Ef 2.8,9).[1]

Artigo IV

"Estes permanecem, contudo, no ser humano desde a Queda, os vislumbres da luz natural, pelos quais ele retém algum conhecimento de Deus, das coisas naturais, e da diferença entre o bem e o mal. [...] Mas essa luz está longe de ser suficiente para trazê-lo ao conhecimento salvador de Deus e à verdadeira conversão, de modo que ele é incapaz de usá-la corretamente, mesmo nas coisas naturais e civis."

Resposta

Seguindo Calvino (*Institutas*, livro I), os calvinistas moderados concordam com essa afirmação. Ela corretamente observa que há uma revelação natural (v. Rm 1.19,20; 2.12-14), embora esteja retendo a quantidade de luz natural (e.g., "vislumbres"). Ela corretamente (creio eu) observa que a revelação natural é insuficiente para a salvação. Ela combina com Romanos 1 ao observar que, embora pessoas depravadas o possam "conhecer", pois "Deus é manifesto entre eles", não obstante, por um ato do livre-arbítrio, elas "suprimem a verdade" (Rm 1.18) que claramente reconhecem.

Artigo VIII

"Ele [Deus], além disso, promete seriamente a vida eterna e descanso a todos quantos vêm a ele e crêem nele."

Resposta

Aqui a oferta universal de salvação a todos é afirmada. Enquanto os calvinistas moderados certamente concordam, não obstante, negam que isso seja coerente com a interpretação que os calvinistas extremados fazem da expiação limitada e da graça irresistível (v. cap. 4 e 5). Uma promessa sincera de salvar todos os que crêem implica que Cristo morreu por todos e que todos são capazes de crer nessa promessa para ser salvos (v. ap. 6).

Artigo X

"Mas o fato de outros serem chamados pelo evangelho e obedecerem ao chamado e se converterem não deve ser atribuído ao exercício próprio do livre-arbítrio [...] mas totalmente a Deus..."

Resposta

Se o "totalmente" é entendido como se Deus fosse a única fonte tanto do dom de salvação quanto da graça persuasiva e eficaz para recebê-la, os calvinistas moderados haverão de concordar. Se, contudo, o "totalmente" com referência a Deus significa que a graça é irresistível à parte da livre-escolha do homem, os calvinistas moderados haveriam de responder que Deus não seria totalmente Deus (a saber, totalmente bom) e o ser humano não seria totalmente humano (a saber, realmente livre). A salvação é "totalmente" de Deus no sentido de que ele a *inicia* e a *realiza*, mas não no sentido de que o ser humano é forçado a aceitá-la contra a vontade, alegando-se que Deus concede desejos que são "irresistíveis".

Artigo XI

"Quando Deus realiza seu beneplácito no *eleito* ou *opera* nele verdadeira conversão, [...] ele abre o coração endurecido e o amacia [...] e infunde novas qualidades na vontade que, embora até agora morta, ele desperta, [...] torna boa, impele e fortalece..." (grifo do autor).

Resposta

Se isso significa que Deus, como primeira causa, realiza de fato o trabalho de salvação no eleito, não é idéia exclusiva do calvinismo extremado. Contudo, se as palavras "infunde" e "impele" são usadas para significar que o ser humano está sendo tratado como *objeto* passivo em vez de sujeito (uma "coisa" [neutro], e não uma "pessoa"), isso é contrário à Palavra de Deus, assim como é contrário à *Confissão de fé de Westminster*, que fala de Deus operando mediante "causas secundárias" do livre-arbítrio.

Artigo XIV

"A fé, portanto, deve ser considerada um dom de Deus, não por ser oferecida por Deus ao ser humano e ser aceita ou rejeitada a seu bel-prazer, mas porque ela é, na realidade, concedida, soprada e infundida nele; nem mesmo porque Deus concede o poder ou habilidade de crer e espera que o ser humano deva, pelo exercício do livre-arbítrio, consentir com os termos da salvação; mas porque ele [...] produz tanto a vontade quanto o ato de crer."

Resposta

É difícil interpretar isso em qualquer outro sentido além daquele dado pelo calvinismo extremado. Supostamente, tanto o dom quanto o ato de crer são causados por Deus. Nesse caso, o ser humano não tem escolha nem mesmo para receber o dom. A graça deve ser irresistível sobre quem não quer, e essa idéia de Deus é passível da acusação de que ele não é todo-amoroso, porque, embora tenha o poder, não tem vontade de salvar todos. Como já foi discutido em outro lugar (cap. 5 e ap. 6), não há apoio bíblico para essa conclusão.

Artigo XV

"Deus não tem nenhuma obrigação de conceder graça a ninguém; pois, como pode ser devedor ao ser humano, que não possui dons prévios para oferecer como fundamento para tal recompensa?"

Resposta

Há diversas maneiras de entender isso como verdadeiro, mesmo pelos calvinistas moderados. Pois é verdade que Deus de modo algum tem débito para com o ser humano. Ademais, não há nada no ser humano depravado que mereça qualquer coisa exceto a aplicação da justiça divina, a saber, a eterna separação de Deus.

Contudo, isso não significa que Deus *não tenha nenhuma* obrigação, por causa de sua imutável natureza amorosa, de mostrar amor às

suas criaturas. Deus está obrigado por sua natureza amorosa a amar todas as criaturas (1Jo 4.16; 2Pe 3.9; 1Tm 2.3,4).

Artigo XVI

"Como o ser humano, com a Queda, não cessou de ser uma criatura capacitada com entendimento e vontade nem o pecado [...] o privou da natureza humana, [...] assim também a graça da regeneração não trata o ser humano como uma existência sem sentido, nem retira dele a vontade e suas propriedades, nem faz violência a ela; mas [...] doce e poderosamente a inclina... [para aquilo em que] consiste a verdadeira restauração individual e a liberdade de nossa vontade."

Resposta

Isso afirma clara e corretamente que até mesmo o ser humano caído retém a imagem de Deus, juntamente com o poder de livre-escolha. Contudo, ela é incoerente com outras asseverações (v. Art. XIV) que afirmam que Deus força os eleitos a crer contra a vontade, pelo seu poder irresistível. O calvinista extremado não pode ter o privilégio (de uma liberdade não-forçada) e, ao mesmo tempo negá-lo (pela liberdade forçada). Isso não é um mistério, mas uma contradição.

SOBRE A PERSEVERANÇA DOS SANTOS

Artigo III

"Deus é fiel e, tendo concedido graça, misericordiosamente os confirma e poderosamente os preserva nela até o fim."

Resposta

Não há nenhuma discordância aqui. Os dois lados concordam com "uma vez salvo, sempre salvo". Isso é assim não porque temos em nós mesmos o poder de perseverar, mas porque Deus nos dá o poder para isso.

Artigo VIII

"Não é em conseqüência do próprio mérito ou da força deles, mas da livre misericórdia de Deus que eles não caem totalmente da fé e da graça..."

Resposta

Verdade novamente. O homem que se afoga não pode reivindicar nenhum crédito para o seu resgate; todo louvor vai para aquele que o resgata. De outra forma, ele teria se afogado.

Mesmo assim, isso não significa que o ato de crer é meritório. A fé não é "obra" meritória. A fé e as obras são colocadas em oposição na Escritura (Rm 4.4,5), como o são a graça e as obras (Rm 11.6).

9

Jonathan Edwards e o livre-arbítrio

A perspectiva do calvinismo extremado sobre o livre-arbítrio está enraizada na visão radicalizada dos últimos escritos de Agostinho (v. ap. 3). Ela se originou de sua controvérsia com os donatistas, que ele cria que poderiam ser forçados a crer contra a vontade deles. A obra *Freedom of the Will*, de Jonathan Edwards, é um exemplo desse determinismo teísta. O falecido John Gerstner e R. C. Sproul sustentam o mesmo pensamento. Ele está no coração do calvinismo extremado.

Ironicamente, como afirmado anteriormente, R. C. Sproul declara que "qualquer idéia da vontade humana que destrói a visão bíblica da responsabilidade humana é seriamente defeituosa. Qualquer pensamento sobre a vontade humana que destrói a visão bíblica do caráter de Deus é ainda pior".[1] Todavia, como veremos adiante, isso é exatamente o que o pensamento do calvinismo extremado faz, pois ele rouba ao ser humano a responsabilidade e despoja Deus de sua onibenevolência essencial (sua capacidade de ser todo-amoroso).

O PENSAMENTO DE JONATHAN EDWARDS SOBRE O LIVRE-ARBÍTRIO

Edwards argumenta que todas as ações são causadas, visto que é irracional asseverar que as coisas surgem sem uma causa. Mas, para ele, uma ação autocausada é impossível, visto que a causa é anterior ao efeito, e a pessoa não pode ser anterior a si mesma. Portanto, todas as ações são, em última instância, causadas por uma Primeira Causa (Deus). "Livre-escolha" para Edwards é fazer o que se quer — mas Deus dá o desejo de fazer o bem. Daí todas as boas ações humanas serem determinadas por Deus. As ações más são determinadas pelos desejos mais fortes de uma natureza má entregue a si mesma.

Edwards escreve: "Aquilo que parece mais convidativo, e tem [...] o grau maior de tendência prévia para excitar e induzir a escolha, é o que chamo 'motivo mais forte'. Nesse sentido, suponho que a vontade é sempre *determinada* pelo motivo mais forte".[2] Não somente nossas escolhas são determinadas pela nossa natureza, mas são realmente necessárias. E, nesse sentido, Edwards acrescenta que "necessidade não é incoerente com liberdade".[3] Sproul resume o pensamento da seguinte forma: "Nós sempre escolhemos de acordo com o motivo mais forte ou desejo do momento".[4]

Jonathan Edwards vê um dilema para todos os que rejeitam seu pensamento: ou há um regresso infinito de causas ou não há motivo algum para agir. De um lado, "se a vontade determina todos os seus atos livres, então cada ato livre de escolha é determinado por um ato precedente de escolha, escolhendo aquele ato", e assim por diante até o infinito.[5] De outro lado, se não há nenhuma causa da escolha, então a pessoa nunca haveria de agir. Mas nós agimos. Portanto, nossas ações devem ser determinadas por nossos motivos ou desejos.

Como ainda veremos, Edwards propôs um dilema falso, visto que as ações *podem* ser causadas pela própria pessoa, não só por outra. É verdade que cada ação é causada. Mas disso não se segue que cada causador da ação deva ser causado por outro causador. Isso não vale para as ações livres de Deus; elas são autocausadas (i.e., causadas por

ele mesmo). Igualmente, as criaturas feitas à imagem de Deus têm um poder dado por Deus para causar as próprias ações morais. Essa alternativa não é apenas logicamente possível, mas é a única que pode explicar como Lúcifer e Adão foram capazes de pecar (v. cap. 2 e ap. 4). Sobre o pensamento de Edwards de que Deus não lhes poderia ter dado o desejo de pecar nem eles tiveram uma natureza pecaminosa para determinar suas ações, então eles devem ter sido a primeira causa das próprias ações más. Mas esse é exatamente o conceito de liberdade que Edwards rejeita.

OS PROBLEMAS COM A FORMA DE DETERMINISMO DIVINO PROPOSTO POR EDWARDS

Os opositores do determinismo de Edwards respondem como segue. Em primeiro lugar, definir escolha como "fazendo o que se quer" é contrário à experiência, pois as pessoas nem sempre fazem o que querem, nem sempre desejam aquilo que fazem (v. Rm 7.15,16).

Em segundo lugar, Edwards também entende de forma errônea o autodeterminismo como causando a si mesmo. Ao contrário, isso significa simplesmente que a pessoa pode fazer alguma coisa acontecer. Isto é, um agente livre pode causar uma ação livre, e causar uma ação não é a mesma coisa que causar a si mesmo (i.e., ser autocausado).

Em terceiro lugar, Edwards tem uma visão falha e mecanicista da personalidade humana. Ele iguala a livre-escolha do ser humano a uma balança com necessidade de mais pressão a fim de inclinar o ponteiro para um lado ou para outro. Mas o ser humano não é uma máquina; é uma pessoa, feita à imagem de Deus (Gn 1.27).

Em quarto lugar, Edwards erroneamente presume que o autodeterminismo seja contrário à soberania de Deus. Mas Deus predeterminou coisas *de acordo com* a livre-escolha, mais que em contradição a ela (v. cap. 3). Até mesmo a *Confissão de fé de Westminster*, que é calvinista, declara: "Posto que, em relação à presciência e ao

decreto de Deus, que é a causa primária, todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente, contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam conforme a natureza das causas secundárias, necessária, livre ou contingentemente".

UMA OPÇÃO MELHOR

Há três opções básicas com respeito às ações livres: 1) ou elas são determinadas (causadas) por outra causa (como Edwards sustenta); ou 2) elas podem ser indeterminadas (isto é, não causadas), mas isso é contrário ao princípio da causalidade, que sustenta que cada evento tem uma causa; ou, finalmente, 3) elas podem ser autodeterminadas, isto é, causadas pela própria pessoa. Segundo essa terceira idéia, os atos morais de uma pessoa são autocausados (v. cap. 4).

Os argumentos a favor do autodeterminismo

Os argumentos desse pensamento são como segue (v. tb. cap. 2). Em primeiro lugar, as ações morais podem ser tanto não-causadas quanto causadas por outro ou pela própria pessoa. Entretanto, nenhuma ação pode ser não-causada, visto que isso viola o princípio racional fundamental de que cada evento tem uma causa. Nem as ações de uma pessoa podem ser causadas por outra, pois nesse caso poderiam não ser *suas* ações. Ademais, se os atos de uma pessoa são causados por outra pessoa, como pode a primeira pessoa ser considerada responsável por eles? Tanto o Agostinho jovem (nas obras *Livre-arbítrio* e *Graça e livre-arbítrio*) quanto Tomás de Aquino eram autodeterministas, como praticamente todos da patrística até a Reforma (v. ap. 1).

Em segundo lugar, o ser humano tem responsabilidade moral. E responsabilidade moral exige a capacidade de responder (livre-escolha).

Em terceiro lugar, a Bíblia insiste em que há ações que as pessoas *têm o dever* de realizar. Mas esse *dever* implica *poder* (livre-escolha).[6]

Em quarto lugar, *tanto* a Bíblia *quanto* o senso comum afirmam que alguns atos são dignos de apreciação (e.g., heroísmo) e que outros são culpáveis (e.g., crueldade). Mas se alguém não é livre para realizar um ato, então não faz sentido algum louvar ou culpar uma pessoa por um ato que praticou.

Em quinto lugar, se Deus determina todos os atos, então ele, não Satanás, é responsável pela origem do pecado. Pois se livre-escolha é fazer o que alguém deseja, e se Deus dá o desejo, então Deus deve ter dado a Lúcifer o desejo de rebelar-se contra ele (Ap 12). Mas isso é moralmente absurdo, visto que estaria Deus agindo contra si mesmo.

Respondendo a algumas objeções (v. tb. ap. 4)

Uma objeção ao autodeterminismo é que, se cada coisa necessita de uma causa, e portanto também os atos da vontade, nesse caso eles não são causados por uma pessoa. Em resposta, os autodeterministas afirmam que esse raciocínio confunde o *agente* que causa o ato com o *ato* que é causado. O princípio da causalidade não exige que cada *coisa* (ou pessoa) tenha uma causa, mas somente que cada *evento* tenha uma causa. Deus, a Primeira Causa, é uma pessoa, e ele não necessita de causa alguma. Ora, todos os seres finitos *realmente* necessitam de uma causa. Todavia, uma vez que são causados (pela Primeira Causa) e lhes é dada livre-escolha, eles são a causa das próprias ações morais. E, se um agente livre (e.g., a pessoa humana) é a primeira causa de suas ações livres, não tem sentido perguntar: "O que causou você a fazer isso?". Outra vez, Deus causou o *fato* da livre-escolha (por torná-los agentes livres), mas os agentes livres são a causa dos *atos* da livre-escolha.

Outros objetam que o autodeterminismo é contrário à predestinação de Deus. Mas os autodeterministas respondem que Deus pode predeterminar de acordo com sua presciência (1Pe 1.2), insistindo em que "aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou" (Rm 8.29). Deus, insistem, pode determinar o futuro por meio da livre-escolha, visto que oniscientemente sabe como os agentes livres haverão de agir.

Outros ainda sustentam que, sem levar em conta qual livre-escolha Adão tenha tido (Rm 5.12), o ser humano caído está em escravidão e não é livre para responder a Deus. Mas esse pensamento é contrário tanto ao chamado coerente de Deus para que todos creiam (v. Jo 3.16; At 16.31; 17.30) quanto às afirmações diretas de que mesmo os incrédulos têm a capacidade de responder à graça de Deus (Mt 23.37; Jo 7.17; Rm 7.18; 1Co 9.17; Fm 14; 1Pe 5.2).

Finalmente, alguns argumentam que, se o ser humano tem capacidade para responder, a salvação não é pela graça (Ef 2.8,9), mas pelo esforço humano. Contudo, essa é uma confusão a respeito da natureza da fé. A capacidade que a pessoa tem para receber o *dom* gracioso da salvação não é a mesma coisa que *trabalhar* por ele. Pensar assim é tão óbvio como dar crédito ao dom para o recebedor antes que ao doador, que graciosamente o concede.

CONCLUSÃO

O pensamento de Jonathan Edwards, que está no âmago do calvinismo extremado, é uma forma de determinismo. Ele destrói a verdadeira liberdade, coloca o crédito (ou a culpa) pelas nossas ações em outra pessoa (Deus) e elimina as bases para a recompensa e para a responsabilidade moral. Além disso, torna Deus o responsável último pelo mal.

Ademais, Edwards faz vista grossa ao único conceito viável de livre-arbítrio, a saber, que é o poder de *auto*determinação. Isso significa que um ato livre, qualquer que seja a persuasão que se aplique a ele, é a capacidade não forçada de causar as próprias ações.

10

A regeneração vem antes da fé?

Uma coluna fundamental no pensamento do calvinismo extremado é que a regeneração é logicamente anterior à fé. Isso significa que somos salvos a fim de crer, mas não que cremos a fim de ser salvos. Como R. C. Sproul resumidamente observa: "Na regeneração, Deus muda nosso coração. Ele nos dá uma nova disposição, uma nova inclinação. Ele planta um desejo por Cristo em nosso coração. Nunca podemos confiar em Cristo para nossa salvação a menos que primeiro o desejemos. É por isso que dissemos antes que *a regeneração precede a fé*".[1]

Como veremos, nada poderia ser mais contrário às afirmações claras da Escritura. Mas, antes de olhar para o texto, um esclarecimento deve ser feito sobre essa questão. A expressão "vir antes" não é usada no sentido cronológico, mas no sentido lógico, pois a salvação e a fé são simultâneas, visto que a pessoa não pode ser salva sem fé, e a fé não pode estar presente sem que sejamos salvos. A questão é: qual delas é *logicamente* anterior?

VERSÍCULOS APRESENTADOS PELOS CALVINISTAS EXTREMADOS EM APOIO À SUA IDÉIA

Como qualquer pessoa familiarizada com a Escritura pode atestar, os versículos que supostamente apóiam a idéia de que a regeneração precede a fé são escassos. Aliás, alguns calvinistas extremados reconhecem que essa posição é mais uma conseqüência lógica de seu sistema que o resultado da análise de determinados versículos. Não obstante, muitos calvinistas extremados realmente retiram inferências de alguns textos para dar apoio às suas conclusões.

Atos 13.48

"Os gentios alegraram-se e bendisseram a palavra do Senhor; *e creram todos os que haviam sido designados para a vida eterna.*" Do fato de que todos os que foram preordenados para a salvação acabaram crendo, alguns calvinistas extremados concluem que a salvação é anterior à fé.

Resposta

O texto não diz nada disso. O que afirma é que *todos os que foram preordenados* para ser salvos acabarão crendo. Ele não diz que *todos os que são salvos crerão, mas que os que Deus preordenou acabarão rece*bendo a vida eterna. O texto não fala da fé como condição para obter salvação, pois a Bíblia em todo lugar diz que a fé vem *primeiro* e, depois, a regeneração.

Efésios 2.1,4,5

"Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados. [...] Todavia, Deus [...] deu-nos vida." Os calvinistas extremados deduzem que, visto que pessoas mortas não podem crer, elas têm de ser vivificadas (regeneração) primeiro a fim de que possam crer.

Resposta

Esse raciocínio não deriva do texto por duas razões básicas. Em primeiro lugar, pessoas espiritualmente "mortas" *podem* crer (v. cap. 4 e ap. 5), visto que "morto" significa separado de Deus, não aniquilado. A imagem de Deus não foi apagada pela Queda (Gn 9.6; Tg 3.9), mas somente desfigurada. De outra forma, Deus não chamaria pessoas não-salvas para crer (Jo 3.16-18; At 16.31; 20.21), e a segunda morte (Ap 20.14) seria uma aniquilação — o que os calvinistas extremados rejeitam. Em segundo lugar, nessa passagem o apóstolo cita a fé como logicamente anterior à salvação.[2] Ele declara: "Vocês são *salvos* pela graça, *por meio da fé*, e isto não vem de vocês, é dom de Deus" (v. 8). Claramente, a fé é o meio e a salvação é o fim. O meio vem antes do fim; em conseqüência, a fé vem logicamente antes da salvação.

Efésios 2.8

"Vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, *é dom de Deus*." Os calvinistas radicais, desde os últimos escritos de Agostinho (v. ap. 3), passando pelo Sínodo de Dort (v. ap. 8) e chegando a R. C. Sproul,[3] têm usado esse versículo e outros para provar que a salvação é anterior à fé.

Resposta

Esses textos têm sido exaustivamente examinados e as interpretações refutadas em todo lugar (v. ap. 5). Aqui somente mencionaremos que "isto" (*touto*) é neutro na forma e não pode se referir à "fé" (*pistis*), que é feminino. O antecedente de "[isto] é dom de Deus" deve ser a salvação pela graça (v. 9). Comentando essa passagem, A. T. Robertson observa: "'Graça' é a parte de Deus; 'fé' é a nossa. *E isto* (*kai touto*) é neutro, não o feminino *taute*, e, dessa forma, não se refere a *pistis* [fé] (feminino) ou a *charis* [graça] (também feminino), mas ao ato de ser salvo pela graça condicionado à fé de nossa parte".[4]

VERSÍCULOS QUE DEMONSTRAM QUE A FÉ VEM ANTES DA SALVAÇÃO

Contrariamente às afirmações dos calvinistas extremados, não há nenhum versículo entendido devidamente que ensine a regeneração precedendo a fé. Ao contrário, é padrão uniforme da Escritura colocar a fé logicamente anterior à salvação como condição para recebê-la. Considere a seguinte seleção dentre numerosos versículos sobre esse tópico:

Romanos 5.1

"Tendo sido, pois, justificados *pela fé*, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo." Conforme esse texto, a fé é o meio pelo qual obtemos a justificação; a justificação não é o meio pelo qual obtemos fé. Visto que o meio é logicamente anterior ao fim, segue-se que a fé é anterior à justificação.

Lucas 13.3

"Se não se arrependerem, todos vocês também perecerão." Aqui o arrependimento é condição para evitar o juízo. É o meio anterior ao fim, que é a salvação. Esse é o padrão uniforme de toda a Escritura.

2Pedro 3.9

"O Senhor não demora em cumprir a sua promessa, como julgam alguns. Ao contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, *mas que todos cheguem ao arrependimento.*" A ordem aqui é a mesma: o arrependimento vem antes da salvação. Os que não se arrependerem, perecerão. Os que se arrependerem não perecerão.

João 3.16

"Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, *para que todo o que nele crer não pereça*, mas tenha a vida eterna." Novamente, a fé é a pré-condição para a salvação. Se os calvinistas extrema-

dos estivessem corretos, o oposto deveria ser afirmado, a saber, que ter a vida eterna é condição para crer.

Atos 16.31

"Creia no Senhor Jesus, e serão salvos, você e os de sua casa." Novamente, a ordem é a mesma: a fé vem antes da salvação. Fé é condição para ser salvo.

Romanos 3.23-25

"Todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, *sendo justificados* gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação *mediante a fé*, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça." Nessa grande passagem didática sobre a justificação, Paulo não deixa de mencionar que a justificação chega até nós *mediante a fé*. Enquanto Deus a *planejou* antes da fundação do mundo — e, nesse sentido, antes que pudéssemos crer —, quando a *recebemos*, a fé vem antes da justificação. Em nenhum lugar esse padrão é quebrado no Novo Testamento; ele é uniforme em afirmar que a fé vem primeiro.

João 3.6,7

"O que nasce da carne é carne, *mas o que nasce do Espírito é espírito*. Não se surpreenda pelo fato de eu ter dito: *É necessário que vocês nasçam de novo*." O novo nascimento se dá quando a regeneração ocorre. É quando obtemos a vida espiritual de Deus. Mas Jesus torna absolutamente claro nessa passagem que a fé é a condição para receber o novo nascimento. Ele é recebido por "todo o que nele *crer*" (v. 15). Quem nele *crê* não perece, mas tem a vida eterna (v. 16). Fé é um meio para o fim — a regeneração.

Tito 3.5-7

"Não por causa de atos de justiça por nós praticados, mas devido à sua misericórdia, *ele nos salvou pelo lavar regenerador e renovador do*

Espírito Santo, que ele derramou sobre nós generosamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador. Ele o fez a fim de que, justificados *por sua graça*, nos tornemos seus herdeiros, tendo a esperança da vida eterna." Tem sido observado que essa grande passagem sobre a regeneração não diz nada a respeito de fé, mas simplesmente que Deus nos regenerou "*por sua graça*". Contudo, isso não prova que a regeneração precede a graça, por duas razões: a primeira é que o versículo seguinte afirma: "Quero que você afirme categoricamente essas coisas, *para que os que crêem em Deus* se empenhem na prática de boas obras" (v. 8). A fé é logicamente anterior à regeneração,[5] assim como vem antes das boas obras. Em segundo lugar, a passagem paralela de Efésios 2.8,9, do mesmo autor, Paulo, explicitamente declara que somos salvos "pela fé", como acontece em quase todas as outras passagens do Novo Testamento que tratam da questão.

Emery Bancroft expõe esse assunto da seguinte maneira:

> O ser humano nunca deve esperar pela ação de Deus. Se ele é regenerado, deve sê-lo sempre em e por meio de um movimento da própria vontade, no qual ele se volta para Deus tanto voluntariamente quanto com pouca consciência da ação de Deus sobre ele, como se nenhuma ação de Deus estivesse envolvida na mudança. E, ao pregar, devemos imprimir sobre as pessoas os direitos de Deus e o dever delas de submeter-se imediatamente a Cristo, com a certeza de que as que se submetem subseqüentemente haverão de reconhecer essa nova e santa atividade da própria vontade como devida a uma atuação do poder divino dentro delas.[6]

CONCLUSÃO

A idéia dos calvinistas extremados de que a regeneração precede a fé é baseada na sua idéia da depravação total, que também carece de suporte bíblico (v. cap. 4). Ademais, ela é contrária ao que a Bíblia

(cap. 2) e os pais da igreja (ap. 1) ensinam a respeito da natureza da livre-escolha. Além disso, ela é oposta ao caráter de Deus como todo-amoroso (todo-benevolente) e à natureza do livre-arbítrio como a capacidade de escolher o contrário (v. ap. 4).

11

Monergismo *versus* sinergismo

Os calvinistas extremados sustentam que o primeiro momento real da conversão (regeneração) é totalmente um resultado da operação divina, sem qualquer cooperação da parte da pessoa. Isso é algumas vezes chamado "graça operativa", em oposição à graça cooperativa. Também se diz que isso é um ato "monérgico" (lit., "obra [de Deus] somente"), visto que, após isso, em cada parte a vontade do homem coopera com a ação de Deus. Essa cooperação é chamada "sinérgica" (lit., "cooperativa").[1]

Para o calvinista extremado, o ser humano é puramente passivo com respeito ao começo da salvação, mas é ativo com a graça de Deus após esse ponto. Essa idéia foi sustentada por Agostinho em escritos posteriores (v. ap. 3), Lutero, Calvino, Edwards (v. ap. 9) e Turretini. O Sínodo de Dort (v. ap. 8), seguindo Agostinho, usa até a ilustração da ressurreição dos mortos em relação à obra de Deus naquele que não é regenerado (*Cânones de Dort*, art. 111, 112).[2]

CLASSIFICANDO AS QUESTÕES

As questões envolvidas para saber qual corrente está certa são discutidas num outro lugar neste livro. A idéia dos calvinistas extremados de

uma "monergia" inicial é baseada na convicção de que a graça irresistível é exercida por Deus sobre quem não quer. Já mostramos que isso é errado por diversas razões.

Não tem o apoio da Bíblia

Não há suporte bíblico para a idéia da graça irresistível dos calvinistas extremados sobre os que não querem (v. cap. 5). A Bíblia afirma que todos podem (e alguns o fazem) resistir à graça de Deus (Mt 23.37; v. tb. 2Pe 3.9).

Não tem o apoio dos pais da Igreja

Com a exceção explicável de Agostinho em seus últimos escritos (v. ap. 3), nenhum dos pais da Igreja de grande relevância até o tempo da Reforma sustentou a graça irresistível sobre quem não quer (v. ap. 1). Mesmo o pensamento de Lutero, o primeiro importante após Agostinho, foi invertido por seu discípulo e sistematizador Melâncton. A idéia de Calvino foi contraposta por Armínio e tem sido rejeitada por todos os calvinistas moderados (v. cap. 6 e 7).

Não tem o apoio do atributo da onibenevolência de Deus

Um dos problemas primários com o calvinismo extremado (v. cap. 4 e 5) é a negação do atributo essencial da onibenevolência de Deus. Se admitimos essa posição, Deus não é todo-amoroso no sentido redentor. Ele ama somente os eleitos, enviou Cristo para morrer em lugar deles e tenta salvar somente eles. Contudo, isso é contrário à Escritura (v. ap. 6). Um Deus todo-amoroso (1Jo 4.16) ama a todos (Jo 3.16) e quer que todos venham à salvação (1Tm 2.3-5; v. tb. 2Pe 3.9).

Não tem o apoio do livre-arbítrio dado por Deus

Visto que o amor é sempre persuasivo, mas nunca coercitivo, Deus não pode forçar ninguém a amá-lo — o que o amor irresistível faria com quem não quer. O amor persuasivo, mas também resistível de

Deus, anda de mãos dadas com a livre-escolha humana. O livre-arbítrio é uma autodeterminação (v. cap. 2 e ap. 4). Ele envolve a capacidade de escolher de forma contrária. A pessoa pode aceitar ou rejeitar a graça de Deus.

CONCLUSÃO

A graça de Deus opera sinergicamente com o livre-arbítrio. Isto é, a graça deve ser recebida para ser eficaz. Não há quaisquer condições para que a graça seja dada, mas há uma condição para que ela seja recebida — a fé. Em outras palavras, a graça justificadora de Deus trabalha cooperativamente, não operativamente. A fé é pré-condição para se receber o dom da salvação (v. ap. 10). A fé logicamente é anterior à regeneração, visto que somos salvos "por meio da fé" (Ef 2.8,9) e "justificados pela fé" (Rm 5.1).

Uma conclusão oportuna para este breve estudo da resposta necessária de fé da parte do ser humano é ler as palavras dinâmicas de Apocalipse 22.17. Aqui, o apóstolo João claramente estende o convite gracioso de Deus a *todos*: "O Espírito e a noiva dizem: 'Vem!' E todo aquele que ouvir diga: 'Vem!' Quem tiver sede, venha; e quem quiser, beba de graça da água da vida".

12

Calvinismo extremado e voluntarismo

MARCELO RODRIGUES! Um Instrumento Escolhido – At 9.15

Na raiz do calvinismo extremado está uma forma radical de voluntarismo, que afirma que alguma coisa é certa simplesmente porque Deus a quis, em vez de dizer que Deus a quer porque ela é certa e porque está de acordo com sua natureza imutável (posição chamada essencialismo). Se o voluntarismo é certo, então não há qualquer problema moral com a graça irresistível sobre quem não quer, com a expiação limitada ou mesmo com a predestinação dupla. Contudo, se a vontade de Deus no fundo não é arbitrária, o calvinismo extremado entra em colapso.

UMA AVALIAÇÃO DO VOLUNTARISMO NO CALVINISMO EXTREMADO

Todos os calvinistas extremados são voluntaristas, seja explícita, seja implicitamente, e nenhuma passagem extensa na Bíblia é usada por eles mais do que Romanos 9. Visto que a obra *The Justification of God*, de John Piper, é uma dentre as mais abrangentes sobre essa passagem, nós a citaremos extensivamente sobre

essa questão. Uma seleção de citações irá demonstrar o pensamento voluntarista:

> *A glória de Deus e sua natureza essencial consistem principalmente em dispensar misericórdia (mas também ira, Êx 34.7) sobre quem quer que lhe agrade, à parte de qualquer coação originada fora de sua vontade. Essa é a essência do que significa ser Deus. Esse é seu nome* [...].
>
> Se parafrasearmos e extrairmos o conceito implícito de justiça, o argumento é o seguinte: visto que a *justiça* de Deus consiste basicamente em que ele age invariavelmente em favor de *sua* glória e visto que sua glória consiste basicamente em *sua liberdade soberana* na concessão e na retirada de misericórdia, não há nenhuma injustiça em Deus (Rm 9.11*s*). Ao contrário, ele tem de seguir seu "propósito eletivo" à parte do "querer e correr" do ser humano, pois *somente em sua concessão soberana e livre de sua misericórdia sobre quem quer que ele queira Deus está agindo com plena fidelidade ao seu nome e estima por sua glória* [...].
>
> Em poucas palavras, é mais ou menos isto: o conceito de Paulo da justiça de Deus é que ela consiste basicamente em seu compromisso de agir sempre por amor de seu nome, isto é, de preservar e exibir a própria glória [...]. Entretanto, visto que, segundo Êxodo 33.19, *a glória de Deus ou seu nome consiste basicamente em sua liberdade soberana para conceder misericórdia [...], não há nenhuma injustiça em Deus quando ele decide abençoar uma pessoa, e não outra, com base unicamente na sua própria vontade* e não em qualquer coisa distintiva na pessoa. Ao contrário, ele *deve* seguir seu "propósito de eleição" desse modo, a fim de permanecer justo, porque somente em sua concessão (ou retirada) soberana e livre de misericórdia a quem queira Deus está agindo em plena fidelidade ao seu nome e estima por sua glória. [...]
>
> A tese que formulei [...] em resposta a essa questão é que, para Paulo, *a justiça de Deus deve ser seu compromisso inabalável de preservar sempre a honra de seu nome e a exibição de sua glória.* Se isso é o que significa para Deus ser justo, e se sua glória (ou nome)

> consiste principalmente em sua liberdade soberana de ter misericórdia de quem lhe apraz, então a citação de Êxodo 33.19, como argumento em favor da justiça de Deus na eleição incondicional, realmente faz sentido.[1]

Em resumo, segundo voluntaristas como Piper, alguma coisa só é certa porque Deus a quer. E ele deseja qualquer coisa que lhe agrada.

UMA CRÍTICA AO VOLUNTARISMO NO CALVINISMO EXTREMADO

Há muitos defeitos sérios, e até fatais, no voluntarismo, tanto bíblica quanto teologicamente. Considere o seguinte:

Primeiro, nem Piper nem os outros calvinistas extremados apresentam qualquer prova bíblica real para a posição deles. Todos os versículos que citam são passíveis de interpretações contrárias ao voluntarismo (v. cap. 4 e 5).

Segundo, eles são incoerentes com sua posição sobre a natureza de Deus. De um lado, afirmam que a misericórdia de Deus está baseada em sua vontade suprema e soberana — ele pode querer qualquer coisa que deseja querer e mostrar misericórdia a quem lhe apraz mostrar misericórdia. De outro lado, afirmam que a santidade e a justiça de Deus são imutáveis. Ele não pode ser injusto e impuro, mesmo se quisesse. Por causa de sua verdadeira natureza, Deus tem de punir o pecado.

Mas eles não podem ter as duas coisas, porque como um Ser imutável simples que é, todos os atributos de Deus são imutáveis. Se ele é justo (e ele o é), então ele tem de ser imutavelmente justo todas as vezes, com todas as pessoas e em todas as circunstâncias. E se ele é amor (e ele o é), então ele tem de amar imutavelmente todas as pessoas em todo tempo e em todas as circunstâncias. Ser outra coisa além disso contradiz a sua natureza imutável, o que é impossível.

Terceiro, praticamente todos os calvinistas radicais sustentam a concepção clássica dos atributos de Deus. Alguns deles, como John Gerstner

e R. C. Sproul, prestam lealdade específica a Tomás de Aquino, e o restante segue Agostinho, que sustentou a mesma posição, a saber, que Deus é simples, necessário e imutável em sua essência. Todos os atributos de Deus são parte de sua natureza imutável. Se for assim, então o voluntarismo está errado, visto que coloca a vontade de Deus acima de tudo o mais, até mesmo de qualquer outra "natureza" que ele possa ter.

R. C. Sproul não parece ver a incoerência da própria posição. Ele diz, de um lado: "Deus não é necessariamente bom? Deus não pode fazer nada a não ser o que é bom".[2] Todavia, num outro lugar, insiste em que "Deus pode dever justiça às pessoas, mas nunca misericórdia".[3] Se isso significa que Deus não é obrigado por sua natureza a amar pecadores — todos os pecadores — então o atributo da misericórdia não é necessário. Mas Deus é um ser necessário e simples, como o próprio Sproul admite. Assim, enquanto se segue que não há *nada* no ser humano caído que mereça o amor de Deus, não obstante, também se segue que há alguma coisa no amor imutável de Deus obrigando-o a amá-los.

Quarto, há sérios problemas teológicos com o voluntarismo. É essencial ao voluntarismo a premissa de que não há nada, tanto fora de Deus quanto dentro dele, que coloque qualquer limite à sua vontade. Qualquer coisa que queira é *ipso facto* certa. Se fosse assim, Deus *poderia* querer que o amor fosse algo errado e o ódio algo certo, ou que a injustiça fosse certa e a justiça errada. Mas isso é absurdo e contraditório, porque nada pode ser injusto (não justo) a menos que haja uma padrão definitivo de justiça (tal como a natureza de Deus) pelo qual possamos saber o que não é justo.

Por último, o voluntarismo do calvinismo extremado é um exemplo clássico da falácia conhecida como teologismo. Ele toma um simples princípio teológico e o usa como determinador supremo de toda a verdade. Freqüentemente o princípio é: *Tudo o que dê mais glória a Deus é verdadeiro.* E, visto que *crêem* que colocar a vontade de Deus acima de qualquer outra coisa traz mais glória a ele, segue-se que o voluntarismo é verdadeiro.

Contudo, pode-se desafiar as duas premissas. Não que seja errado fazer todas as coisas para a glória de Deus, mas "glória" é um termo ambíguo que exige definição. Quando definido propriamente, ele se refere à manifestação e irradiação da essência eterna e imutável de Deus, não à sua vontade arbitrária. Ademais, a segunda premissa é igualmente enganosa, pois ao tornar a vontade de Deus suprema, mesmo sobre a sua própria natureza, não se traz maior glória a Deus. Aliás, isso contradiz sua natureza imutável. E nada que contradiga a natureza de Deus pode trazer glória a ele.

A DEFESA DO ESSENCIALISMO CRISTÃO

Ou o voluntarismo é correto, ou alguma outra forma de essencialismo é correta. O primeiro afirma que uma coisa é certa porque Deus a quis. O segundo afirma que Deus a quer porque ela é certa. Agostinho, Anselmo e Tomás de Aquino defenderam a última posição, como o faz C. S. Lewis.

Há duas formas básicas de essencialismo: ou Deus é obrigado a querer coisas de acordo com um padrão externo a si próprio (como no Bem de Platão) ou de acordo com um padrão dentro de si próprio (a saber, sua natureza). A segunda forma é sustentada pelos essencialistas cristãos. Há três linhas básicas de argumento a favor dessa posição:[4] filosófica, bíblica e prática. Primeiro veremos a perspectiva filosófica.

ARGUMENTOS FILOSÓFICOS A FAVOR DO ESSENCIALISMO DIVINO

O teísta cristão Tomás de Aquino oferece três argumentos básicos para a natureza imutável de Deus em sua famosa obra *Suma teológica* (1.2.3.).

O argumento derivado da pura realidade de Deus

O primeiro argumento é baseado no fato de que um Deus de realidade pura (sempre "Eu Sou") não tem potencialidade. Tudo o

que muda tem potencialidade, e não pode haver potencialidade alguma em Deus (ele é realidade pura, Êx 3.14). Qualquer coisa que mude tem de ter potencial para mudar. Mas como realidade pura Deus não tem potencial; portanto, ele não pode mudar.

O argumento derivado da perfeição de Deus

O segundo argumento a favor da imutabilidade de Deus reside em sua absoluta perfeição. Afirmando de forma breve, qualquer coisa que possa mudar adquire alguma coisa nova. Mas Deus não pode adquirir nada novo, visto que é absolutamente perfeito; ele não pode ser melhor. Portanto, Deus não pode mudar. Deus é, por sua verdadeira natureza, um Ser absolutamente perfeito. Se houvesse qualquer perfeição que lhe faltasse, não seria Deus. Para mudar, é preciso adquirir alguma coisa nova, mas adquirir perfeição nova significa que antes ela estava ausente, para começo de conversa. Se Deus pudesse mudar, não seria Deus; pelo contrário, seria um ser com alguma falta de perfeição, não o Deus absolutamente perfeito que é. Por conseguinte, ele não pode mudar.

O argumento derivado da simplicidade de Deus

O terceiro argumento a favor da imutabilidade de Deus deriva-se de sua simplicidade. Tudo o que muda é composto do que muda e do que não muda. Mas não pode haver composição alguma em Deus (ele é um ser absolutamente simples). Novamente, então — Deus não pode mudar.

Um ser absolutamente simples não tem composição alguma. Tudo o que muda deve ser composto do que muda e do que não muda. Porque, se tudo a respeito de um ser mudasse, ele não seria o mesmo ser, mas um ser inteiramente novo. Aliás, não seria uma mudança, mas a aniquilação de um e a recriação de outro inteiramente novo. Ora, se quando a mudança ocorre em um ser alguma coisa permanece na mesma situação e outra não, então o ser deve ser composto desses

dois elementos. Mas um Ser absolutamente simples, como Deus é, não tem composição alguma. Portanto, segue-se que Deus não pode mudar.

ARGUMENTOS BÍBLICOS A FAVOR DO ESSENCIALISMO DIVINO

Há numerosos textos da Escritura que declaram que Deus é imutável em sua natureza. Primeiramente, vejamos as passagens do Antigo Testamento:

Evidências da imutabilidade de Deus no Antigo Testamento

O salmista declara: "No princípio firmaste os fundamentos da terra, e os céus são obras das tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás; envelhecerão como vestimentas. Como roupa tu os trocarás e serão jogados fora. Mas tu permaneces o mesmo, e os teus dias jamais terão fim" (Sl 102.25-27). Lemos em 1Samuel 15.29 que "aquele que é a Glória de Israel não mente nem se arrepende, pois não é homem para se arrepender". O profeta acrescenta: "De fato, eu, o SENHOR, não mudo. Por isso vocês, descendentes de Jacó, não foram destruídos" (Ml 3.6).

Evidências da imutabilidade de Deus no Novo Testamento

O Novo Testamento é igualmente enfático a respeito da natureza imutável de Deus. Hebreus 1.10-12 cita o salmista com aprovação, repetindo: "Tu os [céus] enrolarás como manto, como roupas eles serão trocados. Mas tu permaneces o mesmo, e os teus dias jamais terão fim" (v. 12). Uns poucos capítulos adiante, o autor de Hebreus assevera: "Querendo mostrar de forma bem clara a natureza imutável do seu propósito para com os herdeiros da promessa, Deus o confirmou com juramento, para que, por meio de duas coisas imutáveis nas quais é impossível que Deus minta..." (Hb 6.17,18). O apóstolo

Paulo acrescenta em Tito 1.2: "... na esperança da vida eterna, a qual o Deus que não mente prometeu antes dos tempos eternos". Tiago 1.17 assinala: "Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, que não muda como sombras inconstantes".

Ora, se Deus é imutável em sua natureza, então sua vontade está sujeita à sua natureza imutável. Assim, o que quer que Deus venha a querer deve estar de acordo com sua natureza. Aliás, visto que Deus é simples, sua vontade é idêntica à sua natureza imutável. Deus não pode querer algo contrário à sua natureza. Ele não pode mentir. Ele não pode ser não-amoroso nem injusto. Em resumo, o essencialismo divino deve ser correto, em oposição ao calvinismo extremado.

ARGUMENTOS PRÁTICOS A FAVOR DA IMUTABILIDADE MORAL DE DEUS

Em adição aos argumentos filosóficos e bíblicos a favor da natureza imutável do ser de Deus, há muitos argumentos práticos.

O argumento derivado da repugnância moral

Os que defendem o essencialismo divino insistem em que é moralmente repugnante presumir, como fazem os voluntaristas, que Deus pode mudar sua vontade sobre a questão de o amor ser ou não essencialmente bom e, por outro lado, tornar o ódio uma obrigação moral universal. Igualmente, é difícil conceber como um Ser moralmente perfeito poderia querer que o estupro, a crueldade e o genocídio fossem moralmente bons. Visto que é moralmente repugnante para criaturas feitas à imagem de Deus imaginar tal mudança na vontade de Deus, quanto mais deve ser para Deus, à imagem do qual fomos criados?

O argumento da necessidade de estabilidade moral

Segundo esse argumento, se todos os princípios morais fossem baseados na vontade mutável de Deus, não poderia haver nenhuma

segurança moral. Por exemplo, como pode alguém se comprometer com uma vida de amor, misericórdia ou justiça, descobrindo que Deus pode mudar, a qualquer momento, as coisas corretas que essa pessoa está fazendo em incorretas? Realmente, como podemos servir a Deus como o Supremo se ele pode querer que nosso bem último seja não amá-lo, mas odiá-lo?

O argumento da confiabilidade de Deus

A Bíblia apresenta Deus como eminentemente confiável. Quando faz uma promessa incondicional, nunca falha em cumpri-la (v. Gn 12.1-3; Hb 6.16-18). De fato, os dons e a vocação de Deus são sem qualquer mudança de sua parte (Rm 11.29). Deus não é homem para que se arrependa (1Sm 15.29). Ele é de confiança no cumprimento de sua palavra (Is 55.11). Essa confiabilidade suprema de Deus não seria possível se ele pudesse mudar sua vontade a qualquer hora a respeito de qualquer coisa. A única coisa que torna Deus moralmente obrigado a guardar sua Palavra é sua natureza imutável. De outra forma, ele poderia decidir a qualquer momento enviar todos os crentes para o inferno. Poderia recompensar o ímpio pelos assassínios e pelas crueldades. Tal Deus não seria eminentemente digno de confiança, como o Deus da Bíblia, que é imutavelmente bom.

É irônico aqui que os próprios calvinistas, que dependem de um Deus essencialmente imutável para dar apoio à sua idéia de eleição incondicional e segurança eterna, dependem da idéia de um Deus não-essencialista (isto é, voluntarista) para dar base ao conceito da expiação limitada. Assim, o calvinismo extremado tem no seu âmago uma visão incoerente de Deus.

CONCLUSÃO

O calvinismo extremado permanece ou cai com o voluntarismo. Ele está tanto na raiz de sua interpretação bíblica quanto em suas

expressões teológicas. Mas, como já temos visto, o voluntarismo calvinista é biblicamente infundado, teologicamente incoerente, filosoficamente insuficiente e moralmente repugnante. Assim, o calvinismo extremado está sujeito às mesmas críticas.

Notas

Capítulo 1

[1]P. 9.

Capítulo 2

[1]Usamos o termo "calvinismo extremado" em vez de "hipercalvinismo", visto que este é usado por alguns para designar uma idéia mais radical conhecida como "supralapsarismo", que exige uma dupla predestinação (v. ap. 7), o que nega a responsabilidade humana (v., de Edwin Palmer, *The Five Points of Calvinism* [p. 85]), ou anula a preocupação por missões e evangelização (v., de Ian H. Murray, *Spurgeon v. Hyper-Calvinism: The Battle for Gospel Preaching*).

Devemos observar que os teólogos que classificamos como calvinistas extremados consideram a si mesmos simplesmente "calvinistas" e, provavelmente, objetariam a classificação que fazemos deles. Na visão deles, qualquer um que não defenda os cinco pontos do calvinismo como eles os interpretam não é, rigorosamente falando, verdadeiro calvinista. Não obstante, nós os chamamos calvinistas "extremados" porque são mais extremados do que o próprio João Calvino (v. ap. 2) e para distingui-los dos calvinistas moderados (v. cap. 7).

[2]Edwin Palmer, calvinista extremado, insiste em que "o homem é livre — cem por cento livre – para fazer exatamente o que quiser". Mas isso é um engano sério em relação ao que é dito apenas algumas linhas abaixo, a saber, que "o ser humano é totalmente incapaz de escolher igualmente entre [o] bem e o mal". Ele acrescenta que "o não-cristão é livre. Faz precisamente o que gosta. Segue os desejos do coração. Como seu coração é roto e inclinado a toda espécie de mal, ele livremente faz o que quer fazer, a saber, pecar". V. PALMER, op. cit., p. 35-6.

[3]É digno de nota o fato de a Bíblia dizer que o Diabo "havia induzido" Judas a trair Jesus, mas não o forçou a fazê-lo. O ato de Judas foi livre e sem coerção. Isso fica evidente no uso da palavra "trair" (Mt 26.16,21,23), porque a traição é um ato deliberado (Lc 6.16). Embora o Diabo tenha posto no coração de Judas a idéia (Jo 13.2), Judas cometeu o ato livremente, admitindo depois que havia pecado (Mt 27.4). Jesus disse a Judas: "O que você está para fazer, faça depressa" (Jo 13.27). Marcos mesmo diz que Judas traiu por conveniência (Mc 14.10,11).

[4]Jonathan Edwards erroneamente cria que, em nenhuma ocasião, o ser humano quer alguma coisa contrária ao seu desejo ou deseja alguma coisa contrária à sua vontade (EDWARDS, Freedom of the will, in: Clarence H. FAUST & Thomas A. JOHNSON, *Representative Selections*, org., p. 267-8). Mas isso é contrário tanto à Escritura (Rm 7.15) como à nossa experiência consciente. John Locke está correto quando diz que "a vontade é perfeitamente distinta do desejo" (An essay concerning human understanding, in: Richards TAYLOR, org., *The Empiricits*, 2.21.20).

[5]A despeito do fato de que seu mentor, Jonathan Edwards, rejeita a idéia da liberdade humana chamada autodeterminação, R. C. Sproul fala da livre-vontade como "autodeterminação" (*Sola gratia*, p. 176), mas ele simplesmente quer dizer que ela não é determinada (causada) por qualquer coisa externa a si própria. Ela é determinada por coisas internas dela própria, a saber, por sua natureza. Este não é o sentido pretendido nesta discussão sobre "ação autodeterminada", que é uma ação causada livremente pela pessoa, sem qualquer coação externa ou interna (v. ap. 4).

[6]Naturalmente, tanto o governo quanto Deus colocam limites para os que abusam de sua liberdade. A finitude humana, o julgamento divino e a morte por fim limitam todas as escolhas livres.

[7]Alguns calvinistas, como W. G. T. Shedd, são mais moderados nesse ponto (v. sua *Dogmatic Theology* [v. 3, p. 298s]).

[8]V., de Jonathan Edwards, *Freedom of the Will.*

[9]*Eleitos de Deus*, p. 26.

[10]Sproul declara: "Eu não gosto de contradições. Sinto-me pouco confortável com elas. Nunca deixo de ficar surpreso com a facilidade com que alguns cristãos parecem ficar confortáveis com elas. [...] O que eu quero evitar é um Deus que é melhor do que a lógica e uma fé que é menor do que a razão" (ibidem, p. 34-5).

[11]Não deveria ser difícil para o ateu crer que alguma coisa pode ser não-causada, visto que muitos creêm que o universo em si mesmo não é causado. Mas se o universo pode ser não-causado porque sempre esteve lá, da mesma forma Deus o pode, porque sempre esteve lá. Naturalmente, o problema com a afirmação do ateu é que há forte evidência de que o universo teve um começo, visto que está em decadência (v., de William Lane Craig, *The Kalam Cosmological Argument*).

[12]Hume escreve a um amigo: "Permita-me dizer-lhe que nunca afirmei uma proposição tão absurda como a de que qualquer coisa pode surgir sem uma causa" (J. Y. T. GREIG, org., *The Letters of David Hume*, v. I, p. 187).

[13]V., de R. C. Sproul, *Eleitos de Deus* (p. 53-4).

[14]Agostinho disse de Adão e Eva: "Foi tão enorme o pecado em que consentiram, que, em virtude dele, a natureza humana piorou e se transmitem aos descendentes o próprio pecado e a necessidade da morte" (*A cidade de Deus*, v. 2, 14.1).

[15]Sproul sugere que essa passagem está simplesmente falando de "desejos conflitantes" (*Eleitos de Deus*, p. 52). Mas essa idéia não é coerente com o texto, segundo o qual o que "eu faço" (i.e., *escolho* fazer) é contrário ao que "desejo". Em outro livro, Sproul oferece uma sugestão que não é plausível: a de que Paulo esteja simplesmente experimentando o fato de todas as coisas serem de igual dimensão (*Sola gratia*, p. 174). Isso quer dizer que escolhemos o que não queremos escolher quando todas as coisas são iguais — mas elas não são sempre assim! Portanto, sempre escolhemos o que desejamos. É doloroso observar calvinistas extremados fazendo contorções exegéticas a fim de fazer um texto dizer o que a teologia preconcebida deles exige que ela deva dizer.

[16]Muitos calvinistas extremados afirmam (v., de Sproul, *Eleitos de Deus*, [p. 51-2] que, em última instância, qualquer coisa que decidimos fazer é realmente expressão de nosso desejo mais forte, mesmo quando decidimos caminhar contra o que experimentamos como nosso desejo mais forte. Mas isso é realmente vitória por definição estipulada, e não um argumento real. É tanto negação de nossa experiência quanto não pode ser falsificável.

[17]*Eleitos de Deus*, p. 52.

[18]Isso não significa dizer que o pecado de Adão não tenha tido nenhum efeito sobre nós; ele teve (Rm 5.12). Somos nascidos no pecado (Sl 51.5). Somos nascidos com inclinação para o pecado. Contudo, a despeito dessa inclinação natural, somos pessoalmente responsáveis pelos pecados que cometemos. Novamente, essa é a diferença entre desejo e decisão.

[19]No mínimo, o livre-arbítrio é a capacidade de fazer o contrário. O grau de liberdade da pessoa é debatido entre os cristãos que rejeitam a idéia do calvinista extremado (v. ap. 1 e 4). Aquilo em que concordam é que alguém não pode ser forçado e livre ao mesmo tempo (v. cap. 4)

[20]V., de R.C Sproul, *Sola gratia* (p. 104-7).

[21]Esse erro é chamado pelagianismo, termo que vem de Pelágio, mestre da patrística contra as idéias de quem (realmente, as idéias de seus seguidores) Agostinho escreveu muitas de suas obras (v. ap. 3).

[22]Por "deterministas" queremos dizer aqui os que negam que, nas decisões morais, somos livres para fazer uma coisa diferente daquilo que fazemos. O determinista, em oposição ao autodeterminista, crê que nossos atos morais não são causados por nós mesmos, mas por alguma outra pessoa ou coisa.

[23]"Morte espiritual" na Bíblia não significa aniquilação, mas separação. Isaías diz: "As suas maldades separaram vocês do seu Deus" (Is 59.2). Do mesmo modo, a "segunda morte" não é aniquilação, mas separação consciente de Deus (Ap 20.14; v. tb. 19.20; 20.10).

[24]Mesmo a depravação envolveu uma escolha por Adão e por todos os seus descendentes espirituais (Rm 5.12).

[25]V., de Martinho Lutero, *Nascido escravo* (p. 30-1) e, de João Calvino, *As institutas da religião cristã* (v. 2, p. 79).

[26]Há um debate interno entre os que se opõem ao calvinismo extremado sobre a fé: se ela é um dom de Deus ou não. A Bíblia é muito carente de versículos que demonstram que a fé é um dom (v. ap. 5). Mas se ela é um dom, então é oferecida a todos e pode ser livremente aceita ou rejeitada. Armínio fala do "dom da fé", mas acrescenta que ela deve ser recebida pelo "livre-arbítrio" (Works, in: *The Writings of James Arminius*, v. 2, p. 52, art. 27).

Capítulo 3

[1]"A idéia por detrás das palavras 'pedra de tropeço' é que uma pedra ou rocha se encontra no caminho, de modo que os viajantes se chocam com ela ou tropeçam nela. É assim que Cristo, uma vez revelado, inescapavelmente permanece no caminho daqueles que se recusam a responder ao testemunho a respeito dele. A *mensagem*, tanto a falada quanto a viva, se torna uma pedra de tropeço para os que são *desobedientes,* i.e., os que ativamente se revoltam contra o evangelho (v. 4.17)" (Alan M. STIBBS, *The Older Tyndale New Testament Commentary on First Peter*).

[2]*A Systematic Theology of the Christian Religion*, v. 2, p. 152-3.

[3]Ibidem, grifo do autor.

[4]*Discourses Upon the Existence and Attributes of God*, p. 450.

[5]Por "determinada" aqui não queremos dizer que o ato é diretamente causado por Deus. Ele foi causado pela livre-escolha do homem (um ato autodeterminado). Com "determinado" quero dizer que a inevitabilidade do fato foi fixada de antemão, visto que Deus sabia infalivelmente o que aconteceria. Naturalmente, Deus predeterminou que seria uma ação autodeterminada. Deus foi somente a causa remota e a causa primária. A liberdade humana foi a causa imediata e secundária.

[6]Isso não significa dizer que João iniciaria o movimento em direção a Cristo ou que esse movimento poderia ser feito sem a ação do Espírito Santo sobre seu coração e sua vontade. Essa é a matéria do cap. 4.

[7]A Bíblia usa o termo "mistério" para coisas que estão além de nossa razão, mas não contra ela. Contudo, ela nunca usa palavras "paradoxo" ou "antítese" a respeito das coisas que vamos crer. Na verdade, a única vez em que a palavra grega para antítese (*antithesis*, i.e., "afirmação contrária") é usada no Novo Testamento, é para nos dizer que a evitemos (1Tm

6.20). Visto que, na história do pensamento, o "paradoxo" de Zenão e as "antinomias" ou antíteses de Kant formam contradições lógicas, esses termos deveriam ser evitados pelos cristãos quando falassem dos mistérios da fé como a Trindade, a encarnação e a relação entre a soberania e o livre-arbítrio.

[8]*A cidade de Deus*, 5.10.

[9]*Suma teológica*, 1.14.

[10]O que é popularmente conhecido por "arminianismo" hoje é realmente wesleyanismo (seguindo John Wesley), e não o que Jacó Armínio e seus seguidores imediatos sustentaram (v. cap. 6).

[11]*The Marrow of Theology*, p.153.

[12]V. ap. 4.

[13]Numa tentativa fútil de evitar ser chamado determinista, R. C. Sproul (assim como outros calvinistas extremados) define o livre-arbítrio como a capacidade de escolher sem coerção *externa*. Então, procede admitindo que o homem é *internamente* coagido pela graça irresistível da regeneração daquele que não deseja a salvação. Mas coerção é coerção, seja externa, seja interna, e todas as coerções são contrárias à livre-escolha. Essa é idéia do Novo Testamento (v. cap. 2) e de todos os principais representantes da patrística, incluindo o Agostinho jovem, de Anselmo e Tomás de Aquino e dos reformadores (v. ap. 1).

[14]Em outro lugar, C. S. Lewis usa uma metáfora infeliz e mal-entendida para a sua conversão, na qual afirma ter sido trazido para o reino arrastado e esperneando (*Surpreendido pela alegria*, p. 233). Mas os textos acima mencionados tornam claro que ele não cria na graça irresistível sobre os que não queriam a graça.

[15]P. 41. Esse livro foi publicado em 1964 pelas Edições Vida Nova sob o título *Cartas do inferno*.

[16]P. 69.

[17]*Calvins Commentaries*: the Acts the Apostles; v. sobre Atos 7.51.

[18]Ibidem (grifo do autor).

[19]A simplicidade (indivisibilidade) de Deus é aceita pelo calvinismo tradicional, incluindo o próprio João Calvino. V., de João Calvino, *Institutas da religião cristã*; de Stephen Charnock, *Discourses Upon the Existence and Attributes of God;* e de William Ames, *The Marrow de Theology* (p. 86-7)

[20]Não faz diferença se os rapazes estão "se afogando" ou estão mortos. A mesma lógica aplica-se se ele tem poder para ressuscitar todos, mas somente ressuscita um dos mortos.

[21]*Calvin's Commentaries*: The Epistles of Paul the Apostle to the Galatians, Ephesians, Philipians, and Colossians, p. 308.

[22]*Calvin's Commentaries*: A Harmony of the Gospels Matthew, Mark, and Luke and the Epistles of James and Jude, p. 138-9.

[23]O molinismo é o pensamento procedente de um jesuíta espanhol chamado Miguel de Molina (1640-1697), o qual afirmava que Deus possui um "conhecimento médio" dos eventos futuros que acontecem livremente. É dito que esse conhecimento é dependente das escolhas livres dos homens que seriam feitas posteriormente.

[24]V., de William Lane Craig, *The Only Wise God.*

[25]Tomás de Aquino dá a razão pela qual o conhecimento de Deus não pode ser dependente de nada no mundo criado, incluindo nossas escolhas livres. Seu argumento procede assim: tudo na criação é um efeito que procede da Primeira Causa. O que existe no efeito preexistiu na Primeira Causa. Mas em Deus, que é um Ser totalmente independente, nada é dependente. Portanto, o conhecimento que Deus tem de todas as coisas é um conhecimento totalmente independente (v. *Suma teológica*, 1.14).

[26]*Major Bible Themes*, p. 233.

[27]Para verificar outros argumentos sobre a simplicidade de Deus, v., de Tomás de Aquino, *Suma teológica* (1.3.4).

[28]Essa é uma digressão irrelevante. Ele deveria ter dito "calvinismo moderado", não "dispensacionalismo".

[29]*Sola Gratia*, p. 226.

[30]Mesmo os calvinistas radicais (como R. C. Sproul), que veementemente se opõem a qualquer conceito sobre predestinação baseado na presciência, admitem, entretanto: "Deus predestina-nos de acordo com aquilo que lhe agrada" (*Eleitos de Deus*, p. 140). Todavia, Sproul também reconhece que é a fé em sua obra completada que agrada a Deus (Hb 11.6; v. tb. 10.14). Se for assim, a distinção calvinista entre "segundo a" e "baseada em" deveria ser inteligível aos calvinistas extremados.

Capítulo 4

[1]Os calvinistas que crêem que Calvino sustentava uma expiação ilimitada são chamados amiraldianos, seguindo Moisés Amiraldo (1595-1664), pastor protestante francês. Amiraldo cria que Deus desejava que todos fossem salvos sob a condição de que creiam. Portanto, ele sustentava tanto um universalismo ideal quanto um particularismo real. V., de Brian Armstrong, *Calvinism and the Amyraut Heresy.*

[2]Muitos calvinistas extremados usam termos como "propensão", "inclinação" e "pendor" para o pecado, mas realmente querem dizer "necessidade". Isso está claro na seguinte citação de Jonathan Edwards: "Que a *propensão* é verdadeiramente considerada pertencente à natureza de qulaquer ser, ou de ser inerente nele, é a conseqüência *necessária* de sua natureza" (Works, in: *The Works of Jonathan Edwards,* v. 1, p. 145, grifo do autor).

[3]V., de R. C. Sproul, *Eleitos de Deus* (p. 99).

[4]*Eleitos de Deus*, p. 134.

[5]Ibidem, p. 63.

[6]Ibidem, p. 60.

[7]Ibidem.

[8]Por "necessariamente" aqui queremos dizer coercivamente, sem poder ser evitado, ou contra a vontade de alguém. Nunca alguém é forçado a pecar. A pessoa sempre pode evitar pecar, se não pelos próprios poderes naturais (dados por Deus), ao menos por graça especial de Deus (1Co 10.13).

[9]V. *A cidade de Deus*, 14.1

[10]A idéia é que mesmo a fé é resultado da "regeneração irresistível". Surpreendentemente, o próprio Sproul admite que "a visão reformada, num sentido limitado, vê a obediência como uma 'condição' [mas nunca a base] da justificação. [...] A condição realmente necessária é a presença da fé real, a qual irá, necessariamente, produzir o fruto da obediência" (*Sola Gratia*, p. 199).

[12]Paulo está se referindo "aos que", pessoas particulares (i.e., os eleitos) a quem Deus de antemão conheceu num sentido especial, não a cada um que ele conhece de antemão em sua onisciência.

[13]V., de David N. Steele e Curtis C. Thomas, *The Five Points of Calvinism* (p. 85*s*).

[14]Há possivelmente somente um caso onde "conhecer" e "amar" são igualados no Novo Testamento (1Co 8.1-4). Mas, mesmo aqui, "conhecer" é uma tradução melhor. V., de Roger T. Forster e V. Paul Marston, *God's Strategy in Human History* (p. 188-9).

[15]V., de Forster e Marston, *God's Strategy in Human History* (p. 182-7).

[16]Ibidem. A palavra hebraica "conhecer" (*yada*) é traduzida nesse exemplo pela palavra grega *epistamai* na LXX, que significa "compreender totalmente". Aqui também significa conhecimento, não apenas escolha, apesar de Deus escolher à luz de seu conhecimento.

[17]Mesmo que esse texto diga respeito à eleição eterna, não está em debate o fato de que nossa eleição é incondicional do ponto de vista de Deus. Contudo, nem esse nem qualquer outro texto afirmam que não há qualquer condição para receber a salvação. É claro, naturalmente, que Deus nos escolheu antes que escolhêssemos aceitá-lo. E nossa decisão de aceitar sua oferta de salvação não é base para ele nos escolher. Nós não escolhemos — seja primeiro, seja como base de sua escolha de nós. Nós meramente respondemos à sua oferta graciosa de salvação, baseados somente em sua graça incondicional. Mas temos realmente a escolha de receber ou não esse dom incondicional da salvação, pois "aos que o *receberam*, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus" (Jo 1.12).

[18]Alguns calvinistas extremados admitem que a fé é uma condição para a salvação (v., de Sproul, *Sola gratia* [p. 151-5]). Contudo, apressam-se em dizer que a fé é *resultado* da "regeneração irresistível".

O que eles querem dizer é que a fé não é uma condição que o homem não-regenerado deve atender antes que possa receber o dom da salvação. Sproul reconhece que esse é "o ponto mais crítico do debate entre o dispensacionalismo [calvinismo moderado] e a teologia reformada [calvinismo extremado]" (v., de Sproul, *Sola gratia* [p. 214]).

Capítulo 5

[1]Esse e outros versículos revelam um amor especial (singular) de Cristo por sua Igreja, e nisso todos os calvinistas crêem, em distinção da maioria dos arminianos. O que separa o calvinista moderado do calvinista extremado é que o primeiro afirma e o segundo nega que Cristo morreu pelos não-eleitos e que deseja que eles sejam uma parte

de sua noiva também, de forma que também possam experimentar esse amor especial.

[2]V., de Steele e Thomas, *The Five Points of Calvinism* (p. 51).

[3]Mesmo os calvinistas extremados crêem que Jesus, como homem, pode ter feito orações que não tenham sido respondidas (v., de John Gill, *The Cause of God and Truth*, nova edição, 1.87-8; v. 2.77).

[4]Não há evidência alguma de que o outro ladrão na cruz, todos os soldados romanos ou os zombadores presentes tenham sido salvos.

[5]V., de Gerhard Friedrich, org., *Theological Dictionary of the New Testament* (v. VI, p. 536-45).

[6]R. C. Sproul é um exemplo típico desse ponto (v. *Eleitos de Deus*, p. 131-3).

[7]Mesmo John Piper, que sustenta que Romanos 9 é uma passagem que fala da eleição *individual* para a salvação eterna, admite que "a lista dos estudiosos modernos que não vêem predestinação para a vida eterna ou para a morte é impressionante". De fato, "Sanday e Headlam (*Romans*, p. 245), por exemplo, adotam a posição de que 'a eleição absoluta de Jacó [...] tem referência simplesmente à eleição de privilégios mais altos, como cabeça da raça eleita, antes que a outra. Ela não tem que ver com a eterna salvação deles. No original ao qual Paulo se refere, Esaú é simplesmente um sinônimo de Edom'. Semelhantemente, G. Schrenk (*TDNT*, v. IV, p. 179) diz sobre Romanos 9.12: 'A referência aqui não é à salvação, mas à posição e tarefa histórica, cf. a citação de Gênesis 25.23 no v. 12: O mais velho servirá ao mais moço'" (*The Justification of God*, p. 57).

[8]John Piper, amplamente aceito pelos calvinistas extremados como tendo feito a melhor interpretação de Romanos 9, comete esse erro. Piper afirma que "a decisão divina de 'odiar' Esaú foi tomada 'antes que ele tivesse nascido ou feito qualquer coisa boa ou *má* (9.11)'". Mas, como mostrado acima, a referência aqui não é a alguma coisa dita em Gênesis a respeito dos *indivíduos* Jacó e Esaú *antes que eles nascessem*. O que Gênesis 25 diz é simplesmente que o mais velho haveria de servir o mais moço. O que é dito em Malaquias 1.2,3 a respeito das *nações* de Jacó e Esaú (Edom) não é dito somente séculos após seus primogenitores terem morrido, mas é dito também em consideração ao que a nação de Edom tinha feito à *nação* escolhida de Israel (ibidem, p. 175).

[9]V., de Forster e Marston, *God's Strategy in Human History* (p. 60).

[10]João 4.16 afirma que "Deus é amor", e o amor pode constranger em sentido moral (2Co 5.14), mas não pode compelir alguém a fazer escolhas morais num sentido físico. Nesse sentido, o amor sempre opera persuasivamente, nunca coercitivamente.

[11]*The Five Points of Calvinism*, p. 53

[12]V., de R. K. McGregor Wright, *Soberania banida* (p. 163).

[13]Contudo, deve ser assinalado que McCleod rejeitou a expiação limitada.

[14]Para um excelente estudo de toda essa matéria v., de Robert Lightner, *The Death Christ Died.*

[15]*Eleitos de Deus*, p. 27.

[16]Isso se aplica também à sua santidade, que odeia o *pecado* em *todas* as pessoas.

[17]Jonathan Edwards tenta evitar essa lógica dolorosa que torna a salvação um ato arbitrário da misericórdia, e não algo que flui da natureza essencial do amor de Deus (v. *Jonathan Edwards:* Representative Selections [p. 119]). Contudo, essa é uma manobra sem sucesso por várias razões. Primeiro, a palavra do Antigo Testamento traduzida como "misericórdia" significa "amor de compaixão". Segunda, o amor é parte da verdadeira essência de Deus (1Jo 4.16), que não pode mudar (Ml 3.6; Hb 1.11; 6.19; Tg 1.17). Terceira, até um dos discípulos de Edwards, R. C. Sproul, admite que Deus é necessariamente bom e, todavia, livre ao mesmo tempo (*Sola Gratia*, p. 120).

[18]R. C. Sproul aparentemente não vê a incoerência aqui. Ele admite que é necessário que Deus seja bom e que "Deus não pode fazer nada a não ser o que é bom" (*Sola Gratia*, p. 120), todavia, ao mesmo tempo, assevera que redentivamente Deus escolhe amar somente algumas pessoas (os eleitos).

[19]Ibidem, p. 34.

[20]Apud Ian Murray in: *Spurgeon v. Hyper-Calvinism*: The Battle for Gospel Preaching, p. 117.

[21]*The Justification of God*, p. 88-9 (grifo do autor).

[22]John Piper coloca a ordem e o pensamento do texto à sua moda, afirmando implausivamente que "é provável que 'o endurecimento do

homem por Deus se pareça com o auto-endurecimento'" (*The Justification of God*, p. 163). Esse é um exemplo quase clássico de como a leitura teológica de uma pessoa pode ser tão oposta à leitura do texto.

[23]V., de Forster e Marston, *God's Strategy in Human History* (p. 158-9).

[24]Mesmo calvinistas radicais como R. C. Sproul concordam em que Deus não está endurecendo o coração do faraó ativamente, mas somente passivamente, no sentido de desistir dele (v. Rm 1.24*s*), entregando-o aos próprios desejos pecaminosos (*Eleitos de Deus*, p. 128-30).

[25]Mesmo John Piper, que crê na graça irresistível sobre o relutante, admite que muitos eruditos sustentam que Paulo rejeita a afirmação do objetor (*The Justification of God*, p. 189-90).

[26]*The Holy Spirit: A Comprehensive Study of the Person and Work of the Holy Spirit*, p. 124.

[27]*The Marrow of Theology*, p. 154.

[28]V. Friedrich, *Theological Dictionary of the New Testament*, v. 1, p. 345.

[29]V., de Sproul, *Eleitos de Deus* (p. 61-2).

[30]V., de William F. Ardnt e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (p. 251). Henry George Lidell e Robert Scott, *A Greek-English Lexicon* (p. 216); e Friedrich, *Theological Dictionary of the New Testament*, v. 2, p. 503.

[31]Essa referência é a Jeremias 38.3 na *LXX*.

[32]V., de Steele e Thomas, *The Five Points of Calvinism* (p. 55).

[33]A palavra grega para "propósito" (*boulan*) pode significar conselho, decisão ou vontade (v. de William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (p. 145).

[34]*Calvin's Commentaries*: The Acts of the Apostles. v. 1, p. 213 (grifo do autor).

[35]A maioria dos calvinistas distingue dimensões diferentes da vontade de Deus, tais como 1) A vontade prescritiva de Deus (e.g., "Sede perfeitos"); 2) a sua vontade permissiva (que permite o pecado); 3) a vontade providencial ou dominante (que faz o mal resultar em bem). As pessoas freqüentemente resistem à vontade de Deus no primeiro sentido, visto que estamos sempre desobedecendo a seus mandamentos. Mas não se pode resistir à sua vontade permissiva e providencial, porque ele nunca

permite mais do que quer, e sempre realiza seus propósitos últimos (Is 55.11). O mandamento (ou chamado) para ser salvo é uma ordem que ele permite que seja resistida (2Pe 3.9; Mt 23.37).

[36]*Cartas do diabo ao seu aprendiz*, p. 41.

[37]*The Great Divorce*, p. 69.

[38]*Eleitos de Deus*, p. 127.

[39]On the correction of the Donatists, in: *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, org., Philip Schaff, 6.22-3, grifo do autor.

[40]Ibidem, 6.22 (grifo do autor).

[41]*Eleitos de Deus*, p. 36 (grifo do autor).

[42]Ibidem, p. 107.

[43]Ibidem, p. 106-7.

[44]*Eleitos de Deus*, p. 30-1.

[45]Sproul fala relutantemente do "caráter irresistível da graça regeneradora", mas tenta suavizar sua natureza compulsiva insistindo em que não há nenhuma compulsão externa. Ele cita Calvino, dizendo: "O Senhor necessariamente atrai o homem por meio da sua própria vontade", mas admite que essa vontade o próprio Deus produziu (*Sola Gratia*, p. 123). Mas, se Deus produziu a vontade por uma força irresistível, é uma contradição teológica dizer que fazemos o que fazemos porque queremos (p. 118-23). Esse ato irresistível da regeneração é comparado ao ato de ressurreição de um corpo passivo e morto. O que poderia ser mais compulsivo?

[46]Contudo, Agostinho e seus seguidores até o período da Reforma criam que alguns dos regenerados não são eleitos e não haveriam de perseverar. Nesse sentido, eles pensavam como os arminianos mais recentes.

[47]Palmer, *The Five Points of Calvinism*, p. 69-70.

[48]*Institutas da religião cristã*, 3.2.

[49]*Eleitos de Deus*, p. 150.

[50]*Outlines of Theology*, p. 544-5.

[51]Ibidem, p. 164, 166.

[52]O grande teólogo puritano William Ames (1576-1633) escreve sobre a perseverança: "Essa certeza a respeito da coisa em si mesma, que é chamada certeza do sujeito, não é sempre desfrutada por todos". Contu-

do, "ela pode ser adquirida sem qualquer revelação especial e deveria ser buscada por todos"(*The Marrow of Theology*). R. C. Sproul diz que "não é apenas possível termos a certeza genuína de nossa salvação, mas que é também nosso dever buscar tal certeza" (*Eleitos de Deus*, p. 151).

[53]Sproul, *Eleitos de Deus*, p. 154-5.

Capítulo 6

[1]De modo mais completo, o art. 1.º do *Remonstrance* arminiano afirma: "Que Deus, pelo propósito eterno e imutável em Jesus Cristo, seu Filho, antes da fundação do mundo, tem determinado, de entre os caídos da raça pecaminosa dos homens, salvar em Cristo, e pelo nome de Cristo, e através de Cristo, os que, por intermédio da graça do Espírito Santo, crerão em seu Filho Jesus, e perseverarão nessa fé e obediência da fé, através dessa graça, mesmo até o final; e, todavia, deixar o incorrigível e incrédulo em pecado e debaixo da ira..." (Philip Schaff, *The Creeds of Christendom*, v. 3, p. 545).

É digno de nota que não haja nenhuma menção aqui, ou em outro dos quatros artigos, de serem eleitos com base em sua fé prevista, como os calvinistas extremados alegam. Contudo, Armínio erroneamente cria que Deus devia aos pecadores alguma coisa por causa de sua justiça (Works, in: *The Writings of James Arminius*, [v. 1, p. 2.497-8]). A verdade é que foi o amor de Deus, e não sua justiça, que o moveu a providenciar salvação para todos os homens.

[2]Ibidem, p. 2.546.

[3]Ibidem, p. 2.546-7.

[4]Ibidem, p. 2.547.

[5]Ibidem, p. 2.549.

[6]Algumas das coisas listadas como "arminianismo extremado" são na verdade o que os estudiosos chamam "pelagianismo" ou mesmo "teologia do processo", e não devem ser identificadas com o arminianismo tradicional.

[7]V. Clark Pinnock, *The Openness of God.*

[8]Clark Pinnock, Between Classical and Process Theism, in: *Process Theology*, org. Ronald Nash; William Hasker, *God, Time and Knowledge*; David e Randall Basinger, org., *Predestination and Free Will.*

[9]Os neoteístas listam cinco características de sua posição: 1) Deus não somente criou esse mundo *ex nihilo*, mas pode (e às vezes faz) intervir unilateralmente nos acontecimentos na terra; 2) Deus escolheu criar-nos com liberdade incompatibilista (libertária) — uma liberdade sobre a qual ele não pode exercer controle total; 3) Deus valoriza tanto a liberdade — a integridade moral das criaturas livres e de um mundo no qual tal integridade é possível — que não atropela essa liberdade, mesmo que a veja produzindo resultados indesejáveis; 4) Deus sempre deseja o nosso mais alto bem, tanto individual como coletivamente, e assim é afetado pelo que acontece em nossa vida; 5) Deus não possui um conhecimento exaustivo de como exatamente utilizaremos a liberdade, embora possa muito bem, às vezes, ser capaz de predizer com grande exatidão as escolhas que livremente faremos (Pinnock, *Openness of God*, p. 156).

[10]Ibidem.

[11]Os que têm escrito livros são Richard Rice, *God's Foreknowledge and Man's Free Will*; Ronald Nash, org., *Process Theology*; Greg Boyd, *Trinity and Process e Letters From a Skeptic*; J. R. Lucas, *The Freedom of the Will e The Future*: An Essay on God, Temporality and Truth; Peter Geach, *Providence and Evil*. O livro de Richard Swinburne, *The Coherence of Theism*, e o de Thomas V. Morris, *Our Idea of God*: An Introduction to Philosophical Theology, estão próximos dessa idéia. A. N. Prior, Richard Purtill et al. têm escrito artigos defendendo o neoteísmo. Entre outros que mostram simpatia por essa idéia estão Stephen T. Davis, *Logic and the Nature of God*, e Lina Zagzebski, *The Dilemma of Freedom and Foreknowledge*.

[12]V., de Norman Geisler, *Creating God in the Image of Man?*

[13]*Encyclopedia of Biblical Prophecy*, p. 674-75, 665-70.

[14]V., de Norman Geisler, Prophecy as proof of the Bible, in *Baker's Encyclopedia of Christian Apologetics* (p. 611-8).

[15]Outro modo de afirmar isso é o seguinte: 1) o que é infalivelmente conhecido de antemão não pode ser de outra forma; 2) o que é livre pode ser de outra forma; 3) portanto, o que é infalivelmente conhecido de antemão não pode ser livre. Mas há um equívoco na segunda premissa. A primeira premissa significa que nada pode realmente vir a acontecer de modo contrário, então um Deus eterno e conhecedor de tudo teria co-

nhecido com certeza que seria daquele modo. Por conseguinte, não há contradição alguma.

[16]A única coisa que um Ser onisciente não pode conhecer tem que ver com as coisas [logicamente] impossíveis, como um círculo quadrado. Por exemplo, Deus não pode conhecer que o verdadeiro seja falso ou que o bom seja mau.

[17]Conforme a segunda lei da termodinâmica, o universo todo está se deteriorando, isto é, esgotando-se em sua energia útil (v. novamente Sl 102.26,27). E é esse universo visível e perecível que aponta para um Deus invisível e imperecível por detrás dele (v. Rm 1.19,20; cf. At 17.24-29).

[18]Para evidência de que a Bíblia não é autocontraditória, v., de Norman L. Geisler e Thomas A. Howe, *Manual popular de dúvidas, enigmas e "contradições" da Bíblia*, esp. a introdução, (p. 13-32).

[19]V., de William Lane Craig, *The Kalam Cosmological Argument*.

[20]V. cap. 1.

Capítulo 7

[1]Alguns calvinistas extremados negam que crêem na imagem de Deus como "destruída" no ser humano caído — ao menos formalmente. Mas logicamente isso é o que seu pensamento exige e praticamente é o que sustentam.

[2]Nem todos os calvinistas extremados sustentam isso, mas alguns o fazem e outros são incoerentes nesse ponto.

[3]Isso não significa que o pecador faz alguma coisa para ser eleito. Somente Deus age, com base na graça unicamente (isso é evidente nos versículos usados para dar apoio à soberania de Deus no cap. 1). Significa somente que o eleito tem de crer em Cristo para receber o dom da salvação.

[4]Alguns crentes, como os luteranos, crêem que a salvação não pode ser "perdida", mas pode ser "rejeitada" (pela apostasia). O resultado, porém, é o mesmo: antes eles a tinham, agora não a têm.

[5]Contrário à convicção de alguns calvinistas extremados, isso não prova que a expiação é limitada em sua extensão, mas somente em sua aplicação. O "chamado" aqui se refere ao chamado eficaz do eleito, não ao chamado, oferta ou ordem geral para todos serem salvos (At 17.30; 2Pe 3.9).

[6]Os vários tipos de calvinistas interpretam as passagens de advertência de maneiras diferentes. Alguns, seguindo Calvino, as tomam por hipotéticas, não reais. Outros, como este autor, as consideram reais, como advertências a respeito da perda das recompensas (1Co 3.15), não da salvação. V., de Jodie Dillow, *The Reign of the Servant King*.

[7]*Life in the Son*, p. 334-7.

[8]V., de Augustus Hopkins Strong, *Systematic Theology* (p. 882-6), para uma lista completa de tais versículos. Consulte Charles Stanley, *Eternal Security*, para um estudo dos versículos mais importantes que os arminianos usam para dar apoio à tese de que podemos perder a salvação.

[9]A tradução "livro da vida" da versão Almeida Revista e Atualizada não segue a tradição dos melhores manuscritos. Mesmo assim, o versículo não constitui problema insuperável para a segurança eterna. Ele facilmente poderia ser outro modo de designar os incrédulos, por observar que eles não têm lugar no "livro da vida".

Capítulo 8

[1]*Spurgeon v. Hyper-Calvinism*: The Battle for Gospel Preaching, p. 126-7.

[2]Apud Iain Murray, ibidem, p. 155.

[3]*The Marrow of Theology*, p. 153-5.

[4]Hodge, *Outlines of Theology*, p. 222.

[5]Charles Darwin chamou o inferno "doutrina condenável" (*The Autobiography of Charles Darwin*, p. 87). O famoso agnóstico Bertrand Russell disse: "Quanto a mim, não acho que qualquer pessoa que seja, na realidade, profundamente humana, possa acreditar no castigo eterno" (*Por que não sou cristão*, p. 28).

[6]*The Marrow of Theology*, p. 156 (grifo do autor).

[7]Murray, *Spurgeon v. Hyper-Calvinism*: The Battle for Gospel Preaching, p. 112.

[8]V., de Mike Haykin, *One Heart and One Soul* (p. 195).

[9]Apud Iain Murray, in: *Spurgeon v. Hyper-Calvinism*: The Battle for Gospel Preaching, p. 112.

[10]Ibidem, p. 120.

[11]Ibidem, p. 127.

[12]Ibidem, 120-1.

[13]V., de Pinnock, *The Openness of God*, cap. 6.

[14]V., de N. de Geisler, Annihilationism, in: *Baker's Encyclopedia of Christian Apologetics*.

[15]V., de R. Garrigou-LaGrange, *God*: His Existence and Nature (ap. IV, p. 465-528).

[16]John F. Walvoord escreve: "O problema imediato que o intérprete enfrenta, contudo, é o da liberdade humana. Parece evidente tanto pela experiência quanto pela Escritura que o ser humano tem escolhas. Como pode uma pessoa evitar um sistema fatalista onde tudo está predeterminado e não há lugar para escolhas morais? É a responsabilidade humana apenas uma zombaria, ou algo real? Esses são os problemas que o intérprete da Escritura enfrenta nessa difícil doutrina" (V., de Lewis Sperry Chafer e John F. Walvoord, *Major Bible Problems* [p. 233]).

Apêndice 1

[1]Se não houver outra indicação, as citações até Agostinho (com exceção de *O livre-arbítrio* e *A cidade de Deus*) seguem Roger T. Forster e V. Paul Marston, em *God's Strategy in Human History* (p. 245*s*), e o grifo é do autor em todas as citações.

[2]Trad. Lourenço Costa, São Paulo, Paulus, 1995 (Patrística). A Paulus não manteve em português o título *Contra as heresias*, como são conhecidos os cinco livros de Ireneu de Lião, optando tão-somente pelo nome do autor.

[3]João Calvino conscientemente opõe-se a Crisóstomo e praticamente a todos os pais da Igreja quando diz: "Devemos, portanto, repudiar o sentimento freqüentemente repetido por Crióstomo: 'A quem ele atrai, ele atrai voluntariamente', insinuando que o Senhor somente estica a sua mão, e espera para ver se nos agradamos em receber a sua ajuda. Admitimos que, como o ser humano foi originalmente constituído, poderia se inclinar para qualquer lado, mas, visto que ele nos ensinou pelo seu exemplo que coisa miserável é o livre-arbítrio se Deus não opera em nós o querer e o realizar, de que nos adiantaria se a graça nos fosse dada em tal exígua medida?" (*Institutas da religião cristã*, 1.2.3.10).

[4]Esses textos foram retirados dos escritos mais antigos de Agostinho, antes de sua posição ter mudado depois da controvérsia com os cismáticos donatistas (v. ap. 3), os quais Agostinho cria que podiam ser coagidos a aceitar a verdade da Igreja.

[5]Com isso, ele aparentemente quer dizer que Deus é a Causa Primeira, que produziu o fato da vontade livre, enquanto o ser humano é a causa secundária, que realiza (pelo poder que Deus lhe dá) os atos da livre-escolha.

Apêndice 2

[1]A afirmação de que Calvino rejeitou a expiação limitada é apoiada na obra clássica de R. T. Kendall, *Calvin and English Calvinism to 1649.*

[2]Comentários sobre Cl 1.15 (grifo do autor em todas as citações).

[3]Calvino parece ter voluntariamente exagerado seu ponto aqui, no calor da batalha contra a reivindicação herética de Heshusius, de que mesmo o ímpio pode receber o benefício da comunhão, "pela boca, corporalmente, sem fé". No contexto, sua posição é clara, a saber, somente aqueles que crêem realmente recebem os benefícios da morte de Cristo.

Apêndice 3

[1]João Calvino, *Institutas da religião cristã*, 1.2.4.3.

[2]Obras seletas anteriores de Agostinho:

A religião verdadeira (390)
As almas verdadeiras (391)
O livre-arbítrio (388-95)
O Espírito e a letra (412)
A cidade de Deus, livros 1-10 (413*s*)
Natureza e graça (415)
A perfeição do ser humano na justiça (415)
Os procedimentos de Pelágio (417)

Obras seletas posteriores de Agostinho:

*A correção dos donatitas** (417)
A graça de Cristo (418)
O pecado original (418)

Contra duas cartas dos pelagianos (420)
Enchiridion (421)
A cidade de Deus, livros 11-22 (até 426)
Graça e livre-arbítrio (426)
Condenação e graça (426)
A predestinação dos santos (428-29)
A dádiva da perseverança (428-29)

*Esse foi o ponto da transição, que manifestou o pensamento posterior do "calvinismo" extremado de Agostinho. As obras de Agostinho listadas acima são encontradas em *A Selet Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, organizado por Philip Schaff. As citações de *O livre-arbítrio* foram extraídas da edição da Paulus (coleção Patrística), e de *A cidade de Deus*, da Editora das Américas (1964).

[3]*Duas almas, Contra os maniqueus*, 10.14, apud Norman L. Geilser, *What Augustine Says*, p. 158.

[4]*Sola Gratia*, p. 63.

[5]Ibidem.

[6]Ibidem, p. 26.

Apêndice 4

[1]A Bíblia deixa evidente que há influências divinas sobre a vontade humana tanto antes quanto após a conversão (Rm 2.4; Fp 2.13).

Apêndice 5

[1]*Teologia sistemática*, p. 505.

[2]Comentando sobre João 6.44, o próprio Calvino diz: "A fé não depende da vontade do ser humano, mas é Deus que a dá". Ele acrescenta: " Ele [Paulo] não diz que o poder de escolher acertadamente nos seja concedido, e que nós tenhamos posteriormente de fazer nossa própria escolha". Mas "ele diz que nós somos obra de Deus e que tudo de bom em nós é dele. [...] Quem quer que faça, então, a menor reinvidicação em favor do ser humano, à parte da graça de Deus, permite-lhe o mesmo grau de capacidade para obter a salvação" (Comments on Ephesians 2.10, in: *Calvin's Commentaries*: The Epistles of Paul the Apostle to the Galatians, Ephesians, Phillipians, and Colossians). Calvino parece confundir a fonte

da salvação, que é absolutamente Deus, com o recebedor da salvação, que é o ser humano. Naturalmente, não podemos fazer nada para "obter" nossa salvação, mas podemos recebê-la como um dom de Deus, a saber, podemos crer (v. Jo 1.12; 3.16). E crer não é uma obra meritória, em nenhum sentido da palavra.

[3]Para um estudo consistente, embora breve, desse tópico, V., Roy Aldrich, The gift of God, *Bibliotheca Sacra*, p. 248-53, jul.-set., 1965.

[4]*Eleitos de Deus*, p. 104.

[5]Calvin's commentaries, v. 11, p. 145 (grifo do autor).

[6]*Word Pictures in the New Testament*, v. 4, p. 525.

[7]Is faith a gift? A study of Ephesians 2:8, *Journal of the Grace Evangelical Society* 7, n. 12, p. 39-40, primavera de 1994.

[8]*Word Pictures in the New Testament*, v. VI, p. 91.

[9]*Ellicott's Commentary on the Whole Bible*, v. VIII, p. 397 (grifo do autor).

[10]Contrariamente à crença popular, Armínio era tão "calvinista" que sustentava que a graça é absolutamente necessária para a concessão da salvação. Mesmo assim, um ato do livre-arbítrio é necessário para recebê-la. Ele escreveu: "'O que, então', você pergunta, 'o livre-arbítrio faz?'. Replico em poucas palavras: 'Ele salva'. Retire o livre-arbítrio, e nada restará para ser salvo: retire a graça, e nada será deixado como fonte de salvação. [...] Ninguém, exceto Deus, é capaz de conceder salvação; e nada, exceto o livre-arbítrio, é capaz de recebê-la" (*The Works of James Arminius*: The London Edition, v. 2, p. 196, art. 11).

[11]Sucintamente, Sproul descreve o calvinismo extremado fazendo um contraste: "Para receber o Dom da fé, de acordo com o calvinismo, o pecador também deve esticar a sua mão. Mas ele assim o faz apenas porque Deus mudou a disposição do seu coração para que ele mais certamente deseje estender a sua mão. Pela obra irresistível da graça, ele nada fará a não ser estender a sua mão" (*Sola Gratia*, p. 147). Mas "irresistível" significa que a pessoa é forçada — poucos têm percebido que liberdade forçada é uma contradição de termos.

[12]A despeito da insistência dos calvinistas extremados (v., de Sproul, *Sola Gratia*, p. 104-9), essa não é uma interferência "possível" mas uma interferência natural e razoável. Seria irrazoável condenar alguém por não

ter feito algo que lhe era impossível fazer tanto por si mesmo quanto com a ajuda de Deus.

[13]"Crer", na verdade, não é uma obra. Jesus usa a expressão "obra" de fé em sentido irônico para responder à pergunta precedente dos judeus: "O que precisamos fazer para realizar as obras que Deus requer?".

[14]Historical and Theological Introction, in: Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*, p. 59.

[15]*Eleitos de Deus*, p. 25-6.

[16]Citado em J. I. Packer, *Fundamentalism and the Word of God*, p. 172.

[17]Op. cit., v. 2, p. 52, art. 27.

Apêndice 6

[1]Palmer, *The Five Points of Calvinism*, p. 52.

[2]A tentativa de mostrar textos num contexto de redenção onde "todos" significa "somente os eleitos" tem falhado. V. comentários sobre 2Co 5.14-19 adiante neste ap. e sobre 1Co 15.22 no cap. 4.

[3]*The Death of Death in the Death of Christ*, p. 214.

[4]Igualmente, não foi Jesus mas seus irmãos incrédulos quem usou a palavra "mundo" num sentido exagerado, quando disseram: "Ninguém que deseja ser reconhecido publicamente age em segredo. Visto que você está fazendo estas coisas, mostre-se ao mundo" (Jo 7.4). Aqui, a frase "mostre-se ao mundo" é usada como figura de linguagem, significando fazer algo em "público", e não em "segredo", para usar as palavras do texto.

[5]Paulo usa a palavra "mundo" geograficamente em Romanos 1.8 e em sentido limitado em Colossenses 1.5,6 (cf. v. 23), mas nenhum calvinista extremado admitiria que Paulo não esteja usando o termo para indicar a condenação de toda a raça humana em Romanos 3.19. Por que, então, deveriam negar que ela é usada em sentido ilimitado quando se refere à salvação proporcionada para o mundo?

[6]Epistle of John: Homilia V, 9, in: *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, v. VII, p. 491.

[7]Os calvinistas extremados tentam em vão evitar essa conclusão por assinalar os usos geográficos limitados de palavras como "mundo" ("todos" [Rm 1.8] ou "todas as nações" [At 2.5]; mas isso deixa de considerar que o uso genérico desses termos é verdadeiramente universal (cf. Rm 3.19, 23; 5.12).

[8]Op. cit., p. 250-6.

[9]Atos 20.28: "Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue".

[10]Op. cit., p. 260.

[11]*The Five Points of Calvinism*, p. 49.

[12]Steele & Thomas, *The Points of Calvinism*, p. 46.

[13]Sproul, *Eleitos de Deus*, p. 178. R. K. McGregor Wright segue o mesmo raciocínio. V. o seu livro *Soberania banida* (p. 184-5).

[14]*The Cause of God and Truth*, v. 1, p. 87-8; v. 2, p. 77.

[15]Op. cit., p. 200.

[16]Os calvinistas extremados freqüentemente citam o mandamento de Deus de guardar a Lei como ilustração do ato de ordenar o impossível. Mas na verdade não é realmente impossível guardar a Lei, do contrário Jesus não teria sido capaz de guardá-la (v. Mt 5.17,18; Rm 8.1-4). Qualquer coisa que Deus ordene é possível fazer, seja com a própria força dada por Deus, seja com outra qualquer, dada por sua graça especial.

[17]V. ap. 3.

[18]Apud, Murray, *Spurgeon v. Hyper-Calvinism*, p. 150.

[19]Idem, ibidem, p. 151.

[20]De um sermão de Spurgeon: A critical text — C. H. Spurgeon on 1Timothy 2.3,4, apud Iain Murray, *Spurgeon v. Hyper-Calvinism*: The Battle for Gospel Preaching, p. 150-4, grifo do autor.

[21]Op. cit., p. 222s.

[22]Apud Steele & Thomas, *The Five Points of Calvinism*, p. 40.

[23]V., de Sproul, *Eleitos de Deus*, p. 185.

Apêndice 7

[1]*Enchiridion*, p. 100.

[2]*Eleitos de Deus*, p. 125.

[3]"Hipercalvinismo" é um termo que inclui mais que simplesmente essa postura sobre predestinação. O seu surgimento na Inglaterra, no final do século XVIII e no início do século XIX, envolveu pessoas como

James Wells (1803-1872) e Charles Waters Banks (1806-1886). Antes disso, foi manifesto nas obras de Joseph Hussey, que escreveu *God's Operations of Grace* (1707), e de John Gill (1697-1771), autor de *The Cause of God and Truth*. Charles Spurgeon identificou e se opôs a quatro características do movimento (v., de Iain H. Murray, *Spurgeon v. Hyper-Calvinism*: a Battle for Gospel Preaching): 1) a negação de que a oferta da salvação seja universal; 2) de que a garantia de crer repousa na ordem e na promessa da Escritura; 3) de que os pecadores são responsáveis por confiar em Cristo; 4) de que Deus deseja a salvação dos não-eleitos. V., de Peter Toon, *The Emergence of Hyper-Calvinism in English Non-Conformity 1689-1765*.

[4]Essa tabela é similar à empregada por R. C. Sproul em *Eleitos de Deus*, p. 127.

[5]Apud Murray, *Spurgeon v. Hyper-Calvinism*, p. 98.

[6]Ibidem, 150.

[7]*The Death of Death in the Death of Christ*, p. 115.

[8]*The Marrow of Theology*, p. 154.

[9]Ibidem, p. 156.

[10]Apud Murray, *Spurgeon v. Hyper-Calvinism*, p. 155-6.

Apêndice 8

[1]A fé é logicamente anterior à justificação no sentido de que ela é a condição para receber a justificação. Mas a fé e a justificação na verdade são simultâneas, visto que a pessoa é justificada no exato momento em que crê.

Apêndice 9

[1]*Sola Gratia*, p. 29.

[2]*Freedom of the Will*, p. 142, grifo do autor.

[3]Ibidem, p. 152.

[4]Op. cit., p. 173.

[5]Op. cit., p. 172-3.

[6]Isso não significa que cada coisa que Deus ordena possamos fazer em nossa própria força, mas podemos fazê-la pela graça de Deus (Fp 4.13; 2Co 12.9; 1Co 10.13).

Apêndice 10

[1]*Eleitos de Deus*, p. 103 (grifo do autor).

[2]Novamente, no sentido cronológico, a fé é simultânea à salvação, pois a pessoa recebe a salvação no exato momento em que crê.

[3]Em seu zelo ao defender seu ponto de vista, R. C. Sproul triufantemente conclui: "Essa passagem deveria selar a questão para sempre. A fé pela qual somos salvos é um dom." V. *Eleitos de Deus*, p. 104.

[4]V. *Word Pictures in the New Testament*, v. 4, p. 525.

[5]V., de C. C. Ryrie, *The Holy Spirit*, p. 64-5.

[6]*Christian Theology*: Systematic and Biblical.

Apêndice 11

[1]Sproul, *Sola Gratia*, p. 130.

[2]Idem, ibidem, p. 153.

Apêndice 12

[1]P. 89, 122, 157, 219 (grifos do autor).

[2]V. *Sola Gratia*, p. 120.

[3]*Eleitos de Deus*, p. 27.

[4]V., de Norman Geisler, Essentialism, in: *Baker's Encyclopedia of Christian Apologetics*, p. 216-8.

Bibliografia

ALDRICH, Roy. The gift of God. *Bibliotheca Sacra.* Jul-set., 1965, p. 248-53.

AMES, William. *The Marrow of Theology.* Durham: The Labyrinth Press, 1983.

AQUINO, Tomás. *Suma teológica.* Trad. Alexandre Corrêa; org. Rovílio Costa e Luís A. de Boni; introd. Martin Grabmann. 2.ed. 10 v. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes & Livraria Sulina Editor; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, v. 1, p. 1980.

ARMINIUS, James. Remonstrance (1610), in: *The Creeds of Christendom*; org. Philip Schaff. Grand Rapids: Baker Book House, 1956.

_____. Works, in: *The Writings of James Arminius.* 3 v. Grand Rapids: Baker Book House, 1956.

ARMSTRONG, Brian. *Calvinism and the Amyraut Heresy.* Madison: University of Wisconsin Press, 1969.

ARNDT, William F. & GINGRICH, F. Wilbur. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature.* Chicago: The University of Chicago Press, 1957.

AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus.* Trad. Oscar Paes Leme. 3 v. São Paulo: Edameris, 1964.

_____. *O livre-arbítrio.* Trad., org., introd. e notas Nair de Assis Oliveira; rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística)

_____. Enchiridion, in: *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*; org. Philip Schaff. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., v. 2, 1956.

_____. Epistle of John: homily V, 9, in: *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, org., Philip Schaff. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., v. 2, 1956.

_____. On the Correction of the Donatists, in: *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, org. Philip Schaff. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., v. 2, 1956.

_____. Two Souls, Against the Manichaeans, in: *What Augustine Says.* Grand Rapids: Baker Book House, 1982.

BANCROFT, Emery H. *Christian Theology*: Systematic and Biblical; org. Ronald B. Mayers. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1976.

BASINGER, David & Randall, org. *Predestination and Free Will.* Downers Grove: InterVarsity Press, 1986.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática.* Trad. Odayr Olivetti. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.

BOYD, Greg. *Letters From a Skeptic.* Wheaton: Victor, 1994.

_____. *Trinity and Process.* New York: Peter Lang, 1992.

BUSWELL, James Oliver, Jr. *A Systematic Theology of the Christian Religion.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, v. 2, 1962-63.

CALVINO, João. *As institutas:* ou tratado da religião cristã. Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

_____. *Calvin's Commentaries*: The Acts of the Apostles. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1979.

_____. *Calvin's Commentaries:* The Epistles of Paul the Apostle to the Galatians, Ephesians, Phillipians and Colossians. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1979.

_____. *Calvin's Commentaries*: A Harmony of the Gospels Matthew, Mark and Luke and the Epistles of James and Jude. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1972.

CHAFER, Lewis Sperry & WALVOORD, John F. *Major Bible Themes.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1974.

CHARNOCK, Stephen. *Discourses Upon the Existence and Attributes of God.* Grand Rapids: Baker Book House, 1979.

CRAIG, William Lane. *The Kalam Cosmological Argument.* London: The Mac-millan Press, 1979.

_____. *The Only Wise God.* Grand Rapids: Baker Book House, 1987.

DARWIN, Charles. *The Autobiography of Charles Darwin*; org. Nora Darwin Barlou. New York: W. W. Norton & Co., 1993.

DAVIS, Stephen T. *Logic and the Nature of God.* Grand Rapids: Eerdman Publishing Co., 1983.

DILLOW, Jodie. *The Reign of the Servant King.* Hayesville: Schoettle Publishing Co., 1992.

EDWARDS, Jonathan. Freedom of the will, in: *Jonathan Edwards*: Representative Selections. New York: Hill and Wang, 1962.

_____. *Jonathan Edwards*: Representative Selections. New York: Hill and Wang, 1962.

_____. Works, in: *The Works of Jonathan Edwards.* 2 v. Carlisle: Banner of Truth, 1974.

ELLICOTT, Charles John. *Ellicott's Commentary on the Whole Bible.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954.

FORSTER, Roger T. & MARSTON, V. Paul. *God's Strategy in Human History.* Wheaton: Tyndale House Publishers, 1974.

FRIEDRICH, Gerhard, org. *Theological Dictionary of the New Testament.* Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., v. 6, 1964-76.

GARRIGOU-LAGRANGE, R. *God*: His Existence and Nature. St. Louis: B. Herder Book Co., 1946.

GEACH, Peter. *Providence and Evil.* Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

GEISLER, Norman L. *Baker's Encyclopedia of Christian Apologetics.* Grand Rapids: Baker Book House, 1999.

_____. *Creating God in the Image of Man?* Minneapolis: Bethany House Publishers, 1997.

_____. Essentialism, in: *Baker's Encyclopedia of Christian Apologetics*. Grand Rapids: Baker Book House, 1999.

_____. Prophecy as Proof of the Bible, in: *Baker's Encyclopedia of Christian Apologetics*. Grand Rapids: Baker Book House, 1999.

_____. *What Augustine Says*. Grand Rapids: Baker Book House, 1982.

_____. & HOWE, Thomas A. *Manual de dúvidas, enigmas e "contradições" da Bíblia*. Trad. Milton Azevedo Andrade. 5.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

GILL, John. *The Cause of God and Truth*. London: 1814.

HASKER, William. *God, Time and Knowledge*. Ithaca: Cornell University Press, 1989.

HAYKIN, Mike. *One Heart and One Soul*. Phillipsburg: Evangelical Press, s.d.

HODGE, A. A. *Outlines of Theology*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1949.

HUME, David. *The Letters of David Hume*; org. J. Y. T. Greig. 2 v. Oxford: Clarendon Press, 1932.

HUSSEY, Joseph. *God's Operations of Grace*. London: D. Bridge, 1707.

KENDALL, R. T. *Calvin and English Calvinism to 1649*. Oxford: 1979.

LEWIS, C. S. *The Great Divorce*. New York: The Macmillan Company, 1946.

_____. *Cartas do diabo ao seu aprendiz*. Trad. Mateus Sampaio Soares de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Surpreendido pela alegria*. Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. 3.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

LIDELL, Henry George & SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

LIGHTNER, Robert. *The Death Christ Died*. Grand Rapids: Kregel Publications, 1998.

LOCKE, John. An essay concerning human understanding, in: *The Empiricists*; org. Richard Taylor. Garden City: Doubleday & Company, Inc., 1961.

LUCAS, J. R. *The Freedom of the Will*. Oxford: Clarendon Press, 1970.

———. *The Future*: An Essay on God, Temporality and Truth. London: Basil Blackwell, 1989.

LUTERO, Martinho. *Nascido escravo*. Trad. Born Slaves. São José dos Campos: Fiel, 1992.

MACHEN, J. Gresham, in: J. I. Packer, *Fundamentalism and the Word of God*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1958.

MILEY, John. *Systematic Theology*. Methodist Book Concern, 1892.

MORRIS, Thomas V. *Our Idea of God*: An Introduction to Philosophical Theology. Downers Grove: InterVarsity Press, 1991.

MURRAY, Iain H. *Spurgeon v. Hyper-Calvinism*: The Battle for Gospel Preaching. Carlisle: Banner of Truth Trust, 1995.

NASH, Ronald; org. *Process Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1987.

OWEN, John. *The Death of Death in the Death of Christ*. Carlisle: The Banner of Truth Trust, 1995.

PACKER, J. I. *Fundamentalism and the Word of God*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1958.

——— & JOHNSON, O. R. Historical and Theological Introduction, in: *The Bondage of the Will*, Martinho Lutero. Grand Rapids: Baker Book House, 1976.

PALMER, Edwin. *The Five Points of Calvinism*. Grand Rapids: Baker Book House, 1972.

PAYNE, J. Barton. *Encyclopedia of Biblical Prophecy*. London: Hodder and Stoughton, 1973.

PINNOCK, Clark. Between Classical and Process Theism, in: *Process Theology*, Ronald Nash. Downers Grove: Baker Book House, 1987.

PIPER, John. *The Justification of God*. Grand Rapids: Baker Book House, 1993.

RICE, Richard. *God's Foreknowledge and Man's Free Will*. Minneapolis: Bethany House Publishers, 1985.

ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*. Nashville: Broadman Press, 1930. Reimpr. New York: R. R. Smith, Inc., 1931. 5v.

RUSSELL, Bertrand. *Por que não sou cristão*: e outros ensaios sobre religião e assuntos correlatos. Trad. Brenno Silveira. 2.ed. São Paulo: Exposição do Livro, 1965.

RYRIE, C. C. *The Holy Spirit*. Chicago: Moody Press, 1965.

SAPAUGH, Gregory. Is Faith a Gift? A study of ephesians 2.8, *Journal of the Grace Evangelical Society*. Primavera de 1994, 7:12, p. 31-43.

SCHAFF, Philip. *The Creeds of Christendom*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1956.

_____, org. *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., v. 2, 1956.

SHANK, Robert. *Life in the Son*. Minneapolis: Bethany House Publishers, 1989.

SHEDD, W. G. T. *Dogmatic Theology*. Nashville: Thomas Nelson, Inc., v. 3, 1980.

SPROUL, R. C. *Eleitos de Deus*. Trad. Gilberto Carvalho Cury. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

_____. *Sola gratia:* a controvérsia sobre o livre-arbítrio na história. Trad. Mauro Meister. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

SPURGEON, Charles H. A Critical Text — C. H. Spurgeon on 1Timothy 2.3,4, in: Iain H., *Spurgeon v. Hyper-Calvinism*: The Battle for Gospel Preaching. Carlisle: Banner of Truth Rust, 1995.

STANLEY, Charles. *Eternal Security*. Nashville: Thomas Nelson, Inc., 1990.

STEELE, David N. & THOMAS, Curtis C. *The Five Points of Calvinism*. Phillipsburg: Presbyterian & Reformed, 1963.

STIBBS, Alan M. *The Older Tyndale New Testament Commentary on First Peter*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1959.

STRONG, Augustus Hopkins. *Systematic Theology*. Old Tappan: Fleming H. Revell Company, 1907.

SWINBURNE, Richard. *The Coherence of Theism*. Oxford: Clarendon Press, 1977.

TOON, Peter. *The Emergence of Hyper-Calvinism in English Non-Conformity 1689-1765*. London: The Olive Tree, 1967.

TOZER, A. W. *The Knowledge of the Holy*. New York: Harper & Row, 1978.

WALVOORD, John. *The Holy Spirit.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1958.

WATSON, Richard. *Theological Institutes*: Or a View of the Evidences, Doctrines, Morals, and Institutions of Christianity. New York: T. Mason and G. Lane, 1836. 2v.

WRIGHT, R. K. McGregor. *Soberania banida.* São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

ZAGZEBSKI, Linda. *The Dilemma of Freedom and Foreknowledge.* Oxford: Oxford University Press, 1991.

Conheça outras obras da Editora Vida

A inerrância da Bíblia
Norman Geisler

Convictos de que a inerrância bíblica é um elemento essencial da autoridade das Escrituras, catorze teólogos se reuniram para apresentar uma sólida defesa deste tema. Leitura indispensável para seminaristas, líderes e todos os interessados em conhecer a Palavra de Deus em profundidade.

Enciclopédia de apologética
Norman Geisler

Em meio a tantos ataques vindos de todas as esferas da sociedade nos dias atuais, uma obra de apologética cristã se faz necessária. Autoridade renomada nesse tema, Norman Geisler apresenta respostas convincentes aos problemas que têm causado polêmica ao longo dos anos.

Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós
Norman Geisler & William Nix

Uma exposição clara e abrangente sobre temas como: inspiração, o cânon bíblico, os manuscritos, a crítica textual, as traduções mais antigas e as versões modernas.

Visite o *site* www.editoravida.com.br para ler um trecho desses livros.